

★ O A B C ★

— DO —
COMUNISMO



BUKHARIN & PREOBRAZHENSKY

ISBN 978-65-00-44038-6

PROLETÁRIOS DO MUNDO INTEIRO: UNÍ-VOS!

O ABC DO COMUNISMO

Edição Integral

Uma explicação popular do Programa do Partido Comunista da Rússia

N. BUKHARIN

E. PREOBRAZHENSKY

Tradução de Elita de Medeiros

[Versão em ebook pode ser adquirida clicando aqui](#)

2022

Traduzido da edição em inglês publicada pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha em 1922, organizada e traduzida por Eden e Cedar Paul.

Todos os direitos reservados.

1ª edição: 2022

Editora: Elita de Medeiros

Revisão: Marizete Farias da Rocha

Capa: Maria Julia Capelato (maju.capelato@gmail.com)

Dedicatória

À encarnação adamantina de toda a grandeza e vigor do proletariado, que incorpora seu heroísmo, a definição de sua consciência de classe, seu ódio mortal ao capitalismo e seu esplêndido impulso em direção à criação de uma nova sociedade - ao grande Partido Comunista - dedicamos este livro.

Nós dedicamos este livro ao Partido que comanda um exército de um milhão de homens, habita nas trincheiras, administra um vasto reino, carrega lenha nos sábados comunistas, prepara o dia da ressurreição da humanidade.

Dedicamos este livro igualmente aos veteranos do Partido, forjados nas batalhas e nas vitórias, e aos jovens recrutas do Partido, destinados a levar o nosso trabalho até ao fim.

Aos guerreiros e mártires do Partido, aos que pereceram nas inúmeras frentes, que foram mortos na prisão, que pereceram sob tortura, que ao fazer o trabalho do Partido foram enforcados ou fuzilados por nossos inimigos, nós dedicamos este livro.

SUMÁRIO

Introdução: nosso programa14

- § 1. O que é o nosso Programa?14
- § 2. Qual era o nosso Programa anterior?15
- § 3. Por que é necessário elaborar um novo Programa?16
- § 4. O significado do nosso Programa17
- § 5. O caráter científico do nosso Programa18

Capítulo I: A ordem social capitalista20

- § 6. Economia de mercado20
- § 7. Monopolização dos meios de produção pela classe capitalista21
- § 8. Trabalho assalariado22
- § 9. Condições de produção sob o capitalismo24
- § 10. A Exploração da força de trabalho25
- § 11. Capital28
- § 12. O Estado capitalista31
- § 13. Contradições Fundamentais do Sistema Capitalista36

Capítulo II: O desenvolvimento da ordem social capitalista38

- § 14. A luta entre a produção em pequena e grande escala (entre propriedade ativa e propriedade não ativa capitalista)38
- § 15. A posição dependente do proletariado, o exército de reserva do trabalho, trabalho feminino e trabalho infantil44
- § 16. A anarquia da produção, concorrência, crises47
- § 17. O Desenvolvimento do capitalismo e da classe, a intensificação da luta de classes50
- § 18. A Concentração e Centralização do Capital como atores de causa do comunismo54

Capítulo III: O comunismo e a ditadura do proletariado56

- § 19. Características do sistema comunista, a produção sob o sistema comunitário56
- § 20. A distribuição no sistema comunista58
- § 21. A administração no sistema comunista59
- § 22. O desenvolvimento de forças produtivas no sistema comunista (as vantagens do comunismo)61
- § 23. A ditadura do proletariado64
- § 24. A conquista do poder político66
- § 25. O Partido Comunista e as classes da sociedade capitalista67

Capítulo IV: Como o desenvolvimento do capitalismo levou à revolução comunista75

- § 26. Capital financeiro75
- § 27. Imperialismo81

§ 28. Militarismo89

§ 29. A Guerra imperialista de 1914 a 191891

§ 30. Capitalismo de Estado e as Classes94

§ 31. O colapso do capitalismo e a classe trabalhadora97

§ 32. A guerra civil103

§ 33. As formas da guerra civil e seu custo106

§ 34. Caos ou comunismo111

Capítulo V: A segunda e a Terceira Internacional114

§ 35. Internacionalismo ou movimento operário essencial para a vitória da revolução comunista114

§ 36. O colapso da Segunda Internacional e suas causas116

§ 37. As palavras de ordem *Defesa Nacional e Pacifismo*119

§ 38. Os sociais-patriotas122

§ 39. O Centro124

§ 40. A Terceira Internacional126

Introdução: as condições da atividade comunista na Rússia130

§ 41. A situação internacional da Rússia130

§ 42. Indústria de larga escala na Rússia131

§ 43. O desastroso legado da Guerra Imperialista132

§ 44. A guerra civil e a luta com o imperialismo internacional133

§ 45. O caráter pequeno-burguês da Rússia, a falta de ampla experiência organizativa por parte do proletariado, etc.134

Capítulo VI: O poder soviético137

§ 46. O poder soviético como forma de ditadura proletária137

§ 47. Democracia proletária e democracia burguesa138

§ 48. O Caráter de classe e a transitoriedade da Ditadura Proletária141

§ 49. Direitos dos trabalhadores sob a democracia burguesa e sob o poder soviético142

§ 50. A igualdade dos trabalhadores, independentemente de sexo, credo e raça145

§ 51. Parlamentarismo e sistema soviético147

§ 52. O exército e o poder soviético151

§ 53. O papel principal do proletariado152

§ 54. A burocracia e o poder soviético154

Capítulo VII: O comunismo e o problema da nacionalidade158

§ 55. A opressão das nacionalidades subjugadas158

§ 56. A unidade do proletariado159

§ 57. As causas da inimizade nacional160

§ 58. A igualdade de direitos das nações e o direito à autodeterminação; Federação162

§ 59. Quem expressa a *vontade da nação*?164

§ 60. Antissemitismo e proletariado167

Capítulo VIII: O programa dos comunistas em relação à organização do exército169

§ 61 Nosso antigo programa do exército e a questão da guerra em um Estado socialista169

§ 62. A necessidade do Exército Vermelho: sua composição de classe171

§ 63. Treinamento militar universal dos trabalhadores173

§ 64. Disciplina autoimposta versus disciplina imposta de cima173

§ 65. Os comissários políticos e o grupo comunista174

§ 66. Estrutura do Exército Vermelho175

§ 67. Os Oficiais do Exército Vermelho176

§ 68. Os Diretores devem ser eleitos ou nomeados de cima?178

§ 69. O Exército Vermelho é provisório179

Capítulo IX: Justiça proletária181

§ 70. A administração da justiça na sociedade burguesa181

§ 71. A eleição do judiciário pelos trabalhadores181

§ 72. Juizados populares unificados182

§ 73. Tribunais Revolucionários183

§ 74. Métodos penais proletários184

§ 75. Justiça proletária no futuro185

Capítulo X: Comunismo e Educação187

§ 76. A Escola sob o regime burguês187

§ 77. As tarefas destrutivas do comunismo190

§ 78. A escola como instrumento de educação e esclarecimento comunista191

§ 79. Preparação para a vida escolar191

§ 80. A escola do trabalho unificada193

§ 81. Educação especializada195

§ 82. A universidade196

§ 83. Escolas soviéticas e escolas do partido197

§ 84. Instrução extraescolar198

§ 85. Novos trabalhadores em nome do Iluminismo199

§ 86. Os tesouros da arte e da ciência disponibilizados para os trabalhadores200

§ 87. A propaganda estatal do comunismo201

§ 88. Educação popular sob o czarismo e sob o poder soviético201

Capítulo XI: Comunismo e Religião204

§ 89. Por que religião e comunismo são incompatíveis204

- § 90. Separação da igreja do estado205
- § 91. Separação da escola da igreja206
- § 92. Luta contra os preconceitos religiosos das massas209

Capítulo XII: A organização da indústria213

- § 93. A expropriação da burguesia e a nacionalização proletária da grande indústria213
- § 94. Nosso objetivo, o desenvolvimento ou produtividade217
- § 95. A organização intencional da vida econômica219
- § 96. O desenvolvimento da cooperação econômica com outras terras224
- § 97. A organização da pequena indústria, artesanato e indústria doméstica225
- § 98. A Organização da indústria e dos sindicatos229
- § 99. A utilização da força de trabalho234
- § 100. Disciplina de trabalho camarada235
- § 101. O emprego de especialistas burgueses238
- § 102. A união da produção e da ciência241

Capítulo XIII: A organização da agricultura243

- § 103. Condições agrárias na Rússia antes da revolução243
- § 104. Condições agrárias na Rússia após a revolução245
- § 105. Por que o futuro pertence à agricultura socialista em grande escala?247
- § 106. Agricultura soviética250
- § 107. Agricultura urbana e suburbana (horta de mercado)251
- § 108. Comunas e Artels253
- § 109. Agricultura cooperativa254
- § 110. Cooperação agrícola255
- § 111. A utilização estatal de áreas abandonadas, a mobilização de peritos agrícolas, estações de crédito, melhoramento da terra e assentamento de terras256
- § 112. Assistência do estado à agricultura camponesa258
- § 113. A união da indústria de transformação com a agricultura261
- § 114. A tática do partido comunista em relação aos camponeses262

Capítulo XIV: A organização da distribuição267

- § 115. A abolição do comércio privado267
- § 116. O aparelho de distribuição269
- § 117. A cooperação antigamente270
- § 118. Cooperação contemporânea272
- § 119. Outros órgãos de distribuição273

Capítulo XV: A organização dos bancos e circulação monetária275

§ 120. A nacionalização dos bancos e do banco popular unificado e o banco como estabelecimento central de escrituração275

§ 121. O dinheiro e a extinção do sistema monetário277

Capítulo XVI: Finanças no Estado Proletário280

§ 122. O estado como aparelho parasitário280

§ 123. O estado proletário como aparelho produtivo281

§ 124. O orçamento no estado proletário282

Capítulo XVII: O problema da moradia285

§ 125. O problema da habitação na sociedade capitalista285

§ 123. O problema da habitação no estado proletário287

Capítulo XVIII: Proteção do trabalho e bem-estar social289

§ 127. O que é proteção do trabalho?289

§ 128. Os principais campos de proteção do trabalho292

§ 129. O que foi feito na Rússia em relação à proteção do trabalho?293

§ 130. O que é Assistência Social?296

§ 131. As principais províncias da obra social298

§ 132. Assistência Social na Rússia298

§ 133. Outras medidas para a melhoria da condição da classe trabalhadora301

§ 134. Outras tarefas do partido301

Capítulo XIX: Higiene pública304

§ 135. A necessidade de Proteção Especial ou Saúde Pública304

§ 136. A nacionalização das instituições médicas305

§ 137. O dever trabalhista dos trabalhadores médicos305

§ 138. Tarefas imediatas no domínio da higiene pública306

O PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA RÚSSIA309

POLÍTICA GERAL315

O PROBLEMA DA NACIONALIDADE319

ASSUNTOS MILITARES320

JUSTIÇA PROLETÁRIA322

EDUCAÇÃO323

RELIGIÃO325

ASSUNTOS ECONÔMICOS325

AGRICULTURA329

DISTRIBUIÇÃO331

DINHEIRO E BANCOS332

FINANÇAS333

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO334

PROTEÇÃO TRABALHISTA E SOCIAL, TRABALHO DE BEM-ESTAR334

HIGIENE PÚBLICA336

Prefácio

O A B C do Comunismo deveria, em nossa opinião, ser um livro elementar de conhecimento comunista. A experiência diária de propagandistas e agitadores nos convenceu da necessidade urgente de tal livro. Há um fluxo incessante de novos adeptos. A escassez de professores é grande, e não temos nem mesmo livros didáticos suficientes para instituições como as escolas do partido. Obviamente, a literatura marxista mais antiga, como *O Programa de Erfurt*, é amplamente inaplicável às necessidades atuais. É extremamente difícil encontrar respostas. Tudo o que o aluno precisa está espalhado em vários jornais, livros e panfletos.

Decidimos preencher essa lacuna. Consideramos nosso *A B C* como um curso elementar que deve ser seguido nas escolas do partido, mas nós também nos esforçamos para escrevê-lo de tal maneira que possa ser usado para estudo independente por todo operário ou camponês que deseje se familiarizar com o programa do partido.

Todo camarada que pegar este livro deve lê-lo todo, para que possa adquirir uma ideia dos objetivos e tarefas do comunismo. O livro foi escrito de tal maneira, que a exposição forma um comentário contínuo sobre o texto do programa do partido.

Os fundamentos são impressos em fonte 12, enquanto a fonte menor é usada para explicações mais detalhadas, exemplos, declarações numéricas, etc. Os parágrafos em letras pequenas destinam-se principalmente aos camaradas que estudam o trabalho sem assistência e que não têm tempo nem oportunidade de acesso a informações sobre questões de fato.

Para aqueles que desejam levar seus estudos adiante, uma breve bibliografia é anexada ao final cada capítulo, como *Literatura sugerida*.

Os autores estão bem cientes de que seu livro é defeituoso em muitos aspectos, pois foi escrito fragmentariamente, e em intervalos escassos de lazer. Os comunistas têm que realizar seus trabalhos literários em condições que dificilmente podem ser descritas como normais. O presente trabalho oferece um exemplo interessante disso, pois o manuscrito (para não falar de ambos os autores) escapou por pouco da destruição na explosão nas Salas do Comitê de Moscou... No entanto, mesmo com todos os seus defeitos, decidimos publicar o livro imediatamente. Apenas pedimos que os camaradas nos forneçam qualquer informação relevante que a prática lhes mostre. A seção teórica, que compreende a *Parte Um*, o início da *Parte Dois*, juntamente com os capítulos sobre *O Poder Soviético*, *A Organização da Indústria*, *Proteção do Trabalho e Bem-Estar Social e Higiene Pública* foram escritas por Bukharin, e o

restante do trabalho foi escrito por Preobrazhensky. Obviamente, no entanto, ambos os autores aceitam total responsabilidade pelo trabalho.

O título do nosso livro, *A B C*, é uma expressão da tarefa que nos propusemos. Se o trabalho for útil para iniciantes e propagandistas, teremos certeza de que nosso trabalho não foi em vão.

N. BUKHARIN

E. PREOBRAZHENSKY

19 de outubro de 1919.

Apresentação da tradução

Esta tradução compreende integralmente a obra *O A B C do Comunismo*, da publicação em inglês. A primeira parte compreende à seção teórica do livro. A segunda que corresponde à parte prática. A terceira parte foi destinada ao Programa do Partido Comunista na Rússia. Cada parte foi publicada separadamente, e esta obra contempla a obra completa.

O projeto de tradução que se conclui com a publicação desta obra buscou maior fidelidade possível com o texto de partida, mas também buscou obedecer às normas de ortografia vigentes da língua portuguesa.

Exatamente 100 anos depois de sua publicação no Reino Unido, esta obra tem o objetivo de auxiliar pesquisadores, além de buscar divulgar a produção de Bukharin e Preobrazhensky, que procuravam esclarecer ao máximo o que era o comunismo.

Para esclarecer eventuais dúvidas, diferentemente do original, que oferece um glossário ao final de sua publicação, este livro contém notas explicativas de rodapé.

Este livro foi uma das sugestões de leitura feita por Gramsci a todos os trabalhadores em um de seus artigos.

Espera-se que a obra possa ser útil a todos.

Elita de Medeiros

PARTE I

TEÓRICA

CRESCIMENTO E DECADÊNCIA DO CAPITALISMO

Introdução: nosso programa

§ 1. O que é o nosso Programa?

§ 2. Qual era o nosso Programa anterior?

§ 3. Por que é necessário elaborar um novo Programa?

§ 4. O significado do nosso Programa

§ 5. O caráter científico do nosso Programa

§ 1. O que é o nosso Programa?

Cada partido busca objetivos definidos, seja um partido de latifundiários ou capitalistas, por um lado, ou um partido de operários ou camponeses, por outro. Todo partido deve ter objetivos definidos; caso contrário, não é um partido. Se for um partido que representa os interesses dos proprietários de terras, perseguirá os objetivos dos proprietários de terras: ele se esforçará para apertar o domínio dos proprietários sobre o solo; para manter os camponeses em cativeiro; para garantir um alto preço para os produtos das propriedades dos latifundiários; para contratar mão de obra barata; para arrendar as fazendas. Se for um partido de capitalistas e donos de fábricas, também terá seus próprios objetivos: obter mão de obra barata; manter os trabalhadores à mão, encontrar clientes a quem as mercadorias possam ser vendidas ao preço mais alto possível; obter lucros cada vez maiores para, com isso, obrigar os trabalhadores a trabalharem mais - mais difícil - mas, acima de tudo, para organizar as coisas de modo que os trabalhadores não tenham a tendência de permitir que seus pensamentos se voltem para as ideias de uma nova ordem social; que os trabalhadores pensem que sempre houve senhores e sempre haverá senhores. Esses são os objetivos dos donos das fábricas. É evidente que os operários e camponeses terão objetivos totalmente diferentes destes, visto que seus interesses são totalmente diferentes daqueles dos capitalistas e latifundiários. As pessoas costumam dizer: “O que é saudável para um russo, é a morte para um alemão”. Se fosse assim, seria mais certo dizer: “O que é saudável para um trabalhador, é a morte para um proprietário de terras ou capitalista”. Em outras palavras, o trabalhador tem certas coisas para fazer; o capitalista, coisas diferentes, e o proprietário de terras, outras, ainda. Nem todo proprietário de terras, no entanto, pensa logicamente qual é a melhor maneira de tirar o último centavo dos camponeses: muitos desses proprietários de terras estão bêbados a maior parte do tempo, e nem se dão ao trabalho de considerar os relatórios de seus administradores. A mesma coisa acontece no caso dos

camponeses e dos trabalhadores. Há quem diga: “Nós vamos nos dar bem de alguma forma, então por que se importar? Continuaremos vivendo como nossos pais sempre viveram”. Essas pessoas nunca alcançam nada e nem mesmo entendem seus próprios interesses. Por outro lado, aqueles que percebem como podem defender melhor seus próprios interesses, organizam-se em um partido. É claro que uma classe, como um todo, não entra em um partido, que é composto pelos melhores e mais enérgicos integrantes da classe. Assim, aqueles que entram para o partido, lideram os demais. Ao Partido dos Trabalhadores (o Partido dos Bolcheviques Comunistas) aderem os melhores entre os trabalhadores e entre os camponeses mais pobres; ao Partido dos Latifundiários e Capitalistas (Cadetes, Partido da Liberdade Popular) aderem os mais enérgicos entre os latifundiários, entre os capitalistas, e seus parasitas, professores, militares, etc. Consequentemente, cada partido é composto pelos elementos mais inteligentes da classe a que corresponde. Por esta razão, um proprietário de terras ou capitalista que é membro de um partido organizado combaterá os camponeses e operários com muito mais sucesso do que se não estivesse em tal organização. Da mesma forma, um trabalhador organizado será mais capaz para lutar contra os capitalistas e latifundiários do que um trabalhador desorganizado, pois o trabalhador organizado ponderou bem os objetivos e interesses da classe trabalhadora, sabe como esses interesses devem ser perseguidos e aprendeu o caminho mais curto.

Todos os objetivos que um partido, representando os interesses de sua classe, que persegue vigorosamente, constituem o programa do partido. Assim, no programa é especificado aquilo pelo qual qualquer classe em particular deve se esforçar. No programa do Partido Comunista está especificado aquilo pelo qual os operários e os camponeses mais pobres devem lutar. O programa é, para todo partido, uma questão de suprema importância. A partir do programa podemos sempre saber quais os interesses que o partido representa.

§ 2. Qual era o nosso Programa anterior?

Nosso programa atual foi adotado pelo VIII Congresso do Partido no final de março de 1919. Antes disso não tínhamos um programa preciso, escrito em papel. Não tínhamos nada além do antigo programa elaborado no II Congresso do Partido no ano de 1908. Quando este antigo programa foi compilado, os bolcheviques e os mencheviques constituíam um único partido e tinham um programa comum. Naquela data, a organização da classe trabalhadora estava apenas começando. Havia muito poucas fábricas e oficinas. Na verdade, ainda continuavam as disputas sobre se uma classe trabalhadora viria a existir na Rússia. Os *narodniks*

(os pais dos atuais revolucionários sociais, populistas) consideravam que a classe operária não estava destinada a se desenvolver na Rússia, que em nosso país não haveria um grande crescimento de fábricas e oficinas. Os marxistas - os social-democratas, posteriormente divididos em bolcheviques e mencheviques - supunham, por outro lado, que na Rússia, como em outros lugares, a classe trabalhadora continuaria a crescer e constituiria a principal força da revolução. O tempo provou que as opiniões dos populistas estavam erradas e que as dos social-democratas estavam certas. Mas na data em que o programa dos social-democratas foi elaborado pelo segundo Congresso do Partido (tanto Lenin quanto Plehanoff participando do trabalho), a força da classe trabalhadora russa era extremamente pequena. É por isso que ninguém imaginou que seria possível empreender a derrubada direta da burguesia. Naquela época, a melhor política parecia: quebrar o pescoço do czarismo; conquistar a liberdade de associação para os trabalhadores e camponeses em conjunto com todos os outros; estabelecer a jornada de oito horas; e reduzir o poder dos latifundiários. Ninguém, então, sonhava que seria possível realizar o domínio dos trabalhadores de uma vez por todas, ou desapropriar imediatamente a burguesia de suas fábricas e oficinas. Tal era o nosso antigo programa do ano de 1908.

§ 3. Por que é necessário elaborar um novo Programa?

Um período considerável se passou entre 1908 e a revolução de 1917, e durante esse período as circunstâncias mudaram profundamente. Na Rússia, a grande indústria avançou a passos gigantescos e, concomitantemente, ocorreu um grande aumento no número da classe trabalhadora. Já na revolução de 1905, os trabalhadores mostraram sua força. Na época da segunda revolução (1917) ficou claro que a vitória somente poderia ser alcançada através da vitória da classe trabalhadora. Mas em 1917, a classe operária não podia se contentar com o que poderia tê-la satisfeito em 1905. Os operários estavam, agora, tão amadurecidos que era inevitável que exigissem a tomada das fábricas e oficinas, a derrubada dos capitalistas e o estabelecimento do domínio da classe trabalhadora. Em outras palavras, desde a formulação do primeiro programa ocorreu na Rússia uma mudança fundamental nas condições internas. Ainda mais importante é que, da mesma maneira, ocorreu uma mudança nas condições externas. No ano de 1905, a *paz e o sossego* prevaleciam em toda a Europa. No ano de 1917, nenhuma pessoa inteligente poderia deixar de ver que a guerra mundial estava levando à uma revolução mundial. Em 1905, a revolução russa foi frustrada por nada mais do que um leve movimento entre os trabalhadores austríacos e por revoluções nos países mais atrasados do Leste - Pérsia, Turquia

e China. A revolução russa de 1917 está sendo seguida por revoluções no ocidente e no oriente, por revoluções nas quais a classe trabalhadora levanta sua bandeira em nome da derrubada do capitalismo. Tanto em casa como no exterior, portanto, as condições são muito diferentes daquelas do ano de 1908. Seria absurdo que o partido da classe trabalhadora tivesse um mesmo programa em 1908 e em 1917-1919, visto que agora as circunstâncias são totalmente diferentes. Quando os mencheviques nos criticam por termos *repudiado* nosso antigo programa, e ao fazê-lo, repudiamos o ensinamento de Marx, respondemos que a essência do ensinamento de Marx é construir programas, não a partir de a consciência interior, mas fora da própria vida. Se a vida passou por grandes mudanças, o programa não pode ser deixado como estava. No inverno, temos que usar sobretudos grossos. No calor do verão só um louco usa um sobretudo grosso. É a mesma coisa na política. O próprio Marx nos ensinou que devemos sempre estudar as condições de vida existentes e agir de acordo. Isso não significa que devemos mudar nossas convicções como uma bela dama troca suas luvas. O objetivo principal da classe trabalhadora é a realização da ordem comunista. Este objetivo é um objetivo permanente. No entanto, é evidente que, à medida que a classe trabalhadora estiver longe ou perto de sua meta, ela apresentará demandas diferentes. Sob o governo czarista, as organizações da classe trabalhadora foram levadas à clandestinidade e o partido dos trabalhadores foi perseguido como se os seus membros fossem criminosos. Agora, a classe trabalhadora está no poder, e seu partido é o partido dominante. Obviamente nenhuma pessoa inteligente poderia defender exatamente o mesmo programa para o ano de 1908 e para o presente.

Assim, as mudanças nas condições internas da vida russa e as mudanças nas circunstâncias internacionais exigiram mudanças no programa de Olli.

§ 4. O significado do nosso Programa

Nosso novo programa (de Moscou) é o primeiro a ser elaborado pelo partido da classe trabalhadora desde que chegou ao poder há algum tempo. Portanto, é necessário que nosso partido dê conta de toda a experiência que a classe operária adquiriu na administração e construção da nova vida. Isso é importante, não apenas para nós mesmos, não apenas para os trabalhadores russos e camponeses mais pobres, mas também para nossos camaradas estrangeiros. A partir de nossos sucessos e fracassos, de nossos erros e descuidos, a experiência será adquirida, não apenas por nós mesmos, mas por todo o proletariado internacional. É por isso que nosso programa contém não apenas o que nosso partido deseja realizar, mas também o que ele realizou, em certa medida. Cada membro do nosso partido deve estar familiarizado

com o programa em todos os seus detalhes. Ele se constitui no guia mais importante para as atividades de cada grupo e de cada membro individual do partido. Ninguém pode ser membro do partido sem que tenha aceitado o programa, sem que considere o programa como algo sólido. E ninguém pode considerá-lo sólido sem conhecê-lo. É claro que há muitas pessoas que nunca olharam para o programa, mas que se lançam nas fileiras comunistas e juram pelo comunismo, simplesmente na esperança de arrebatam alguma ninharia impensada ou de emplumar seu ninho. Não temos utilidade para esses membros, que nada podem nos fazer além de prejudicar. Sem o conhecimento do programa, ninguém pode ser um bolchevique comunista genuíno. Todo operário russo inteligente e camponês pobre deve conhecer o programa do nosso partido. Todo proletário não-russo deve estudá-lo, para que possa lucrar com a experiência da revolução russa.

§ 5. O caráter científico do nosso Programa

Já dissemos que é errado fabricar um programa a partir de nossas próprias cabeças, e que nosso programa deve ser tirado da vida. Antes da época de Marx, aqueles que representavam os interesses da classe trabalhadora estavam aptos a desenhar imagens fantasiosas de um futuro paraíso, sem se preocupar em se perguntar se esse paraíso poderia ser alcançado, e sem ver o caminho certo para os trabalhadores e camponeses seguirem. Marx nos ensinou outra maneira. Ele examinou a ordem social maligna, injusta e bárbara que ainda prevalece em todo o mundo, e estudou sua estrutura. Exatamente da mesma forma que poderíamos estudar uma máquina, ou, digamos, um relógio, Marx estudou a estrutura da sociedade capitalista, na qual os donos de fábricas e latifundiários governam, enquanto operários e camponeses são oprimidos. Suponhamos que notássemos que duas das rodas de nosso relógio estão mal ajustadas e que, a cada volta, elas interferem cada vez mais nos movimentos uma da outra. Então podemos prever que o relógio vai quebrar e parar. O que Marx estudou não foi um relógio, mas a sociedade capitalista: ele a examinou minuciosamente, examinou a vida sob o domínio do capital. Como resultado de suas pesquisas, Marx reconheceu muito claramente que o capitalismo está cavando sua própria cova, que a máquina vai quebrar, e que a causa do colapso será a inevitável revolta dos trabalhadores, que remodelará o mundo inteiro para se adequar a eles.

A principal instrução de Marx a todos os seus seguidores foi que eles deveriam estudar a vida como ela realmente é. Só assim um programa prático pode ser elaborado. É evidente, portanto, a razão pela qual nosso programa começa com uma descrição do regime capitalista. O que Marx profetizou está se cumprindo sob nossos olhos. A velha ordem está desmoronando.

As coroas estão caindo das cabeças de reis e imperadores. Em todos os lugares os trabalhadores estão avançando para a revolução e para o estabelecimento do governo soviético. Para entender completamente como tudo isso aconteceu, é necessário estar bem familiarizado com a natureza do sistema capitalista. Então perceberemos que seu colapso era inevitável. Uma vez que compreendamos que não haverá retorno do antigo sistema e que a vitória dos trabalhadores está assegurada, teremos plena força e confiança para continuar a luta em nome da nova ordem social dos trabalhadores.

Literatura sugerida

1. Relatórios da Conferência de Abril, 1917;
2. Materiais para a Revisão do Programa do Partido;
3. BUKHARIN; SMIRNOFF, artigos em *Spartakus*, n.ºs. 4-9;
4. LENIN, artigos em *Prosveshchenie* n.º 1 e 2, 1917;
5. Relatórios do oitavo Congresso.

A respeito do caráter científico do programa marxista, consulte a literatura do socialismo científico:

GOLUBKOFF, Socialismo utópico e científico;

ENGELS, Desenvolvimento do socialismo da utopia à ciência;

MARX; ENGELS, Manifesto Comunista (também editado sob o título Manifesto do Partido Comunista).

Para o estudo de aspectos gerais do programa comunista, consulte BUKHARIN, O programa dos bolcheviques comunistas.

De toda a literatura mencionada acima, apenas o panfleto de Bukharin e a parte de Golubkoff estão escritos em estilo popular. Os outros trabalhos são para estudantes comparativamente avançados.

Capítulo I: A ordem social capitalista

§ 6. Economia de mercado

§ 7. Monopolização dos meios de produção pela classe capitalista

§ 8. Trabalho assalariado

§ 9. Condições de produção sob o capitalismo

§ 10. A exploração da força de trabalho

§ 11. Capital

§ 12. O Estado capitalista

§ 13. Contradições fundamentais do Sistema Capitalista

§ 6. Economia de mercado

Se estudarmos como se dá a vida econômica sob o regime capitalista, veremos que sua característica primordial é a produção de mercadorias. “Bem, o que há de importante nisso?”, o leitor pode perguntar. O mais importante é que uma mercadoria não é simplesmente um produto, mas algo produzido para o mercado.

Um produto feito para o próprio produtor, feito para seu próprio uso, não é uma mercadoria. Quando um camponês semeia centeio, colhe, debulha-o, moe o grão e assa pão para si, este pão certamente não é uma mercadoria: é simplesmente pão. Ele só se torna mercadoria quando é comprado e vendido; ou seja, quando é produzido para um comprador, para o mercado. Quem compra se torna o dono.

Sob o sistema capitalista, todos os produtos são produzidos para o mercado, todos eles se tornam mercadorias. Cada fábrica ou oficina produz, em circunstâncias normais, apenas um produto em particular, e é fácil entender que o produtor não está produzindo para seu próprio uso. Quando um agente funerário, em sua oficina, manda fazer caixões, fica perfeitamente claro que ele não produz esses caixões para si e sua família, mas para o mercado. Novamente, no caso de um fabricante de óleo de rícino, é igualmente claro que, mesmo que o homem sofra continuamente de distúrbios digestivos, será impossível para ele usar para seus próprios fins mais do que uma proporção infinitesimal de todo o óleo de rícino que sua fábrica produz. As mesmas considerações se aplicam, sob o capitalismo, a qualquer produto que você queira considerar.

Em uma fábrica de botões, milhões de botões são produzidos, mas eles não são todos feitos para serem costurados no colete do fabricante: eles estão à venda. Tudo o que é produzido sob o sistema capitalista é produzido para o mercado. A este mercado vêm luvas e embutidos, livros e tintas, máquinas e whisky, pães, botas e armas pequenas - em poucas palavras, tudo o que é feito.

Uma economia de mercado implica necessariamente propriedade privada. O artesão independente que produz mercadorias possui sua oficina e suas ferramentas; o proprietário da fábrica ou proprietário da oficina possui a fábrica ou a oficina, com todos os edifícios, máquinas, etc. Agora, onde quer que exista propriedade privada e produção de mercadorias, há uma concorrência por compradores ou competição entre vendedores. Mesmo antes de haver donos de fábricas, donos de oficinas e grandes capitalistas, quando havia apenas artesãos independentes, esses artesãos concorriam entre si por compradores. O mais forte e mais ganancioso entre eles, o que tinha as melhores ferramentas e era o mais esperto, especialmente o que punha mais dinheiro, era sempre aquele que chegava ao topo, atraía clientes e arruinava seus rivais. Assim, o sistema de pequena propriedade e a economia mercantil que se baseava nele continham os germes da propriedade em grande escala e implicavam a ruína de muitos.

Vemos, assim, que a característica primária do sistema capitalista é uma economia de mercado; ou seja, uma economia que produz para o mercado.

§ 7. Monopolização dos meios de produção pela classe capitalista

A mera existência de uma economia de mercado não é suficiente para constituir o capitalismo. Uma economia de mercado pode existir embora não haja capitalistas; por exemplo, a economia em que os únicos produtores são artesãos independentes. Eles produzem para o mercado e vendem seus produtos; assim, esses produtos são indubitavelmente mercadorias, e toda a produção é de mercadorias. No entanto, isso não é produção capitalista, nada mais é do que *simples produção de mercadorias*. Para que uma simples economia de mercado se transforme em produção capitalista, é necessário, por um lado, que os meios de produção (ferramentas, máquinas, edifícios, terrenos etc.) se tornem propriedades privadas de uma classe comparativamente limitada de capitalistas ricos; e por outro, que ocorresse a ruína da maioria dos artesãos e camponeses independentes e sua conversão em trabalhadores assalariados.

Já vimos que uma simples economia de mercado contém, em si, os germes que levarão ao empobrecimento de uns e ao enriquecimento de outros. Isto é o que realmente ocorreu. Igualmente, em todos os países, a maioria dos artesãos independentes e pequenos mestres foram

arruinados. Os mais pobres foram forçados, no final, a vender suas ferramentas; de *mestres* passaram a ser apenas *homens*, cuja única posse era um par de mãos. Os que eram mais ricos, por outro lado, ficaram ainda mais ricos; eles reconstruíram suas oficinas em escala mais ampla, instalaram novas máquinas, começaram a empregar mais trabalhadores, tornaram-se donos de fábricas.

Pouco a pouco, tudo o que era necessário para a produção passou para as mãos desses ricos: edifícios fabris, máquinas, matérias-primas, armazéns e lojas, casas de habitação, oficinas, minas, ferrovias, navios a vapor, a terra - resumindo, todos os meios de produção. Todos esses meios de produção tornaram-se propriedade exclusiva da classe capitalista; eles se tornaram, como diz a expressão, um *monopólio* da classe capitalista.

O pequeno grupo dos ricos tem tudo; as grandes massas dos pobres não possuem nada a não ser as mãos com que trabalham. Esse monopólio dos meios de produção da classe capitalista é a segunda característica líder do sistema capitalista.

§ 8. Trabalho assalariado

Os vastos números de pessoas que ficaram sem qualquer propriedade foram transformados em trabalhadores assalariados do capital. O que realmente restava para o camponês ou artesão empobrecido fazer? Ou aceitava o serviço de operário agrícola sob o proprietário capitalista da terra, ou então ia para a cidade e lá procurava emprego na fábrica ou oficina. Não havia outra saída. Foi essa a origem do trabalho assalariado, a terceira característica do sistema capitalista.

Mas o que é trabalho assalariado? Antigamente, quando havia servos ou escravos, todo servo ou escravo podia ser comprado e vendido. Pessoas com pele, cabelo, braços e pernas eram propriedade privada de seu senhor. O senhor açoitava um de seus servos até a morte no estábulo com a mesma leveza com que, em um ataque de embriaguez, quebrava um banquinho ou uma cadeira. O servo ou escravo era apenas um bem. Entre os antigos romanos, a propriedade de um mestre, toda necessária para a produção, era classificada como *ferramentas mudas* (coisas), *ferramentas meio falantes* (animais de carga, ovelhas, vacas, bois, etc. etc. - em resumo, animais inarticulados), e *ferramentas falantes* (escravos, seres humanos). Uma pá, um boi ou um escravo eram, para o senhor, todos ferramentas ou utensílios semelhantes, que ele podia comprar, vender, usar mal ou destruir à vontade.

O trabalhador assalariado não pode ser comprado nem vendido. O que pode ser comprado e vendido é sua força de trabalho, não o homem ou a mulher, mas a capacidade de

trabalho. O trabalhador assalariado é pessoalmente livre: o dono da fábrica não pode açoitá-lo no estábulo, nem vendê-lo a um vizinho, nem trocá-lo por um filhote de cão de caça, embora todas essas coisas pudessem ser feitas quando a servidão prevalecesse. O trabalhador assalariado pode simplesmente ser contratado. Aparentemente, o capitalista e o trabalhador assalariado são iguais. *Não trabalhe se não quiser; ninguém é obrigado a isso*, diz o dono da fábrica. Na verdade, o empregador declara que alimenta o trabalhador, dá trabalho ao empregado.

Na realidade, porém, as condições estão longe de ser as mesmas para assalariados e capitalistas. Os trabalhadores estão acorrentados pela fome. A fome lhes compele a vender sua força de trabalho. Não há outra solução para o trabalhador: ele não tem escolha. Só com as mãos ele não pode produzir o *seu* produto. Tente, sem ferramentas e maquinário, fundir aço, tecer, construir vagões ferroviários. Sob o capitalismo, a própria terra está toda em mãos privadas: não resta nenhum lugar sem dono onde uma iniciativa possa ser exercida. A liberdade do trabalhador de vender sua força de trabalho, a liberdade do capitalista de comprá-la, a *igualdade* do capitalista e do assalariado – tudo isso é apenas a cadeia da fome que compele o trabalhador a trabalhar para o capitalista.

Desse modo, a essência do trabalho assalariado consiste na venda da força de trabalho, ou na transformação da força de trabalho em mercadoria. Na economia mercantil simples, descrita no § 6, encontravam-se no mercado: leite, pão, tecidos, botas, etc.; mas não se encontra força de trabalho. A força de trabalho não estava à venda. O possuidor da força de trabalho, o artesão independente, tinha, além disso, sua própria casinha e suas ferramentas. Ele trabalhava para si mesmo, conduzia seu próprio empreendimento, aplicava sua própria força de trabalho para levá-lo adiante.

No capitalismo, isso é muito diferente. O trabalhador não possui mais os meios de produção; ele não pode usar sua força de trabalho para a condução de seu próprio empreendimento; se quiser se salvar da fome, ele tem que vender sua força de trabalho ao capitalista. Ao lado dos mercados onde se vende algodão, queijo e máquinas, também está o mercado de trabalho onde os proletários, ou seja, os trabalhadores assalariados, vendem sua força de trabalho.

Então, vemos que a diferença entre a economia capitalista e a economia de mercadoria simples consiste em que, na economia capitalista, o próprio poder de trabalho se torna mercadoria. assim, a terceira característica do sistema capitalista é a existência do trabalho assalariado.

§ 9. Condições de produção sob o capitalismo

Há, portanto, três características do sistema capitalista, a saber: produção para o mercado (produção de commodities); a monopolização dos meios de produção pela classe capitalista; trabalho assalariado, isto é, trabalho fundado na venda da força de trabalho. Todas essas características estão associadas à pergunta: Quais são as relações mútuas entre os indivíduos envolvidos na produção e distribuição? Quando dizemos “produção de commodities” ou “produção para o mercado”, o que a frase significa? Significa que os indivíduos trabalham uns para os outros, mas que cada um produz para o mercado em sua própria empresa, sem saber de antemão quem vai comprar suas mercadorias. Suponhamos que haja um artesão chamado João e um camponês chamado Jorge. João, o artesão, é sapateiro, leva botas ao mercado e as vende para Jorge, e com o dinheiro que Jorge paga por elas, ele compra pão de Jorge. Quando João foi ao mercado, ele não sabia que encontraria Jorge lá, nem Jorge sabia que encontraria João: esses homens simplesmente foram ao mercado. Quando João comprou o pão e Jorge comprou as botas, o resultado foi que Jorge estava trabalhando para João e João estava trabalhando para Jorge, embora o fato não fosse imediatamente óbvio. A agitação do mercado esconde das pessoas que, na verdade, trabalham umas para as outras e não podem viver umas sem as outras. Em uma economia de mercado, as pessoas trabalham umas para as outras, mas fazem isso de maneira desorganizada e independente umas das outras, sem saber o quanto são necessárias umas para as outras. Consequentemente, na produção de mercadorias, os indivíduos mantêm relações definidas uns com os outros, e o que nos interessa, aqui, são essas relações mútuas.

Da mesma forma, quando falamos de “monopolização dos meios de produção” ou de “trabalho assalariado”, estamos falando realmente das relações entre os indivíduos. O que significa, de fato, “monopolização”? Significa que as pessoas trabalham, fazem isso com meios de produção que pertencem a outros; significa que os trabalhadores estão subordinados aos donos desses meios de produção, ou seja, aos capitalistas. Em resumo, aqui também estamos preocupados com a questão: Quais são as relações mútuas entre os indivíduos quando produzem bens? As relações mútuas entre os indivíduos durante o processo de produção são chamadas de **relações de produção**.

É fácil perceber que as relações de produção nem sempre foram as mesmas. Muito tempo atrás, quando as pessoas viviam em pequenas comunidades, trabalhavam juntas de forma camarada (caça, pesca, coleta de frutas e raízes) e dividiam tudo entre si: este é um tipo de relação de produção. Nos tempos da escravidão, as relações de produção eram de outro tipo.

Sob o capitalismo existe um terceiro tipo de relação de produção. Portanto, existem vários tipos de relação de produção. Falamos desses tipos de relações de produção como sistemas econômicos (tipos) de sociedade ou como métodos de produção.

“Relações capitalistas de produção”, ou em outras palavras “um tipo de sociedade capitalista”, ou “o método de produção capitalista” – todos esses termos expressam as relações entre indivíduos em uma economia de mercadorias caracterizada pela propriedade monopólica dos meios de produção por parte de um pequeno grupo de capitalistas, e caracterizada pelo trabalho salarial da classe trabalhadora.

§ 10. A Exploração da força de trabalho

Surge agora a questão: Por que razão a classe capitalista contrata trabalhadores? Todo mundo sabe que a razão não é porque os donos das fábricas desejam alimentar os trabalhadores famintos, mas porque eles desejam extrair lucro desses trabalhadores. Em nome do lucro, o dono da fábrica constrói sua fábrica; por causa do lucro, ele contrata trabalhadores; por causa do lucro, ele está sempre investigando onde os preços mais altos são pagos. O lucro é o motivo de todos os seus cálculos. Aqui, além disso, discernimos uma característica muito interessante da sociedade capitalista, pois a própria sociedade não produz as coisas que lhe são necessárias e úteis: em vez disso, a classe capitalista obriga os trabalhadores a produzir aquelas coisas pelas quais conseguem vender mais caro, aquelas coisas das quais os capitalistas obtêm o maior lucro. O uísque, por exemplo, é uma substância muito nociva, e as bebidas alcoólicas em geral devem ser produzidas apenas para fins técnicos e para uso medicinal. Mas em todo o mundo os capitalistas produzem álcool com todas as suas forças. Por quê? Porque encher o povo de bebida é extremamente lucrativo.

Agora devemos deixar perfeitamente claro como o lucro é obtido. Para isso, devemos examinar a questão em detalhes. O capitalista recebe lucro na forma de dinheiro quando vende mercadorias que foram produzidas em sua fábrica. Quanto dinheiro ele recebe por suas mercadorias? Isso depende do preço. A próxima pergunta é: como o preço é determinado, ou por que uma mercadoria alcança um preço alto e outra um preço baixo? É fácil entender que se, em qualquer ramo da produção, novas máquinas são introduzidas e o trabalho é aplicado com vantagem (ou, como se diz, é muito produtivo), então o preço da mercadoria cai. Por outro lado, se a produção for difícil, se a quantidade de bens produzida for pequena, se o trabalho for

realizado sem sucesso ou for comparativamente improdutivo, então o preço da mercadoria aumenta¹.

Se a sociedade deve gastar, em média, muito trabalho para produzir qualquer artigo, o preço desse artigo é alto; se, em média, for necessária pouca mão de obra, o preço do artigo é baixo. Presumindo a eficiência média da manufatura (isto é, quando as máquinas e ferramentas empregadas não são nem as melhores nem as piores), **a quantidade de trabalho social necessária para a produção de uma mercadoria é chamada de valor dessa mercadoria**. Vemos que o preço depende do valor. Na verdade, o preço às vezes é mais alto que o valor, e às vezes mais baixo, mas para simplificar podemos supor, aqui, que eles são a mesma coisa.

Agora precisamos lembrar do que dissemos sobre a contratação de trabalhadores assalariados. A contratação de um trabalhador é a venda de uma mercadoria peculiar, cujo nome é **força de trabalho**. Assim que a força de trabalho se torna uma mercadoria, o que se aplica a outras mercadorias se aplica à força de trabalho. Quando o capitalista contrata o trabalhador, ele paga para esse trabalhador segundo o preço de sua força de trabalho (ou, para falar simplesmente, o valor de sua força de trabalho). Como esse valor é determinado? Vimos que o valor de todas as mercadorias é determinado pela quantidade de trabalho despendido para produzi-las. A mesma coisa se aplica para a força de trabalho.

Mas o que queremos dizer com produção de força de trabalho? A força de trabalho não é, de fato, produzida em uma fábrica, como tecidos, escurecimento ou maquinário. Como, então, devemos explicá-la? Temos apenas que olhar para a vida nos dias de hoje, sob o capitalismo, para entender com o que estamos preocupados. Suponhamos que os trabalhadores acabaram de terminar seu dia de trabalho. Eles estão cansados, toda a sua energia vital se esgotou, eles não podem mais trabalhar. Sua força de trabalho está praticamente esgotada. O que é necessário para restaurar essa força de trabalho? Comida, descanso, sono, recuperação, e com isso a força será restaurada. Então reaparecerá a capacidade de trabalho; então, mais uma vez, eles terão força de trabalho. Isso significa que alimentação, vestuário e abrigo – em resumo, as necessidades que o trabalhador consome efetua a produção de sua força de trabalho. Elementos adicionais devem ser considerados, como gastos com treinamento quando são necessários trabalhadores qualificados, e assim por diante.

1 Falamos agora de uma mudança de preço sem referência ao dinheiro, sem referência à questão de haver muito ou pouco dinheiro, ou se a moeda é ouro ou papel. As mudanças de preço devido a mudanças no padrão de valor podem ser muito grandes, mas tais mudanças afetam todas as mercadorias simultaneamente, e isso não explica as diferenças de preço entre uma mercadoria e outra. Por exemplo, a grande extensão do papel-moeda inflacionou enormemente os preços em todos os países. Mas essa carência universal não explica por que uma mercadoria deve ser mais cara do que outra.

Tudo o que a classe trabalhadora consome para restabelecer sua força de trabalho tem valor. Por isso, o valor dos artigos de consumo e dos gastos com treinamento também constituem o valor da força de trabalho. Mercadorias diferentes possuem valores diferentes. Da mesma forma, cada tipo de força de trabalho tem seu valor peculiar. A força de trabalho do tipógrafo tem um valor, a força de trabalho do operário não qualificado tem outro.

Vamos voltar, agora, à fábrica. O capitalista compra matérias-primas, combustível, maquinaria, lubrificantes e outros artigos de primeira necessidade; então ele compra força de trabalho, “engaja as mãos”. Ele paga tudo em dinheiro. O trabalho de produção começa. Os trabalhadores trabalham, as rodas giram, o combustível é queimado, o lubrificante é usado, os prédios das fábricas sofrem desgaste, a força de trabalho é gasta. Como resultado, sai da fábrica uma nova mercadoria. A mercadoria, como todas as mercadorias, tem valor. Qual é este valor? Em primeiro lugar, a mercadoria absorveu em si o valor dos meios de produção esgotados; aquilo que passou para ele - matérias-primas, combustível consumido, peças desgastadas do maquinário e assim por diante. Tudo isso agora se transformou no valor da mercadoria. Em segundo lugar, passou para a mercadoria a mão de obra dos trabalhadores. Se os trabalhadores fossem 80 em número, e se na produção da mercadoria cada um trabalhasse 80 horas, então teriam sido gastas ao todo 900 horas de trabalho. O valor total do produto consistirá, portanto, no valor dos materiais utilizados (suponhamos que o valor deles seja equivalente a 600 horas), juntamente com o novo valor que os trabalhadores agregaram com seu trabalho, ou seja, 900 horas. O total é, portanto, $600 + 900 = 1.500$ horas de trabalho.

Mas quanto a mercadoria custou ao capitalista? Pelas matérias-primas ele pagou integralmente; ou seja, pagou uma quantia em dinheiro correspondente ao valor de 600 horas de trabalho. Mas o que ele pagou pela força de trabalho? Ele pagou todas as 900 horas? Aqui está a chave do enigma. Pela nossa hipótese, ele pagou o valor integral da força de trabalho pelos dias de trabalho. Se 80 operários trabalharam 30 horas, três dias por 10 horas por dia, o dono da fábrica terá pago a quantia necessária para a recuperação de sua força de trabalho durante esses dias. De quanto terá sido esta soma? A resposta é simples: terá sido consideravelmente inferior a 900. Por quê? Porque a quantidade de trabalho necessária para recuperar minha força de trabalho é uma coisa, enquanto a quantidade de trabalho que posso despendar é outra. Posso trabalhar 10 horas por dia. Para suprir uma suficiência de alimentos, roupas, etc., minhas necessidades diárias são uma quantidade de artigos cujo valor total é igual a 5 horas. Ou seja, posso fazer mais trabalho do que o necessário para recuperar minha força de trabalho. No nosso exemplo, os trabalhadores consomem, digamos, sob a forma de alimentos,

vestuário, etc., durante os três dias, artigos no valor de 4050 horas de trabalho, mas fornecem 900 horas de trabalho. Restam, para o capitalista, 450 horas; elas formam a fonte de seu lucro. De fato, a mercadoria custou ao capitalista, como vimos, $600 + 450 = 1050$ horas; mas ele vende pelo valor de $600 + 900 = 1500$ horas; 450 horas são mais-valia criada pela força de trabalho. Resulta que para metade do seu tempo de trabalho (ou seja, 5 horas em uma jornada de trabalho de dez horas) os trabalhadores estão trabalhando para reintegrar o que eles mesmos usaram; mas na outra metade do dia trabalham inteiramente para o capitalista.

Agora vamos considerar a sociedade como um todo. O que o proprietário individual da fábrica ou o trabalhador individual documenta é de muito pouco interesse para nós. O que nos interessa é a estrutura da enorme máquina que atende pelo nome de sociedade capitalista. A classe capitalista contrata a classe trabalhadora, que é numericamente de tamanho enorme. Em milhões de fábricas, em minas e pedreiras, em florestas e campos, centenas de milhões de trabalhadores trabalham como formigas. O capital lhes paga seu salário, o valor de sua força de trabalho, com o qual renovam incessantemente essa força de trabalho a serviço do capital. Com seu trabalho, a classe trabalhadora não apenas paga seus próprios salários, mas também cria a renda das classes superiores, cria mais-valia. Através de mil túneis, essa mais-valia flui para os bolsos da classe mestra. Parte vai para o próprio capitalista, na forma de lucro do empresário; parte vai para o proprietário da terra, parte entra nos cofres do Estado capitalista; outras parcelas vão para comerciantes, representantes e lojistas, e são gastos em igrejas e bordéis, atores de apoio, artistas, escribas burgueses e assim por diante. Da mais-valia vivem todos os parasitas criados pelo sistema capitalista.

Parte da mais-valia é, no entanto, utilizada novamente pelos capitalistas. Eles adicionam ao seu capital, e o capital cresce. Eles estendem seus empreendimentos; envolvem mais trabalhadores. Eles instalam máquinas melhores. O aumento do número de trabalhadores produz, para eles, uma quantidade ainda maior de valor excedente. As empresas capitalistas crescem cada vez mais. Assim, a cada revolução do tempo, o capital avança, acumulando mais-valia. Espremendo a mais-valia da classe trabalhadora, **explorando os trabalhadores**, o capital aumenta continuamente de tamanho.

§ 11. Capital

Agora vemos claramente o que é capital. Antes de tudo, é um valor definido: pode ser em forma de dinheiro; pode ser na forma de máquinas, matérias-primas ou prédios de fábricas; pode ser na forma de mercadorias acabadas. Mas é um valor do tipo que serve para a produção

de novo valor, para a produção de mais-valia. **Capital é valor que produz mais valor. A produção capitalista é a produção de mais valor.**

Na sociedade capitalista, as máquinas e os prédios das fábricas assumem a forma de capital. Mas as máquinas e os edifícios sempre assumem a forma de capital? Certamente não. Se toda a sociedade fosse uma comunidade cooperativa produzindo tudo para si mesma, nem as máquinas e nem as matérias-primas seriam capital, visto que não seriam meios de geração de lucro para um pequeno grupo de ricos. Em outras palavras, a maquinaria, por exemplo, só se torna capital quando é propriedade privada da classe capitalista, quando serve para explorar o trabalho assalariado, quando serve para produzir mais-valia. A forma do valor não é importante, aqui. O valor pode estar na forma de moedas de ouro ou papel-moeda, com as quais o capitalista compra os meios de produção e a força de trabalho. Pode ser na forma das máquinas com as quais os trabalhadores trabalham; ou das matérias-primas de que fazem mercadorias; ou dos artigos acabados que serão vendidos posteriormente. Se, porém, esse valor serve para a produção de mais-valia, é capital.

Via de regra, o capital assume continuamente novos aspectos. Vamos estudar como essas transformações ocorrem.

- I. O capitalista ainda não comprou a força de trabalho nem os meios de produção. Ele está, no entanto, ansioso para contratar trabalhadores, adquirir máquinas, obter matérias-primas da melhor qualidade, obter um suprimento suficiente de carvão² e assim por diante. Até agora, ele não tem nada além de dinheiro. Aqui temos o capital em sua **forma monetária**.
- II. Com essa *oferta* de dinheiro, o capitalista chega ao mercado - não em sua própria pessoa, é claro, já que ele tem o telefone, o telégrafo e uma centena de empregados. Aqui ocorre a compra dos meios de produção e da força de trabalho. O capitalista volta à fábrica sem dinheiro, mas com trabalhadores, máquinas, matérias-primas e combustível. Essas coisas, agora, não são mais mercadorias. Elas deixaram de ser mercadorias: eles não estão à venda. O dinheiro foi transformado em meio de produção e em força de trabalho. O embrulho monetário foi posto de lado: o capital assumiu a **forma de capital industrial**.

2 Aqui é importante lembrar o contexto em que o livro foi escrito: o carvão era a forma de energia para o maquinário utilizado na época. Por esta razão os termos utilizados são carvão/combustível, e não energia elétrica, como na atualidade.

Agora começa o trabalho. As máquinas são acionadas, as rodas giram, as alavancas se movem para frente e para trás, os trabalhadores pingam de suor, as máquinas sofrem desgaste, as matérias-primas estão esgotadas, a força de trabalho está esgotada.

- III. Então, a matéria-prima, o desgaste das máquinas e a força de trabalho passam por uma transformação gradual em massas de mercadorias. Assim, o capital assume uma nova roupagem, sua incorporação de fábrica desaparece, e toma a forma de quantidades de mercadorias. Temos o capital em sua **forma de mercadoria**. Mas agora, terminada a produção, o capital não mudou apenas de envoltório. Ela aumentou de valor, pois no curso da produção foi acrescentada mais-valia.
- IV. Na produção, o objetivo do capitalista não é fornecer bens para seu próprio uso, mas produzir mercadorias para o mercado, para venda. O que está armazenado em seu armazém deve ser vendido. A princípio, o capitalista foi ao mercado como comprador. Agora ele tem que ir lá como vendedor. No início, ele tinha dinheiro nas mãos e queria comprar mercadorias (os meios de produção). Agora ele tem mercadorias em suas mãos e quer ganhar dinheiro.
- Quando essas mercadorias são vendidas, o capital salta de sua forma de mercadoria para sua forma monetária. Mas a quantidade de dinheiro que o capitalista recebe difere da quantidade que ele originalmente desembolsou, na medida em que **é maior pela soma total da mais-valia**.

Isso, no entanto, não acaba com o movimento de capital. O capital ampliado é novamente posto em movimento e adquire uma quantidade ainda maior de mais-valia. Essa mais-valia é em parte adicionada ao capital e inicia um novo ciclo. O capital rola como uma bola de neve, e a cada revolução adere-se a ele uma quantidade maior de mais-valia. O resultado disso é que a produção capitalista se expande continuamente. Assim, o capital suga a mais-valia da classe trabalhadora e estende seu domínio por toda parte. Suas peculiaridades explicam seu rápido crescimento. A exploração de uma classe pela outra ocorreu em dias anteriores. Consideremos, por exemplo, um proprietário de terras quando prevalecia a servidão, ou um proprietário de escravos na antiguidade clássica. Eles viviam nas costas de seus servos e escravos. Mas aquilo que os trabalhadores produziam, os latifundiários e os senhores de escravos comiam, bebiam e se vestiam, ou eles mesmos, ou então seus servos e seus numerosos parasitas. Naquela época havia muito pouca produção de mercadorias. Não havia mercado. Se

o proprietário de terras ou de escravos tivesse obrigado seus servos ou escravos a produzir grandes quantidades de pão, carne, peixe, etc., tudo isso simplesmente apodreceria. A produção se restringia à gratificação das necessidades animais do proprietário e de sua família. É muito diferente no capitalismo. Aqui, a produção ocorre, não para a gratificação de necessidades imediatas, mas para o lucro. Sob o capitalismo, a mercadoria é produzida para venda, por causa do ganho, para que os lucros possam ser acumulados. Quanto maior o lucro, melhor. Esta é a razão da louca caça ao lucro por parte da classe capitalista. Essa ganância não conhece limites. É o pivô, o motivo primordial da produção capitalista.

§ 12. O Estado capitalista

Como vimos, a sociedade capitalista baseia-se na exploração do trabalho. Uma pequena minoria é proprietária de tudo, e as massas trabalhadoras não possuem nada. Os capitalistas mandam. Os trabalhadores obedecem. Os capitalistas exploram. Os trabalhadores são explorados. A própria essência da sociedade capitalista se encontra nessa exploração impiedosa e sempre crescente.

A produção capitalista é um instrumento prático para a extração de mais-valia.

Por que este instrumento conseguiu continuar em operação tanto tempo? Por que razão os trabalhadores toleram tal estado de coisas?

Esta pergunta não é fácil de responder à primeira vista. Falando de maneira geral, há duas razões para isso: em primeiro lugar, porque a classe capitalista é bem organizada e poderosa; em segundo lugar, porque a burguesia frequentemente controla os cérebros da classe trabalhadora.

O meio mais confiável à disposição da burguesia para esse fim é sua organização como Estado. Em todos os países capitalistas, o Estado é apenas uma união da classe dominante. Vamos considerar qualquer país que você queira: Grã-Bretanha, Estados Unidos, França ou Japão. Em todos os lugares encontramos que os ministros, altos funcionários, membros do parlamento, ou são capitalistas, proprietários de terras, donos de fábricas e magnatas financeiros, ou então os servidores fiéis e bem pagos desses advogados, gerentes de banco, professores, oficiais do exército, arcebispos e bispos, que servem aos capitalistas, não por medo, mas por convicção.

A união de todos esses indivíduos pertencentes à burguesia, uma união que abrange todo o país e tem tudo ao seu alcance, é conhecida como Estado. Esta organização da burguesia tem dois objetivos principais. O primeiro e mais importante deles é suprimir as desordens e

insurreições por parte dos trabalhadores, garantir a extração imperturbável de mais-valia da classe trabalhadora, e aumentar a força dos meios de produção capitalistas. O segundo objetivo é lutar contra outras organizações do mesmo tipo (isto é, contra outros Estados burgueses), competir com elas por uma parcela maior da mais-valia. Assim, o Estado capitalista é uma união da classe dominante, formada para salvaguardar a exploração. Os interesses do capital e nada mais que os interesses do capital: aqui temos a estrela-guia para a qual se dirigem todas as atividades desse bando de ladrões.

Contra tal visão do Estado burguês, as seguintes considerações podem ser feitas. Dissemos que o Estado é dirigido exclusivamente pelos interesses do capital.

Mas vamos considerar que em todos os países capitalistas existe legislação fabril que proíbe ou restringe o trabalho infantil, limita a jornada de trabalho, etc. Na Alemanha, por exemplo, no tempo de Guilherme II, aqui prevalecia um sistema de seguro estatal bastante bom para os trabalhadores. Na Inglaterra, o ministro tipicamente burguês Lloyd George introduziu o *Insurance Act* [Ato de Segurança] e o *Old Age Pensions Act* [Ato de pensões para idosos]. Em todas as terras burguesas há hospitais, dispensários e sanatórios para os trabalhadores; ferrovias são construídas, e por elas todos podem viajar, ricos e pobres; obras hidráulicas são instituídas para o abastecimento das cidades, e assim por diante. Essas coisas são para o serviço público. Isso implica, muitos dirão, que mesmo naqueles países onde o capital governa, o Estado não é dirigido apenas pelos interesses do capital, mas também se preocupa com os interesses dos trabalhadores. Na verdade, o Estado pune os proprietários de fábricas que infringem a legislação fabril.

Esses argumentos são falaciosos pelas seguintes razões: é perfeitamente verdade que a autoridade burguesa ocasionalmente aprova leis e regulamentos úteis à classe trabalhadora. No entanto, essas leis e regulamentos aprovados no interesse da burguesia. Tomemos como exemplo as ferrovias. Os trabalhadores viajam por eles, e por isso são úteis aos trabalhadores. Mas elas não são construídas para o bem dos trabalhadores. Comerciantes e donos de fábricas precisam de ferrovias para o transporte de suas mercadorias, para o transporte de tropas, para o transporte de trabalhadores, etc. O capital precisa de ferrovias e as constrói em seu próprio interesse. Elas são úteis também para os trabalhadores, mas não é por isso que o Estado capitalista as constrói. Mais uma vez, tomemos a limpeza das cidades, ou saneamento urbano, como é chamado, e consideremos os hospitais. Nesses casos, a burguesia se preocupa tanto com os bairros operários quanto com os demais. É verdade que, em comparação com os bairros burgueses do centro da cidade, encontramos, nos subúrbios operários, a sujeira, a abominação da desolação, a doença, etc. No entanto, a burguesia faz alguma coisa. Por quê? Porque às vezes doenças e epidemias se espalham por toda a cidade, e se isso acontecesse, a burguesia também sofreria. Nesta questão, portanto, o Estado burguês e seus instrumentos urbanos estão simplesmente perseguindo interesses burgueses.

Vejamos outro exemplo. Durante o século XIX, os trabalhadores franceses aprenderam a prática do controle de natalidade com a burguesia. Por meios artificiais, eles se organizaram para não ter filhos ou não mais do que dois filhos. A

pobreza dos trabalhadores era tão grande que criar uma família maior era difícil ou quase impossível. Como resultado dessa prática, a população da França permaneceu quase estacionária. A burguesia francesa começou a ter falta de soldados. Ergueu-se um clamor: *A nação está perecendo! Os alemães estão crescendo mais rápido do que nós! Eles terão mais soldados?* Pode-se notar, de passagem, que ano a ano os convocados para o serviço militar mostravam-se cada vez menos aptos: eram mais baixos, tinham a medida do peito menor, eram mais fracos. E agora, enfim, a burguesia cresceu *generosamente*; começou a insistir em melhores condições para a classe trabalhadora, para que os trabalhadores pudessem criar mais filhos. Sem dúvida, se você matar a galinha, não terá mais ovos.

Em todos esses casos, a burguesia certamente deu passos úteis aos trabalhadores, mas o fez unicamente em seu próprio interesse. Em muitos casos, entretanto, medidas úteis aos trabalhadores foram instauradas pelo Estado burguês devido à pressão da classe trabalhadora. Quase todas as leis fabris foram assim asseguradas, em consequência de ameaças por parte dos trabalhadores. Na Inglaterra, a primeira limitação legal da jornada de trabalho (para 10 horas) foi provocada pela pressão da classe trabalhadora. Na Rússia, o governo czarista aprovou as primeiras leis fabris devido ao seu alarme por conta de distúrbios e greves entre os trabalhadores. Nessas questões, o Estado, que consiste nos inimigos da classe trabalhadora, que é uma organização econômica, reconhece seus próprios interesses, dizendo: *É melhor render uma certa quantia hoje do que render duas vezes mais amanhã; e é melhor ceder do que arriscar a própria pele.* O dono de fábrica que cede às reivindicações de seus trabalhadores em greve e lhes concede meio centavo a mais não deixa de ser dono de fábrica; nem o Estado burguês perde, de modo algum, suas características burguesas quando faz alguma pequena concessão devido à pressão da classe trabalhadora.

O Estado capitalista não é apenas a maior e mais poderosa entre as organizações burguesas: é, ao mesmo tempo, a mais complexa dessas organizações, pois possui um número muito grande de subdivisões, e delas saem tentáculos em todas as direções. O objetivo principal de tudo isso é proteger, consolidar e expandir a exploração da classe trabalhadora. Contra a classe trabalhadora, o Estado pode empregar medidas de dois tipos diferentes: força bruta e subjugação espiritual. Estas duas medidas constituem os instrumentos mais importantes do Estado capitalista. Entre os órgãos da força bruta, devem primeiro ser enumerados o exército e a polícia, as prisões e os tribunais. Em seguida, devem ser mencionados órgãos acessórios, como espiões, agentes provocadores, fura-greves organizados, assassinos de aluguel, etc. O exército do Estado capitalista está organizado de maneira peculiar. À frente está o corpo de oficiais, o grupo de *portadores de dragonas*³. Eles são oriundos das fileiras da pequena nobreza fundiária, da burguesia mais rica e, em parte, da intelectualidade (classes profissionais). Estes

3 Espécie de pala, ornado ou não com franjas, ou peça de metal amarelo que os militares usam em cada ombro como adorno de uniforme de gala e indicativo de sua patente.

são os maiores inimigos do proletariado. Desde a infância, eles foram criados em escolas especiais (na Rússia, em corpos de cadetes e em escolas *junker*), onde foram ensinados a bater nos homens e a *manter a honra do uniforme*, significando manter aqueles de classes mais baixa em sujeição absoluta e fazer deles meros peões. Os membros mais ilustres da nobreza e da burguesia mais abastada, se ingressarem na profissão militar ou naval, tornam-se generais ou almirantes, pessoas de alto nível, usando ordens e fitas. Os oficiais não são escolhidos entre os pobres. Eles têm a massa de soldados comuns inteiramente em suas mãos. Estes últimos estão tão completamente sob a influência de seu ambiente que nunca perguntam pelo que estão lutando, mas simplesmente mantêm os ouvidos atentos às ordens. Tal exército destina-se principalmente a manter os trabalhadores sob controle.

Na Rússia, o exército czarista foi usado repetidamente para reprimir os trabalhadores e camponeses. Durante o reinado de Alexandre II, antes da libertação dos servos, houve numerosos levantes do campesinato, e todos foram reprimidos pelo exército. No ano de 1905, o exército abateu os trabalhadores durante o levante de Moscou; realizou expedições punitivas nas províncias bálticas, no Cáucaso e na Sibéria; e nos anos de 1906 a 1908, reprimiu as revoltas camponesas e protegeu a propriedade dos latifundiários. Durante a guerra, o exército abateu os trabalhadores em Ivanovo-Voznesensk, em Kostroma e em outros lugares. Os oficiais eram especialmente cruéis. Exércitos estrangeiros se comportam da mesma maneira. Na Alemanha, o exército do Estado capitalista também foi usado para conter os trabalhadores. O primeiro levante naval foi reprimido pelo exército. As revoltas dos trabalhadores em Berlim, Hamburgo, Munique, em toda a Alemanha foram esmagadas pelo exército. Na França, o exército abateu frequentemente grevistas; muito recentemente, atirou nos trabalhadores, também em vários soldados revolucionários russos. No Império Britânico, nos últimos dias, o exército frequentemente esmagou levantes dos trabalhadores irlandeses, levantes dos *fellahin* egípcios, levantes na Índia, e até mesmo na própria Inglaterra, os soldados atacaram grandes reuniões dos trabalhadores. Na Suíça, durante cada greve, o corpo de metralhadoras é mobilizado e a chamada milícia (o exército suíço) é convocada; até agora, porém, a milícia não disparou contra os proletários. Nos Estados Unidos, o exército frequentemente incendiou assentamentos da classe trabalhadora e derrubou casas (por exemplo, durante a greve no Colorado). Os exércitos dos Estados capitalistas se unem hoje para estrangular as revoluções operárias na Rússia, Hungria, Balcãs e Alemanha; eles estão esmagando revoltas em todo o mundo.

A polícia e a gendarmaria⁴. Além do exército regular, o Estado capitalista tem um exército de rufiões escolhidos e de tropas especialmente treinadas, especialmente adaptadas para a luta com os trabalhadores. Essas instituições (a polícia, por exemplo) têm, de fato, a

4 Força militar semelhante à polícia civil, no Brasil.

função de combater o roubo e de *proteger as pessoas e os bens dos cidadãos*, mas ao mesmo tempo, a polícia é mantida para a prisão, processo e punição de trabalhadores descontentes. Na Rússia, a polícia tem sido a protetora mais confiável dos latifundiários e do czar. Especialmente brutais, em todos os países capitalistas, foram os membros da polícia secreta e do corpo de gendarmes - na Rússia, a polícia secreta ou *polícia política* era conhecida como *ohrana* (proteção). Grande número de detetives, agentes provocadores, espiões, fura-greves, etc., trabalham em cooperação com a polícia oficial.

Interessantes, nesse sentido, são os métodos da polícia secreta americana. Eles estão aliados a um número variado de *gabinetes de detetives* privados e semioficiais. As notórias aventuras de Nat Pinkerton foram realmente uma campanha contra os trabalhadores. Os detetives despejaram bombas nos líderes operários, incitando-os a matar os capitalistas, e assim por diante. Esses *detetives* também recrutam um grande número de fura-greves (conhecidos nos Estados Unidos como *scabs*), e tropas ou rufiões armados que matam grevistas quando surge a oportunidade. Não há vilania muito nefasta para esses assassinos, que são empregados pelo *democrático* Estado dos capitalistas americanos!

A administração da justiça no Estado burguês é um meio de autodefesa para a classe burguesa. Acima de tudo, é empregada para fazer acordos com aqueles que infringem os direitos de propriedade capitalista ou interferem no sistema capitalista. A justiça burguesa enviou Liebknecht para a prisão, mas absolveu Liebknecht de assassinato. O serviço penitenciário do Estado acerta as contas com a mesma eficácia que o carrasco do Estado burguês. Suas flechas são direcionadas, não contra os ricos, mas contra os pobres. Tais são as instituições do Estado capitalista, instituições que efetuam a opressão direta e brutal da classe trabalhadora.

Dentre os meios de subjugação espiritual à disposição do Estado capitalista, três merecem destaque: a escola estatal; a igreja do Estado; e a imprensa estatal, ou apoiada pelo Estado. A burguesia sabe muito bem que não pode controlar as massas trabalhadoras apenas com o uso da força. É necessário que os cérebros dos trabalhadores estejam completamente enredados como numa teia de aranha. O Estado burguês vê os trabalhadores como gado trabalhador; esses animais devem trabalhar, mas não devem morder. Consequentemente, eles não devem apenas ser chicoteados ou fuzilados quando tentam morder, mas devem ser treinados e domados, assim como os animais selvagens em um zoológico são treinados por domadores de animais. Da mesma forma, o Estado capitalista mantém especialistas para entorpecer e subjugar o proletariado; mantém professores burgueses, o clero, autores e jornalistas burgueses. Nas escolas estatais, esses especialistas ensinam as crianças, desde os primeiros anos, a

obedecer ao capital e a desprezar e odiar os *rebeldes*. As cabeças das crianças estão cheias de fábulas sobre a revolução e o movimento revolucionário. Imperadores, reis e magnatas industriais são glorificados. Nas igrejas, os sacerdotes, que são assalariados pelo Estado, pregam que toda autoridade vem de Deus. Dia após dia, os jornais burgueses alardeiam essas mentiras, enquanto os jornais operários são, na maioria dos casos, suprimidos pelo Estado capitalista. Sob tais condições, é fácil para os trabalhadores se retirarem do atoleiro? Um bandido imperialista alemão escreveu: “Não precisamos apenas das pernas dos soldados, mas também de seus cérebros e corações”. O Estado burguês, da mesma forma, visa a educar os trabalhadores para que se assemelhem aos animais domésticos, que trabalharão como cavalos e comerão humildemente. Desta forma, o sistema capitalista assegura o seu próprio desenvolvimento. A máquina de exploração faz o seu trabalho. A mais-valia é continuamente extraída da classe trabalhadora. O Estado capitalista está de guarda e cuida para que não haja revolta dos escravos assalariados.

§ 13. Contradições Fundamentais do Sistema Capitalista

Devemos agora examinar se a sociedade capitalista ou burguesa é bem ou mal construída. Qualquer coisa é sólida e boa quando a adaptação mútua de suas partes é inteiramente satisfatória. Consideremos o mecanismo de um relógio. Funciona com precisão e liberdade se todas as engrenagens estiverem devidamente ajustadas umas às outras.

Vejamos agora a sociedade capitalista. Podemos perceber sem dificuldade que a sociedade capitalista é muito menos solidamente construída do que parece ser à primeira vista. Pelo contrário, ela apresenta graves contradições e falhas desastrosas. Em primeiro lugar, sob o capitalismo, a produção e distribuição de bens é bastante desorganizada: prevalece a *anarquia da produção*. Mas o que isto significa? Significa que todos os empresários capitalistas (ou empresas capitalistas) produzem mercadorias independentemente uns dos outros. Em vez de a sociedade se comprometer a calcular o que precisa e quanto precisa de cada artigo, os donos das fábricas simplesmente produzem com base no cálculo do que lhes trará mais lucro e lhes permitirá derrotar seus rivais no mercado. A consequência, muitas vezes, é que as mercadorias são produzidas em quantidades excessivas - estamos falando, é claro, de dias pré-guerra. Não há, então, nenhuma venda para elas. Os trabalhadores não podem comprá-las, pois não têm dinheiro suficiente. Assim surge uma crise. As fábricas são fechadas e os trabalhadores são jogados nas ruas. Além disso, a anarquia da produção implica uma luta pelo mercado; cada produtor quer atrair os clientes dos outros para entrar no mercado. Essa luta assume várias

formas: começa com a competição entre dois donos de fábricas; termina na guerra mundial, na qual os Estados capitalistas lutam entre si pelo mercado mundial. Isso significa não apenas que as partes da sociedade capitalista interferem no funcionamento umas das outras, mas que há um conflito direto entre as partes constituintes.

A primeira razão, portanto, para a desarmonia da sociedade capitalista é a anarquia da produção, que leva a crises, concorrência exterminadora e guerras.

A segunda razão para a desarmonia da sociedade capitalista encontra-se na estrutura de classes dessa sociedade. Considerada em sua essência, a sociedade capitalista não é uma sociedade, mas duas sociedades: é constituída por capitalistas, por um lado; e por operários e camponeses pobres, por outro. Entre essas duas classes há inimizade contínua e irreconciliável; isso é o que chamamos de classe, guerra. Aqui, também, vemos que as várias partes da sociedade capitalista não são apenas mal adaptadas umas às outras, mas estão realmente em conflito incessante.

O capitalismo vai entrar em colapso ou não? A resposta à pergunta depende das seguintes considerações. Se estudarmos a evolução do capitalismo, se examinarmos as mudanças que sofreu ao longo do tempo, e se percebermos que suas desarmonias estão diminuindo, podemos, com confiança, desejar-lhe uma vida longa. Se, por outro lado, descobrirmos que, com o passar do tempo, as várias partes das máquinas capitalistas vêm se chocando cada vez mais violentamente, se percebermos que as falhas na estrutura estão se tornando abismos positivos, então é hora de dizer: *Descanse em paz.*

Agora, precisamos estudar a evolução do capitalismo.

Literatura sugerida

BOGDANOFF, Minicurso de Ciências Econômicas;
KAUTSKY, As Doutrinas Econômicas de Karl Marx;
KAUTSKY, O Programa Erfurt;
LENIN, O Estado e a Revolução;
ENGELS, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado;
ENGELS, Desenvolvimento do socialismo: da utopia à ciência.

Capítulo II: O desenvolvimento da ordem social capitalista

§ 14. A luta entre a produção em pequena e grande escala

§ 15. A posição dependente do Proletariado, a reserva do exército do trabalho, trabalho feminino e trabalho Infantil

§ 16. A anarquia da produção, concorrência, crises

§ 17. O Desenvolvimento do capitalismo e da classe, a intensificação da luta de classes

§18. A concentração e centralização do capital como atores causais do comunismo

§ 14. A luta entre a produção em pequena e grande escala (entre propriedade ativa e propriedade não ativa capitalista)

(a) *A luta entre o capital de pequena escala e o capital de grande escala na indústria manufatureira.* Grandes fábricas, às vezes empregando mais de dez mil trabalhadores e possuindo máquinas enormes, nem sempre existiram. Eles apareceram aos poucos, crescendo sobre os restos da produção artesanal e da pequena indústria, quando estas últimas estavam em ruínas. Para entender por que isso aconteceu, devemos, antes de tudo, levar em conta a circunstância de que, sob a propriedade privada e a produção de mercadorias, é inevitável uma luta pelos compradores, a concorrência. Quem é o vencedor nessa luta? O vencedor é aquele que sabe atrair compradores para si e arrancá-los de seus concorrentes. Agora, o principal meio para atrair compradores é oferecer mercadorias para venda a um preço mais baixo⁵. Quem pode vender a um preço muito baixo? Esta é a primeira pergunta que temos que responder. É óbvio que o grande produtor pode vender mais barato do que o pequeno produtor ou o artesão independente, pois o grande produtor pode comprar mais barato. A produção em grande escala tem, a este respeito, muitas vantagens. Acima de tudo, a produção em grande escala tem a vantagem de que o empresário que comanda muito capital pode instalar máquinas melhores e obter melhores ferramentas e aparelhos em geral. O artesão independente ou o pequeno mestre tem muita dificuldade em conviver com isso; normalmente ele não pode comandar uma oficina; ele não ousa pensar em instalar máquinas melhores e maiores; ele não tem os meios para comprá-las. Nem o pequeno capitalista é capaz de adquirir as máquinas mais novas.

⁵ Neste texto, estamos falando dos dias pré-guerra. Graças aos efeitos destrutivos da guerra, atualmente os compradores estão correndo atrás de vendedores ao invés de vendedores correrem atrás de compradores.

Consequentemente, **quanto maior o empreendimento, mais perfeita é a técnica, mais econômica a mão de obra e menor o custo de produção.**

Nas grandes fábricas dos Estados Unidos e da Alemanha existem laboratórios científicos onde métodos novos e aprimorados são continuamente descobertos. Assim, a ciência está casada com a indústria. As descobertas feitas em tal laboratório permanecem segredos do empreendimento ao qual ele está ligado e trazem lucro apenas para esse empreendimento. Na produção em pequena escala e na produção manual, um mesmo operário conduz quase todas as etapas da produção. Na produção mecanizada, por outro lado, em que muitos trabalhadores são empregados, um trabalhador é responsável por apenas um estágio; um segundo trabalhador por um segundo estágio; um terceiro por um terceiro; e assim por diante. Dessa forma, sob o sistema conhecido como divisão do trabalho, o trabalho é muito mais rápido. O quanto a vantagem deste sistema é grande foi manifestado por algumas pesquisas americanas realizadas no ano de 1898. Aqui estão os resultados: a fabricação de 10 arados - mão de obra: 2 trabalhadores, realizando 11 operações distintas, trabalharam ao todo 180 horas e receberam \$54. Com mão de obra mecanizada: 52 trabalhadores, realizando 97 operações (quanto mais numerosos os trabalhadores, mais variadas as operações), trabalharam ao todo 87 horas e 28 minutos e receberam \$ 7,00 (Vemos que o tempo era enormemente menor e que o custo da mão de obra era muito menor). A fabricação de 100 conjuntos engrenagens de relógio - trabalho manual: 14 trabalhadores, 453 operações, 3.866 horas, \$80,82. No trabalho mecanizado: 10 trabalhadores, 1088 operações, 8.343 horas, \$1.80. Fabricação manufaturada de 500 jardas de tecido – mão de obra: 3 trabalhadores, 19 operações, 7.534 horas, \$135,60. Produção mecanizada: 252 trabalhadores, 43 operações, 84 horas, \$ 6,81. Alguns exemplos similares podem ser dados. Além disso, os pequenos fabricantes e trabalhadores manuais são completamente incapazes de empreender aqueles ramos de produção para os quais uma técnica mecânica altamente desenvolvida é essencial. Por exemplo, a fabricação de motores de locomotivas e encouraçados⁶; mineração de carvão, e assim por diante.

A produção em grande escala gera economia em todas as direções: em edifícios, máquinas, matérias-primas, iluminação, aquecimento, custo de mão de obra, aproveitamento de resíduos, etc. De fato, suponhamos que existam mil pequenas oficinas e que haja uma grande fábrica que produz a mesma quantidade de mercadorias que todas as pequenas oficinas juntas. É muito mais fácil construir uma grande fábrica do que mil pequenas oficinas; as matérias-primas para as oficinas serão usadas com muito mais desperdício; a iluminação e o aquecimento serão muito mais fáceis no caso da grande fábrica; a fábrica terá a vantagem em matéria de supervisão geral, limpeza, reparos, etc. Em resumo, sem dúvida haverá, em todos os aspectos um funcionamento mais econômico na grande fábrica. Na compra de matérias-primas e de tudo o que é necessário para a produção, o capital em grande escala também está em vantagem. O comprador atacadista compra mais barato e as mercadorias são de melhor qualidade; além disso, o grande proprietário fabril conhece melhor o mercado, sabe melhor onde comprar barato. Da

⁶ Nota da tradutora: navio de guerra blindado do século XIX.

mesma forma, a pequena empresa está sempre em desvantagem ao entrar no mercado como vendedora. Não só o grande produtor sabe melhor onde comprar barato (para isso ele tem viajantes, conduz seus negócios na bolsa, em que sempre chegam notícias de várias mercadorias, ele tem laços comerciais que se estendem por quase todo o mundo), além disso, ele pode esperar. Se, por exemplo, o preço de seu produto for muito baixo, ele pode retê-lo em seus armazéns, aguardando um aumento nos preços. O pequeno produtor não pode fazer isso. Ele vive daquilo que produz. Assim que vende seu produto, ele começa a usar o dinheiro que recebeu para despesas imediatas, ele não tem margem de tempo para poder esperar. Por esta razão, ele é forçado a vender à toa, caso contrário, morrerá de fome. É óbvio que isso é uma grande desvantagem para ele.

Nem é preciso dizer que a produção em grande escala goza de uma vantagem adicional, em matéria de crédito. Se um grande empresário precisa urgentemente de dinheiro, ele pode obtê-lo. Os bancos sempre emprestarão dinheiro a uma *empresa sólida* a uma taxa de juros comparativamente baixa. Mas dificilmente alguém dará crédito ao pequeno produtor. Se ele conseguir um empréstimo, os juros exigidos serão exorbitantes. Assim, o pequeno produtor cai facilmente nas mãos do agiota.

Todas essas vantagens ligadas à empresa em grande escala explicam por que a produção em pequena escala deve invariavelmente sucumbir na sociedade capitalista. O grande capital esmaga o pequeno produtor, tira seus clientes e o arruína, para que ele caia nas fileiras do proletariado ou se torne um vagabundo. Em muitos casos, é claro, o pequeno mestre continua agarrado à vida. Ele luta desesperadamente, põe a própria mão na obra no trabalho, obriga seus trabalhadores e sua família a trabalhar com todas as suas forças, mas no final ele é obrigado a ceder seu lugar para o grande capitalista. Em muitos casos, aquele que parece ser um mestre independente é, na verdade, inteiramente dependente do capital em grande escala, trabalha para ele e não pode dar um único passo sem sua permissão. O pequeno produtor está frequentemente nas mãos do agiota. Ostensivamente independente, ele realmente trabalha para essa aranha. Ou ele é dependente do comprador de suas mercadorias. Em outros casos, ele é dependente da loja para a qual trabalha. Em última instância, embora aparentemente independente, ele se tornou realmente um assalariado a serviço do capitalista dono da grande loja. Pode acontecer que o capitalista lhe forneça matérias-primas, e às vezes também ferramentas; na Rússia, muitos dos envolvidos na indústria doméstica estão nessa posição. Nesses casos, é perfeitamente claro que o trabalhador doméstico se tornou um satélite do capital. Outra forma de subordinação ao capital é aquela em que pequenas oficinas de reparos se agrupam em torno de um grande

empreendimento, de modo que são, por assim dizer, meros parafusos na parede do grande edifício. Sua independência é apenas aparente. Às vezes, vemos que pequenos mestres, artesãos independentes, trabalhadores domésticos, comerciantes ou pequenos capitalistas, quando são expulsos de um ramo da manufatura ou do comércio, entram em algum outro ramo no qual grandes o capital de escala é menos poderoso. Em muitos casos, as pessoas que foram arruinadas dessa maneira tornam-se pequenos comerciantes, mascates e similares. Assim, o capital em grande escala tende, passo a passo, a substituir a pequena produção em todos os lugares. Surgem grandes empresas, cada uma empregando milhares ou dezenas de milhares de trabalhadores. O capital em grande escala está se tornando o governante do mundo. O proprietário de trabalho está desaparecendo. Seu lugar está sendo ocupado pelo grande capital.

Como exemplos do declínio da produção em pequena escala na Rússia, consideremos os trabalhadores domésticos. Alguns deles, como peleiros e cesteiros, trabalhavam com sua própria matéria-prima e vendiam a quem quisesse comprar. Com o passar do tempo, o trabalhador doméstico começou a trabalhar para um capitalista em particular; foi o que aconteceu no caso dos fabricantes de chapéus, fabricantes de brinquedos, fabricantes de escovas, etc. de Moscou. Na etapa seguinte, os trabalhadores domésticos adquirem as matérias-primas de seu próprio empregador e, assim, passam a servi-lo (por exemplo, os serralheiros de Pavlovsk e de Bunnakino). Por fim, o trabalhador doméstico é pago por peça produzida, pelo seu empregador (os fabricantes de pregos de Tver, os sapateiros de Kimry, os fabricantes de tapetes de Makarieff, os forjadores de facas de Pavlovo). Os tecelões de tear manual foram igualmente escravizados. Na Inglaterra, o sistema de produção em pequena escala que estava expirando foi apelidado de *sistema de sudorese*, devido às condições abomináveis que prevaleciam. Na Alemanha, durante o período de 1882 a 1895, o número de pequenas empresas diminuiu em 8,6 por cento; o número de médias empresas (que empregam de 6 a 50 trabalhadores) aumentou 64,1 por cento; e o número de grandes empresas aumentou 90 por cento. Desde 1895, um número notável de empresas de médio porte também foi esmagado. Na Rússia, a vitória do sistema fabril sobre a indústria doméstica foi bastante rápida. A indústria têxtil (tecelagem) é um dos ramos mais importantes da manufatura na Rússia. Se considerarmos as mudanças que ocorreram na indústria do algodão, se compararmos o número de operários fabris com o número de trabalhadores domésticos, poderemos avaliar a rapidez com que o sistema fabril está substituindo a indústria doméstica. Aqui estão as figuras:

Ano	Nº de Trabalhadores de Fábricas	Nº de Trabalhadores Domésticos
1866	94.566	66.178
1879	162.691	50.152
1894-5	24-2.051	20.475

No ano de 1866, para cada cem trabalhadores ocupados como tecelões nas fábricas de algodão, havia 70 tecelões trabalhando em casa; nos anos 1894-5, para cada cem operários fabris havia apenas 8 trabalhadores domésticos. Na Rússia, o crescimento da produção em grande escala foi extraordinariamente rápido porque o capital estrangeiro se encarregava de sua organização direta. No ano de 1902, as

grandes empresas já empregavam quase metade (40 por cento) ou todos os trabalhadores industriais russos.

Em 1903, na Rússia europeia, as fábricas que empregavam mais de 100 trabalhadores somavam 17% de todas as fábricas e oficinas; e do número total de trabalhadores ocupados em fábricas e oficinas 76,6% trabalhavam nessas grandes fábricas.

A vitória da produção em grande escala em todo o mundo traz muito sofrimento aos pequenos produtores. Às vezes, ocupações inteiras perecem e distritos inteiros são despovoados (por exemplo, os tecelões da Silésia na Alemanha, os tecelões indianos, etc.).

(b) *A luta entre o capital de pequena e grande escala na agricultura.* A mesma luta entre a produção em pequena e a grande escala que é travada na indústria também acontece na agricultura, sob o capitalismo. O latifundiário, que administra sua propriedade como o capitalista administra sua fábrica; o camponês rico, ganancioso e agiota; o camponês médio; o camponês pobre, que muitas vezes aceita um emprego do latifundiário ou do camponês rico; e o trabalhador agrícola – podemos comparar esta série agrícola com a série industrial do grande capitalista, do pequeno capitalista, do artesão independente, do trabalhador doméstico, do trabalhador assalariado. No campo, na cidade, as posses extensas dão vantagem quando comparadas às pequenas.

Em uma grande fazenda, é relativamente fácil introduzir métodos atualizados. As máquinas agrícolas (arados elétricos ou a vapor, colheitadeiras, cortadores e aglutinantes, furadeiras, debulhadoras a vapor, etc.) estão quase fora do alcance do pequeno agricultor. O artesão independente não pode pensar em instalar maquinário caro em sua pequena oficina; ele não tem dinheiro para pagar por isso, nem poderia ser proveitoso ter esse tipo de maquinaria, mesmo que pudesse comprá-la. Da mesma forma, o camponês não pode comprar um arado a vapor, pois, se tivesse dinheiro, um arado a vapor não lhe serviria. Uma grande máquina desse tipo, para ser utilizada de forma lucrativa, necessita de uma grande área de terra; é inútil em um trecho onde quase não há espaço para um galinheiro.

A utilização eficiente de máquinas e ferramentas depende da área de terra cultivada. Para a plena utilização de um arado de cavalos são necessários 30 hectares de terra; para o conjunto composto por perfuradora, colheitadeira e debulhadora, cerca de 70 hectares; para uma debulhadora a vapor, cerca de 250 hectares; para um arado a vapor, cerca de 1000 hectares. Recentemente, máquinas movidas a energia elétrica têm sido utilizadas na agricultura; para elas, também, a agricultura em grande escala é indispensável.

Via de regra, somente para a agricultura em grande escala é viável a irrigação, a drenagem de pântanos, a drenagem do campo (colocação de canos de barro nos campos para escoamento da água supérflua), a construção de ferrovias leves, etc. Na agricultura, assim como

na indústria manufatureira, em que o trabalho é feito em larga escala, economizamos em ferramentas e máquinas, materiais, força de trabalho, combustível, iluminação, etc.

Na agricultura em grande escala, haverá, por desiatina⁷, menos espaço desperdiçado entre os campos, menos sebes, valas e cercas; menos sementes serão perdidas nessas áreas de resíduos.

Além disso, o proprietário de uma grande fazenda acha que vale a pena contratar agricultores experientes, e ele pode trabalhar sua terra com métodos completamente científicos.

Em matéria de comércio e crédito, o que vale para a indústria também vale para a agricultura. O grande agricultor conhece melhor o mercado, pode esperar oportunidades favoráveis, pode comprar tudo o que precisa mais barato, pode vender a um preço melhor. Apenas uma coisa permanece para o pequeno concorrente: ele luta com todas as suas forças. A agricultura de pequena escala é capaz de continuar a existir apenas através do trabalho extenuante, em conjunto com a restrição das necessidades, com a quase-inanição. Só assim ela pode se manter sob o regime capitalista. Sofre ainda mais severamente devido à pesada tributação. O Estado capitalista impõe um fardo esmagador ao pequeno proprietário. Basta lembrar o que a tributação czarista significava para o camponês - *Venda tudo o que você tem, contanto que pague seus impostos.*

Em geral, pode-se dizer que a produção em pequena escala é muito mais tenaz para a vida na agricultura do que na indústria manufatureira. Nas cidades, os artesãos independentes e outros pequenos produtores estão, em sua maioria, em rápida ruína, mas nos distritos rurais de todos os países a agricultura camponesa ainda leva uma existência razoavelmente robusta. No entanto, também no campo o empobrecimento da maioria prossegue em ritmo acelerado, só que aqui os resultados são menos evidentes do que nas cidades. Às vezes parece, no que diz respeito à quantidade de terra, que uma empresa agrícola é muito pequena, quando na realidade é bastante extensa, porque nela foi investido muito capital e porque emprega um número considerável de trabalhadores. Isto se aplica, por exemplo, às hortas nos arredores das grandes cidades. Às vezes, por outro lado, aqueles que parecem ser pequenos proprietários independentes são, na verdade, em sua maioria, trabalhadores assalariados; às vezes estão empregados em fazendas vizinhas, às vezes se dedicam a ocupações sazonais em outros lugares, e às vezes trabalham nas cidades. O que está acontecendo com os artesãos independentes e com os trabalhadores domésticos, está acontecendo da mesma maneira com os camponeses de todas

7 N. T.: Antiga unidade de medida russa com aproximadamente 1 hectare.

as terras. Alguns deles se tornam *kulaks* (vendedores de bebidas, agiotas, camponeses ricos que gradualmente completam suas posses). Alguns deles conseguem lutar como estão. Os restantes acabam por ser arruinados, vendem a sua vaca e o seu cavalo, tornando-se *homens sem cavalos*; e finalmente, o terreno segue o caminho do resto, o homem vai se estabelecer na cidade ou ganhar a vida como trabalhador agrícola. O homem sem cavalos torna-se um trabalhador assalariado, enquanto o kulak, o camponês rico que contrata trabalhadores, torna-se um latifundiário ou um capitalista.

Assim, na agricultura, uma vasta quantidade de terras, ferramentas, máquinas, gado, cavalos, etc., passa para as mãos de um pequeno grupo de latifundiários capitalistas, para os quais trabalham milhões de trabalhadores e dos quais dependem milhões de camponeses.

Nos Estados Unidos, onde o sistema capitalista se desenvolveu mais plenamente do que em qualquer outro lugar, existem grandes propriedades que são trabalhadas como fábricas. E assim, como nas fábricas, em que apenas um produto é produzido, também acontece nessas fazendas. Pode haver campos imensos onde só se cultivam morangos, ou pomares gigantescos; enormes fazendas de aves; colossais campos de trigo, todos trabalhados por máquinas. Muitos ramos da produção agrícola estão concentrados em poucas mãos. Assim, por exemplo, surge um *rei das galinhas* (um capitalista em cujas mãos se concentra, mais ou menos completamente, a criação de galinhas), um *rei dos ovos*, e assim por diante.

§ 15. A posição dependente do proletariado, o exército de reserva do trabalho, trabalho feminino e trabalho infantil

Sob o capitalismo, as massas da população são cada vez mais transformadas em trabalhadores assalariados. Artesãos, trabalhadores domésticos, camponeses, comerciantes, pequenos capitalistas, todos arruinados. Em resumo, todos os que foram lançados ao mar, que foram derrubados pelo grande capital, caem nas fileiras do proletariado. Quanto mais essa riqueza se concentra e passa para as mãos de um pequeno grupo de capitalistas, mais as massas populares tornam-se escravas assalariadas desses capitalistas.

Devido à contínua decadência das camadas e classes médias, o número de trabalhadores sempre excede as necessidades do capital. Por esta razão, os trabalhadores estão de mãos e pés atados pelo capitalismo. O trabalhador deve trabalhar para o capitalista. Se ele se recusar, o empregador pode encontrar uma centena de outros para substituí-lo.

Mas essa dependência do capital tem outra causa além da ruína de novos e sempre novos estratos da população. O domínio do capital sobre os trabalhadores é ainda mais fortalecido pela maneira como o capitalista está continuamente transformando trabalhadores supérfluos nas

ruas e fazendo deles uma reserva de força de trabalho. Como isso acontece? Do seguinte modo. Já vimos que todo proprietário de fábrica se esforça para reduzir o custo de produção. É por isso que ele está continuamente instalando novas máquinas. Mas a máquina comumente substitui o trabalho e torna supérflua parte dos trabalhadores. A introdução de novas máquinas significa que alguns dos trabalhadores serão dispensados. Entre os até então empregados na fábrica, um certo número será demitido. Como, no entanto, novas máquinas estão sendo introduzidas perpetuamente em um ramo de produção ou outro, é claro que o desemprego deve sempre existir sob o capitalismo. Isto porque o capitalista não está preocupado em fornecer trabalho para todos, ou fornecer bens a todos: seu objetivo é garantir lucros crescentes. Obviamente, portanto, ele demitirá quaisquer trabalhadores que não possam produzir, para ele, tanto lucro quanto antes.

Na verdade, vemos, em todos os países capitalistas, um grande número de trabalhadores desempregados, em todas as grandes cidades. Entre as fileiras desses desempregados encontramos trabalhadores chineses e japoneses, camponeses arruinados que vieram dos confins da terra em busca de trabalho; encontramos rapazes recém-chegados do campo, ex-lojistas e ex-artesãos. Também encontramos metalúrgicos, impressores, operários têxteis e outros homens semelhantes que trabalharam em fábricas durante anos e foram demitidos devido à introdução de novas máquinas. Todos eles se combinam para formar uma reserva de força de trabalho para o capital, para formar o que Marx denominou o *exército de reserva do trabalho*. Devido à existência desse exército de reserva de trabalho, devido ao desemprego perene, a dependência e a sujeição da classe trabalhadora aumentam continuamente. Com a ajuda de novas máquinas, o capital consegue extrair mais ouro de alguns dos trabalhadores, enquanto os outros, os trabalhadores supérfluos, são jogados na rua. Mas aqueles que foram jogados na rua constituem um flagelo nas mãos do capitalista, um chicote que ele usa para manter em ordem os que permanecem no emprego.

O exército industrial de reserva dá exemplos de completa brutalização, miséria, fome, morte e até crime. Aqueles que estão desempregados há anos, gradualmente começam a beber, tornam-se vagabundos, mendigos, etc. No que diz respeito a Moscou, o mercado Hitrof fornece um exemplo semelhante. Aqui, não encontramos mais o proletariado, mas uma nova camada, composta por aqueles que esqueceram como trabalhar. Esse produto da sociedade capitalista é conhecido como *lumpenproletariat* (proletariado vadio⁸).

8 N.T.: Gíria da época vitoriana para designar o declínio social e racial durante as décadas de 1880 e 1890. Era sustentada por teorias de degeneração, darwinismo social e eugenia.

A introdução de máquinas também levou ao emprego de mão de obra feminina e infantil, que são mais baratas e, portanto, mais lucrativas para o capitalista. Antigamente, antes da introdução da maquinaria, era necessária habilidade especial para o trabalho de produção, e às vezes era indispensável um longo período de aprendizado. Agora algumas máquinas podem ser operadas por crianças: tudo o que é necessário é mover o braço ou a perna até que a fadiga se torne avassaladora. É por isso que, após a invenção das máquinas, o trabalho de mulheres e crianças passou a ser mais amplamente utilizado. Mulheres e crianças oferecem menos resistência do que trabalhadores masculinos à opressão capitalista. Elas são mais submissas, mais facilmente intimidadas; estão mais dispostos a acreditar no padre e a aceitar tudo o que lhes é dito por pessoas em posição de autoridade. Assim, o dono da fábrica muitas vezes substituiu os trabalhadores do sexo masculino por mulheres e obriga as crianças a transmutar seu sangue para ele nas moedas de ouro do lucro.

No ano de 1918, o número de mulheres trabalhadoras de todos os tipos (ou seja, não apenas trabalhadoras manuais) era o seguinte: França, 6.800.000; Alemanha, 9.400.000; Áustria-Hungria, 8.200.000; Itália, 5.700.000; Bélgica, 930.000; EUA, 8.000.000; Inglaterra e País de Gales, 6.000.000. Na Rússia, o número de mulheres trabalhadoras aumentou continuamente. Em 1900, as mulheres trabalhadoras eram 25% de todos os trabalhadores da fábrica; em 1908, eram 31%; em 1912, 45 por cento. Em alguns ramos de produção, as mulheres superavam os homens em número. Por exemplo, na indústria têxtil, de 870.000 trabalhadores no ano de 1912, 458.000 eram mulheres - mais da metade, mais de 52%. Durante a guerra, o número de mulheres trabalhadoras aumentou enormemente.

No que diz respeito ao trabalho infantil, ele floresce em muitos lugares, apesar das proibições. Em países de desenvolvimento capitalista avançado como, por exemplo, nos EUA, o trabalho infantil é enfrentado a todo momento.

Isso leva à dissolução da família da classe trabalhadora. Se as mães, e muitas vezes também as crianças, vão à fábrica, o que acontece com a vida familiar?

Quando uma mulher entra na fábrica, quando se torna trabalhadora assalariada, de vez em quando está exposta, como um homem, a todas as dificuldades do desemprego. Da mesma forma, o capitalista lhe mostra a porta; da mesma forma, ela se junta às fileiras do exército industrial de reserva; assim como um homem, ela está sujeita a sofrer degradação moral. Associado a isso temos a prostituição, quando uma mulher se vende para o primeiro a chegar na rua. Nada para comer, nenhum trabalho, mesmo procurado em todos os lugares; e mesmo que ela tenha trabalho, os salários são tão baixos que ela pode ser obrigada a complementar seus ganhos com a venda de seu corpo. Depois de um tempo, o novo comércio torna-se habitual. Assim surge a casta das prostitutas profissionais.

Nas grandes cidades, as prostitutas são encontradas em grande número. Em cidades como Hamburgo e Londres, essas infelizes são contadas às dezenas de milhares. O capital as utiliza como fonte de lucro e enriquecimento, organizando vastos bordéis em linhas capitalistas. Existe um extenso comércio internacional de escravos brancos. As cidades da Argentina costumavam ser os centros desse tráfego. Especialmente repulsiva é a prostituição infantil, que floresce em todas as cidades europeias e americanas.

Na sociedade capitalista, na medida em que máquinas cada vez melhores são inventadas, na medida em que fábricas cada vez maiores são construídas, e na medida em que a quantidade de mercadorias aumenta, há um aumento concomitante da opressão capitalista, o exército industrial de reserva torna-se mais degradado e empobrecido, e a classe se torna mais dependente de seus exploradores.

Se não existisse a propriedade privada, se tudo fosse propriedade cooperativa, prevaleceria um estado de coisas muito diferente. Então as pessoas encurtariam a jornada de trabalho, poupariam suas forças, economizariam labuta, desfrutariam de amplo lazer. Quando o capitalista introduz a maquinaria, sua preocupação é o lucro: ele não pensa em reduzir a jornada de trabalho, pois só perderia com isso. O capitalista não usa máquinas para emancipar as pessoas, mas para escravizá-las. Na medida em que o capitalismo se desenvolve, uma proporção cada vez maior de capital é dedicada a máquinas, edifícios enormes, fornalhas enormes, e assim por diante. Por outro lado, a proporção do capital despendido nos salários do trabalho torna-se cada vez menor. Antigamente, quando ainda prevalecia o trabalho manual, os gastos com teares e outras artes eram insignificantes, e quase todas as despesas de capital eram sobre os salários do trabalho. Agora, inversamente, a maior parte é dedicada a prédios e maquinário. O resultado é que a demanda por mão de obra não acompanha o aumento do número de proletários, não é suficiente para absorver o influxo daqueles que são arruinados pelo capitalismo. Quanto mais vigoroso o avanço da técnica sob o capitalismo, mais cruelmente o capital oprime a classe trabalhadora, pois fica cada vez mais difícil encontrar trabalho, cada vez mais difícil viver.

§ 16. A anarquia da produção, concorrência, crises

As misérias da classe trabalhadora aumentam continuamente com o progresso da técnica de fabricação. No capitalismo, esse progresso, ao invés de trazer vantagens para todos, traz aumento de lucro para o capital, trazendo desemprego e ruína para muitos trabalhadores. Há, no entanto, causas adicionais para o aumento da miséria.

Já vimos que a sociedade capitalista é muito mal construída. A propriedade privada domina e não há nenhum plano definido. Cada proprietário de fábrica conduz seus negócios independentemente dos outros. Ele luta com seus rivais por compradores, *compete* com eles.

A pergunta que surge, agora, é se essa luta se enfraquece ou se intensifica na medida em que o capitalismo se desenvolve.

À primeira vista, pode parecer que a luta está enfraquecida. De fato, o número de capitalistas diminui continuamente: os peixes grandes comem os pequenos alevinos. Enquanto antigamente dez mil empresários lutavam entre si e a competição era acirrada, e agora há menos concorrentes, pode-se imaginar que a rivalidade seria menos aguda, mas não é assim, na realidade. O caso é exatamente o oposto. É verdade que há menos concorrentes, mas cada um deles se tornou enormemente mais forte do que os rivais de um estágio anterior. A luta entre eles é maior, não menor; é mais violenta, e não mais gentil. Se em todo o mundo devesse governar apenas alguns capitalistas, então esses governos capitalistas lutariam entre si. Isto é o que finalmente está acontecendo. Atualmente, a luta continua entre imensas combinações de capitalistas, entre seus respectivos Estados. Além disso, eles lutam entre si não apenas por meio de preços competitivos, mas por meio da força armada também. Assim, é somente em relação ao número de competidores que se pode dizer que a competição diminui, na medida em que o capitalismo se desenvolve; em outros aspectos, torna-se cada vez mais feroz e destrutivo⁹.

Mais um fenômeno deve ser considerado agora, a ocorrência do que se chama de *crises*. Quais são essas crises? Qual é a sua verdadeira natureza? A questão pode ser enunciada da seguinte forma. Um belo dia, parece que várias mercadorias foram produzidas em quantidades excessivas. Os preços caem, mas o estoque de mercadorias não pode ser compensado. Os armazéns estão cheios de todo o tipo de produtos para os quais não há venda, e está faltando compradores. Não é necessário dizer que há muitos trabalhadores famintos, mas eles não recebem mais do que uma ninharia e não podem comprar nada além de suas compras habituais. Então a calamidade acontece. Em algum ramo específico da indústria, as pequenas e médias empresas entram em colapso primeiro e são fechadas; em seguida vem o fracasso das grandes empresas. Mas o ramo de produção afetado comprou mercadorias de outro ramo de produção, e este último comprou de um terceiro. Por exemplo, os alfaiates compram tecidos dos fabricantes de tecidos, que compram lã das fiandeiras, e assim por diante. Os alfaiates sofrem e, em consequência, não há clientes para os fabricantes de tecidos. Agora, os fabricantes de

⁹ Para mais detalhes, veja o capítulo sobre a guerra imperialista.

tecidos falham, e seu fracasso tem consequências sobre firmas que lhes fornecem fios de lã. Fábricas e oficinas por toda parte fecham suas portas, dezenas de milhares de trabalhadores são jogados nas ruas, o desemprego cresce em proporções sem precedentes, a vida dos trabalhadores se torna ainda pior. No entanto, há uma abundância de mercadorias. Os armazéns estão cheios delas. Isso acontecia continuamente antes da guerra. A indústria floresce, os negócios dos fabricantes trabalham sob alta pressão. De repente há um colapso, seguido de miséria e desemprego, e os negócios estão paralisados. Depois de um tempo, a recuperação começa; vem um período renovado de atividade excessiva, a ser seguido por um novo colapso. O ciclo é repetido continuamente.

Como explicar esse absurdo estado de coisas, em que as pessoas se tornam indigentes em meio à riqueza?

Esta pergunta não é fácil de responder, mas devemos respondê-la.

Já aprendemos que uma desordem na sociedade capitalista prevalece, ou seja, uma anarquia de produção. Todo dono de fábrica, todo empresário, produz para si mesmo, por sua própria responsabilidade e risco. O resultado natural, nessas circunstâncias, é que mais cedo ou mais tarde, muitas mercadorias são produzidas, havendo superprodução. Quando havia produção de bens, mas não de mercadorias, ou seja, quando a produção não era feita para o mercado, não havia perigo de superprodução. É bem diferente no caso da produção de mercadorias. Cada fabricante, a fim de poder comprar o que necessita para continuar a produção, deve, antes de tudo, vender seus próprios produtos. Se em algum lugar em particular há uma parada de máquinas por causa da anarquia da produção, o problema rapidamente se espalha de um ramo de produção para outro, de modo que uma crise universal se segue.

Essas crises têm uma influência devastadora. Grandes quantidades de mercadorias perecem. Os resquícios da produção em pequena escala são varridos como por uma vassoura de ferro. Mesmo as grandes empresas, muitas vezes, falham.

A maior parte do fardo dessas crises é, obviamente, suportado pela classe trabalhadora.

Algumas fábricas fecham completamente; outras reduzem a produção, trabalhando apenas meio expediente; outras estão temporariamente fechadas. O número de desempregados aumenta. O exército industrial de reserva cresce. Simultaneamente, aumenta a pobreza e a opressão da classe trabalhadora. Durante essas crises, a condição da classe trabalhadora, que já é ruim na melhor das hipóteses, piora ainda mais.

Vamos considerar, por exemplo, os dados da crise de 1907-1910, afetando tanto a Europa como a América; na verdade, todo o mundo capitalista. Nos Estados Unidos, o número de sindicalistas desempregados aumentou da seguinte forma:

junho de 1907, 8,1%; outubro, 18,5%; novembro, 22%; dezembro, 32,7% (nos ofícios de construção, 42%; no comércio de costura, 43,6%; entre os trabalhadores do tabaco, 55%). Não é necessário dizer que o número total de desempregados, levando em conta também os trabalhadores desorganizados, era ainda maior. Na Inglaterra, a porcentagem de desempregados no verão de 1907 era de 3,4 a 4%; em novembro, subiu para 5%; em dezembro, para 6,1%; em junho de 1908 atingiu 8,2%. Na Alemanha, em janeiro de 1908, a porcentagem de desempregados era duas vezes maior do que no mesmo mês do ano anterior. Condições semelhantes eram observáveis em outros países.

No que se refere à queda na produção, pode-se mencionar que, nos Estados Unidos, a produção de ferro fundido, que era de 26 milhões de toneladas em 1907, era de apenas 16 milhões de toneladas em 1908.

Em tempos de crise, o preço das mercadorias cai. Os magnatas capitalistas, ávidos por continuar a lucrar, não hesitam em prejudicar a qualidade da produção. Os cafeicultores do Brasil despejavam inúmeras sacas de café no mar para manter os preços. Atualmente, o mundo inteiro sofre com a fome e com a não produção de bens, fruto da guerra capitalista, porque essas coisas são filhas do capitalismo, que decretou uma guerra desastrosa. Em tempos de paz, o capitalismo foi esmagado por uma superabundância de produtos, o que, no entanto, não beneficiou os trabalhadores. Seus bolsos estavam vazios. A superabundância não trouxe nada para os trabalhadores, exceto desemprego, com todos os seus males concomitantes.

§ 17. O Desenvolvimento do capitalismo e da classe, a intensificação da luta de classes

Vimos que a sociedade capitalista é afetada por duas contradições fundamentais, dois males fundamentais. Em primeiro lugar, ele é *anarquista*, falta organização. Em segundo lugar é que ele é, de fato, composto por duas sociedades (classes) mutuamente hostis. Vimos também que, na medida em que o capitalismo se desenvolve, a anarquia da produção encontra expressão na competição: leva a conflitos, desordem e ruína sempre crescentes. A desintegração da sociedade, longe de diminuir, na verdade está aumentando. Ora, tudo isso surge da divisão da sociedade em duas porções, em classes. Na medida em que o capitalismo se desenvolve, essa separação, essa clivagem entre as classes, também continua a aumentar. De um lado, o dos capitalistas, acumulam-se todas as riquezas do mundo; do outro lado, o das classes oprimidas, o acúmulo é de miséria, amargura e lágrimas. O exército industrial de reserva dá origem a um estrato de indivíduos degradados e brutalizados, esmagados até a terra pela pobreza extrema. Mas mesmo aqueles que permanecem no trabalho distinguem-se nitidamente dos capitalistas por seu modo de vida. A diferenciação entre proletariado e burguesia aumenta continuamente. Antigamente havia um grande número de capitalistas menores, muitos dos quais tinham relações estreitas com os trabalhadores e viviam pouco melhor do que estes últimos. As coisas são muito diferentes hoje. Os senhores do capital vivem de uma maneira que ninguém sonhou em dias anteriores. É verdade que o padrão de vida dos trabalhadores melhorou no curso do desenvolvimento capitalista. Até o início do século XX, ocorreu um aumento geral dos salários.

Mas durante esse mesmo período, os lucros capitalistas aumentaram ainda mais rapidamente. Hoje existe um grande abismo entre as massas trabalhadoras e a classe capitalista. O capitalista, agora, leva um tipo de vida inteiramente diferente: ele mesmo não produz nada. Quanto mais o capitalismo se desenvolve, mais exaltada se torna a posição do pequeno grupo de capitalistas extremamente ricos, e tanto mais aumenta o abismo entre esses reis sem coroa e os milhões e milhões de proletários escravizados.

Dissemos que os salários dos trabalhadores aumentaram em geral, mas que o lucro aumentou ainda mais rapidamente, e que por isso o abismo entre as duas classes se alargou. Desde o início do século XX, porém, os salários não aumentaram, mas sim caíram; enquanto isso, durante o mesmo período, os lucros aumentaram como nunca antes. Assim, nos últimos anos, houve um aumento excepcionalmente rápido da desigualdade social.

É perfeitamente claro que essa desigualdade social, em seu crescimento contínuo, deve levar, mais cedo ou mais tarde, a um choque entre os trabalhadores e os capitalistas. Se o contraste entre as duas classes estivesse diminuindo, se as condições de vida dos trabalhadores estivessem se aproximando das condições de vida dos capitalistas, então, é claro, poderíamos procurar um regime de *paz na terra e boa vontade entre os homens*. O que realmente ocorre, porém, é que na sociedade capitalista, o trabalhador está dia a dia mais distante do capitalista, em vez de se aproximar dele. O resultado inevitável disso é uma contínua acentuação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia.

Os teóricos burgueses apresentam muitas objeções a tal visão. Eles gostariam de mostrar que, na sociedade capitalista, a condição da classe dos trabalhadores passa por melhoria contínua. Os socialistas de direita cantam a mesma melodia. Escritores de ambas as escolas afirmam que os trabalhadores ficam gradualmente mais ricos e podem esperar tornar-se pequenos capitalistas. Tais expectativas foram falsificadas. De fato, a condição dos trabalhadores em comparação com a dos capitalistas piorou persistentemente. Aqui está um exemplo tirado dos Estados Unidos, a terra do desenvolvimento capitalista mais avançado. Se considerarmos o poder de compra do trabalho (isto é, a quantidade de bens de primeira necessidade que os trabalhadores podem comprar), tomando os anos de 1890-1899 como padrão em 100, o poder de compra em vários anos foi como segue: 1890, 98,6; 1895, 100,6; 1900, 108,0; 1905, 101,4; 1907, 101,5. Isso significa que o padrão de vida dos trabalhadores praticamente não sofreu nenhuma melhoria. As quantidades de alimentos, roupas e outros itens, compradas pelo trabalhador médio em 1890, não aumentaram mais de 8% nos anos seguintes: este foi o maior aumento no poder de compra de seus salários. Contudo, durante o mesmo período, os milionários americanos, os magnatas industriais estavam obtendo enormes lucros, e a quantidade de mais-valia que recebiam aumentava de forma incomensurável. No que diz respeito ao padrão de vida capitalista, luxos capitalistas e rendas capitalistas, é óbvio que foram aumentados muitas vezes.

A luta de classes surge do conflito de interesses entre a burguesia e o proletariado. Esses interesses são tão essencialmente inconciliáveis quanto os respectivos interesses dos lobos e das ovelhas.

É claro que o capitalista achará vantajoso fazer os trabalhadores trabalhem o máximo possível e pagar-lhes o mínimo possível; por outro lado, os trabalhadores acharão vantajoso trabalhar as horas mínimas com os salários máximos. Obviamente, portanto, desde a época em que a classe trabalhadora começou a existir, deve ter havido uma luta por salários mais altos e menos horas.

Esta luta nunca foi interrompida e nunca foi acalmada. Não se restringiu, porém, a uma luta por um insignificante avanço salarial. Onde quer que o sistema capitalista tenha se desenvolvido, as massas trabalhadoras estão convencidas de que devem acabar com o *capitalismo*. Os trabalhadores começaram a considerar como este sistema detestável poderia ser substituído por um sistema justo e camarada, baseado no trabalho. Tal foi a origem do movimento comunista da classe trabalhadora.

Em sua luta, os trabalhadores experimentaram inúmeras derrotas, mas o sistema capitalista traz, em seu ventre, a vitória final do proletariado. Por quê? Porque o desenvolvimento do capitalismo implica a proletarização das grandes massas do povo. A vitória do grande capital provoca a ruína dos artesãos independentes, dos pequenos comerciantes e dos camponeses; engrossa as fileiras dos trabalhadores assalariados. A cada passo do desenvolvimento capitalista, o proletariado se torna mais numeroso. É como a Hidra, o monstro de muitas cabeças da fábula: se você cortar uma de suas cabeças, dez novas crescerão. Quando a burguesia suprimiu um levante da classe trabalhadora, fortaleceu, assim, o sistema capitalista. Mas o desenvolvimento desse sistema capitalista arruinou os pequenos proprietários e camponeses aos milhões, jogando-os sob os pés dos capitalistas. Por esse mesmo processo, aumentou o número de proletários, os inimigos da classe capitalista. Mas o aumento da força da classe trabalhadora não foi meramente numérico. Além disso, a classe trabalhadora tornou-se mais fortemente integrada. Por que isso aconteceu? Porque, na medida em que o capitalismo se desenvolveu, houve um aumento no número de grandes fábricas. Cada grande fábrica reúne dentro de seus muros mil trabalhadores, às vezes até dez mil. Esses trabalhadores trabalham ombro a ombro. Eles reconhecem como seu empregador capitalista os está explorando. Eles percebem que, para cada trabalhador, seus companheiros de trabalho são amigos e camaradas. No decorrer de seu trabalho, os proletários, unidos na fábrica aprendem a unir forças. Eles mais prontamente chegam a um acordo um com o outro. É por isso que, na medida em que o

capitalismo se desenvolve, não há apenas um aumento no número de trabalhadores, mas um aumento na **solidariedade da classe trabalhadora**.

Quanto mais rapidamente grandes fábricas se expandem, mais rapidamente se desenvolve o capitalismo e mais rápida é a ruína de artesãos independentes, trabalhadores domésticos e camponeses. Quanto mais rápido, da mesma forma, é o crescimento de cidades gigantescas com milhões de habitantes. Finalmente, nas grandes cidades, em uma área relativamente restrita reúne-se uma imensa massa de pessoas, e a maioria delas pertence ao proletariado fabril. Essas massas estão alojadas em bairros sujos e enfumaçados da cidade, enquanto o pequeno grupo da classe dominante, os donos de todas as coisas, vive em mansões luxuosas. O número daqueles que constituem este pequeno grupo está diminuindo continuamente. Os trabalhadores aumentam incessantemente em número e sua solidariedade cresce cada vez mais.

Sob tais condições, o inevitável aumento da intensidade da luta não pode deixar de levar à vitória da classe trabalhadora a longo prazo. Mais cedo ou mais tarde, apesar de todas as artimanhas da burguesia, os trabalhadores entrarão em choque violento com a classe dominante, a destronarão, destruirão seu governo ladrão e criarão para si uma nova ordem, uma ordem comunista baseada no trabalho. Desta forma, o capitalismo, por seu próprio desenvolvimento, conduz inevitavelmente à revolução comunista do proletariado.

A luta de classes do proletariado contra a burguesia assumiu várias formas. Três tipos principais de organização da classe trabalhadora surgiram no curso desta luta. Em primeiro lugar existem os sindicatos, agrupando os trabalhadores de acordo com a ocupação. Em seguida vêm as cooperativas, que se preocupam principalmente com a distribuição, pois seu objetivo é libertar os trabalhadores das garras dos intermediários e comerciantes. Por último, temos os partidos políticos da classe trabalhadora (socialista, social-democrata e comunista), cujo programa é orientar a classe trabalhadora em sua luta pelo poder político. Quanto mais feroz se tornava a luta entre as duas classes, mais essencial era que todas as seções do movimento operário se concentrassem em um único objetivo – a derrubada do Estado burguês. Os líderes do movimento operário, que perceberam perfeitamente a situação, sempre insistiram na necessidade de uma estreita colaboração entre todas as organizações operárias. Apontaram, por exemplo, a necessidade essencial de unidade de ação entre os sindicatos e os partidos políticos do proletariado, e declararam que os sindicatos não podiam permanecer *neutros* (isto é, indiferentes em questões políticas). Os sindicatos, disseram eles, devem marchar lado a lado com os partidos políticos da classe trabalhadora.

Muito recentemente, o movimento operário assumiu formas ainda mais novas. A mais importante delas é a constituição de conselhos, de operários dekgas (soviéticos). Teremos de falar sobre eles repetidas vezes no decorrer deste livro.

Assim, de nosso estudo sobre o desenvolvimento do sistema capitalista, podemos deduzir com segurança as seguintes conclusões: **o número de capitalistas cresce menos, mas**

estes poucos capitalistas ficam mais ricos e mais fortes; o número de trabalhadores aumenta continuamente, e a solidariedade trabalhadora também aumenta, mas não na mesma medida; o contraste entre os trabalhadores e os capitalistas cresce cada vez mais. Inevitavelmente, portanto, o desenvolvimento do capitalismo leva a um conflito entre as duas classes, ou seja, atinge a revolução comunista.

§18. A Concentração e Centralização do Capital como atores de causa do comunismo

O capitalismo, como vimos, cava sua própria cova, pois cria seus próprios coveiros, os proletários. Quanto mais se desenvolve, mais multiplica aqueles que são seus inimigos mortais, e mais os une contra si mesmo. Mas não apenas cria seus inimigos: também prepara o terreno para uma nova organização da produção social, para uma nova ordem econômica que será camarada e comunista. Como ele faz isso? A resposta está a seguir.

Vimos anteriormente (ver ou reler o §11 de *O Capital*) que o capital está aumentando continuamente em quantidade. O capitalista acrescenta, ao seu capital, parte da mais-valia que extrai da classe trabalhadora. Por esses meios, o capital cresce. Mas se o capital aumenta em quantidade, isso implica que a produção deve se estender. O aumento do capital, o crescimento da quantidade detida por um par de mãos, é chamado de *acumúculo ou concentração de capital*.

Da mesma forma, vimos (ver § 14. De *A luta entre a produção em grande e em pequena escala*) que o desenvolvimento do capitalismo envolve a decadência da produção em pequena e média escala; que os pequenos e médios produtores e comerciantes estão arruinados, para não falar dos artesãos independentes: vimos que o grande capitalista engole tudo. O capital, que antes era propriedade dos pequenos e médios capitalistas, escapa-lhes e, por várias vias, chega às goelas dos grandes tubarões. O capital possuído pelos grandes capitalistas é, portanto, aumentado pela quantia que eles arrebataram dos capitalistas menores. Há, agora, um acúmulo de capital nas mãos de um indivíduo, um acúmulo do que antes era distribuído entre várias mãos. Agora, depois da ruína dos capitalistas menores, seu capital tornou-se o despojo dos vencedores. Esse acúmulo de capital, antes disperso, é chamado de **centralização do capital**.

A concentração e a centralização do capital, o acúmulo do **capital** em poucas mãos, ainda não implicam a concentração e a centralização da **produção**. Suponhamos que um capitalista tenha usado o acúmulo de mais-valia para comprar uma pequena fábrica de um vizinho e que mantenha essa fábrica funcionando nos moldes antigos. Aqui ocorreu o acúmulo, mas não há mudança na produção. Normalmente, porém, as coisas tomam um rumo diferente.

De fato, acontece muito mais frequentemente que o capitalista (porque lhe é lucrativo) remodela e amplia a produção, que amplia suas fábricas. Isso resulta não apenas na expansão do capital, mas na própria expansão da produção. A produção é conduzida em uma escala enorme, utilizando grandes quantidades de máquinas e reunindo muitos milhares de trabalhadores. Pode acontecer que cerca de uma dúzia de grandes fábricas atendam à demanda de um país inteiro por uma determinada mercadoria. Essencialmente, o que acontece é que os trabalhadores estão produzindo para toda a sociedade, que o trabalho, como se diz, foi **socializado**. Mas o controle e o lucro ainda estão nas mãos do capitalista.

Tal centralização e concentração da produção realmente abre caminho para a produção cooperativa após a revolução proletária.

Se essa concentração da produção não tivesse ocorrido, se o proletariado tomasse o poder em uma época em que o trabalho de produção fosse realizado em cem mil pequenas oficinas, cada uma com não mais de dois ou três trabalhadores, seria impossível organizar essas oficinas de forma satisfatória para inaugurar a produção social. Quanto mais o capitalismo se desenvolver e quanto mais centralizada se tornar a produção, mais fácil será para o proletariado administrar a produção após a vitória.

Assim o capitalismo não cria meramente seus próprios inimigos e não conduz apenas à revolução comunista, mas traz a base econômica para a realização da ordem social comunista.

Literatura sugerida

Além dos livros mencionados no final do capítulo I, recomenda-se:

BOGDANOFF; STEPANOFF, Curso de Economia Política, vol. II, part 2: A Era do Capital Industrial;

MARX; ENGELS, O Manifesto do Partido Comunista;

LONDON, Sob o jugo do imperialismo.

Sobre o problema agrário, consulte as seguintes obras:

KAUTSKY, O problema agrário;

LENIN, O problema agrário e os críticos de Marx;

KAUTSKY, Socialismo e Agricultura (uma resposta a David);

LENIN, Novos dados sobre o desenvolvimento do capitalismo na agricultura nos EUA;

LENIN, O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia.

KRZHIVITSKY, A Questão Agrária;

PARVUS, O mercado mundial e a crise agrária.

Capítulo III: O comunismo e a ditadura do proletariado

§ 19. Características do sistema comunista, a produção sob o sistema comunitário

§ 20. A distribuição no sistema comunista

§ 21. Administração no sistema comunista

§ 22. O Desenvolvimento de forças produtivas no sistema comunista (as vantagens do comunismo)

§23. A ditadura do proletariado

§24. A conquista do poder político

§25. O Partido Comunista e as classes da sociedade capitalista

§ 19. Características do sistema comunista, a produção sob o sistema comunitário

Vimos por que a destruição do sistema capitalista era inevitável. Agora está perecendo sob nossos olhos. Está perecendo porque é afetado por duas contradições fundamentais: por um lado, a anarquia da produção, levando à concorrência, crises e guerras; por outro lado, o caráter de classe da sociedade, devido ao qual uma parte da sociedade inevitavelmente se encontra em inimizade mortal com a outra parte (guerra de classes). A sociedade capitalista é como uma máquina mal construída, na qual uma parte está continuamente interferindo nos movimentos da outra (ver § 13. *Contradições Fundamentais do Sistema Capitalista*). É por isso que era inevitável que essa máquina quebrasse, mais cedo ou mais tarde.

É evidente que a nova sociedade deve ser muito mais solidamente construída do que o capitalismo. Assim que as contradições fundamentais do capitalismo destruíram o sistema capitalista, sobre as ruínas desse sistema deve surgir uma nova sociedade, que estará livre das contradições da antiga. Em outras palavras, o método de produção comunista deve apresentar as seguintes características: em primeiro lugar, deve ser uma sociedade organizada; deve estar livre da anarquia da produção, da competição entre empresários individuais, das guerras e crises. Em segundo lugar, deve ser uma sociedade sem classes, não uma sociedade na qual as duas metades estão em eterna inimizade uma com a outra; não deve ser uma sociedade na qual uma classe explora a outra. Então, uma sociedade em que não há classes e em que a produção é organizada só pode ser *uma sociedade de camaradas, uma sociedade comunista baseada no trabalho*.

Vamos examinar esta sociedade mais de perto.

A base da sociedade comunista deve ser a propriedade social dos meios de produção e troca. Máquinas, locomotivas, navios a vapor, prédios de fábricas, armazéns, elevadores de grãos, minas, telégrafos e telefones, a terra, ovelhas, cavalos e gado, tudo devem estar à disposição da sociedade. Todos esses meios de produção devem estar sob o controle da sociedade como um todo, e não como está atualmente, sob o controle de capitalistas individuais ou combinações capitalistas. O que queremos dizer com *a sociedade como um todo*? Queremos dizer que a propriedade e o controle não são privilégio de uma classe, mas de todas as pessoas que compõem a sociedade. Nessas circunstâncias, a sociedade se transformará em uma imensa organização de trabalho para a produção cooperativa. Não haverá, então, nem desintegração da produção e nem anarquia da produção. Em tal ordem social, a produção será organizada. Uma empresa não competirá mais com outra; as fábricas, oficinas, minas e outras instituições produtivas serão todas subdivisões, por assim dizer, de uma vasta oficina popular, que abrangerá toda a economia nacional de produção. É óbvio que uma organização tão abrangente pressupõe um plano geral de produção. Se todas as fábricas e oficinas juntamente com toda a produção agrícola são combinadas para formar uma imensa empresa cooperativa, é óbvio que tudo deve ser calculado com precisão. Devemos saber de antemão quanto trabalho atribuir aos vários ramos da indústria, quais produtos são necessários e quanto de cada é necessário produzir, como e onde as máquinas devem ser fornecidas. Esses e outros detalhes semelhantes devem ser pensados de antemão, com precisão aproximada, pelo menos; e o trabalho deve ser orientado de acordo com nossos cálculos. É assim que se fará a organização da produção comunista. Sem um plano geral, sem um sistema diretivo geral, sem um cálculo cuidadoso e sem contabilidade, não pode haver organização. Mas na ordem social comunista, esse plano existe.

A mera organização, no entanto, não é suficiente. A essência da questão reside nisto, que a organização deve ser uma organização cooperativa de todos os membros da sociedade. O sistema comunista, além de afetar a organização, ainda se distingue pelo fato de *acabar com a exploração*, de *abolir a divisão da sociedade em classes*. Poderíamos conceber a organização da produção como efetuada da seguinte maneira: um pequeno grupo de capitalistas, uma combinação capitalista, controla tudo; a produção foi organizada de modo que o capitalista não compete mais com capitalista; conjuntamente extraem mais-valia dos trabalhadores, que foram praticamente reduzidos à escravidão. Aqui há organização, mas também existe a exploração de uma classe por outra. Aqui há uma propriedade conjunta dos meios de produção, mas é uma

propriedade conjunta de uma classe, uma classe exploradora. Isso é algo muito diferente do comunismo, embora se caracterize pela organização da produção. Tal organização da sociedade teria removido apenas uma das contradições fundamentais, a anarquia da produção. Mas teria fortalecido a outra contradição fundamental do capitalismo, a divisão da sociedade em duas metades antagônicas: a guerra de classes seria intensificada. Tal sociedade seria organizada em apenas uma linha; em outra linha, a da estrutura de classes, ainda seria dilacerada. A sociedade comunista não apenas organiza a produção; além disso, liberta as pessoas da opressão dos outros. Está completamente organizada, em todos os lugares.

O caráter cooperativo da produção comunista também se manifesta em cada detalhe da organização. Sob o comunismo, por exemplo, não haverá gerentes permanentes de fábricas, nem haverá pessoas que fazem o mesmo tipo de trabalho ao longo de suas vidas. Sob o capitalismo, se um homem é sapateiro, passa a vida inteira fazendo botas (o sapateiro fica até o fim); se é pasteleiro, passa toda a vida a fazer bolos; se é gerente de fábrica, passa os dias emitindo encomendas e em trabalhos administrativos; se ele é um mero trabalhador, toda a sua vida é gasta obedecendo ordens. Nada desse tipo acontece na sociedade comunista. Sob o comunismo, as pessoas recebem uma cultura multifacetada e encontram-se à vontade em vários ramos de produção: hoje trabalho na função administrativa, calculo quantas botas de feltro ou quantos pãezinhos devem ser produzidos no mês seguinte; amanhã estarei trabalhando em uma fábrica de sabão, no próximo mês, talvez em uma lavanderia a vapor, e no mês seguinte em uma usina elétrica. Isso será possível quando todos os membros da sociedade tiverem sido educados de maneira adequada.

§ 20. A distribuição no sistema comunista

O método comunista de produção também pressupõe que a produção não é para o mercado, mas para o uso. Sob o comunismo, não é mais o fabricante individual ou o camponês individual que produz: o trabalho de produção é efetuado pela gigantesca cooperativa como um todo. Em consequência dessa mudança, não existem mais mercadorias, mas apenas produtos. Estes produtos não são trocados entre si, não são comprados nem vendidos. São simplesmente armazenados nos armazéns comunitários, sendo posteriormente entregues a quem deles necessita. Em tais condições, o dinheiro não será mais necessário. Algumas pessoas perguntarão: *Mas como? Nesse caso, uma pessoa receberá muito e outra muito pouco. Que sentido há em tal método de distribuição?* A resposta é a seguinte. A princípio, sem dúvida, e talvez por vinte ou trinta anos, será necessário ter vários regulamentos. Talvez certos produtos

sejam fornecidos apenas para aquelas pessoas que possuem uma entrada especial em sua pasta de trabalho ou em sua carteira de trabalho. Em seguida, quando a sociedade comunista estiver consolidada e totalmente desenvolvida, esses regulamentos não serão necessários. Haverá uma ampla quantidade de todos os produtos, nossas feridas atuais já estarão curadas há muito tempo, e todos poderão obter tanto quanto e como seja preciso. *Mas as pessoas não acharão do seu interesse levar mais do que precisam?* Certamente não. Hoje, por exemplo, ninguém acha que vale a pena quando quer um assento no bonde, pegar três passagens e deixar dois lugares vazios. Será exatamente o mesmo no caso de todos os produtos. Uma pessoa tirará do armazém comunal exatamente o que precisa, não mais. Ninguém terá interesse em tirar mais do que quer para vender o excedente a outros, porque todos esses outros podem satisfazer suas necessidades quando quiserem. O dinheiro, então, não terá valor. O que queremos dizer é que, no início, nos primeiros dias da sociedade comunista, os produtos provavelmente serão distribuídos de acordo com a quantidade de trabalho realizado pelo requerente; em um estágio posterior, no entanto, esses produtos simplesmente serão fornecidos de acordo com as necessidades dos camaradas.

Tem-se afirmado muitas vezes que, na sociedade futura, todos terão direito ao produto integral do seu trabalho. *O que você fez com seu trabalho, você receberá.* Isto é falso. Jamais seria possível realizar isso plenamente. Por que não? Porque se cada um recebesse o produto completo de seu trabalho, nunca haveria possibilidade de desenvolver, expandir e melhorar a produção. Parte do trabalho realizado deve sempre ser dedicado ao desenvolvimento e aprimoramento da produção. Se tivéssemos que consumir e usar tudo o que produzimos, nunca poderíamos produzir máquinas, pois elas não podem ser comidas ou usadas. Mas é óbvio que a melhoria da vida andarão de mãos dadas com a extensão e melhoria das máquinas. É claro que mais e mais máquinas devem ser produzidas continuamente. Agora, isso implica que parte do trabalho que foi incorporado nas máquinas não será devolvida à pessoa que fez o trabalho. Isso implica que ninguém pode receber o produto completo de seu trabalho. Mas nada disso é necessário. Com a ajuda de boas máquinas, a produção será organizada de modo que todas as necessidades sejam satisfeitas.

Resumindo, a princípio os produtos serão distribuídos proporcionalmente ao trabalho realizado (o que não significa que o trabalhador receberá *o produto integral do seu trabalho*); posteriormente, os produtos serão distribuídos de acordo com o lote, pois haverá abundância de tudo.

§ 21. A administração no sistema comunista

Em uma sociedade comunista não haverá classes. Mas se não houver classes, isso implica que na sociedade comunista também não haverá Estado. Vimos anteriormente que o Estado é uma organização de classe dos governantes. O Estado é sempre dirigido por uma classe contra a outra. Um Estado burguês é dirigido contra o proletariado, enquanto um Estado proletário é dirigido contra a burguesia. Na ordem social comunista não há latifundiários, nem

capitalistas, nem trabalhadores assalariados; existem simplesmente pessoas-camaradas. Se não há classes, então não há guerra de classes, e não há organizações de classe. Conseqüentemente, o Estado deixou de existir. Como não há guerra de classes, o Estado tornou-se supérfluo. Não há ninguém para ser contido, e não há ninguém para impor restrições.

Mas como, as pessoas nos perguntarão, essa vasta organização pode ser colocada em movimento sem qualquer administração? Quem vai elaborar os planos de produção social? Quem distribuirá a força de trabalho? Quem vai contabilizar as receitas e despesas sociais? Em resumo, quem vai supervisionar tudo?

Não é difícil responder a essas perguntas. A direção principal será confiada a vários tipos de escritórios de contabilidade ou escritórios de estatística. Ali, no dia a dia, será contabilizada a produção e todas as suas necessidades; também será decidido para onde os trabalhadores devem ser enviados, de onde devem ser tomados e quanto trabalho deve ser feito. E visto que, desde a infância, todos estarão acostumados ao trabalho social, e como todos compreenderão que este trabalho é necessário e que a vida fica mais fácil quando tudo é feito segundo um plano pré-estabelecido e quando a ordem social é como uma máquina lubrificada, tudo funcionará de acordo com as indicações desses escritórios de estatística. Não haverá necessidade de ministros de Estado especiais, de polícia e prisões, de leis e decretos – nada disso. Assim como em uma orquestra todos os intérpretes observam a batuta do maestro e agem de acordo, aqui todos consultarão os relatórios estatísticos e orientarão seu trabalho de acordo.

O Estado, portanto, deixa de existir. Não há grupos e não há classe acima de todas as outras classes. Além disso, nesses escritórios de estatística, uma pessoa trabalhará hoje, outra amanhã. A burocracia, a oficialidade permanente, desaparecerá. O Estado vai morrer.

Manifestamente, isso só acontecerá no sistema comunista plenamente desenvolvido e fortemente estabelecido, após a vitória completa e definitiva do proletariado, mas não ocorrerá logo depois dessa vitória. Por muito tempo ainda, a classe trabalhadora terá que lutar contra todos os seus inimigos, e em especial contra as relíquias do passado, como a preguiça, a negligência, a criminalidade, o orgulho. Tudo isso terá que ser carimbado. Duas ou três gerações de pessoas terão que crescer sob as novas condições antes que se aprove a necessidade de leis e punições e do uso de medidas repressivas por parte do Estado operário. Só então todos os vestígios do passado capitalista desaparecerão. Embora no período intermediário a existência do Estado operário seja indispensável, posteriormente, no sistema comunista plenamente desenvolvido, quando os vestígios do capitalismo estiverem extintos, a autoridade do Estado proletário também desaparecerá. O próprio proletariado se misturará com todos os outros

estratos da população, pois todos irão gradualmente participar do trabalho comum. Dentro de algumas décadas haverá um mundo completamente novo, com novas pessoas e novos costumes.

§ 22. O desenvolvimento de forças produtivas no sistema comunista (as vantagens do comunismo)

Assim que a vitória for alcançada e todas as nossas feridas estiverem curadas, o sistema comunista desenvolverá rapidamente as forças de produção. Este desenvolvimento mais rápido das forças de produção será devido às seguintes causas.

Em primeiro lugar, terá ocorrido a liberação da vasta quantidade de energia humana, que agora é absorvida na luta de classes. Basta pensar quão grande é o desperdício de energia nervosa, força e trabalho na luta política, nas greves, revoltas e sua repressão, nos julgamentos nos tribunais, nas atividades policiais da autoridade do Estado, no esforço diário das duas classes, inimigas hostis. A luta de classes, agora, engole grandes quantidades de energia e meios materiais. No novo sistema, esta energia será liberada; as pessoas não vão mais lutar umas com as outras. A energia liberada será dedicada ao trabalho de produção.

Em segundo lugar, a energia e os meios materiais que agora são destruídos ou desperdiçados em competição, crises e guerras, serão todos salvos. Se considerarmos o quanto é desperdiçado apenas em guerras, perceberemos que isso equivale a uma quantidade enorme. Quanto, mais uma vez, se perde para a sociedade na luta dos vendedores entre si, dos compradores entre si, dos vendedores com os compradores. Quanta destruição fútil resulta de crises comerciais. Quantos gastos desnecessários resultam da desorganização e confusão que prevalecem na produção. Todas essas energias, que agora são desperdiçadas, serão salvas na sociedade comunista.

Em terceiro lugar, a organização da indústria, segundo um plano de propósito, não apenas nos poupará de desperdícios desnecessários, na medida em que a produção em grande escala é sempre mais econômica. Além disso, será possível melhorar a produção do lado técnico, pois o trabalho será realizado em fábricas muito grandes e com auxílio de maquinário aperfeiçoado. Sob o capitalismo, há limites definidos para a introdução de novas máquinas. O capitalista só introduz a nova maquinaria do capitalista quando não pode obter uma quantidade suficiente de mão de obra barata. Se puder contratar mão de obra barata em abundância, o capitalista nunca instalará novas máquinas, pois pode obter amplo lucro sem esse problema. O capitalista encontra a maquinaria necessária apenas quando reduz suas despesas com trabalho bem pago. No capitalismo, no entanto, a mão de obra geralmente é barata. As más condições

que prevalecem entre a classe trabalhadora tornam-se um obstáculo ao aperfeiçoamento da técnica de fabricação. Essa sequência causal é particularmente óbvia na agricultura. Aqui, a força de trabalho sempre foi barata e, por isso, a introdução de máquinas no trabalho agrícola tem sido extremamente lenta. Na sociedade comunista, nossa preocupação não será com o lucro, mas com os trabalhadores. Lá, todo avanço técnico será imediatamente adotado. As correntes que o capitalismo impôs não existirão mais. Os avanços técnicos continuarão a ocorrer sob o comunismo, pois todos agora desfrutarão de uma boa educação, e aqueles que sob o capitalismo pereceram por falta de trabalhadores mentalmente talentosos, por exemplo, poderão transformar suas capacidades em plena conta.

Na sociedade comunista, o parasitismo também desaparecerá. Não haverá lugar para os parasitas que não fazem nada e que vivem à custa dos outros. Aquilo que na sociedade capitalista é desperdiçado pelos capitalistas na gula, na embriaguez e na vida desenfreada, na sociedade comunista será dedicado às necessidades da produção. Os capitalistas, seus lacaios e seus parasitas (padres, prostitutas e outros) desaparecerão, e todos os membros da sociedade estarão ocupados no trabalho produtivo.

O método de produção comunista significará um enorme desenvolvimento das forças produtivas. Como resultado, nenhum trabalhador na sociedade comunista terá que fazer tanto trabalho quanto antigamente. A jornada de trabalho será cada vez mais curta e as pessoas serão cada vez mais libertas das cadeias que a natureza lhes impõe. Assim que o homem puder gastar menos tempo alimentando-se e vestindo-se, ele poderá dedicar mais tempo ao trabalho de desenvolvimento mental. A cultura humana subirá a alturas nunca alcançadas antes. Não será mais uma cultura de classe, mas se tornará uma cultura genuinamente humana. Concomitantemente com o desaparecimento da tirania do homem sobre o homem, a tirania da natureza sobre o homem também desaparecerá. Homens e mulheres poderão, pela primeira vez, levar uma vida digna de seres pensantes, em vez de uma vida digna de bestas brutas.

Os oponentes do comunismo sempre o descreveram como um processo de compartilhar as coisas igualmente. Declararam que os comunistas queriam confiscar tudo e dividir tudo; parcelar a terra, repartir os outros meios de produção e repartir também todos os artigos de consumo. Nada poderia ser mais absurdo do que essa noção. Acima de tudo, tal divisão geral é impossível. Podíamos dividir terras, cavalos e gado, dinheiro, mas não podíamos dividir ferrovias, máquinas, barcos a vapor e várias outras coisas do tipo. Isso é demais. Além disso, tal divisão, na medida do possível, não apenas não faria bem a ninguém, mas seria um retrocesso para a humanidade. Isso criaria um grande número de pequenos proprietários. Mas já vimos que da pequena propriedade e da competição entre os pequenos proprietários surge a propriedade em grande escala. Assim, mesmo que fosse possível realizar uma divisão tão igualitária, o mesmo velho ciclo seria reproduzido.

O *comunismo proletário* (ou socialismo proletário) é uma imensa comunidade cooperativa. É uma sequência de todo o desenvolvimento da sociedade capitalista e da condição do proletariado nessa sociedade. Deve ser cuidadosamente distinguido das quatro seguintes coisas:

1. *Socialismo Lumpemproletário* (anarquismo). Os anarquistas censuram os comunistas alegando que o comunismo (assim eles afirmam) manterá a autoridade do Estado na sociedade futura. Como vimos, a afirmação é falsa. A diferença essencial consiste em que os anarquistas estão muito mais preocupados com a divisão do que com a organização da produção; e que eles concebem a organização da produção como tomando a forma, não de uma grande comunidade cooperativa, mas de um grande número de comunas *livres*, pequenas e autogovernadas. Não é preciso dizer que tal sistema social deixaria de libertar a humanidade do jugo da natureza, pois nele, as forças de produção não seriam desenvolvidas nem mesmo no grau em que foram desenvolvidas sob o capitalismo. O anarquismo não aumentaria a produção, mas a desintegraria. É natural que, na prática, os anarquistas defendam a divisão dos artigos de consumo e se oponham à organização da produção em grande escala. Eles não representam, em sua maioria, os interesses e aspirações da classe trabalhadora: eles representam o que é chamado de lumpemproletariado, o proletariado vagabundo; eles representam os interesses daqueles que vivem em más condições sob o capitalismo, mas que são completamente incapazes de um trabalho criativo independente.

2. *Socialismo pequeno-burguês*. Ele encontra seus principais apoiadores, não no proletariado, mas na classe decadente de artesãos independentes, entre a classe média baixa e, em parte, entre a intelectualidade (classes profissionais). Protesta contra o grande capital, mas o faz em nome da *liberdade* da pequena empresa. Em sua maioria, os socialistas pequeno-burgueses defendem a democracia burguesa e se opõem à revolução social; eles esperam atingir seus ideais *pacificamente* - por meio do desenvolvimento de operações, uma organização unificada de trabalhadores domésticos, e assim por diante. Na Rússia, a maioria das cooperativas urbanas formadas pelos revolucionários sociais exibem essa aparência. Sob o capitalismo, as empresas cooperativas tendem a se degenerar em organizações capitalistas comuns, e os cooperadores dificilmente podem ser distinguidos dos burgueses.

3. *Socialismo camponês agrário*. Assume várias formas e, às vezes, assemelha-se ao anarquismo camponês. Sua característica mais distintiva é a maneira como habitualmente deixa de ver o socialismo como um sistema de produção em grande escala, e a maneira como se inclina para a divisão e para a equalização. Sua principal distinção do anarquismo é que ele exige a criação de uma autoridade central forte que o proteja, por um lado dos latifundiários, e por outro, do proletariado. Nesta forma de socialismo existe a *socialização da terra*, defendida pelos social-revolucionários, que desejam estabelecer a produção em pequena escala perpetuamente, que temem o proletariado e que se opõem à formação de uma comunidade cooperativa grande e unida. Além disso, entre certas camadas do campesinato, encontramos ainda outras variedades de socialismo mais ou menos semelhantes ao anarquismo. Aqui, a autoridade do Estado é repudiada, mas os defensores dessas tendências se distinguem por suas visões pacifistas (vários sectários de tendência comunista, como os Duhobors, etc.). Os tipos agrários de socialismo não serão erradicados até depois de muitos anos. Desaparecerão tão logo as massas do campesinato percebam as vantagens da produção em grande escala. Voltaremos a esse assunto mais adiante no livro.

4. *Escravidão e socialismo capitalista em grande escala* (assim chamado). Nesta forma, não podemos discernir nem um traço de socialismo. Nas três variedades mencionadas anteriormente, encontramos pelo menos alguma tintura de socialismo, e nelas encontramos um protesto contra a opressão, mas na quarta variedade, aquela que estamos considerando agora, o *socialismo* é meramente uma palavra,

fraudulentamente empregada por aqueles que querem um novo embaralhamento das cartas. Esta variedade foi introduzida por intelectuais burgueses e foi tomada deles pelos defensores socialistas da colaboração de classes (e em parte por Kautsky & Co.). De tal caráter, por exemplo, foi o comunismo de Platão, o filósofo da Grécia antiga. A característica essencial de seu sistema era que a organização dos senhores de escravos explorava de maneira *camarada e conjuntamente* a massa de escravos - que não teriam direitos legais. No que diz respeito aos proprietários de escravos, haveria perfeita igualdade e todas as coisas seriam mantidas em comum. O caso dos escravos seria muito diferente: eles deveriam se tornar mero gado. Obviamente isso não tem nada a ver com socialismo. Um tipo semelhante de *socialismo* foi defendido por certos professores burgueses sob o nome de *socialismo de Estado*. A única diferença em relação à variedade de Platão é que os proletários contemporâneos tomaram o lugar dos escravos, enquanto os magnatas capitalistas sentam-se nas cadeiras dos poderosos no lugar dos proprietários de escravos. Aqui, também não há vestígios de socialismo. Temos capitalismo de Estado, baseado no trabalho forçado. Mas voltaremos a este assunto.

O socialismo pequeno-burguês, agrário e lumpemproletário apresentam uma característica comum a todos eles. Tais variedades de socialismo não proletário estão fora do curso geral da evolução. O curso da evolução social leva à expansão da produção. Mas nestas variedades não proletárias, toda a tendência é para a produção em pequena escala. Inevitavelmente, portanto, o socialismo desse tipo nada mais é do que um sonho utópico. Não há probabilidade de sua real realização.

§23. A ditadura do proletariado

Para a realização do sistema comunista, o proletariado deve ter toda a autoridade e todo o poder em suas mãos. O proletariado não pode derrubar o velho mundo a menos que tenha o poder em suas mãos, a menos que, por um tempo, se torne a classe dominante. É evidente que a burguesia não abandonará sua posição sem lutar. Para a burguesia, o comunismo significa a perda de seu antigo poder, a perda de sua *liberdade* de extorquir sangue e suor dos trabalhadores; a perda de seu direito ao aluguel, juros e lucro. Consequentemente, a revolução comunista do proletariado, a transformação comunista da sociedade, é ferozmente combatida pelos exploradores. A principal tarefa do governo operário é esmagar impiedosamente essa oposição. Precisamente porque a oposição será inevitavelmente tão amarga é que é necessário que a autoridade dos trabalhadores, o governo proletário, assumam a forma de uma ditadura. Agora, *ditadura* significa métodos muito rígidos de governo e um resolutivo esmagamento de inimigos. É óbvio que em tal estado de coisas não se pode falar de *liberdade* para todos. A ditadura do proletariado é incompatível com a liberdade da burguesia. Esta é a razão pela qual a ditadura do proletariado é necessária: para privar a burguesia da liberdade; amarrá-la de pés e mãos; impossibilitar a luta contra o proletariado revolucionário. Quanto mais vigorosa for a resistência da burguesia, quanto mais desesperada for a mobilização de suas forças, quanto mais ameaçadora for sua atitude, mais dura e dura deve ser a ditadura do proletariado. Em casos

extremos, o governo operário não deve hesitar em usar o método do terror. Somente quando a repressão aos exploradores estiver completa, quando eles deixarem de resistir, quando não estiver mais em seu poder ferir a classe trabalhadora, a ditadura do proletariado se tornará progressivamente mais branda. Enquanto isso, a burguesia, pouco a pouco, se fundirá com o proletariado; o Estado operário morrerá gradualmente; a sociedade como um todo será transformada em uma sociedade comunista na qual não haverá classes.

Sob a ditadura do proletariado (uma instituição temporária), os meios de produção, pela natureza do caso, não pertencem à sociedade como um todo, mas apenas ao proletariado, à sua organização estatal. Por enquanto, a classe trabalhadora, que é a maioria da população, monopoliza os meios de produção. Conseqüentemente, ainda não existe a produção comunista em toda a sua completude. Ainda existe a divisão da sociedade em classes, ainda existe uma classe governante (o proletariado), todos os meios de produção são monopolizados por esta nova classe governante; ainda existe uma autoridade do Estado (a autoridade proletária) que esmaga seus inimigos. Mas na medida em que a resistência dos antigos capitalistas, latifundiários, banqueiros, generais e bispos é esmagada, na mesma medida o sistema de ditadura do proletariado, sem qualquer revolução, sofrerá transformação em comunismo.

A ditadura do proletariado não é apenas um instrumento para esmagar os inimigos: também é uma alavanca para efetuar a transformação econômica. A propriedade privada dos meios de produção deve ser substituída pela propriedade social; a burguesia deve ser privada dos meios de produção e troca, deve ser *expropriada*. Quem pode e vai fazer isso? Obviamente, nenhum indivíduo isolado poderia fazê-lo, mesmo que fosse de origem proletária. Se fosse feito por um indivíduo isolado ou mesmo por grupos isolados de indivíduos, na melhor das hipóteses não passaria de uma divisão; e na pior, seria um mero ato de roubo. Compreendemos, portanto, por que a expropriação da burguesia deve ser efetuada pelo poder organizado do proletariado. Agora esse poder organizado toma a forma do Estado operário ditatorial.

As objeções à ditadura do proletariado surgem de vários quadrantes. Em primeiro lugar vêm os anarquistas. Dizem que se revoltam contra toda autoridade e contra todo tipo de Estado, enquanto os bolcheviques comunistas são os sustentadores do governo soviético. Todo tipo de governo, eles continuam, envolve o abuso de poder e a limitação da liberdade. Por isso é necessário derrubar os bolcheviques, o governo soviético, a ditadura do proletariado. Nenhuma ditadura é necessária, nenhum Estado é necessário. Tais são os argumentos dos anarquistas. Sua crítica é revolucionária apenas na aparência. Na verdade, os anarquistas não estão mais à esquerda, mas mais à direita do que os bolcheviques. Por que, de fato, precisamos da ditadura? Precisamos dela para a destruição organizada do regime burguês; precisamos dela para esmagar pela força os inimigos do proletariado. Muito abertamente dizemos: pela força. A ditadura é o machado nas mãos do proletariado. Quem se opõe à ditadura do proletariado é aquele que tem medo da ação decisiva,

tem medo de ferir a burguesia, não é revolucionário. Quando tivermos derrotado completamente a burguesia, a necessidade da ditadura do proletariado não existirá mais. Mas enquanto a luta de vida ou morte continuar, é absolutamente incumbência da classe trabalhadora esmagar totalmente seus inimigos. **Uma época de ditadura proletária deve intervir inevitavelmente entre uma sociedade capitalista e uma sociedade comunista.**

Em seguida, como opositores à ditadura, vêm os social-democratas e, em especial, os mencheviques. Esses dignos esqueceram completamente o que escreveram sobre o assunto nos dias anteriores. No nosso antigo programa, elaborado por nós e pelos mencheviques em conjunto, afirma-se expressamente: *Uma condição essencial da revolução social é a ditadura do proletariado, isto é, a conquista do poder político pelo proletariado, que permitirá os trabalhadores para esmagar toda a resistência por parte dos exploradores.* Os mencheviques assinaram esta declaração. Mas quando chegou a hora da ação, eles levantaram um clamor contra o esmagamento da liberdade da burguesia, contra a supressão dos jornais burgueses, contra o *reino do terror* bolchevique e assim por diante. Até Plehanoff, uma vez, aprovou completamente as medidas mais cruéis contra a burguesia, dizendo que poderíamos privar os burgueses de seus direitos eleitorais, e assim por diante. Hoje em dia os mencheviques esqueceram tudo isso: eles se refugiaram no campo da burguesia.

Finalmente, uma série de considerações morais são trazidas para o argumento contra nós. - Dizem-nos que formamos nossos julgamentos como os selvagens Hotentotes. O Hotentote diz: *Quando eu roubo a mulher do meu vizinho, é bom; quando ele rouba a minha mulher, é ruim.* Os bolcheviques, afirma-se, assemelham-se a esses selvagens, pois dizem: *Quando a burguesia usa a força para esmagar o proletariado, é ruim; mas quando o proletariado usa a força para esmagar a burguesia, é bom.* Quem argumenta assim, não sabe do que está falando. No caso dos Hotentotes, estamos preocupados com dois indivíduos iguais que estão roubando as esposas um do outro por razões idênticas. Mas o proletariado e a burguesia não estão em pé de igualdade. Os proletários constituem uma classe enorme, os burgueses formam um grupo comparativamente pequeno. O proletariado luta pela libertação de toda a humanidade, mas a burguesia luta pela manutenção da opressão, das guerras, da exploração. O proletariado luta pelo comunismo; a burguesia, pela preservação do capitalismo. Se capitalismo e comunismo fossem a mesma coisa, então a burguesia e o proletariado poderiam ser comparados aos dois hotentotes. O proletariado luta apenas em nome da nova ordem social. Tudo o que ajuda na luta é bom; tudo o que atrapalha, é ruim.

§24. A conquista do poder político

O proletariado concretiza a sua ditadura através da conquista do poder do Estado. Mas o que queremos dizer com a conquista do poder? Muitas pessoas imaginam que é muito fácil arrancar o poder da burguesia, tão fácil quanto transferir uma bola de um bolso para outro. Primeiro, o poder está nas mãos da burguesia; então, o proletariado expulsará a burguesia do poder e tomará as rédeas em suas próprias mãos. De acordo com essa visão, o problema não é a criação de um novo poder, mas a tomada de um poder que já existe.

Tal noção é totalmente falsa, e uma pequena reflexão nos mostrará onde está o erro.

O poder do Estado é uma organização. O poder do Estado burguês é uma organização burguesa, e nessa organização, as pessoas recebem seus papéis de maneira distinta. À frente do exército estão generais, membros da classe rica; à frente da administração estão ministros, membros da classe rica; e assim por diante. Quando o proletariado está lutando pelo poder, contra quem e o que está lutando? Em primeiro lugar, contra essa organização burguesa. Agora, quando está lutando contra essa organização, sua tarefa é desferir golpes que destruirão a organização. Mas como a principal força do governo reside no exército, se quisermos obter a vitória sobre a burguesia, o primeiro essencial é desorganizar e destruir o exército burguês. Os comunistas alemães não poderiam derrubar o regime de Scheidemann e Noske, a menos que pudessem destruir o exército de Guardas Brancos. Se o exército adversário permanecer intacto, a vitória da revolução será impossível; se a revolução for vitoriosa, o exército da burguesia vai se desintegrar e desmoronar. Por isso, por exemplo, a vitória sobre o czarismo não significou mais do que uma destruição parcial do Estado czarista e uma decomposição parcial do exército; mas a vitória da revolução de novembro significou a derrubada final da organização estatal do governo provisório e a dissolução total do exército kerenskista.

Assim, a revolução destrói o antigo poder e cria outro, um poder diferente daquele que existia antes. É claro que o novo poder assume algumas das partes constituintes do antigo, mas as usa de uma maneira diferente.

A conquista do poder do Estado não é a conquista da organização preexistente, mas a criação de uma nova organização, uma organização criada pela classe que foi vitoriosa na luta.

A importância prática desta questão é enorme. Os bolcheviques alemães, por exemplo, foram repreendidos (como os bolcheviques russos foram anteriormente repreendidos) por terem levado à desintegração do exército e promovido a indisciplina, incentivando a desobediência aos oficiais. Isso costumava ser considerado, e por muitos ainda é considerado, uma acusação terrível. Mas não há nada de terrível nisso. Devemos promover a desintegração de um exército que se posiciona contra os trabalhadores e está às ordens da burguesia, ainda que ele seja composto por nossos compatriotas. Caso contrário, a revolução sucumbirá. Consequentemente, não há nada a temer em trabalhar pela desintegração de um exército tão burguês; um revolucionário que destrói o aparelho de Estado da burguesia pode considerar que está prestando um excelente serviço. Onde a disciplina burguesa permanece intacta, a burguesia é invencível. Aqueles que desejam derrubar a burguesia não devem ter medo de feri-la.

§25. O Partido Comunista e as classes da sociedade capitalista

Para que o proletariado consiga a vitória em qualquer país, é essencial que seja compacto e bem-organizado; é essencial que tenha seu próprio Partido Comunista, que tenha reconhecido

claramente a tendência do desenvolvimento capitalista, que tenha entendido a situação real e os verdadeiros interesses da classe trabalhadora, que interpretou adequadamente essa situação, que seja competente para organizar as fileiras e conduzir a batalha. Em nenhum lugar e em nenhum momento, nenhuma parte conseguiu inscrever todos os membros da classe que representa; nunca nenhuma classe atingiu o grau de consciência necessário. De um modo geral, aqueles que se organizam em partido são os membros mais avançados de uma classe; aqueles que melhor entendem seus interesses de classe; aqueles que são mais ousados, mais enérgicos e mais teimosos na luta. Por isso, o número de adeptos do partido é sempre consideravelmente menor do que o número daqueles que compõem a classe cujos interesses o partido representa. Uma vez que, no entanto, uma parte representa definitivamente os interesses corretamente interpretados da classe, os partidos costumam desempenhar um papel de liderança. O partido lidera toda a classe, e a luta entre as classes pelo poder encontra expressão na luta entre os partidos políticos pelo poder. Aquele que deseja compreender a natureza dos partidos políticos deve estudar as relações das várias classes na sociedade capitalista. Dessas relações surgem determinados interesses de classe. Como já aprendemos, a defesa dos interesses de classe é o propósito essencial dos partidos políticos.

Proprietários de terras. Durante o primeiro período do desenvolvimento capitalista, a economia agrária baseava-se no trabalho semiescravo dos camponeses. Os proprietários de terras arrendavam terras aos camponeses, recebendo pagamento de aluguel em dinheiro ou em produtos. Um método de pagamento em espécie era o trabalhador gastar metade do seu tempo cultivando a propriedade do proprietário. Os latifundiários, como classe, acharam de seu interesse impedir que os camponeses fossem para as cidades. Portanto, eles resistiram a todas as inovações; desejavam manter as antigas condições de semiescravidão nas aldeias; eles se opuseram ao desenvolvimento da indústria manufatureira. Tais latifundiários possuíam antigos domínios senhoriais patrimoniais, e pouquíssimos deles trabalhavam em suas próprias propriedades: e viviam em sua maioria como parasitas nas costas dos camponeses. Como resultado desse estado de coisas, os partidos que representam os latifundiários sempre foram e ainda são os principais sustentáculos da reação. Eles são os partidos políticos que em toda parte desejam um retorno à velha ordem; eles querem voltar ao domínio dos latifundiários, restaurar o czar latifundiário (o monarca), assegurar a predominância da *cavalaria de sangue azul*, efetuar a escravização completa dos camponeses e dos trabalhadores. Eles formam os chamados partidos conservadores, seria mais correto chamá-los de partidos reacionários. Como desde tempos imemoriais os oficiais do exército e da marinha são recrutados das fileiras da nobreza

fundiária, é perfeitamente natural que os partidos dos proprietários de terras estejam sempre nas melhores relações com generais e almirantes. Isso é o que encontramos em todos os países do mundo.

Como exemplo podem ser mencionados os membros da casta *junker* prussiana (na Alemanha, os grandes latifundiários são conhecidos como *junkers*), que enviam alguns de seus filhos para o corpo de oficiais. Da mesma forma, na Rússia, temos nossa pequena nobreza, os chamados sertanejos, *os auroques*, como alguns dos deputados da дума - Markoff II, Krupensky e outros. O conselho czarista de estado era, em grande parte, composto por membros desta classe de senhores de terras. A maioria ou os ricos proprietários de terras pertencentes a famílias antigas possuem títulos, como príncipe, conde, etc.; eles são os verdadeiros descendentes de ancestrais que possuíam milhares de escravos. Os partidos dos latifundiários na Rússia eram: a Liga do Povo Russo; o Partido Nacionalista, liderado por Krupensky; os outubristas de direita; etc.

A burguesia capitalista. O interesse desta classe é obter os maiores lucros possíveis da *indústria nacional* em desenvolvimento, isto é, da mais-valia extraída da classe trabalhadora. Manifestamente, esse interesse não coincide totalmente com o dos proprietários de terras. Quando o capital faz sentir sua influência na vida da aldeia, as velhas condições são perturbadas. Os camponeses são atraídos para as cidades; o capital cria um vasto proletariado e desperta novas necessidades nas aldeias; os camponeses, até então dóceis e tranquilos, tornam-se *indisciplinados*. Os latifundiários, os sertanejos, acham essas inovações desagradáveis. Por outro lado, a burguesia capitalista os considera cheios de promessas. Quanto mais os trabalhadores são atraídos dos pequenos locais para as cidades, mais trabalho assalariado; conseqüentemente, está disponível para o serviço do capitalista, e mais barato o capitalista pode alugá-lo. Quanto mais a vida em pequenas localidades é arruinada e quanto mais os pequenos produtores deixam de produzir vários artigos para si mesmos, tanto mais essencial eles acham que é comprar esses produtos dos grandes fabricantes. Quanto mais rápido, portanto, o desaparecimento das antigas condições em que a pequena localidade produzia tudo para si mesma, tanto maior será a expansão do mercado para a venda de mercadorias produzidas em fábricas, e maiores serão os lucros da classe capitalista.

Por esta razão, a classe capitalista critica os latifundiários da velha escola (Há, além disso, latifundiários capitalistas, e eles administram suas propriedades com a ajuda do trabalho assalariado e com a ajuda de máquinas; seus interesses são muito próximos dos da burguesia, e geralmente aderem aos partidos dos capitalistas mais ricos). Mas é claro que a principal luta dos capitalistas é com a classe trabalhadora. Quando a classe operária luta, principalmente contra os latifundiários e muito pouco contra a burguesia, esta última vê com aprovação a luta da classe operária. Foi assim no ano de 1904, e em 1905 até outubro. Mas quando os

trabalhadores começam a perceber seus interesses comunistas e a marchar contra a burguesia, então a burguesia une forças com os latifundiários contra os trabalhadores. Em toda parte, hoje, os partidos da burguesia capitalista (os chamados partidos liberais) estão travando uma luta feroz contra o proletariado revolucionário, e são eles que formam o estado-maior político da contrarrevolução.

Entre esses partidos na Rússia, dois podem ser mencionados. Em primeiro lugar, o Partido ou Liberdade Popular, também conhecido como Partido dos Democratas Constitucionais; pelas iniciais de seu nome (D. C.), seus membros são geralmente chamados de *Cadetes*. Em segundo lugar estão os outubristas, que agora quase desapareceram. Membros da burguesia industrial, latifundiários capitalistas, banqueiros e os defensores de tudo isso (os principais professores universitários da intelectualidade, advogados e autores de sucesso, gerentes de fábrica, etc.) formam os núcleos desses partidos. No ano de 1905, os cadetes murmuravam contra a autocracia, mas já tinham medo dos operários e dos camponeses. Depois da revolução de março de 1917, eles se tornaram os líderes de todas as forças que se mobilizaram contra o partido da classe trabalhadora, contra os bolcheviques comunistas. Nos anos de 1918 e 1919, os cadetes lideraram todos os complôs contra o governo soviético, e participaram das administrações do general Denikin e do almirante Kolchak. Em resumo, eles lideraram a reação sangrenta e finalmente formaram uma coalizão com os partidos dos latifundiários, pois sob a pressão do movimento operário, todos os grupos de ricos proprietários uniram-se em um único campo de reacionários, liderados pela seção mais energética entre eles.

A pequena burguesia urbana. A este grupo pertencem os artesãos independentes, os pequenos lojistas, e a pequena intelectualidade, que compreende o assalariado e o menor funcionalismo. Na realidade, eles não constituem uma classe, mas uma multidão heterogênea. Todos esses elementos são explorados mais ou menos pelo capital, e muitas vezes são sobrecarregados. Muitos deles são arruinados no curso do desenvolvimento capitalista. As condições de seu trabalho, no entanto, são tais que, na maioria das vezes, eles não percebem quão desesperadora é sua situação sob o capitalismo. Consideremos, por exemplo, o artesão independente. Ele é tão trabalhador quanto uma formiga. O capital o explora de várias maneiras: o usurário o explora; a loja para a qual trabalha o explora; e assim por diante. O artesão sente-se um *mestre*: ele trabalha com suas próprias ferramentas e é aparentemente *independente*, embora na realidade esteja completamente enredado na teia da aranha capitalista. Ele vive na esperança perene de melhorar a si mesmo, pensando sempre: *Em breve vou poder ampliar meus negócios, então vou comprar para mim*. Ele toma cuidado para não se misturar com os trabalhadores, e em seus modos, evita imitá-los, afetando os modos da nobreza, pois ele sempre espera se tornar um *cavalheiro*. Consequentemente, embora seja tão pobre quanto um rato de igreja, ele geralmente se sente mais parecido com o homem que o explora do que com os trabalhadores. Os partidos pequeno-burgueses geralmente se reúnem sob o padrão dos *radicais*

ou dos *republicanos*, mas às vezes sob o dos *socialistas* (veja os trechos em recuo § 22). É extremamente difícil sacudir essas pessoas dessa atitude mental errada, que é sua desgraça, não sua culpa.

Na Rússia, mais comumente do que em qualquer outro lugar, os partidos pequeno-burgueses costumam usar uma máscara socialista. Isso foi feito pelos socialistas populistas, os revolucionários sociais e, em parte, pelos mencheviques. É necessário assinalar que os revolucionários sociais tendiam a se apoiar principalmente nos camponeses médios e nos camponeses ricos.

O Campesinato. Nos distritos rurais, o campesinato ocupa uma posição muito semelhante à ocupada pela pequena burguesia nas cidades. Também ele, propriamente falando, não constitui uma única classe, pois sob o capitalismo ele está continuamente se dividindo em classes. Em todos os lugares pequenos percebemos que alguns dos camponeses vão procurar trabalho nas cidades e assim, com o tempo, transformam-se completamente em proletários; outros se transformam em camponeses ricos e usurários. Os camponeses *médios* formam um estrato instável. Muitos deles são arruinados com o passar do tempo, tornam-se *homens sem cavalos*, e eventualmente procuram emprego como trabalhadores agrícolas ou como operários de fábrica. Outros são mais bem-sucedidos, *seguem no mundo*, acumulam riquezas, tornam-se *senhores camponeses*, contratam trabalhadores agrícolas, fazem uso de máquinas - em resumo, transformam-se em empresários capitalistas. É por isso que temos o direito de dizer que o campesinato não forma propriamente uma classe única. Entre os camponeses devemos distinguir pelo menos três grupos. No primeiro estão os camponeses ricos, os senhores camponeses, que constituem uma burguesia rural, pois são exploradores do trabalho assalariado. Em seguida vêm os camponeses médios, que trabalham em suas próprias pequenas fazendas e não exploram o trabalho assalariado. Em terceiro e último lugar estão os camponeses pobres, formando o semiproletariado e o proletariado rural.

É fácil entender que os membros desses respectivos grupos, devido à diferença de suas posições, terão visões diferentes da luta de classes entre o proletariado e a burguesia. Os camponeses ricos são, via de regra, aliados da burguesia e, muitas vezes, também dos grandes latifundiários. Na Alemanha, por exemplo, aqueles que são chamados de *grandes camponeses* estão unidos em uma única organização com os padres e os latifundiários. Encontramos a mesma coisa na Suíça e na Áustria e, em certa medida, também na França. Na Rússia, durante o ano de 1918, os camponeses ricos apoiaram todas as conspirações contrarrevolucionárias. Os que pertencem às camadas semiproletárias e proletárias apoiam naturalmente os trabalhadores

na sua luta contra a burguesia e os camponeses ricos. No que diz respeito aos camponeses médios, a questão é muito mais complicada.

Se os camponeses médios apenas percebessem que para a maioria deles não há saída sob o capitalismo, que apenas alguns deles podem esperar se tornar camponeses ricos, enquanto a maioria deles está fadada a viver na penúria, então eles estariam prontos para dar apoio irrestrito aos trabalhadores. Mas a sua desgraça está no fato de que lhes acontece o mesmo que acontece nas cidades aos artesãos independentes e aos membros da pequena burguesia. Cada um deles, no fundo do coração, nutre a esperança de progredir, de enriquecer. Mas, por outro lado, o camponês médio é oprimido pelo capitalista, pelo agiota, pelo latifundiário e pelo camponês rico. O resultado é, via de regra, que o camponês médio oscila entre o proletariado e a burguesia. Ele é incapaz de adotar de todo o coração a plataforma da classe trabalhadora, mas ao mesmo tempo tem muito medo do proprietário de terras.

Essa oscilação tem sido peculiarmente clara na Rússia. Os camponeses médios apoiaram os trabalhadores contra os latifundiários e os camponeses ricos. Então, temendo que não fossem tão abastados na *comuna*, ouviram os conselhos dos camponeses ricos e se opuseram aos trabalhadores. Ainda mais tarde, quando o perigo ameaçou por parte da classe latifundiária (Denikin, Kolchak), eles estavam mais uma vez inclinados a defender a causa dos trabalhadores.

A mesma vacilação foi exibida na luta partidária. Ao mesmo tempo, os camponeses médios aderiram ao partido dos trabalhadores, o partido dos bolcheviques comunistas; em outro momento, adeririam ao partido dos camponeses ricos, o partido dos *essers* (revolucionários sociais).

A classe trabalhadora (o proletariado). Essa classe é composta por aqueles que *não têm nada para carregar, além de suas correntes*. Não são apenas explorados pelos capitalistas, além disso, como já aprendemos, o próprio curso do desenvolvimento capitalista leva à sua solidariedade em um poder homogêneo, composto por pessoas acostumadas a trabalhar e lutar juntas. Por esta razão, a classe trabalhadora é a classe mais progressista na sociedade capitalista. Por isso, também, o partido da classe operária é o partido mais progressista, o mais revolucionário que pode existir.

É natural, além disso, que o objetivo desse partido seja realizar a revolução comunista. Para isso, o partido proletário deve ser absolutamente intransigente. Sua função não é zombar da burguesia, mas tirar a burguesia do poder e esmagar a resistência dos capitalistas. Este partido deve *revelar o conflito absoluto de interesses entre exploradores e explorados*" (essas palavras foram usadas em nosso antigo programa, que foi assinado pelos mencheviques, mas infelizmente os mencheviques esqueceram delas, e agora estão de mãos dadas com a burguesia).

Mas qual deve ser a atitude do nosso partido em relação à pequena burguesia, às camadas mais pobres não proletárias das nossas grandes cidades e aos camponeses médios?

Isso fica claro pelo que foi dito acima. Nunca devemos nos cansar de nossas provas e explicações para convencê-los de que suas esperanças de uma vida melhor sob o capitalismo são fruto de fraudes de outros, ou se devem ao seu próprio autoengano. Devemos demonstrar paciente e claramente aos camponeses médios que eles devem entrar sem hesitação no campo proletário e, apesar de todas as dificuldades, lutar ombro a ombro com os trabalhadores. É nosso dever mostrar-lhes que os únicos camponeses a ganhar com a vitória da burguesia serão os camponeses ricos, que se transformarão em uma nova classe de latifundiários. Em resumo, devemos trazer todos aqueles que trabalham para fazer causa comum com o proletariado; devemos permitir que todos os que trabalham vejam as coisas do ponto de vista da classe trabalhadora. Aqueles que pertencem à pequena burguesia e ao estrato dos camponeses médios estão cheios de preconceitos decorrentes das condições de suas vidas. É nosso dever revelar a verdadeira postura dos assuntos. Devemos mostrar que a posição do artesão e do camponês operário sob o capitalismo é completamente inútil, e que é melhor que eles desistam de tentar se divertir com imagens extravagantes. Devemos dizer ao camponês médio que, enquanto durar o capitalismo, sempre haverá um latifundiário montado em suas costas: seja da pequena nobreza, do velho tipo de latifundiário; ou então um camponês rico, o latifundiário do novo tipo. Só através da vitória e do fortalecimento do proletariado existe a possibilidade de reconstruir a vida sobre novas bases. Mas como a vitória do proletariado só pode ser assegurada pela organização dos trabalhadores e pela existência de um partido forte, sólido e resolutivo, devemos reunir em nossas fileiras todos aqueles que trabalham, todos aqueles que querem a nova vida, todos aqueles que aprenderam a pensar e lutar como proletários.

Quão importante é a existência de um partido comunista sólido e militante, pode ser aprendido com os exemplos da Alemanha e da Rússia. Na Alemanha, onde o proletariado é altamente desenvolvido, não havia, no entanto, antes da guerra, nenhum partido militante da classe trabalhadora como o dos bolcheviques comunistas na Rússia. Somente durante a guerra os camaradas Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e outros começaram a fundar um partido distintamente comunista. É por isso que, durante os anos de 1918 e 1919, apesar de vários levantes, os trabalhadores alemães se mostraram incapazes de derrubar a burguesia. Na Rússia, porém, existia nosso partido comunista intransigente. Graças a isso, o proletariado russo foi bem dirigido. Assim, apesar de todas as dificuldades, o proletariado russo foi o primeiro a garantir uma vitória sólida e rápida. A este respeito, nosso partido pode servir e serve de exemplo para outros partidos comunistas. Sua solidez e disciplina são universalmente reconhecidas. É, de fato, o partido mais militante da revolução proletária e, como tal, ocupa o lugar de liderança.

Literatura sugerida

MARX; ENGELS, O manifesto do Partido Comunista;
LENIN, O Estado e a Revolução;
PLEHANOFF, O Centenário da grande revolução francesa;
BOGDANOFF, Minicurso de Ciências Econômicas;
BEBEL, Mulher e Socialismo (O Estado do Futuro);
BOODANON, A estrela vermelha (utópico);
KORSAK, A Sociedade Legalista e a Sociedade Operária (um ensaio na obra coletiva: Artigos sobre filosofia realista).

A respeito do anarquismo, os seguintes trabalhos devem ser lidos:

VOLSKY, A teoria e a prática do anarquismo;
PREOBBAZHENSKY, Anarquismo e comunismo;
BAZAROFF, Comunismo anarquista e marxismo.

Sobre as classes da sociedade capitalista, leia:

KAUTSKY, Interesses de classe.

Com relação às características dos partidos pequeno-burgueses, leia as seguintes obras:

MARX, O 18 Brumário de Luís Napoleão Bonaparte;
MARX, Revolução e contrarrevolução na Alemanha;
MARX, A guerra civil na França.

Capítulo IV: Como o desenvolvimento do capitalismo levou à revolução comunista

(O imperialismo, a guerra e o colapso do capitalismo)

§ 26. Capital financeiro

§ 27. Imperialismo

§ 28. Militarismo

§ 29. A guerra imperialista de 1914 a 1918

§ 30. Capitalismo de estado e as classes

§ 31. O colapso do capitalismo e a classe trabalhadora

§ 32. A guerra civil

§ 33. As formas da guerra civil e seu custo

§ 34. Caos ou comunismo

§ 26. Capital financeiro

Vimos anteriormente que entre os empresários há uma luta contínua e feroz por compradores, e que o resultado infalível dessa luta é a vitória dos grandes empresários. Assim, os capitalistas menores estão arruinados, de modo que o capital e a produção como um todo se acumulam nas mãos dos grandes capitalistas (a concentração e a centralização do capital). No início dos anos oitenta do século XIX, a centralização do capital já estava muito avançada. No lugar dos proprietários individuais das empresas, agora aparecia um grande número de empresas por ações, empresas cooperativas; mas devemos observar com atenção que essas *cooperativas* eram empresas de acionistas capitalistas. Qual foi o significado desse desenvolvimento? Por que surgiram as sociedades anônimas? É fácil responder a essas perguntas. Chega o tempo em que todo novo empreendimento exigia o comando de uma quantidade considerável de capital. Se fosse fundada uma empresa escassamente dotada de capital, sua chance de vida era pobre; por todos os lados, estava cercada por seus concorrentes mais vigorosos, por empresas que fabricavam em maior escala. Portanto, para que uma nova empresa não pereça em sua infância, para que a empresa viva e prospere, ela deve ser construída sobre bases sólidas. Mas bases sólidas só poderiam ser fornecidas por aqueles que tivessem

bastante capital. A sociedade anônima foi o resultado dessa necessidade. A essência da questão é que alguns grandes capitalistas fazem uso do capital de capitalistas menores, e fazem uso também das poupanças que se acumularam nas mãos de grupos não capitalistas (empregados, camponeses, funcionários públicos, etc.). Os assuntos são organizados da seguinte maneira. Cada um contribui com sua porção; todos recebem um *compartilhamento* ou um número de *compartilhamentos*. Em troca de seu dinheiro, a pessoa recebe um *certificado de ações*, que lhe dá o direito de receber uma parte definida da renda. Deste modo, a acumulação de pequenas somas origina prontamente uma grande quantidade de *capital social*.

Quando surgiram as sociedades anônimas, certos teóricos burgueses e, além disso, certos defensores socialistas da colaboração de classes, começaram a assegurar ao mundo que uma nova era estava começando. O capitalismo, declaravam, não estava destinado a resultar no domínio de um pequeno grupo de capitalistas. Longe disso: com suas economias, cada trabalhador poderia comprar ações e, dessa forma, cada trabalhador se tornaria um capitalista. O capital, diziam, estava sendo cada vez mais *democratizado*. Com o passar do tempo, a diferença entre os capitalistas e os trabalhadores desapareceria sem qualquer revolução.

Claro que isso era um absurdo total. As coisas funcionaram de forma muito diferente. Os grandes capitalistas simplesmente fizeram uso dos capitalistas menores para seus próprios propósitos. A centralização do capital prosseguiu mais rapidamente do que nunca, e a competição tomou a forma de uma luta entre grandes empresas acionárias.

É fácil entender como os grandes acionistas capitalistas conseguiram fazer dos pequenos acionistas seus homens de negócios. O pequeno acionista muitas vezes mora em uma cidade diferente daquela em que a empresa está sediada e não pode viajar cem milhas ou mais para participar de uma assembleia de acionistas. Mesmo quando alguns dos acionistas ordinários apareçam na assembleia, eles são desorganizados e apenas brincam uns com os outros como cachorrinhos cegos. Mas os grandes acionistas estão organizados. Eles têm um plano comum: podem fazer o que quiserem. A experiência mostrou que basta ao grande capitalista possuir um terço de todas as ações, porque isso lhe dá o controle absoluto de todo o empreendimento.

Mas o desenvolvimento da concentração e centralização do capital iria avançar ainda mais. Durante as últimas décadas, o lugar das empresas individuais e das empresas acionárias individuais foi amplamente ocupado por grandes combinações capitalistas conhecidas como corporações¹⁰, cartéis e trustes. Por que eles foram formados? Qual é o seu significado?

¹⁰ Algumas traduções desta obra utilizam o termo *sindicato patronal*. Contudo, o termo utilizado em inglês é *syndicate*, cuja significação é associada a organizações criminosas. Por esta razão, a escolha para esta tradução foi o termo *corporação/corporações*.

Suponhamos que, em certo ramo da produção, têxtil ou engenharia, por exemplo, os capitalistas menores já tenham desaparecido. Restam apenas cinco ou seis grandes empresas, sociedades por ações, que produzem quase todas as mercadorias nesses ramos específicos da empresa. Eles estão realizando uma competição acirrada: baixam os preços e, conseqüentemente, obtêm lucros menores. Suponhamos agora que duas dessas empresas concorrentes sejam maiores e mais fortes do que as outras. Então esses dois continuarão a luta até que seus rivais sejam arruinados. Vamos supor, ainda, que a força dos dois concorrentes restantes seja praticamente idêntica: eles trabalham em escala semelhante, têm o mesmo tipo de maquinário e ambos empregam aproximadamente o mesmo número de trabalhadores; não há diferença notável entre eles no que diz respeito ao custo líquido de produção. O que acontecerá então? Nenhum deles pode obter a vitória, pois ambos estão esgotados pela luta; nenhum deles está tendo nenhum lucro. Os grupos capitalistas chegam à mesma conclusão. Por que, eles se perguntam, deveríamos continuar cortando preços uns contra os outros? Não seria melhor nos unirmos, unir forças para espoliar o público? Se combinarmos, não haverá mais competição: controlaremos o mercado e podemos forçar os preços a qualquer valor que desejarmos.

Assim surge a combinação, a liga dos capitalistas, conhecida como corporação ou *truste*. A corporação se distingue do *truste* da seguinte forma: Quando uma corporação é organizada, as empresas participantes concordam que não venderão seus produtos abaixo de um preço especificado; ou eles concordam em compartilhar os pedidos; ou eles concordam com uma divisão territorial do mercado (você limita suas vendas a um distrito, e eu confinarei as minhas em outro); e assim por diante. Neste acordo, no entanto, a administração da corporação não tem o direito de encerrar nenhuma das empresas; estes são todos membros de uma liga na qual cada um mantém uma certa medida de independência. No *truste*, por outro lado, há uma união tão íntima que cada empreendimento individual perde completamente sua independência; a administração do *truste* pode fechá-lo, reconstruí-lo, transferi-lo para outro lugar, fazer o que parece ser vantajoso para o *truste* como um todo. É claro que o proprietário da empresa individual continua a receber seus lucros regularmente, e esses lucros podem até ser maiores do que antes; mas toda a administração está investida na combinação capitalista solidamente construída, o *truste*. Corporações e *trustes* exercem um controle quase completo sobre o

mercado. Eles não temem mais a competição, pois ela foi esmagada por eles. Seu lugar foi ocupado pelo monopólio capitalista, isto é, pelo domínio de um único *truste*¹¹.

Dessa forma, a concentração e a centralização do capital levam gradualmente à supressão da concorrência. A concorrência devorou a si mesma. Quanto mais frenético o desenvolvimento do capitalismo, mais rapidamente se processava a centralização, porque mais rapidamente se efetuava a ruína dos capitalistas mais fracos. No final, a centralização do capital, decorrente da concorrência, revelou-se fatal para a concorrência. **A livre concorrência foi substituída pelo domínio das combinações capitalistas, pelo regulamento dos sindicatos e trustes.**

Alguns exemplos podem ser dados para mostrar o enorme poder exercido por trustes e corporações. Nos Estados Unidos, já em 1900, ou seja, no início do século XX, a proporção da produção nas mãos de corporações e trustes era a seguinte: Têxteis, mais de 50%; vidro, 54%; papel, 60%; metais (excluindo ferro e aço), 84%; ferro e aço, 84%; químicos, 81%; etc. Nem é preciso dizer que, durante as últimas duas décadas, o poder das colheitadeiras aumentou enormemente. Na verdade, toda a produção industrial dos EUA é hoje controlada por dois *trustes*, o Standard Oil Trust e o Steel Trust; todos os outros *trustes* são dependentes destes. Na Alemanha, no ano de 1918, 92,6% do carvão extraído na região da Renânia-Vestefália estava nas mãos de uma única corporação; de todo o aço produzido dentro do império alemão, quase metade era fabricado pela Corporação do Aço; o Sugar Trust forneceu 70% da demanda doméstica e 80% da demanda de exportação. Mesmo na Rússia, um grande número de ramos da indústria já havia passado completamente para o domínio das corporações. *Produgol* produziu 60% do carvão de Donetz; *Prodameta* [corporação do metal] controlava de 88 a 98% da produção; *Krovlya* forneceu 60% de todo o ferro usado para telhados; *Prodwagon* era uma corporação de cerca de 15 empresas que construíam carruagens ferroviárias; a Corporação do Cobre controlava 90% da saída de cobre; a Corporação do Açúcar controlava toda a produção de açúcar; e assim por diante. Segundo os cálculos de um especialista suíço, no início do século XX, metade do capital do mundo já estava nas mãos de trustes ou corporações.

Corporações e trustes não centralizam apenas empresas homogêneas. Com cada vez mais frequência surgem trustes que abrangem simultaneamente vários ramos de produção. Como isso ocorre?

Os vários ramos da produção estão ligados uns aos outros principalmente por meio de compra e venda. Consideremos a produção de minério de ferro e de carvão. Aqui se trata de produtos que servem de matéria-prima para fundições de ferro e oficinas de engenharia; por sua vez, essas oficinas se produzem, suponhamos, máquinas; as máquinas servem como meios de

¹¹ A palavra *monopólio* é derivada de duas palavras gregas, *monos* (sozinho, único, solteiro) e *pokin* (vender). Na Rússia, ao mesmo tempo, o uso do termo *monopólio* era quase restrito a denotar o monopólio governamental sobre as bebidas alcoólicas. Mas não existe monopólio de qualquer mercadoria, e um monopólio pode ser detido por um fabricante ou grupo de fabricantes, tanto quanto pelo Estado.

produção em uma série de outros ramos; e assim por diante. Agora vamos imaginar que temos uma fundição de ferro. Ela compra minério de ferro e carvão. Claro que o interesse das fundições é comprar o minério e o carvão o mais barato possível. Mas e se o minério e o carvão estiverem nas mãos de outra corporação? Começa, então, uma luta entre as duas corporações, que termina ou com a vitória de uma delas ou com a fusão das duas. Em qualquer caso, surge uma nova corporação, unindo os dois ramos da produção. É óbvio que tal união pode ser efetuada não apenas no caso de dois, mas de três ou de dez ramos de produção. Tais empresas são denominadas empresas *compostas* (ou *combinadas*¹²).

Dessa maneira, as corporações e os trustes fazem mais do que organizar ramos individuais de produção: eles consolidam vários tipos de produção em uma única organização, unindo um ramo com um segundo, um terceiro, um quarto, etc. Antigamente, em todos os ramos, os empresários eram independentes uns dos outros, e todo o trabalho de produção era disperso em cem mil pequenas fábricas. No início do século XX, a produção já estava concentrada nas mãos de grandes trustes, cada um organizando muitos ramos de produção.

As uniões de ramos de produção individuais surgiram de outra forma, além da formação de empresas *combinadas*. O leitor deve considerar, agora, um fenômeno que é ainda mais importante do que as empresas *combinadas*. Referimo-nos ao domínio dos bancos.

Em primeiro lugar, é necessário dizer algumas palavras sobre os bancos.

Já foi assinalado que, quando a concentração e a centralização do capital avançaram consideravelmente, surgiu a necessidade de capital que pudesse ser empregado para o estabelecimento imediato de grandes empresas. Essa necessidade foi uma das causas do desenvolvimento das sociedades anônimas. A organização de novas empresas exigia quantidades cada vez maiores de capital.

Agora vamos considerar o que o capitalista faz com o lucro que recebe. Sabemos que ele gasta parte dos lucros em suas próprias necessidades imediatas, na forma de comida, roupas e assim por diante; o restante, ele *poupa*. Surge a pergunta: como ele faz isso? É possível para ele, a qualquer momento, expandir seus negócios, dedicar a parte *poupada* de seus lucros para esse fim? Não, ele não pode fazê-lo pela seguinte razão: o dinheiro flui continuamente, mas apenas em *gotas*. As mercadorias que ele produz são vendidas de tempos em tempos, e de tempos em tempos é recebido dinheiro por elas. Evidentemente, para que ele possa utilizar essas receitas para a expansão de seu empreendimento, é necessária a acumulação de uma soma

12 Em português, também *empresas incorporadas*.

considerável. Ele terá, portanto, de esperar até obter todo o dinheiro de que precisa - vamos supor que seja para a compra de novas máquinas. E até lá, o que ele vai fazer? Até então ele não pode usar o dinheiro. Fica ocioso. Isso não acontece apenas com um ou dois capitalistas, uma vez ou outra: acontece com todos. *O capital livre* está constantemente disponível. No entanto, já salientamos anteriormente que existe uma procura de capital. Por um lado, há somas supérfluas ociosas; por outro lado, há necessidade dessas somas. Quanto mais rápida a centralização do capital acontece, mais vigorosa é a demanda por grandes somas de capital, mas maior também é a quantidade de capital livre. É este estado de coisas que dá aos bancos a sua importância. O capitalista, não querendo que seu dinheiro fique ocioso, coloca-o no banco, e o banco o empresta a quem precisa dele para o desenvolvimento de antigas empresas ou para o início de novos empreendimentos. Certos fabricantes depositam dinheiro no banco, e o banco empresta o dinheiro para outros fabricantes. Estes últimos, com a ajuda do capital emprestado, extraem mais-valia. Parte de seus recebimentos é pago ao banco como juros. O banco, então, paga uma parte desta última soma aos seus depositantes e mantém o restante como lucros bancários. Assim, a máquina continua a moer. Agora podemos entender por que, durante a última fase do regime capitalista, o papel dos bancos, sua importância e sua atividade se expandiram a um grau maravilhoso. As somas de capital sugadas pelos bancos aumentam continuamente. E cada vez mais os bancos investem capital na indústria. O capital bancário está sempre *em ação* na indústria; sofre conversão em capital industrial. A indústria cresce na dependência dos bancos, que a sustentam e a nutrem com capital. O capital bancário funde-se com o capital industrial. Aqui temos a forma de capital que é conhecida como capital financeiro. Resumindo, **capital financeiro é capital bancário que foi enxertado em capital industrial.**

Através da instrumentalidade dos bancos, o capital financeiro realiza uma união ainda mais íntima de todos os ramos da indústria do que aquela que foi efetuada pela combinação direta de empresas. Por que isso?

Suponhamos que temos um grande banco diante de nós. Este grande banco abastece com capital (ou, como diz a expressão, *finanças*) não apenas uma, mas um grande número de empresas, ou um grande número de corporações. É naturalmente do interesse do banco que esses dependentes financeiros não entrem em conflito uns com os outros. O banco une todos eles. A sua política persistente consiste em concretizar uma união real das empresas em um todo que ficará sob a sua administração. O banco começa a deter as rédeas de uma série de ramos da indústria. Seus agentes confidenciais são nomeados diretores de trustes, corporações e empresas individuais.

Assim, no final, chegamos à seguinte ilustração. **A indústria de todo o país está unida em corporações, trustes e empresas combinadas, todas elas e unidas por bancos, comandando toda a vida econômica há um pequeno grupo de grandes banqueiros que administram a indústria em sua totalidade, o governo e a autoridade simplesmente cumprem a vontade destes banqueiros e magnatas de trustes.**

Isso é muito bem mostrado nos Estados Unidos. A administração *democrática* do presidente Wilson nada mais é do que uma serva dos trustes. O Congresso apenas executa o que foi previamente decidido em conchaves secretos de magnatas e banqueiros. Os trustes gastam grandes somas na compra de parlamentares, no financiamento de campanhas eleitorais e coisas do gênero. Myers, um escritor americano, relata que, no ano de 1904, as grandes companhias de seguro de vida gastaram as seguintes quantias em propinas: a Mutual, \$864.254; o Equity, \$172.698; o Nova York, \$204.019. O ministro das finanças, McAdoo, genro de Wilson, é um dos principais magnatas dos bancos e dos trustes. Senadores, ministros de Estado, deputados são meros escudeiros dos grandes trustes, a menos que eles próprios detenham grandes interesses nesses órgãos. A autoridade do Estado, a máquina governamental da *república livre* nada mais é do que uma oficina de espoliação do público.

Podemos, portanto, dizer que **um país capitalista sob o domínio do capital financeiro é todo transformado em um imenso truste combinado. Na liderança deste truste estão os bancos. O governo burguês forma seu comitê executivo.** Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha, etc., nada mais são do que trustes capitalistas de Estado, poderosas organizações de magnatas e banqueiros de trustes explorando e governando centenas de milhões de escravos assalariados.

§ 27. Imperialismo

Em alguns países, o efeito do domínio do capital financeiro é, em certa medida, pôr fim à anarquia da produção capitalista. Os vários produtores, que até então lutavam entre si, agora unem forças em um truste capitalista de Estado.

Mas o que acontece neste caso, com uma das contradições fundamentais do capitalismo? Já dissemos mais de uma vez que o capitalismo inevitavelmente entrará em colapso por causa de sua falta de organização e porque é afetado pela luta de classes. Agora, se uma dessas duas contradições (ver seção § 13) é inválida, não pode ser que a previsão sobre o colapso do capitalismo não tenha fundamento?

O ponto que devemos considerar principalmente é este. Na realidade, a anarquia da produção e da concorrência não cessou. Ou talvez seja melhor dizer que em alguns lugares ela

deixa de irromper pior do que nunca em outro. Vamos nos esforçar para explicar o assunto em detalhes.

O capitalismo contemporâneo é o capitalismo mundial. Todos os países estão interligados: eles compram uns dos outros. Não podemos encontrar, agora, nenhum país que não esteja sob o calcanhar do capitalismo; não podemos encontrar nenhum país que produza para si absolutamente tudo de que necessita.

Existem inúmeros artigos que só podem ser produzidos em determinados lugares. Laranjas não crescem em países frios, ao passo que o minério de ferro não pode ser obtido de um país que não tenha depósitos sob o solo. Café, cacau e borracha são cultivados apenas em climas quentes. O algodão é cultivado nos Estados Unidos, Índia, Egito, Turquestão, etc.; dessas terras é exportado para todas as partes do mundo. Carvão é encontrado na Grã-Bretanha, Alemanha, Estados Unidos, Áustria e Rússia, mas não há carvão na Itália, e a Itália depende inteiramente do fornecimento de carvão britânico e alemão. O trigo é exportado para todos os outros países pelos Estados Unidos, Índia, Rússia e Romênia.

Por outro lado, alguns países estão muito avançados em seu desenvolvimento, enquanto outros estão atrasados. Como resultado disso, vários produtos da indústria urbana nas terras mais avançadas são comercializados nos países atrasados. A Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha, em particular, enviam mercadorias de ferro para todas as partes do mundo. A Alemanha é o principal exportador de produtos químicos.

Assim, cada país é dependente dos outros; cada um vende para os outros ou compra dos outros. Até onde pode ir essa dependência, podemos aprender com o exemplo da Grã-Bretanha. De três quartos a quatro quintos do trigo necessário para aquele país e metade da carne são importados, e em troca disso, a maior parte dos bens produzidos nas fábricas britânicas tem que ser exportada.

Agora vamos perguntar se o capital financeiro põe fim à concorrência no mercado mundial. Cria uma organização mundial em virtude do fato de que une os capitalistas em países individuais? Obviamente este não é o caso. A anarquia da produção e da competição dentro de cada país específico cessa mais ou menos completamente porque os empresários individuais se unem para formar um truste capitalista de Estado. Quanto mais feroz, mais cresce a luta entre os vários trustes capitalistas de Estado. Isso é o que sempre acontece quando o capital é centralizado. Quando os alevinos são arruinados, é claro que o número de competidores diminui, pois apenas os peixes grandes ficam. Entre estes últimos, a luta agora é conduzida em maior escala: em vez de uma luta entre fabricantes individuais, segue-se uma luta entre os trustes. É claro que o número de trustes é menor que o número de fabricantes individuais. A luta, portanto, tornou-se mais feroz e mais destrutiva. Quando os capitalistas em qualquer país em particular derrotam seus oponentes menores e se organizam em um truste capitalista de Estado, o número de competidores é ainda mais reduzido. Isto porque os concorrentes são agora essas potências capitalistas titânicas. Tal competição envolve gastos e desperdícios em uma

escala sem precedentes. A luta entre os trustes capitalistas do Estado expressa-se, em tempos de *paz*, na rivalidade dos armamentos. Em última análise, isso leva a uma guerra devastadora.

Assim, **considerando que o capital financeiro afirma a concorrência dentro dos países individuais**, oportunamente e no momento oportuno, **dá geração a uma concorrência dura e amarga entre os diversos estados**.

Como isso acontece? Por que, além disso, a competição entre países capitalistas acaba levando a uma política anexionista e à guerra? Por que a competição não pode ser pacífica? Quando dois fabricantes competem entre si, eles não se atacam com facas, mas tentam roubar o cliente um do outro por métodos pacíficos. Por que, então, a concorrência no mercado mundial deveria assumir uma forma tão selvagem? Por que os competidores devem recorrer às armas? Devemos dar uma resposta detalhada a estas perguntas.

Em primeiro lugar, devemos considerar a razão pela qual foi necessário que a política da burguesia sofresse uma mudança concomitante à transição do velho capitalismo, em que prevalecia a livre concorrência, para o novo capitalismo, em que impera o capital financeiro.

Começemos pela chamada política tarifária. Na luta internacional, as autoridades governamentais burguesas, cada uma visando à proteção de seus próprios capitalistas, há muito adotaram o uso de tarifas alfandegárias como meio de luta. Quando, por exemplo, os fabricantes de têxteis russos temiam que seus concorrentes britânicos ou alemães introduzissem têxteis britânicos ou alemães na Rússia e reduzissem os preços, o governo russo estava acomodado o suficiente para impor um imposto de importação sobre os têxteis britânicos e alemães. Claro que isso impediu a importação de produtos estrangeiros para a Rússia. Os fabricantes geralmente declaram que as tarifas são necessárias para estimular a indústria doméstica. Se, no entanto, estudarmos as políticas tarifárias dos vários países, veremos que o objetivo real era muito diferente. Durante as últimas décadas, os países em que os capitalistas levantaram o maior clamor por altas tarifas de importação, os países em que tais tarifas foram impostas, são os maiores e mais fortes países do mundo. Os Estados Unidos lideraram esse movimento. A concorrência estrangeira poderia prejudicar esses países? *Por que você está fazendo essa briga, John? Quem está machucando você? Você é o agressor!*

Qual é o real significado de tudo isso? Suponhamos que em certo país a indústria têxtil tenha sido monopolizada por sindicatos ou trustes. O que acontece se um imposto de importação for imposto? Os capitalistas sindicalizados matam dois coelhos com uma cajadada só. Em primeiro lugar, libertam-se da concorrência estrangeira. Em segundo lugar, para os compradores de suas próprias terras, eles podem aumentar os preços em um valor quase igual

ao da tarifa. Suponha que o imposto de importação sobre têxteis seja de dois xelins¹³ por jarda¹⁴. Nesse caso, os magnatas têxteis não precisam hesitar em acrescentar dois xelins, ou pelo menos 1 xelim e 9 pence por jarda ao preço de suas mercadorias. Se a indústria não fosse sindicalizada, a competição interna entre os capitalistas do país que estamos considerando levaria imediatamente ao corte de preços. Mas se existe uma corporação no controle, ela não tem dificuldade em aumentar os preços, pois o estrangeiro é mantido fora do mercado pela barreira alfandegária, e devido à corporação da indústria, não há concorrência na pátria. Na medida em que há importações, a receita do Estado é beneficiada, enquanto os fabricantes das corporações garantem mais-valia adicional em consequência do aumento do preço. Isso só pode ocorrer onde há uma corporação ou um truste. Mas esse não é o fim do caso. Graças a esses lucros excedentes, os fabricantes das corporações podem introduzir seus produtos em outros países e vendê-los abaixo do preço de custo, simplesmente para suplantarem todos os concorrentes nesses países. Isto é o que eles realmente têm feito. É de conhecimento geral que a Corporação Russa do Açúcar manteve o preço do açúcar na Rússia relativamente alto, enquanto vendia açúcar na Inglaterra a um preço ridiculamente baixo na esperança de destruir os concorrentes naquele país. Tornou-se corrente o ditado de que, na Inglaterra, os porcos eram alimentados com açúcar russo. Assim, os fabricantes das corporações, auxiliados pelas tarifas, podem ao mesmo tempo espoliar seus próprios compatriotas e trazer clientes estrangeiros sob seu domínio.

As consequências são de grande importância. É óbvio que os lucros excedentes da corporação aumentarão proporcionalmente com a multiplicação do número de ovelhas a serem tosquiadas, com o aumento do número daqueles que estão presos dentro das barreiras tarifárias. Se a área alfandegária for pequena, a oportunidade de lucro também será pequena. Se, por outro lado, a área aduaneira for grande e populosa, as oportunidades de lucro serão igualmente extensas. Nesse caso, os lucros excedentes serão muito grandes, de modo que será possível atuar com ousadia no mercado mundial, e com a esperança de um sucesso substancial. Agora, a área aduaneira costuma coincidir com a área administrada pelo Estado. Como esta última pode ser ampliada? Agarrando algum território estrangeiro, anexando-o, incluindo-o dentro de suas próprias fronteiras, dentro de sua própria área governamental. Mas isso significa guerra. Significa que o domínio das corporações está inevitavelmente associado às guerras de conquista. Todo Estado capitalista ladrão se esforça para estender suas fronteiras; a extensão é

13 Unidade monetária que esteve em uso em vários países, inclusive a Inglaterra, de onde foi usada a referência, por causa da época.

14 Unidade de medida de comprimento que equivale a pouco mais de 91 centímetros.

exigida pelos interesses dos magnatas do truste, pelos interesses do capital financeiro. Ora, quem fala em estender as fronteiras fala, na verdade, em fazer guerra. Desta forma, a política tarifária da corporação e dos magnatas do truste, em conjunto com sua política no mercado mundial, leva a colisões violentas. Mas aqui estão em ação, tendendo à guerra, causas adicionais.

Vimos que o desenvolvimento da produção resulta na acumulação contínua de mais-valia. Em todos os países de desenvolvimento capitalista avançado há, portanto, em expansão contínua, uma massa de capital supérfluo que gera menos lucro do que em países comparativamente atrasados. Quanto maior a acumulação de capital supérfluo em qualquer país, mais vigorosos são os esforços para exportar capital, para investi-lo no exterior. Este objetivo é preeminente favorecido pela política tarifária. Na verdade, os direitos de importação dificultam muito a importação de mercadorias. Quando, por exemplo, os fabricantes russos impuseram altas taxas sobre produtos alemães, tornou-se difícil para os fabricantes alemães introduzir seus produtos na Rússia (Estamos falando, é claro, de coisas que aconteceram quando os fabricantes estavam no poder, antes dos dias do governo soviético).

Mas quando eles acharam difícil exportar seus produtos para a Rússia, outro caminho foi aberto para os capitalistas alemães. Eles começaram a introduzir seu capital na Rússia. Eles construíram fábricas lá, compraram ações de empresas russas ou iniciaram novas empresas, fornecendo-lhes capital. As tarifas ofereciam algum obstáculo? Nada desse gênero. Longe de ser um obstáculo, eram uma ajuda; elas promoveram positivamente o influxo de capital. Por esta razão, quando o capitalista alemão tem uma fábrica na Rússia, e quando ele também se torna membro da corporação *russa*, é claro que a tarifa russa o ajuda a obter lucro excedente. As taxas de importação são tão úteis para ele espoliar o público russo quanto para seus colegas russos.

O capital se desloca de um país para outro não apenas para fundar novas empresas neste último, ou para sustentar as que já existem. Em muitos casos, a introdução de capital assume a forma de um empréstimo ao governo do país em que o capital é introduzido, um empréstimo a uma taxa de juros fixa. Isso significa que o governo mutuário aumenta sua dívida nacional, torna-se endividado com o governo mutuante. Nesses casos, o governo devedor geralmente se compromete a transferir todos os empréstimos (e especialmente os empréstimos de guerra) entre os industriais do Estado credor. Assim, grandes quantidades de capital passam de um Estado para outro, parcialmente incorporadas em edifícios e empresas manufatureiras, e parcialmente

sob a forma de empréstimos estatais. Sob o domínio do capital financeiro, a exportação de capital atinge proporções gigantescas.

Daremos alguns números que ainda podem nos ensinar muito, embora estejam um pouco desatualizados. No ano de 1902, a França tinha, em vinte e seis Estados estrangeiros investimentos no valor aproximado de trinta e cinco bilhões de francos: cerca de metade da soma era sob a forma de empréstimos estatais. A parte do leão foi para a Rússia (dez bilhões). Entre parênteses, podemos observar que é por isso que a burguesia francesa está tão furiosa porque nós, russos, cancelamos as dívidas czaristas e nos recusamos a pagar aos usurários franceses. No ano de 1905, a soma do capital estrangeiro importado para a Rússia já ultrapassava os quarenta bilhões. No ano de 1911, os investimentos estrangeiros da Grã-Bretanha atingiram cerca de mil e seiscentos milhões de libras esterlinas; mas se incluirmos os empréstimos às colônias britânicas, a soma investida no exterior pelos britânicos ascendeu a três bilhões de libras esterlinas. A Alemanha, antes da guerra, tinha investimentos estrangeiros da ordem de trinta e cinco bilhões de marcos. Em resumo, todo governo capitalista exporta grandes quantidades de capital para, com a ajuda desse capital, saquear países estrangeiros.

Além disso, a exportação de capital traz consequências importantes. Os vários Estados poderosos começam a competir pela posse daquelas áreas territoriais ou Estados menores para os quais desejam exportar capital. Mas aqui está outro ponto para o qual devemos chamar a atenção. Quando os capitalistas exportam capital para uma terra *estrangeira*, o risco envolvido não é o de certas quantidades de mercadorias, mas o de imensas somas de dinheiro que chegam a milhões e bilhões. Evidentemente, portanto, surgirá um forte desejo de tomar completamente em suas mãos os países menores em que investiram capital e enviar exércitos para proteger esse capital. Nos Estados exportadores surge, assim, a aspiração de submeter esses territórios às suas próprias autoridades governamentais, a qualquer custo, simplesmente para conquistá-los, anexá-los pela força. Segue-se, por parte de vários Estados fortes e saqueadores, uma invasão competitiva dos territórios fracos, e é claro que, em longo prazo, os saqueadores devem entrar em colisão mútua. Tais confrontos realmente aconteceram. Em consequência, a exportação de capital levou à *guerra*. Agora precisamos considerar alguns pontos adicionais. Com o crescimento das corporações e a introdução de tarifas, a luta por mercados se intensifica muito. Já no final do século XIX não se encontrava mais nenhum território que permanecesse inteiramente livre para a exportação de mercadorias, ou qualquer região em que o capitalista ainda não tivesse pisado. Começava uma grande alta no preço das matérias-primas: metais, lã, madeira, carvão e algodão estavam ficando cada vez mais caros. Durante os anos imediatamente anteriores à guerra, houve uma disputa feroz por mercados e uma *luta por novas fontes de matérias-primas*. Os capitalistas estavam farejando por todo o mundo em busca de novas minas de carvão e novos depósitos de minério; procuravam novos mercados para os quais pudessem

exportar o produto de suas metalúrgicas, suas tecelagens e outras fábricas; eles queriam um público novo, *novo* para saquear. Antigamente, com bastante frequência, os concorrentes em qualquer país consistiam em firmas cuja concorrência era *pacífica*; eles permaneceram em termos razoavelmente bons. Sob a influência dos bancos e dos trustes, ocorreu uma grande mudança. Suponhamos que novos depósitos de cobre tenham sido descobertos. Eles são imediatamente apreendidos por um banco ou um truste, que os coloca inteiramente em seu poder, monopolizando-os. Os capitalistas de outros países se consolam com o ditado: *Não adianta chorar sobre o leite derramado*. As mesmas considerações se aplicam à luta por mercados. Suponhamos que o capital de longe chegue a uma colônia remota. A venda de mercadorias é então organizada em grande escala. O negócio geralmente cai nas mãos de uma empresa gigantesca. Abrindo sucursais no local, exerce pressão sobre as autoridades locais, procurando assim, e por mil astúcias e estratégias, monopolizar o mercado, assegurar o monopólio, excluir todos os concorrentes. É óbvio que o capital monopolista e os magnatas dos trustes e sindicatos devem agir conforme sua espécie. Não estamos vivendo nos *bons velhos tempos*, mas em uma era de guerra entre ladrões monopolistas e saqueadores.

Inevitavelmente, portanto, **ao crescimento do capital financeiro deve ocorrer uma grande intensificação da luta por mercados e matéria-prima, e não pode deixar de levar a colisões violentas.**

Durante os últimos vinte e cinco anos do século XIX, os grandes Estados ladrões tomaram impiedosamente numerosas regiões pertencentes a nações menores. Entre 1876 e 1914, as chamadas Grandes Potências anexaram aproximadamente dez milhões de milhas quadradas de território. Em outras palavras, eles conquistaram território cuja área total é duas vezes maior que a da Europa. O mundo inteiro foi dividido entre os grandes ladrões; todos os outros países se tornaram suas colônias, seus afluentes ou seus escravos.

Aqui estão alguns exemplos. A *Grã-Bretanha*, desde 1870, anexou na Ásia: Beluquistão¹⁵, Birmânia, Wei-hai-wei¹⁶ e o continente adjacente a Hong-Kong; ela ampliou os assentamentos do estreito; adquiriu Chipre e o Bornéu do Norte britânico. Na Australásia¹⁷ e na Oceania, a Grã-Bretanha anexou várias ilhas, ocupou a parte

15 Uma das quatro províncias do Paquistão que é uma grande região de lagos.

16 Também chamada Weihaiwei, na costa nordeste da China, foi território do Reino Unido de 1898 até 1930. A capital era Port Edward, que fica onde hoje é o centro do distrito de Huancui, na cidade de Weihai, província de Shandong.

17 Termo geográfico que nunca teve uma definição precisa e que foi originalmente empregado para denotar a terra que se acreditava existir ao sul da Ásia. Em seu sentido mais amplo, incluiu, além da Austrália (com a Tasmânia) e da Nova Zelândia, o arquipélago malaio, as Filipinas, a Melanésia (Nova Guiné e os grupos de ilhas situadas a leste e sudeste até a Nova Caledônia e Fiji), Micronésia e Polinésia (os grupos dispersos de ilhas que se estendem para o leste dos grupos acima até cerca de 130° de longitude). As ilhas havaianas e até a Antártica

oriental da Nova Guiné, anexou grande parte das Ilhas Salomão, a ilha de Tonga, etc. Suas novas possessões na África são: Egito, o norte do Sudão, Uganda, África Equatorial Oriental, Somalilândia Britânica, Zanzibar e Pemba. Ela engoliu as duas repúblicas bôeres, ocupou a Rodésia e a África Central britânica, anexou a Nigéria e assim por diante.

A *França*, desde 1870, adquiriu Annam; conquistou Tonkin; anexou Laos, Tunis, Madagascar, grandes porções do Saara, Sudão e a costa da Guiné; também adquiriu áreas na Costa do Marfim, no Daomé, na Somalilândia, etc. Assim, no início do século XX, as colônias francesas tinham uma área quase vinte vezes superior à da metrópole (As colônias britânicas, nesse mesmo período, eram mais de cem vezes o tamanho da metrópole).

A *Alemanha* começou a participar nesse jogo de posse um pouco mais tarde, em 1884, mas em pouco tempo conseguiu garantir uma parte considerável do despojo.

A *Rússia czarista* também seguiu uma política de ladrões em grande escala. Nos últimos anos, isso foi direcionado principalmente para a Ásia, e aqui ocorreu uma colisão com o Japão, pois o Japão estava tentando saquear a Ásia do outro lado.

Os *Estados Unidos* anexaram numerosas ilhas no mar do Caribe e, posteriormente, praticaram uma política de anexação no continente americano. Sua atitude em relação ao México tem sido extremamente ameaçadora.

No ano de 1914, os territórios da pátria das seis Grandes Potências totalizavam cerca de seis milhões de milhas quadradas. A área total de suas possessões coloniais, na mesma data, era de aproximadamente trinta milhões de milhas quadradas.

Nem é preciso dizer que, em primeira instância, tais roubos foram efetuados às custas dos países menores, daqueles que estavam desprotegidos e fracos. Eles foram os primeiros a ser arruinados. Assim como na luta entre os fabricantes e os artesãos independentes, em que estes últimos foram os primeiros a sucumbir, neste caso, também. Os grandes trustes do Estado, grandes capitalistas organizados para o roubo, começaram por esmagar os governos menores e confiscar suas posses. Na economia mundial, a centralização do capital avançou em moldes familiares: os Estados menores foram arruinados enquanto os grandes Estados ladrões ficaram mais ricos, maiores e mais poderosos.

Assim que anexaram o mundo inteiro, começaram a lutar mais ferozmente entre si. Era inevitável que os bandidos agora brigassem pelo saque, lutassem por uma redistribuição do mundo. Estados ladrões gigantes permaneceram, e um combate de vida ou morte aconteceria entre esses sobreviventes.

A política de conquista que o capital financeiro persegue na luta por mercados, por fontes de matéria-prima e por locais em que o capital pode ser investido, é conhecida como imperialismo. O imperialismo nasce do capital financeiro. Assim como um tigre não pode viver de grama, o capital financeiro não pode existir sem uma política de conquista, espoliação,

foram incluídas sob o título *Australásia*, mas a região era mais frequentemente tratada como coincidente com a Oceania.

violência e guerra. O desejo essencial de cada um dos trustes do Estado capitalista financeiro é dominar o mundo para estabelecer um império mundial, onde o pequeno grupo de capitalistas pertencentes às nações vitoriosas deve ter domínio sem divisão.

O imperialista britânico, por exemplo, sonha com uma *Grã-Bretanha* que governará o mundo inteiro - um mundo em que os magnatas britânicos comandarão o trabalho de negros e russos, alemães e chineses, hindus e armênios, escravos de todas as cores, pretos, brancos, amarelos e vermelhos. A Grã-Bretanha não está longe de alcançar esse ideal. Mas quanto mais ela pega, mais ela quer. A mesma coisa acontece com os imperialistas de outras nações. Os imperialistas russos sonham com uma *Grande Rússia*; os imperialistas alemães sonham com uma *Grande Alemanha*; e assim por diante. Esses *grandes*, é claro que se praticam uma espoliação desavergonhada de todo o resto.

Desta forma, portanto, o reino do capital financeiro deve inevitavelmente lançar toda a humanidade no abismo sangrento de uma guerra em benefício dos banqueiros e magnatas dos trustes; uma guerra que não é travada pela terra de um povo, mas pela pilhagem de outras terras; uma guerra que é travada para que o mundo seja subjugado pelo capital financeiro do país conquistador. Tal foi a natureza da primeira grande guerra mundial, durante os anos de 1914 a 1918.

§ 28. Militarismo

A dominação do capital financeiro, dos barões dos bancos e dos magnatas dos trustes encontra expressão em outro fenômeno da maior importância, a saber: no crescimento sem precedentes dos gastos com armamentos sobre o Exército, a Marinha e a Aeronáutica. A razão para isto é óbvia. Antigamente, nenhum bandido jamais sonhou em dominar o mundo. Agora, porém, os pensamentos dos imperialistas estão seriamente voltados nessa direção. Nunca houve antes uma disputa entre trustes estatais tão monstruosamente fortes. É como resultado dessa nova situação que os Estados se armaram até os dentes. As grandes potências, ladrões profissionais, mantinham os olhos um no outro, pois cada um temia que seu vizinho o atacasse pela retaguarda. Toda grande potência acha necessário manter um exército, não apenas para o serviço colonial, não apenas para a repressão dos trabalhadores, mas também para a luta com os bandidos. Se alguma das potências introduzir algum novo sistema de armamentos, as outras Potências esforçam-se avidamente para superar o avanço, pois temem “ficar para trás na corrida”. Segue-se, assim, uma louca rivalidade em armamentos, cada Estado tentando superar o resto, gigantescas empresas são formadas, como os trustes dos reis dos canhões - Putiloff,

Krupp, Armstrong, Vickers, etc. Os trustes de armamentos obtêm lucros enormes: eles estão em aliança com os estados-maiores dos exércitos, esforçam-se para jogar combustível nas chamas e para promover oportunidades de conflito, visto que o tamanho de seus lucros depende da guerra.

Essa era a loucura do quadro apresentado pela sociedade capitalista pouco antes da grande guerra. Os trustes do Estado estavam eriçados de baionetas; em terra, no mar e no ar, tudo estava pronto para a luta mundial; nos vários orçamentos nacionais, as estimativas militares e navais assumiram um lugar cada vez maior. Na Grã-Bretanha, por exemplo, em 1875, os gastos para fins de guerra eram de 38,6%. das estimativas anuais, para todos os efeitos, não sendo muito superior a um terço; em 1907-8, a proporção havia subido para 48,6%, quase a metade. Nos Estados Unidos, a proporção das despesas nacionais com fins de guerra para o ano de 1908 foi de 56,9%, sendo consideravelmente mais da metade. Foi o mesmo em outras terras. O *militarismo prussiano* floresceu em todos os grandes trustes do Estado. Os reis do armamento estavam enchendo seus tesouros. O mundo inteiro se apressava em ritmo acelerado para a mais sangrenta de todas as guerras, para a guerra mundial do imperialismo.

De excepcional interesse foi a rivalidade entre as burguesias britânica e alemã. No ano de 1912, a Inglaterra decidiu estabelecer três *superdreadnoughts*¹⁸ para cada dois lançados pela Alemanha. Em 1918, de acordo com as estimativas navais, a frota alemã do Mar do Norte deveria conter 17 dreadnoughts contra 21 dreadnoughts britânicos; em 1916 o número seria de 26 alemães e 86 britânicos; e assim por diante.

As despesas com exército e marinha aumentaram da seguinte forma:

	Milhões de libras esterlinas	
	1888	1908
Rússia	21	47
França	30	41,5
Alemanha	18	40,5
Áustria-Hungria	10	20
Itália	7,5	12
Grã-Bretanha	15	28
Japão	0,7	9
EUA	10	20

Ao longo de 20 anos, as despesas duplicaram; no caso do Japão foi multiplicado por 18. A dança do armamento tornou-se ainda mais animada pouco antes da guerra. A França gastou, para fins de guerra, £ 50.000.000 em 1910 e £ 74.000.000 em 1914. A Alemanha gastou £ 47.800.000 em 1906 e £ 94.800.000 em 1914; ou seja, a despesa dobrou em oito anos. Ainda mais extraordinário foi o gasto britânico. Em 1900, isso era de £ 49.900.000; em 1910 já custava £ 69.400.000; em 1914, os números eram de £ 80.400.000. No ano de 1918, os gastos navais da Grã-Bretanha sozinhos somavam um valor maior do que o total do que todas as Potências gastaram em suas frotas em 1886. No que diz respeito à Rússia czarista, no ano de 1892 o país

18 Navio de guerra armado com canhões, uma evolução dos *dreadnoughts*.

gastou £ 29.800.000; em 1902, £ 42.100.000; em 1906, £ 52.900.000. No ano de 1914, o orçamento de guerra russo foi de £ 97.500.000.

As despesas com fins de guerra engoliram uma enorme proporção da receita nacional. No caso da Rússia, por exemplo, um terço do valor orçado foi destinado ao armamento: de fato, se levarmos em conta os empréstimos, a proporção foi ainda maior. Aqui estão os números. Para cada £ 100 gastos na Rússia czarista, foram gastos com:

Exército, marinha e juros de empréstimos	40,14
Educação	3,86 (13ª parte)
Agricultura	4,06 (10ª parte)
administração, justiça, diplomacia, ferrovia serviço, indústria e comércio, departamento de finanças, etc.	51,94
Total	100,00

Os orçamentos de outros Estados eram do mesmo caráter. Veja a Grã-Bretanha *democrática*, por exemplo. No ano de 1904, para cada £ 100 gastos, foram gastos com:

Exército e marinha	53,8	} Ao todo,
Juros da Dívida Nacional e do fundo de amortização	22,5	
Serviço civil em geral	23,7	
Total	----- 100,00	76,3

§ 29. A Guerra imperialista de 1914 a 1918

Era inevitável que a política imperialista das *Grandes Potências* mais cedo ou mais tarde as colocasse em colisão. Indiscutivelmente, a verdadeira causa da guerra foi o *jogo de agarrar*, praticado por todas as *Grandes Potências*. Só um idiota pode continuar a acreditar que a guerra aconteceu porque os sérvios mataram o príncipe herdeiro austríaco ou porque os alemães invadiram a Bélgica. No início, houve muita disputa sobre quem era o responsável pela catástrofe. Os capitalistas alemães sustentavam que a Rússia era a agressora, enquanto os russos proclamaram em todos os lugares que a Alemanha começou. Na Grã-Bretanha correu o boato de que os britânicos haviam entrado na luta em nome da *galante pequena Bélgica*. Na França, todos escreviam, gritavam e cantavam para provar o quão gloriosamente a França estava se comportando em defesa da heroica nação belga. Simultaneamente, na Áustria e na Alemanha estava sendo alardeado que esses dois países estavam repelindo uma invasão cossaca e estavam travando uma guerra puramente defensiva.

Do começo ao fim, tudo isso era bobagem: foi uma fraude para os trabalhadores. A fraude foi necessária para permitir que a burguesia forçasse seus soldados para a batalha. Não era a primeira vez que a burguesia usava tais métodos. Vimos anteriormente que os magnatas do truste introduziram altas tarifas para que, enquanto saqueavam seus compatriotas, pudessem

conquistar mais prontamente o mercado externo. Para eles, portanto, os direitos aduaneiros eram um meio de ataque. Mas a burguesia insistiu que os direitos fossem impostos para proteger a indústria doméstica. A mesma coisa aconteceu no caso da guerra. A essência da guerra imperialista que deveria submeter o mundo ao jugo do capital financeiro estava nisto, que nela, todos eram agressores. Hoje isso é muito claro. Os lacaios do czarismo declararam que estavam se defendendo. Mas quando a revolução de novembro abriu os arquivos ministeriais e quando os tratados secretos foram publicados, foram fornecidas provas documentais de que tanto o czar quanto Kerensky, em conjunto com os britânicos e os franceses, estavam levando a guerra por causa dos despojos, pois eles queriam tomar Constantinopla, saquear a Turquia e a Pérsia e roubar a Galícia da Áustria. Essas coisas agora são tão claras quanto dois e dois são quatro.

Os imperialistas alemães também acabaram por ser desmascarados. Pense no tratado de Brest-Litovsk; pense nos saques na Polônia, Lituânia, Ucrânia e Finlândia. A revolução alemã também levou a muitas revelações. Aprendemos, a partir de evidências documentais, que a Alemanha estava pronta para atacar por causa do saque, e que ela havia planejado tomar vastas quantidades de territórios e colônias estrangeiras. E os *nobres* aliados? Eles também foram totalmente desmascarados. Ninguém pode acreditar em sua nobreza após o tratado de Versalhes. Eles desnudaram a Alemanha; exigiram uma indenização de guerra de doze bilhões e meio; tomaram toda a frota alemã e todas as colônias alemãs; apreenderam a maioria das locomotivas e as vacas leiteiras como garantia da indenização. Eles devastaram a Rússia no Norte e no Sul. Eles também lutaram pela pilhagem.

Os bolcheviques comunistas disseram tudo isso no início da guerra, mas naquela época poucos acreditavam neles. Hoje, todos que estão fora de um manicômio podem ver que é verdade. O capital financeiro é um ladrão ganancioso e sanguinário, não importa qual seja a nacionalidade dos capitalistas. Não importa se são russos, alemães, franceses, ingleses, japoneses ou americanos.

Vemos, então, que quando falamos da guerra imperialista, é absurdo dizer que um imperialista é culpado e que outro é inocente, dizer que alguns imperialistas foram os agressores e que outros estavam na defensiva. Todas essas afirmações são feitas apenas para enganar os trabalhadores. De fato, todas as Potências começaram com agressões aos povos menores em cujas terras estabeleceram suas colônias; todos eles entretinham projetos de pilhagem mundial; em todas as terras, os capitalistas esperavam submeter o mundo inteiro ao capital financeiro de seu próprio país.

Uma vez iniciada, a guerra não poderia deixar de ser uma guerra mundial. A razão é clara. Quase todo o mundo foi dividido entre as *Grandes Potências*, e as Potências estavam intimamente ligadas pelos laços de um sistema econômico mundial. Não surpreende, portanto, que a guerra envolva todos os países, afete ambos os hemisférios.

Grã-Bretanha, França, Itália, Bélgica, Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria, Sérvia, Bulgária, Romênia, Montenegro, Japão, Estados Unidos, China e uma dúzia de pequenos Estados foram arrastados para o vórtice sangrento. A população total do mundo está em algum lugar perto de mil e quinhentos milhões. Toda essa vasta população sofreu direta ou indiretamente com as misérias da guerra, que lhes foi imposta por um pequeno grupo de criminosos capitalistas. O mundo nunca tinha visto exércitos tão imensos como agora estavam organizados, nunca tinham conhecido instrumentos tão monstruosos de morte e destruição. Nem o mundo jamais testemunhou uma massa tão irresistível de capital. A Grã-Bretanha e a França forçaram a servir seus sacos de dinheiro, não apenas aqueles que eram britânicos e franceses de nascimento, mas também milhares e milhares de escravos coloniais de pele preta e amarela. Os ladrões civilizados não hesitaram em inscrever canibais entre seus soldados, quando os canibais estavam chegando. Tudo isso foi feito em nome dos ideais mais exaltados.

A guerra de 1914 teve seus protótipos nas guerras coloniais. Desse mesmo caráter foram as seguintes: as campanhas das potências *civilizadas* contra a China; a guerra hispano-americana; a guerra russo-japonesa no ano de 1904 (por conta da Coreia, Port Arthur, Manchuria, etc.); a campanha tripolitana da Itália em 1912; e a guerra dos bóeres na virada do século, quando a Inglaterra *democrática* esmagou brutalmente as duas repúblicas da África do Sul. Houve várias ocasiões de ameaça de uma gigantesca conflagração internacional. A divisão da África quase levou a Grã-Bretanha e a França à guerra (o incidente de Fashoda). A Alemanha e a França estavam envolvidas com o Marrocos. A Rússia czarista certa vez entrou em guerra com a Grã-Bretanha por causa da divisão da Ásia Central.

No início da guerra mundial, veio à tona o conflito de interesses entre a Inglaterra e a Alemanha sobre a predominância territorial na África, Ásia Menor e Balcãs. Os eventos funcionaram dessa maneira, que os aliados da Grã-Bretanha eram, em primeiro lugar, a França, que esperava arrancar a Alsácia-Lorena da Alemanha e, em segundo lugar, a Rússia, em busca de oportunidades de lucro nos Balcãs e na Galícia. O imperialismo ladrão da Alemanha garantiu seu principal aliado na Áustria-Hungria. O imperialismo americano entrou no conflito relativamente tarde, depois de observar por um tempo como as potências europeias estavam se exaurindo por suas lutas.

Além do militarismo, um dos métodos mais abomináveis empregados na rivalidade entre as potências imperialistas é a diplomacia secreta, que se vale de tratados e tramas secretas, e que não se esquiva do uso da faca do assassino e da bomba de dinamite. Os verdadeiros objetivos da guerra imperialista foram incorporados nos tratados secretos entre a Grã-Bretanha, a França e a Rússia, por um lado; e entre a Alemanha, a Áustria-Hungria, a Turquia e a Bulgária, por outro. É manifesto que os agentes secretos da Entente estavam a par do assassinato do príncipe herdeiro austríaco, que ocorreu cinco semanas antes da guerra. Por outro

lado, a diplomacia alemã não ficou desconcertada com o assassinato. Por exemplo, Rohrbach, o imperialista alemão, escreveu: “Podemos nos considerar afortunados que a grande conspiração antigermânica se declarou antes da hora marcada através do assassinato do arquiduque Franz Ferdinand. Dois anos depois, a guerra teria sido muito mais difícil”. Os agentes provocadores alemães estariam perfeitamente dispostos a assassinar o príncipe herdeiro alemão para provocar a guerra; nem os agentes secretos britânicos, franceses ou russos teriam recuado do assassinato desse mesmo príncipe.

§ 30. Capitalismo de Estado e as Classes

A condução da guerra imperialista foi diferenciada de todas as guerras anteriores, não apenas pelas dimensões do conflito e por seus efeitos devastadores, mas também pelo fato de que, em todos os países ativamente engajados na guerra imperialista, toda a vida econômica tinha que ser subordinada a propósitos de guerra. Nos conflitos anteriores, a burguesia podia realizá-los apenas fornecendo fundos. A guerra mundial, no entanto, atingiu proporções tão grandes e afetou países tão altamente desenvolvidos que o dinheiro por si só não era suficiente. Tornou-se essencial nesta guerra que as fundições de aço se dedicassem inteiramente à fabricação de canhões pesados, cujo calibre era continuamente aumentado; que o carvão fosse extraído apenas para fins de guerra; que metais, tecidos, couros, tudo, deveriam ser empregados no serviço de guerra. Naturalmente, portanto, a maior esperança de vitória era para qualquer um dos trustes capitalistas de Estado que melhor pudesse aproveitar a produção e o transporte para a carruagem de guerra.

Como isso seria alcançado? Manifestamente, a única maneira pela qual isso poderia ser alcançado era pela centralização completa da produção. Seria necessário arranjar as coisas de tal maneira que a produção continuasse sem problemas; que seria bem-organizada; que estaria inteiramente sob o controle dos combatentes, isto é, do estado-maior; que todas as ordens daqueles que usavam dragonas e estrelas fossem cumpridas pontualmente.

Como a burguesia pôde fazer isso? O assunto era bem simples. Para tanto, era necessário que a burguesia colocasse a produção privada, os trustes e os sindicatos privados à disposição do Estado capitalista ladrão. Isto é o que eles fizeram durante a guerra. A indústria foi *mobilizada e militarizada*, isto é, colocada sob as ordens do Estado e das autoridades militares. *Mas como?* - perguntarão alguns de nossos leitores. *Assim a burguesia certamente perderia sua renda? Isso seria nacionalização! Quando tudo for entregue ao Estado, onde entrará a burguesia e como os capitalistas se reconciliarão com tal condição de coisas?* É fato que a burguesia concordou com o arranjo. Mas não há nada de muito notável nisso, pois os sindicatos e trustes privados não foram entregues ao Estado operário, mas ao Estado imperialista, o Estado

que pertencia à burguesia. Havia algo para alarmar a burguesia em tal perspectiva? Os capitalistas simplesmente transferiram suas posses de um bolso para outro; as posses permaneceram tão grandes como sempre. Não podemos esquecer o caráter de classe do Estado. O Estado não deve ser concebido como um *terceiro poder* acima das classes; da cabeça aos pés é uma organização de classe. Sob a ditadura dos trabalhadores, é uma organização da classe trabalhadora. Sob o domínio da burguesia, é tão definitivamente uma organização econômica quanto um truste ou uma corporação.

Vemos, então, que quando a burguesia entregou as corporações e trustes privados ao Estado, ela os entregou ao seu próprio Estado, ao Estado capitalista ladrão, e não ao Estado proletário; conseqüentemente, não tinha nada a perder com a mudança. Não é exatamente a mesma coisa para um fabricante, a quem podemos chamar Schulz ou Smith, receber seus lucros do escritório de contabilidade de uma corporação ou de um banco estatal? Longe de perder com a mudança, a burguesia ganhou. Houve um ganho porque, através da centralização estatal da indústria, a máquina de guerra passou a funcionar melhor, e houve uma chance maior de vencer a guerra da rapina.

Não é surpreendente, portanto, que em quase todos os países capitalistas tenha ocorrido, durante a guerra, um desenvolvimento do capitalismo de Estado no lugar do capitalismo de corporações ou trustes privados. A Alemanha, por exemplo, obteve muitos sucessos e foi capaz de resistir por um longo período ao ataque de inimigos de uma força muito superior, simplesmente porque a burguesia alemã foi tão bem-sucedida na organização de seu capitalismo de Estado.

A mudança para o capitalismo de Estado foi efetuada de várias maneiras. Na maioria dos casos, foi instituído o monopólio estatal da produção e do comércio. Isso implicava que a produção e o comércio estavam inteiramente nas mãos do Estado burguês. Às vezes, a transformação não era feita de uma só vez, mas em parcelas. Isso ocorreu quando o Estado apenas comprou algumas das ações da corporação ou truste.

Uma empresa em que isso ocorreu era meio privada e meio estatal, mas o Estado burguês detinha as cordas principais. Além disso, mesmo quando certas empresas permaneciam em mãos privadas, muitas vezes eram submetidas ao controle governamental. Algumas empresas eram obrigadas, por legislação especial, a comprar suas matérias-primas de outras, enquanto as últimas tinham que vender às primeiras em quantidades especificadas e a preços fixos. O Estado prescreveu métodos de trabalho, especificou quais materiais deveriam ser usados e racionou esses materiais. Assim, no lugar do capitalismo privado, surgiu o capitalismo de Estado.

Sob o capitalismo de Estado, em vez das organizações separadas da burguesia, floresce uma organização unida, a organização do Estado. Até o tempo da guerra existia, em qualquer país capitalista, a organização estatal da burguesia, e também existia separadamente do Estado um grande número de organizações burguesas, como corporações, trustes, sociedades de empresários, organizações de latifundiários, partidos políticos, sindicatos de jornalistas, sociedades eruditas, clubes de artistas, a igreja, sociedades para o clero, escoteiros e corpos de cadetes (Organizações da Guarda Branca de jovens), escritórios de detetives particulares, etc. Sob o capitalismo de Estado, todas essas organizações separadas se fundem com o Estado burguês; tornam-se, por assim dizer, departamentos de Estado e funcionam segundo um plano geral, subordinadas ao *alto comando*; nas minas e fábricas, fazem o que é ordenado pelo estado-maior; escrevem nos jornais sob as ordens do estado-maior; pregam nas igrejas o que for útil aos ladrões do estado-maior; seus quadros, seus livros e seus poemas são produzidos sob as ordens do estado-maior; inventam máquinas, armas, gás venenoso, etc., para atender às necessidades do estado-maior. Dessa maneira, toda a vida é militarizada para assegurar à burguesia o recebimento contínuo de seu imundo lucro.

O capitalismo de Estado significa um enorme aumento de força para a grande burguesia. Assim como sob a ditadura operária, no Estado operário, a classe trabalhadora é mais poderosa na medida em que a autoridade soviética, as corporações, o Partido Comunista, etc., trabalham mais harmoniosamente juntos, então, sob a ditadura da burguesia, a classe capitalista é forte na proporção do sucesso com que todas as organizações burguesas se unem. O capitalismo de Estado, centralizando todas essas organizações, convertendo-as em instrumentos de uma organização única e unida, contribui imensamente para o poder do capital. A ditadura burguesa atinge seu clímax no capitalismo de Estado.

O capitalismo de Estado floresceu durante a guerra em todos os grandes países capitalistas. Também na Rússia czarista ele começou a surgir (na forma de comitês de indústria de guerra, monopólios etc.). Posteriormente, porém, a burguesia russa, alarmada com a revolução de março de 1917, temeu que a indústria produtiva passasse para as mãos do proletariado junto com a autoridade do Estado. Por esta razão, após a revolução de março, a burguesia não apenas se absteve de tentativas de organizar a produção, mas positivamente sabotou a indústria.

Vemos que o capitalismo de Estado, longe de acabar com a exploração, na verdade aumenta o poder da burguesia. No entanto, os Scheidemannitas na Alemanha e os solidários sociais em outras terras sustentaram que esse trabalho forçado é socialismo. Tão logo, dizem, como tudo está nas mãos do Estado, o socialismo se realizará. Eles não conseguem ver que em tal sistema o Estado não é um Estado proletário, pois está nas mãos daqueles que são os inimigos maldosos e mortais do proletariado.

O capitalismo de Estado, unindo e organizando a burguesia, aumentando o poder do capitalismo, enfraqueceu grandemente a classe trabalhadora. Sob o capitalismo de Estado, os trabalhadores tornaram-se os escravos brancos do Estado capitalista. Eles foram privados do direito de greve; foram mobilizados e militarizados; todos os que levantavam a voz contra a

guerra eram levados aos tribunais e condenados como traidores. Em muitos países, os trabalhadores foram privados de toda liberdade de movimento, sendo proibidos de se transferir de uma empresa para outra. Os trabalhadores assalariados *livres* foram reduzidos à servidão: eles estavam condenados a perecer nos campos de batalha, não em nome de sua própria causa, mas em nome da causa de seus inimigos. Eles estavam condenados a trabalhar até a morte, não por si mesmos ou por seus companheiros ou seus filhos, mas por causa de seus opressores.

§ 31. O colapso do capitalismo e a classe trabalhadora

Deste modo, desde o início, a guerra contribuiu para a centralização e organização da economia capitalista. Aquilo que as corporações, os bancos, os trustes e as empresas combinadas ainda não haviam alcançado plenamente, foi rapidamente concluído pelo capitalismo de Estado. Criou uma rede de todos os órgãos reguladores da produção e distribuição. Assim, preparou o terreno ainda mais plenamente do que antes para o momento em que o proletariado pudesse tomar em suas mãos a produção em grande escala, agora centralizada.

Era inevitável que a guerra, cujo fardo pesava tanto sobre a classe trabalhadora, no devido tempo levasse a um levante das massas proletárias. A principal característica da guerra foi que ela foi assassina em um grau sem paralelo. A mobilização de tropas avançou a passos gigantescos. O proletariado foi dizimado nos campos de batalha. Os relatórios mostram que, até março de 1917, o número de mortos, feridos e desaparecidos totalizou 25 milhões; em 1º de janeiro de 1918, o número de mortos era de aproximadamente 8 milhões. Se considerarmos o peso médio de um soldado de 68 quilos, isso significa que, entre 1º de agosto de 1914 e 1º de janeiro de 1918, os capitalistas trouxeram ao mercado meio milhão de toneladas de carne humana pútrida. Para estimar a perda real em seres humanos, devemos adicionar alguns milhões de pessoas que ficaram permanentemente inválidas. Levando em conta apenas a sífilis, esta doença foi difundida pela guerra em uma extensão quase incrível, de modo que a infecção agora é quase universal. Em consequência da guerra, as pessoas tornaram-se muito menos aptas fisicamente; os mais saudáveis, os mais eficazes, aqueles que formavam a flor das nações, foram destruídos. Não é preciso dizer que o peso das perdas foi suportado pelos trabalhadores e camponeses. Nos grandes centros dos Estados em guerra, podemos encontrar comunidades inteiras de aleijados e monstruosamente mutilados, homens cujos rostos foram baleados, usando máscaras, sentam-se na miséria como símbolos vivos das delícias da civilização burguesa.

O proletariado, no entanto, não foi simplesmente massacrado na frente. Além disso, fardos intoleráveis foram colocados sobre os ombros daqueles que permaneceram vivos. A guerra exigiu uma despesa frenética. Na mesma época em que os donos das fábricas acumulavam imensos lucros que se tornaram conhecidos como lucros de guerra, os trabalhadores estavam sendo submetidos a pesados impostos para fins de guerra. O custo da guerra continuou a aumentar além da medida.

No outono de 1919, na conferência de paz, o ministro das finanças francês declarou que a guerra havia custado aos beligerantes mais de um trilhão de francos. O significado de tais números está longe de ser fácil de entender. Antigamente, o número de milhas entre uma estrela e outra era declarado em termos semelhantes. Agora eles são usados para calcular o custo desses anos de carnificina criminoso. Um trilhão é um milhão de milhões. Este tem sido o resultado da guerra arquitetada pelos capitalistas. De acordo com outra estimativa, o custo da guerra foi o seguinte:

	Milhões de Libras
Custo do primeiro ano de guerra	9.100,00
Custo do segundo ano de guerra	18.650,00
Custo do terceiro ano de guerra	20.470,00
Custo do quarto e metade do quinto anos de guerra* ¹	15.350,00
Total	58.850,00

Nota: * os últimos cinco meses de 1917.

Posteriormente, os custos da guerra aumentaram ainda mais, atingindo números surpreendentes em sua magnitude. Grandes somas precisam ser levantadas para cobrir esses custos. Naturalmente, portanto, os Estados capitalistas já começaram a impor pesadas cargas à classe trabalhadora: seja pela tributação direta; ou por impostos sobre artigos de consumo; ou, finalmente, para fazer com que a burguesia também contribua, por um aumento deliberado no preço dos bens por motivos patrióticos. Os preços continuaram a subir, mas os fabricantes, e especialmente aqueles que fabricam coisas desejadas para a guerra, embolsaram ganhos inéditos.

Os fabricantes russos conseguiram mais que o dobro dos dividendos anteriores, e em certos empreendimentos, os lucros foram positivamente fabulosos. Aqui estão alguns dos números: a empresa de Naphta, dos Irmãos Mirosyeff, pagou 40%; Dansheffsky Ltd., 30%; a fábrica de tabaco Kalfa, 30%; e assim por diante. Na Alemanha, durante os anos de 1913 e 1914, os lucros líquidos em quatro ramos das indústrias química, de explosivos, metalúrgica e automobilística, atingiram 188 milhões; durante os anos de 1915 e 1916, os lucros totais nas mesmas empresas foram de 259 milhões, praticamente o dobro. Nos Estados Unidos, os lucros do Steel Trust durante o primeiro semestre de 1916 foram três vezes maiores do que os lucros durante

o primeiro semestre de 1916. Os lucros totais do Trust em 1915 foram de 98 milhões de dólares; no ano de 1917 foram 4,78 milhões de dólares. Dividendos de 200% foram declarados várias vezes. Muitos outros exemplos poderiam ser dados. Houve um grande aumento semelhante nos lucros bancários. Durante a guerra, os pequenos alevinos entre os fabricantes foram arruinados, enquanto os grandes tubarões foram incrivelmente enriquecidos. Quanto ao proletariado, este caiu sob o jugo dos impostos e do aumento dos preços.

Os principais artigos produzidos durante a guerra foram estilhaços, granadas, altos explosivos, canhões pesados, tanques, aviões, gás venenoso, pólvora, etc. Uma quantidade incrível desses itens foi fabricada. Nos Estados Unidos, novas cidades cresceram como cogumelos em volta das fábricas de pólvora. Os donos das novas fábricas de pólvora, em sua ânsia de lucro, conduziam o trabalho tão descuidadamente que explosões eram comuns. É claro que os fabricantes de munições obtiveram lucros enormes, de modo que seus negócios floresceram surpreendentemente. Mas no que dizia respeito às pessoas comuns, as coisas pioravam continuamente. Coisas de valor real, como as que podem ser comidas, vestidas, etc., eram produzidas em quantidades cada vez menores. Com pólvora e tiro as pessoas podem atirar e destruir, mas pólvora e tiro não servem como comida ou roupa. Toda a força dos beligerantes foi, no entanto, dedicada à produção de pólvora e outros instrumentos de morte. A produção de utilidades comuns foi cada vez mais reduzida. Os trabalhadores foram convocados para os exércitos e a indústria produtiva foi inteiramente voltada para os propósitos da guerra. Havia cada vez mais escassez de bens úteis. Então surgiu a escassez de alimentos e preços exorbitantes. **Falta de pão, falta de carvão, falta de todos os bens úteis, e mais uma falta mundial em conjunção com a escassez mundial, essas foram as principais consequências da criminoso guerra imperialista.**

Aqui estão alguns exemplos de diferentes países. Em especial durante os primeiros anos da guerra, a produção agrícola diminuiu da seguinte forma:

	Quintais*	
	1914	1916
Grãos	42.272.600	15.300.500
Culturas de raízes**	46.689.000	15.860.000
Plantas usadas para fins industriais	59.429.000	20.448.000

Notas: * Unidade de peso que corresponde a 100 libras, ou pouco mais de 45 quilogramas.

** Tubérculos e bulbos comestíveis incorporam uma ampla variedade de plantas, sendo as mais conhecidas a batata, batata-doce, cebola, cebolinha, alho, cenoura, nabo, rabanete, nabo e beterraba. Também estão incluídas nesta categoria várias espécies de alho de elefante (que é um tipo de alho-poró), gengibre, açafraão, rabanete e alcachofra.

	Quintais*	
	1914	1916
Grãos	42.272.600	15.300.500
Culturas de raízes**	46.689.000	15.860.000
Plantas usadas para fins industriais	59.429.000	20.448.000

Notas: * Unidade de peso que corresponde a 100 libras, ou pouco mais de 45 quilogramas.

** Tubérculos e bulbos comestíveis incorporam uma ampla variedade de plantas, sendo as mais conhecidas a batata, batata-doce, cebola, cebolinha, alho, cenoura, nabo, rabanete, nabo e beterraba. Também estão incluídas nesta categoria várias espécies de alho de elefante (que é um tipo de alho-poró), gengibre, açafraão, rabanete e alcachofra.

	Quintais*	
	1914	1916
Grãos	42.272.600	15.300.500
Culturas de raízes**	46.689.000	15.860.000
Plantas usadas para fins industriais	59.429.000	20.448.000

Notas: * Unidade de peso que corresponde a 100 libras, ou pouco mais de 45 quilogramas.

** Tubérculos e bulbos comestíveis incorporam uma ampla variedade de plantas, sendo as mais conhecidas a batata, batata-doce, cebola, cebolinha, alho, cenoura, nabo, rabanete, nabo e beterraba. Também estão incluídas nesta categoria várias espécies de alho de elefante (que é um tipo de alho-poró), gengibre, açafraão, rabanete e alcachofra.

Na Grã-Bretanha, as reservas de minério de ferro caíram da seguinte forma:

1912	241.000 tons
1913	138.000 tons
1914	103.000 tons
1915	113.000 tons
1916	3.000 tons
1917	600 tons

*Nota: valores correspondentes ao final de cada um desses anos.

Em outras palavras, as reservas de minério de ferro estavam praticamente esgotadas no final de 1917.

Na Alemanha, a produção de ferro fundido era a seguinte:

1913	19.300.000 tons
1916	18.800.000 tons
1917	13.100.000 tons
1918	12.000.000 tons

Devido à falta de carvão, a condição da indústria em todo o mundo era desesperadora. Na Europa Central e Ocidental, o principal fornecedor de carvão era a Grã-Bretanha. Na Grã-Bretanha, em meados de 1918, a produção de carvão foi reduzida em 13%. Já em 1917 as principais indústrias estavam praticamente sem abastecimento de carvão. As instalações elétricas recebiam apenas um sexto do carvão de que precisavam, enquanto as empresas têxteis recebiam apenas um décimo primeiro do suprimento anterior à guerra. Na época da conferência de paz de Versalhes, quase todos os países do mundo foram afetados por uma terrível crise do

carvão. As fábricas foram fechadas por falta de combustível e os serviços ferroviários foram reduzidos. Seguiu-se uma extensa desorganização da indústria e dos transportes.

A mesma coisa aconteceu na Rússia. Em 1917, a guerra levou a péssimas condições em matéria de abastecimento de carvão. As indústrias do distrito de Loscow exigiam 12.000.000 poods¹⁹ de carvão por mês (61 poods = 1 tonelada). A administração de Kerensky prometeu fornecer 6.000.000 poods, interrompendo a quantidade normal. Os suprimentos reais eram os seguintes:

Janeiro de 1917	1.800.000 poods
Fevereiro de 1917	1.300.000 poods
Março de 1917	800.000 poods

Não é de surpreender que a indústria russa, longe de exibir *uma tremenda expansão*, quase tenha sido interrompida. Aqui, como em todo o mundo, começava a ruína do capitalismo. Em 1917, sob o regime de Kerensky, o fechamento de fábricas atingiu as seguintes dimensões:

Mês	Nº de empreendimentos	Nº de trabalhadores empregados
março	74	6.645
abril	55	2.816
maio	108	8.701
junho	125	38.455
julho	206	47.754

A ruína avançava a passos gigantescos.

Se quisermos considerar o aumento dos preços que resultou em parte da escassez e em parte da inflação da moeda, basta recorrer à *Grã-Bretanha*, que de todos os beligerantes originais foi menos afetada pela guerra.

Aqui estão os preços médios de cinco dos principais artigos de dieta (chá, açúcar, manteiga, pão e carne):

	Chá e açúcar	Pão, carne e manteiga
Preços médios de 1901 a 1905	500	300
Fim de julho de 1914	579	350
Fim de janeiro de 1915	786	413
Fim de janeiro de 1916	946	465
Fim de janeiro de 1917	1310	561
Fim de janeiro de 1918	1221	681
Fim de maio de 1918	1247	777

Assim, no decorrer da guerra, mesmo na Grã-Bretanha, os preços mais que dobraram, e o aumento dos salários estava muito longe de acompanhar o aumento do custo de vida. Em outros países, as condições eram muito piores. Eles foram especialmente ruins na Rússia, onde a guerra se mostrou positivamente ruïnosa e onde o país foi reduzido à posição de um mendigo esfarrapado dependente do favor dos senhores do capital.

¹⁹ Unidade russa de peso igual 36,11 libras (16,38 kg).

Nos *Estados Unidos*, que foi ainda menos afetado pela guerra do que a Grã-Bretanha, entre 1913 e 1918, os preços de quinze produtos principais aumentaram 180%, enquanto durante o mesmo período o aumento dos salários foi de apenas 80%.

Por fim, até a produção para fins de guerra começou a definhando por falta de carvão, aço e outros itens essenciais. Em todos os países, exceto os Estados Unidos, a pobreza era abundante: fome, frio e ruína avançavam por todo o globo. Não é preciso dizer que os principais sofrendores de todos esses males foram os membros da classe trabalhadora, que tentaram protestar. Então a guerra foi declarada sobre eles, uma guerra travada com toda a força dos Estados burgueses ladrões. Em todos os países, tanto nos países republicanos como nos monárquicos, a classe trabalhadora foi submetida a perseguições sem precedentes. Os trabalhadores não só foram privados do direito à greve, mas o menor movimento de protesto foi impiedosamente reprimido. Desta forma, o domínio do capitalismo levou à *guerra civil entre as classes*.

A resolução da Terceira Internacional sobre o *Terror Branco* dá um quadro impressionante da perseguição aos trabalhadores durante a guerra. É o seguinte: “No início da guerra, as classes dominantes - que nos campos de batalha massacraram mais de dez milhões de homens e aleijaram e mutilaram um grande número além disso – instituíram, nos assuntos internos, um regime de ditadura sangrenta (uma ditadura burguesa). Na Rússia, o governo czarista atirou nos trabalhadores e os enforcou, organizou *pogroms*²⁰ antijudaicos e endureceu todos os protestos. O governo austríaco reprimiu selvagemmente os levantes dos camponeses e dos trabalhadores na Ucrânia e na Boêmia. A burguesia britânica massacraram alguns dos melhores representantes do povo irlandês. Os imperialistas alemães respiravam ameaças e matanças, e os casacos azuis insurgentes foram as primeiras vítimas de sua ira brutal. Na França, as autoridades abateram o soldado russo que se recusou a defender os interesses financeiros dos banqueiros franceses. Nos Estados Unidos, a burguesia linchou os internacionalistas, condenou muitos dos melhores proletários a vinte anos de prisão e abateu com tiros os trabalhadores em greve”.

O sistema capitalista estava em colapso. A anarquia da produção levou à guerra, e isso induziu uma enorme acentuação do conflito de classes. Assim, a guerra levou à revolução. O capitalismo estava começando a se desintegrar de duas maneiras fundamentais (Consulte o § 18.) A era do colapso do capitalismo havia começado. Examinemos esse colapso mais de perto.

A sociedade capitalista foi construída sobre um modelo por toda parte. Uma fábrica era organizada como um escritório do governo ou como uma divisão do exército imperial. No topo

20 Termo russo que significa *devastação* ou *motim*, mas é utilizado para se referir a um ataque de turba, aprovado ou tolerado pelas autoridades, contra as pessoas e propriedades de uma minoria religiosa, racial ou nacional. O termo é geralmente aplicado a ataques a judeus no Império Russo no final do século 19 e início do século 20. Os primeiros *pogroms* extensos seguiram o assassinato do czar Alexandre II em 1881. Embora o assassino não fosse judeu, e apenas um judeu estivesse associado a ele, rumores falsos despertaram multidões russas em mais de 200 cidades e vilas para atacar judeus e destruir suas propriedades.

estavam os ricos, que comandavam; no fundo estavam os pobres, os trabalhadores e os assalariados, que obedeciam; entre eles estavam os engenheiros superintendentes, os *suboficiais* (os capatazes), os empregados de grau superior, etc. Portanto, a sociedade capitalista somente pode se manter enquanto o soldado privado (retirado das fileiras dos trabalhadores) obedece às ordens do oficial (retirado da aristocracia, da nobreza fundiária ou da mais rica burguesia); contanto que nos escritórios do governo os subordinados obedeçam às ordens de seus chefes ricos; e enquanto, nas fábricas, os trabalhadores continuam a obedecer aos gerentes bem pagos ou aos donos das fábricas que vivem de mais-valia. Mas assim que as massas trabalhadoras percebem que não passam de peões nas mãos de seus inimigos, rompem-se os laços que ligam o soldado ao serviço do oficial e que ligam o trabalhador ao serviço do dono da fábrica. Os trabalhadores deixam de atender às ordens do dono da fábrica, os soldados privados deixam de atender às ordens de seus oficiais, e os funcionários públicos deixam de atender às ordens de seus chefes. Começa, então, o período em que a velha disciplina é relaxada, aquela disciplina que permitiu aos ricos governar os pobres, que permitiu à burguesia espoliar os trabalhadores. Esse período inevitavelmente continuará até que a nova classe (o proletariado) tenha subjogado a burguesia, forçando a burguesia a servir os trabalhadores, estabelecido uma *nova* disciplina.

Esse estado de coisas, em que a velha ordem foi destruída e a nova ordem ainda não foi criada, só pode terminar com a vitória completa do proletariado na guerra civil.

§ 32. A guerra civil

A guerra civil é uma guerra de classes extremamente intensificada e ocorre quando a guerra de classes leva à revolução. A guerra mundial imperialista entre os dois grupos de Estados burgueses, a guerra travada pela repartição do mundo, foi levada a cabo pelos escravos do capital. Impôs encargos tão pesados aos trabalhadores que a guerra de classes se transformou em uma guerra civil travada pelos oprimidos contra seus opressores, aquela que Marx havia declarado ser a única guerra justa.

Era perfeitamente natural que o capitalismo culminasse na guerra civil, que a guerra imperialista entre os Estados burgueses levasse a uma guerra entre as classes. Nosso partido previu esse desenvolvimento logo no início da guerra, no ano de 1914, quando ninguém sonhava com a revolução. No entanto, era manifesto que os encargos intoleráveis que a guerra impôs à classe operária deviam conduzir a uma insurreição do proletariado. Além disso, era perfeitamente claro que a burguesia não poderia garantir uma paz duradoura, pois o conflito de interesses entre os vários grupos de saqueadores era vital demais.

Nossas previsões foram inteiramente cumpridas. Após os terríveis anos de guerra, brutalidade e devastação, começou uma guerra civil contra os opressores. Esta guerra civil foi aberta pelas revoluções russas de março e novembro de 1917; continuou com a revolução finlandesa, a revolução húngara, a revolução austríaca e a revolução alemã; revoluções em outros países começaram. As burguesias não podem trazer uma paz duradoura. Os Aliados venceram a Alemanha em novembro de 1918; a paz dos ladrões de Versalhes foi assinada muitos meses depois, mas ninguém sabe quando a liquidação final será efetivada. Está claro para todos que a paz de Versalhes não é duradoura. Já começaram as brigas entre jugo-eslavos e italianos, entre polacos e tcheco-eslovacos, entre polacos e lituanos, entre letões e alemães. Além disso, todos os Estados burgueses se uniram para atacar a república dos trabalhadores russos vitoriosos. Assim, a guerra imperialista está terminando em uma guerra civil, cujo resultado inevitável será a vitória do proletariado.

A guerra civil não é fruto do capricho de nenhuma parte: sua vinda não foi por acaso. A guerra civil é uma manifestação da revolução, e a revolução era absolutamente inevitável porque a guerra de ladrões dos imperialistas abriu os olhos das amplas massas operárias.

Pensar que a revolução pode acontecer sem guerra civil equivale a pensar que pode haver uma revolução *pacífica*. Qualquer um que acredite nisso (como acreditam os mencheviques, que lamentam a nocividade da guerra civil) está se afastando de Marx em direção daqueles socialistas antediluvianos que imaginam que os donos das fábricas podem ser conquistados. Podemos esperar, acariciando um tigre, persuadir o animal a viver de capim e deixar o gado em paz! Marx era um defensor da guerra civil, isto é, da luta do proletariado armado contra a burguesia. Ao escrever referindo-se à Comuna de Paris (o levante dos trabalhadores parisienses no ano de 1871), Marx declara que os membros das comunas não foram suficientemente resolutos. Ele usa termos de censura no manifesto da Primeira Internacional (A Guerra Civil na França). Lemos que: “Mesmo os *sergents-de-ville*²¹, ao invés de serem desarmados e trancados, como deveria ter sido feito, encontraram os portões de Paris escancarados para sua retirada segura para Versalhes. Os homens do *partido da ordem* [este era o nome dado, então, aos contrarrevolucionários] não só ficaram ilesos: eles foram autorizados a se reunir e silenciosamente tomar mais de uma fortaleza no coração de Paris. [...] Em sua relutância em continuar a guerra civil aberta por Thiers [o homólogo francês de Denikin], [...] o Comitê Central cometeu um grave erro. Era urgente atacar Versalhes, [...] pôr fim, de uma vez por todas, às tramas de Thiers e dos camponeses”. Em vez disso, o *partido da ordem* foi novamente autorizado “a testar sua força nas urnas, nas eleições comunais de 26 de março”. Aqui Marx defende claramente a repressão armada da contrarrevolução: ele defende a guerra civil. Engels também escreveu o seguinte: “Será que a Comuna de Paris teria resistido um único dia se não confiasse na autoridade do povo armado contra a burguesia? Não temos, antes, o direito de culpar a Comuna por ter feito tão pouco uso de seus poderes de coação?” E é assim que Engels define o termo revolução: “Uma revolução é um ato em que

21 Policial armado, responsável por manter a ordem em locais públicos.

uma parte da população impõe sua vontade à outra por meio de fuzis, baionetas e artilharia”.

Vemos que os líderes ou o socialismo tinham uma visão muito séria da revolução. Eles entendiam que o proletariado não pode persuadir pacificamente a burguesia; compreendiam que os trabalhadores deviam impor sua vontade por meio da vitória em uma guerra civil travada com “fuzis, baionetas e artilharia”.

A guerra civil coloca uma contra a outra, de armas nas mãos, as duas classes da sociedade capitalista, as duas classes cujos interesses são diametralmente opostos. O fato de a sociedade capitalista estar dividida em duas partes, de consistir essencialmente em pelo menos duas sociedades distintas, esse fato é obscurecido em tempos comuns. Por que razão? Porque os escravos obedecem passivamente a seus senhores. Mas em tempo de guerra civil, essa obediência passiva chega ao fim, e a parcela oprimida da sociedade se levanta contra os opressores. É óbvio que em tais circunstâncias as classes não podem “viver harmoniosamente lado a lado”. O exército divide-se em Guardas Brancas compostas pela aristocracia, a burguesia, os membros mais ricos das classes profissionais, e assim por diante; e Guardas Vermelhas compostas por operários e camponeses. Portanto, é impossível que haja um parlamento de qualquer tipo em que os donos de fábricas e os trabalhadores se sentam juntos. Como eles podem se encontrar *pacificamente* no parlamento quando estão atirando uns nos outros nas ruas? Em tempo de guerra civil, classe pega em armas contra classe. É por isso que a luta só pode terminar com a vitória de uma das duas classes. Não pode terminar em um acordo, ou em qualquer tipo de compromisso. Tal visão foi plenamente confirmada pela experiência da guerra civil na Rússia e em outros lugares (Alemanha e Hungria). Deve seguir-se rapidamente uma ditadura, seja do proletariado ou da burguesia. O governo das classes médias e seus partidos (o Partido Social-Revolucionário, o Partido Menchevique etc.) é apenas uma ponte pela qual passamos de um lado para o outro. Quando o governo soviético da Hungria foi derrubado com a ajuda dos mencheviques, seu lugar foi ocupado, por um breve tempo, por uma *coalizão*, mas então um governo reacionário absolutista foi estabelecido. De tempos em tempos, o Partido Social-Revolucionário Constitucional chegava ao topo em Ufa, Transvolgia ou Sibéria, mas em vinte e quatro horas era sempre derrubado pelo almirante Kolchak, que era apoiado pelos grandes capitalistas e latifundiários. Isso significou o estabelecimento de uma ditadura capitalista-latifundiária em vez de uma ditadura operária-camponesa.

Uma vitória decisiva sobre o inimigo e a realização da ditadura do proletariado - este será o resultado inevitável da guerra civil mundial.

§ 33. As formas da guerra civil e seu custo

A época das guerras civis foi inaugurada pela revolução russa, em não mais do que o arauto, o começo de uma revolução que será geral e mundial. A revolução começou mais cedo na Rússia do que em qualquer outro lugar porque naquele país, a decomposição do capitalismo começou mais cedo. A burguesia russa e a classe latifundiária russa esperavam a conquista de Constantinopla e da Galícia. Em conjunto com seus aliados, elas ajudaram a cozinhar o caldo do inferno de 1914. Por sua fraqueza e falta de organização, foram os primeiros a entrar em colapso, de modo que o caos e a fome apareceram na Rússia mais cedo do que em outros lugares. Por essa razão, era especialmente fácil para o proletariado russo lidar com seus inimigos de classe. É por isso que os trabalhadores russos foram os primeiros a obter uma vitória decisiva, os primeiros a estabelecer sua ditadura.

Não devemos dizer que a revolução comunista russa é a revolução mais completa do mundo, nem inferir que quanto menos desenvolvido for o capitalismo em qualquer país, mais *revolucionário* ele será, e estará mais próximo do comunismo. A consequência lógica de tal visão seria que a completa ditadura do socialismo ocorreria primeiro na China, Pérsia, Turquia e outros países onde praticamente nenhum proletariado ainda existe. Se isso fosse fácil, o ensinamento de Marx seria completamente falsificado.

Quem raciocina assim confunde duas coisas: por um lado, o início da revolução; por outro, seu caráter, seu grau de meticulosidade. A revolução começou mais cedo na Rússia devido à imaturidade e fraqueza do desenvolvimento capitalista naquele país. Contudo, precisamente por causa dessa imaturidade e fraqueza, precisamente porque a Rússia é um país atrasado onde o proletariado está em minoria, onde há inúmeros pequenos comerciantes, entre outras coisas, é difícil organizar uma economia comunista integral. Na Inglaterra, a revolução virá mais tarde. Mas então, o proletariado, depois de sua vitória, organizará o comunismo mais rapidamente. Na Grã-Bretanha, o proletariado constitui a maioria da população; os trabalhadores estão acostumados ao trabalho coletivo; produção é altamente centralizada. É por isso que a revolução virá mais tarde na Inglaterra, mas por que, quando vier, será mais desenvolvida, mais abrangente do que a nossa.

Muitas pessoas supuseram que o caráter feroz de nossa guerra civil se deve ao atraso de nosso país, ou a alguns traços *asiáticos* peculiares. Os oponentes da revolução na Europa Ocidental costumam dizer que o *socialismo asiático* floresce na Rússia, e que em terras *civilizadas* será efetuada uma mudança revolucionária sem atrocidades. Obviamente, tudo isso é um disparate. Onde o desenvolvimento capitalista está muito avançado, a resistência da burguesia será mais obstinada. A intelectualidade (as classes profissionais, os técnicos, engenheiros-chefes, oficiais do exército, etc.) são mais solidários com o capital, e por isso são muito mais hostis ao comunismo. Nesses países, portanto, a guerra civil inevitavelmente assumirá uma forma mais selvagem do que na Rússia. O curso da revolução alemã provou

realmente que a guerra assume formas mais duras em países onde o desenvolvimento capitalista está mais avançado.

Aqueles que se queixam do terror bolchevique esquecem que a burguesia não faz nada para proteger seus sacos de dinheiro. Com referência a este assunto, a resolução aprovada pelo primeiro congresso da Terceira Internacional é a seguinte:

Quando a guerra imperialista começava a se transformar em guerra civil, e quando para a classe governante (os maiores criminosos conhecidos na história) o perigo era iminente de que seu regime impiedoso entraria em colapso, sua brutalidade cresceu mais do que nunca...

Os generais russos, encarnações vivas do sistema czarista, organizaram o abate dos operários em grande escala, e continuam a fazê-lo com a conivência direta ou indireta dos traidores do socialismo. O partido estava no poder, as prisões estavam cheias de milhares de trabalhadores e camponeses, e os generais mandaram fuzilar regimentos inteiros por desobediência. Krasnoff e Denikin, com a gentil cooperação dos governos aliados, massacraram os trabalhadores às dezenas de milhares, enforcando-os, ou atirando em cada décimo homem.

Como meio de intimidação, eles costumam deixar fileiras inteiras de cadáveres enforcados por três dias. Nos Urais e na Transvolgia, os bandos de Guardas Brancos checoslovacos cortaram as mãos e os pés dos prisioneiros, afogaram prisioneiros no Volga, enterraram-nos vivos. Na Sibéria, os generais abateram os comunistas aos milhares, e massacraram inúmeros operários e camponeses.

Os burgueses alemães e austríacos exibiram abertamente suas tendências bestiais na Ucrânia, onde enforcaram, usando forcas de ferro portáteis, os trabalhadores e camponeses que haviam roubado, também enforcaram comunistas que eram seus próprios compatriotas, nossos camaradas austríacos e alemães. Na Finlândia, um dos lares da democracia burguesa, eles ajudaram a burguesia finlandesa a fuzilar de 13.000 a 14.000 proletários, e a torturar mais de 15.000 até a morte nas prisões. Em Helsingfors, desejando se proteger do fogo das metralhadoras, levaram mulheres e crianças para a frente de suas fileiras.

Graças à sua ajuda, os guardas brancos finlandeses e seus assistentes suecos puderam desfrutar dessa orgia de sangue quando conquistaram o proletariado finlandês. Em Tammerfors, eles obrigaram mulheres e crianças a cavar suas próprias covas antes de serem massacradas. Em Viborg, eles mataram milhares de russos, homens, mulheres e crianças.

Dentro de suas próprias fronteiras, a burguesia alemã e os social-democratas alemães manifestaram um grau ainda maior de violência reacionária. As revoltas dos trabalhadores comunistas foram afogadas em sangue; Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram brutalmente assassinados; os trabalhadores espartaquistas foram massacrados. A bandeira sob a qual marcha a burguesia é a bandeira do Terror Branco – o Terror de massas e o Terror individual.

Vemos a mesma imagem em outras terras. Na Suíça democrática, tudo está pronto para a punição dos trabalhadores, caso eles ousem infringir a lei capitalista. Na América, parece que a prisão, a lei de linchamento e a cadeira elétrica são os símbolos escolhidos da democracia e da liberdade. Na Hungria e na Grã-Bretanha, na Tchecoslováquia e na Polônia - em todos os lugares é a mesma coisa. Os assassinos burgueses não esquivam das ações mais atroz. Na esperança de fortalecer seu regime, eles encorajam o social-patriotismo²² e organizam

22 Também chamado jingoísmo, trata-se de patriotismo extremo, especialmente na forma de política externa agressiva ou bélica.

abomináveis pogroms antijudaicos, ainda piores que aqueles que costumavam ser organizados pela polícia czarista. Quando os reacionários poloneses e a ralé socialista assassinaram os representantes da Cruz Vermelha Russa, isso foi apenas mais uma gota no oceano de crimes e atrocidades perpetrados pelo canibalismo burguês em sua agonia de morte.

Na medida em que a guerra civil se desenvolve, ela assume novas formas. Quando em qualquer país o proletariado é oprimido além da medida, ele lidera essa guerra por uma revolta contra a autoridade estatal da burguesia. Então, suponhamos que em um país ou outro o proletariado foi vitorioso e tomou em suas mãos a autoridade do Estado. O que acontece nesse caso? O proletariado tem a seu serviço o poder organizado do Estado, tem o exército proletário, tem todo o aparelho de poder. Então o proletariado tem que lutar com a burguesia de sua própria terra, que organiza conspirações e levantes contra a autoridade proletária. Além disso, o proletariado organizado como Estado tem que lutar com Estados burgueses. Nesse ponto a guerra civil assume uma nova forma, pois a guerra de classes torna-se guerra no sentido comum quando o Estado proletário luta contra Estados burgueses; os trabalhadores estão, agora, não apenas lutando contra a burguesia, mas o Estado operário está engajado em uma guerra formal contra os Estados imperialistas do capital. Essa guerra se realiza, não pela apreensão dos bens alheios, mas pela vitória do comunismo, pela ditadura da classe trabalhadora.

Isto é o que realmente ocorreu. Após a revolução russa de novembro de 1917, o governo soviético foi atacado por todos os lados pelos capitalistas; pelos britânicos, alemães e franceses, pelos americanos e japoneses, e assim por diante. Quanto mais os trabalhadores de outras terras foram infectados pelo exemplo da revolução russa, mais firmemente o capitalismo internacional cerrou suas fileiras contra a revolução, tanto mais vigorosamente tentou estabelecer uma aliança de ladrões de capitalistas contra o proletariado.

Por iniciativa do trapaceiro Wilson, líder do capitalismo americano, uma tentativa de formar tal aliança foi feita na chamada conferência de paz de Versalhes. A aliança de ladrões foi batizada de Liga das Nações, com a intenção de significar que era uma *liga de povos*. Na realidade, não é uma liga de povos, mas uma liga de capitalistas de vários países e de suas autoridades estatais.

Essa liga tem a natureza de uma tentativa de formar um truste mundial de proporções monstruosas que abarcará toda a superfície do globo em um domínio de exploração universal e que, por outro lado, esmagará com a maior ferocidade o movimento operário de revolta e revolução. É pura fábula dizer que a Liga das Nações foi fundada para promover a causa da paz. Na realidade, tem um duplo objetivo: a exploração implacável do proletariado em todo o

mundo, de todas as colônias e dos escravos coloniais; e o esmagamento da incipiente revolução mundial.

Na Liga das Nações, os EUA, que se tornaram excessivamente ricos durante a guerra, começaram tudo. Todos os Estados burgueses da Europa estão agora fortemente endividados com a América. Os Estados Unidos são muito poderosos pela razão adicional de que possuem grandes quantidades de matérias-primas e combustível, e são um grande país produtor de trigo. Eles desejam usar essas vantagens de modo a tornar todos os seus companheiros ladrões dependentes deles. Infalivelmente eles se tornarão líder da Liga das Nações.

Muito interessante é a maneira como os Estados Unidos ocultam sua política preminentemente predatória por trás de uma nuvem de frases finas. Quando, em busca do saque, eles entraram na guerra, suas palavras de ordem eram *a salvação da humanidade, o resgate dos povos escravizados*, e assim por diante. É conveniente aos Estados Unidos que a Europa seja desintegrada, consistindo em dezenas de pequenas terras, formalmente *independentes*, mas substancialmente dependentes da América. Esse interesse predatório foi mascarado por uma frase exaltada sobre *o direito das nações à autodeterminação*. A gendarmaria²³ capitalista, os Guardas Brancos e a Polícia Branca que, de acordo com o plano de Wilson, deveriam estar prontos em todos os lugares para esmagar a revolução, existiriam para garantir a punição por *violações da paz*. No ano de 1911, todos os imperialistas de repente se tornaram pacíficos e levantaram um clamor no sentido de que os bolcheviques eram os verdadeiros imperialistas, os verdadeiros inimigos da paz. Eram planos para sufocar a revolução mascarados como zelo pela paz e pela democracia.

A Liga das Nações já se mostrou um policial e carrasco internacional. Seus diretores executivos preparam abertamente as repúblicas soviéticas na Hungria e na Baviera. Eles têm continuamente se esforçado para esmagar o proletariado russo; no norte e no sul, no oeste e no leste da Rússia, os exércitos britânico, americano, japonês, francês e outros fizeram causa comum com os inimigos russos da classe trabalhadora. A Liga das Nações usou tropas negras contra os trabalhadores russos e húngaros (em Odessa e em Budapeste). A profundidade da baixeza a que a Liga das Nações pode descer é demonstrada pelo fato de que esses bandidos *civilizados* entraram em uma Liga de carneiros em parceria com o general Yudenich, que era chefe da chamada Administração do Noroeste. A Liga das Nações incita a Finlândia, a Polônia, etc., a atacar a Rússia soviética; com a ajuda dos cônsules das potências estrangeiras, organiza conspirações; seus agentes explodem pontes, jogam bombas nos comunistas, e assim por diante. Não há atrocidade de que a Liga das Nações não seja capaz.

Quanto mais vigoroso é o ataque proletário, mais firmemente os capitalistas fecham suas fileiras. No Manifesto Comunista, redigido no ano de 1847, Marx e Engels escreveram: “Um espectro assombra a Europa, o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa se uniram em uma santa aliança para colocar esse espectro - o papa e o czar, Metternich e Guizot, os radicais franceses e a polícia alemã”. Muitos anos se passaram desde então. O espectro do comunismo começou a se vestir de carne e osso. Na campanha contra ele estão dispostos não apenas a *velha Europa*, mas todo o mundo capitalista. No entanto, a Liga das Nações será

23 Força militar semelhante à polícia civil, no Brasil.

incapaz de cumprir seus dois objetivos, que são a organização da economia mundial em um único fundo e a supressão universal da revolução. Não há unidade suficiente mesmo entre as Grandes Potências. Os Estados Unidos são hostis ao Japão, e ambas as Potências estão se armando para a luta. É pouco crível que possa haver muito sentimento de amizade entre a Alemanha derrotada e a Entente ladra desinteressada. Aqui, certamente está uma fenda no alaúde. Os Estados menores estão lutando entre si. Ainda mais importante é a ocorrência de uma série de levantes e guerras coloniais - na Índia, Egito, Irlanda, etc. Os países escravizados estão começando a lutar contra seus escravizadores europeus *civilizados*. À guerra civil, à guerra de classes travada pelo proletariado contra a burguesia imperialista, somam-se os levantes coloniais que ajudam a minar e destruir o domínio do imperialismo mundial. Assim, o sistema imperialista está sendo dividido por dois grupos diferentes de influências. Por um lado, existe o movimento ascendente do proletariado, as guerras das repúblicas proletárias, as revoltas e as guerras das nações escravizadas pelos imperialistas. Por outro lado, existem as oposições e desarmonias entre as grandes potências capitalistas. Em vez de *paz duradoura*, há caos completo; em vez da repressão universal do proletariado, há uma feroz guerra civil. Nesta guerra civil, a força do proletariado aumenta enquanto a força da burguesia diminui. A questão inevitável da luta será a vitória do proletariado.

Certamente, a vitória da ditadura do proletariado não será alcançada em termos fáceis. A guerra civil, como qualquer outra guerra, exige o sacrifício de pessoas e o sacrifício de valores materiais. Toda revolução envolve tais custos. Uma consequência natural é que, nas fases iniciais dessa guerra civil, a devastação devido à guerra imperialista é, em vários lugares, consideravelmente aumentada. É óbvio que, quando os melhores operários, em vez de trabalhar ou organizar a produção, pegam o fuzil na mão para se defender dos latifundiários e da casta militar, a vida das fábricas deve sofrer. Claramente, a desorganização que resulta da guerra civil é prejudicial. Manifestamente, a perda de companheiros que se segue é um sacrifício caro. Mas isso é inevitável em toda revolução. Durante a revolução burguesa na França, nos anos 1789-1798, quando a burguesia estava quebrando o jugo dos latifundiários, a guerra civil trouxe muita desorganização em seu rastro. Quando, no entanto, a casta dos latifundiários e aristocratas foi conquistada, o desenvolvimento da França foi rápido e extenso.

Ninguém pode deixar de entender que em uma revolução tão gigantesca como a revolução universal do proletariado, que efetua a derrubada de um sistema de opressão que precisou de séculos para ser edificado, o custo deve ser extremamente alto. Vimos que a guerra civil é agora conduzida em escala mundial. Em parte, assume a forma de uma guerra travada

pelos Estados burgueses contra os Estados proletários. Os Estados proletários que se defendem contra os ladrões imperialistas fazem a guerra de classes, que na realidade é uma guerra santa, mas esta guerra exige o sacrifício de sangue. Quanto maior a extensão da guerra, maior será o número de vítimas e maior será a desorganização.

Mas porque a revolução custa caro, não devemos, por essa razão, colocar nossos rostos contra a revolução. O sistema capitalista, seu crescimento por séculos, culminou na monstruosa guerra imperialista, na qual se derramaram rios de sangue. Que guerra civil pode comparar em seus efeitos destrutivos com a brutal desorganização e devastação, com a perda da riqueza acumulada da humanidade, que resultou da guerra imperialista? **Manifestamente é essencial que a humanidade acabe de uma vez por todas com o capitalismo. Com este objetivo, podemos suportar o período de guerra civil, e abrir o caminho para o comunismo, que vai curar todas as nossas feridas e rapidamente levará ao pleno desenvolvimento das forças produtivas da sociedade humana.**

§ 34. Caos ou comunismo

A revolução que se desenvolveu se tornará uma revolução mundial pela mesma razão que a guerra imperialista se tornou uma guerra mundial. Todos os países importantes estão interconectados, todos fazem parte da economia mundial, quase todos estiveram envolvidos na guerra e foram unidos pela guerra em um entendimento comum. Em todos os países, a guerra produziu uma terrível devastação, levou à fome e à escravização do proletariado. Em todos os lugares, promoveu a gradual decomposição e decadência do capitalismo e, finalmente, causou uma revolta contra a disciplina selvagem no exército, na fábrica e na oficina. Com a mesma inevitabilidade, levou à revolução comunista do proletariado.

Uma vez iniciadas, a desintegração do capitalismo e o crescimento da revolução comunista não podiam mais ser detidas. A ruína do capitalismo era iminente. Toda tentativa de estabelecer uma sociedade verdadeiramente humana sobre as velhas fundações capitalistas está fadada ao fracasso absoluto. A consciência de classe das massas proletárias está agora tão desenvolvida que elas não podem, nem trabalharão para o capital. Eles se recusam a matar uns aos outros no interesse do capital, da política colonial, etc. O exército de Guilherme II não pode ser restabelecido na Alemanha de hoje. E assim como é impossível restabelecer uma disciplina imperialista no exército, assim como se tornou impossível obrigar os soldados proletários a

submeter-se ao jugo dos generais junker²⁴, também é impossível restabelecer a disciplina capitalista do trabalho e obrigar os operários a trabalharem para um senhor, ou os camponeses a trabalharem para um latifundiário. O novo exército só pode ser criado pelo proletariado; a nova disciplina do trabalho só pode ser criada pela classe trabalhadora.

Assim, somos confrontados com duas alternativas, e apenas duas. Deve haver desintegração completa, caldo infernal, mais brutalização e desordem, caos absoluto, ou então comunismo. Todas as tentativas que foram feitas para restabelecer o capitalismo em um país onde, por algum tempo, as massas tiveram o poder em suas próprias mãos, confirmam esta afirmação de alternativas. Nem a burguesia finlandesa nem a burguesia húngara, nem Kolcliak, nem Denikin, nem Skoropadsky estavam em condições de restaurar a vida econômica. Eles foram incapazes de estabelecer até mesmo seu próprio sistema sangrento sobre uma base firme.

A única questão para a humanidade é o comunismo, e como o comunismo só pode ser realizado pelo proletariado, ele é, hoje, o verdadeiro salvador da humanidade dos horrores do capitalismo, das barbaridades da exploração, da política colonial, guerras incessantes, da fome, desse tempo de selvageria e brutalização, de todas as abominações que são conduzidas pelo capital financeiro e o imperialismo. Eis o significado histórico esplêndido do proletariado. Os trabalhadores podem sofrer derrotas em batalhas individuais, e mesmo em países individuais, mas a vitória do proletariado não é menos certa do que a ruína da burguesia é inevitável.

Do exposto fica claro que todos os grupos, classes e partidos que acreditam possível o restabelecimento do capitalismo, que imaginam que o tempo ainda não está maduro para o advento do socialismo, estão, de fato, queiram ou não, e saibam ou não, fazendo o papel de contrarrevolucionários e reacionários. Deste caráter são todos os partidos que pregam a colaboração de classe. Voltaremos ao assunto no próximo capítulo.

Literatura sugerida

KUIENEFF, O sistema econômico do imperialismo;
LENIN, O imperialismo como a última fase do capitalismo;
BUKARIN, A Economia do mundo e o imperialismo;
TSIPEROVICH, Corporações e trustes na Rússia;
ANTONOFF, Militarismo;
PAVLOVICH, O que é o imperialismo?
PAVLOVICH, As grandes ferrovias.
PAVLOVICH, Militarismo e Navalismo;
PAVLOVICH, Os Resultados da Guerra Mundial;

24 Nobre ou aristocrata alemão, especialmente um membro da aristocracia prussiana.

HILFERDING, Capital financeiro (uma obra padrão de importância primordial, mas difícil de ler)
KAUTSKY, O caminho para o poder;
KERZHENTSEV, Imperialismo britânico;
LOZOFFSKY, Ferro e carvão, a luta pela Alsácia-Lorena;
ZINOVIEV, Áustria e a Guerra Mundial;
POKROFFSKY, A França durante a guerra;
HERASKOFF, A Grã-Bretanha durante a guerra;
LARIN, A terra vitoriosa;
LARIN, As Consequências da guerra;
ZINOVIEFF, A Tríplice Aliança e a Tríplice Entente;
LOMOFF, A dissolução do capitalismo e a organização do comunismo;
OZINSKY, A construção ascendente do socialismo;
LONDRES, O Calcanhar de Ferro.

Capítulo V: A segunda e a Terceira Internacional

§ 35. Internacionalismo ou movimento operário essencial para a vitória da revolução comunista

§ 36. O colapso da Segunda Internacional e suas causas

§ 37. As palavras de ordem *Defesa Nacional e Pacifismo*

§ 38. Os sociais-patriotas

§ 39. O Centro

§ 40. A Terceira Internacional

§ 35. Internacionalismo ou movimento operário essencial para a vitória da revolução comunista

A revolução comunista só pode ser vitoriosa como uma revolução mundial. Se surgisse um estado de coisas em que um país fosse governado pela classe trabalhadora, enquanto em outros países, a classe trabalhadora, não por medo, mas por convicção, permanecesse submissa ao capital, no final, os grandes Estados ladrões esmagariam o Estado operário do primeiro país. Durante os anos de 1917, 1918 e 1919, todas as potências tentavam esmagar a Rússia soviética; em 1919, esmagaram a Hungria soviética. Eles foram, no entanto, incapazes de esmagar a Rússia soviética, pois as condições internas em seus próprios países eram críticas, e os governos estavam todos com medo de ser derrubados por seus próprios trabalhadores, que exigiam a retirada dos exércitos invasores da Rússia. O significado disso é, em primeiro lugar, que a realização da ditadura do proletariado em um país está gravemente ameaçada, a menos que uma assistência ativa seja dada pelos trabalhadores de outras terras. Significa, em segundo lugar, que, em tais condições, quando os trabalhadores conquistarem a vitória em apenas um país, a organização da vida econômica nesse país será uma questão muito difícil. Tal país receberá pouco ou nada do exterior; estará bloqueado por todos os lados.

No entanto, se para a vitória do comunismo é essencial que haja uma revolução mundial e que os trabalhadores em vários países se prestem ajuda mútua, isso implica que a solidariedade internacional da classe trabalhadora é uma preliminar essencial para vitória. As condições para a luta geral dos trabalhadores são como as condições para a luta da classe trabalhadora em cada país individualmente. Em nenhum país os trabalhadores podem ganhar greves quando se trata

de assuntos isolados; eles só podem ganhar greves quando os trabalhadores em fábricas separadas se unem para apoio mútuo, quando fundam uma organização conjunta e quando conduzem uma campanha unida contra todos os proprietários de fábricas. É a mesma coisa para os trabalhadores que vivem nos vários Estados burgueses. Eles só podem alcançar a vitória quando marcham ombro a ombro, quando não brigam entre si, quando os proletários de todas as terras se unem, sentindo-se uma única classe com interesses comuns a todos eles. Confiança mútua completa, uma aliança fraterna, ação revolucionária unida contra o capitalismo mundial – só isso pode trazer a vitória à classe trabalhadora. **O movimento comunista dos trabalhadores só pode vencer como movimento comunista internacional.**

Há muito se reconhece a necessidade de uma luta internacional por parte do proletariado. Nos anos quarenta ou no século passado²⁵, às vésperas da revolução de 1848, já existia uma organização secreta internacional conhecida como Federação Comunista. Marx e Engels eram seus líderes. Na conferência de Londres da organização, eles foram instruídos a escrever um manifesto em seu nome. Tal foi a origem do Manifesto do Partido Comunista, no qual os grandes campeões do proletariado deram a primeira exposição do ensinamento comunista.

Em 1864 foi constituída, sob a liderança de Marx, a Associação Internacional dos Trabalhadores, agora comumente chamada de Primeira Internacional. Na Primeira Internacional estavam associados vários líderes da classe trabalhadora de diversos países, mas faltava unidade. Além disso, a organização ainda não se baseava nas grandes massas dos trabalhadores, mas tomava a forma de uma sociedade internacional de propagandistas revolucionários. Em 1871, os membros da Internacional participaram do levante dos trabalhadores parisienses (a Comuna de Paris). Seguiu-se por toda parte uma perseguição às filiais da Internacional. Ela ruiu em 1874, muito enfraquecida por dissensões internas, pelas lutas entre os adeptos de Marx e os do anarquista Bakunin. Após o desmembramento da Primeira Internacional, o crescimento dos partidos socialistas começou em vários países. Quanto mais rápido o desenvolvimento da indústria, mais rápido foi o crescimento desses partidos. A necessidade de apoio mútuo foi sentida tão fortemente, que em 1889 foi realizado um congresso socialista internacional com a presença de delegados dos partidos socialistas de vários países. Assim surgiu a Segunda Internacional. A Segunda Internacional existiu até 1914, quando a guerra lhe deu seu golpe mortal. As causas de sua falha serão discutidas na próxima seção.

No Manifesto Comunista, Marx já soltava o grito de guerra: “Proletários do mundo todo, uni-vos!” Aqui estão as linhas finais do manifesto: “Os comunistas desdenham esconder seus pontos de vista e objetivos. Eles declaram abertamente que seus fins só podem ser alcançados pela derrubada forçada da ordem social existente. Que as classes dominantes tremam diante de uma revolução comunista. Os proletários não têm nada a perder a não ser suas correntes. Eles têm um mundo a ganhar. Proletários do mundo todo, uni-vos!”

25 O autor refere-se ao século XIX.

Parece, assim, que a solidariedade internacional do proletariado não é um brinquedo ou uma bela frase, mas uma necessidade vital, sem a qual o movimento operário estaria condenado ao fracasso.

§ 36. O colapso da Segunda Internacional e suas causas

Quando a grande guerra mundial começou, em agosto de 1914, os partidos socialistas e social-democratas dos vários países beligerantes (com exceção da Rússia, Sérvia e, posteriormente, Itália), em vez de declarar guerra à guerra e em vez de incitar os trabalhadores à revolta, uniram-se ao lado de seus respectivos governos e deram sua assistência à campanha de saque. Em um mesmo dia, os deputados socialistas da França e da Alemanha votaram os créditos de guerra no parlamento, solidarizando-se com os governos ladrões. Em vez de unir forças em um levante contra a burguesia criminoso, os partidos socialistas tomaram posições separadas, cada qual sob a bandeira de seu *próprio* governo burguês. A guerra começou com o apoio direto dos partidos socialistas; os líderes desses partidos viraram seus casacos e traíram a causa do socialismo. A Segunda Internacional teve uma morte ignominiosa.

É interessante notar que, apenas alguns dias antes da traição, a imprensa socialista e os líderes dos partidos socialistas se manifestavam contra a guerra. Gustave Hervé, por exemplo, o traidor do socialismo francês, escreveu como segue em seu jornal *La Guerre Sociale*²⁶ (A guerra de classes, posteriormente rebatizada Vitória): “Devemos lutar para salvar o prestígio do czar!... Que prazer morrer em uma causa tão gloriosa!” Três dias antes da eclosão da guerra, o Partido Socialista Francês emitiu um manifesto contra ela, e os sindicalistas franceses escreveram em seu jornal: “Trabalhadores! Se vocês não são covardes, protestem!” Os social-democratas alemães realizaram numerosas grandes reuniões de protesto. A memória da resolução aprovada no congresso internacional de Basle ainda estava fresca, uma resolução no sentido de que, em caso de guerra, todos os meios possíveis devem ser empregados “para incitar o povo à revolta e apressar o colapso do capitalismo”. Mas dentro de um ou dois dias, esses mesmos partidos e esses mesmos líderes estavam insistindo na necessidade da “defesa da pátria” (isto significa a defesa do Estado ladrão de sua *própria* burguesia. Na Áustria, o *Arbeiter Zeitung* (Diário dos Trabalhadores) realmente declarou que os trabalhadores devem se unir em defesa da “humanidade alemã”!

Para entender o colapso inglório da Segunda Internacional, devemos estudar o desenvolvimento do movimento operário antes da guerra. Antes desse conflito, o capitalismo na Europa e nos EUA devia seu desenvolvimento, em grande parte, à pilhagem frenética das colônias. Os aspectos repugnantes e sanguinários do capitalismo foram, aqui, exibidos com

26 A Guerra Social, em francês.

clareza excepcional. Pela exploração brutal, pelo roubo, fraude e força, os valores foram extraídos das nações coloniais e foram transmutados em lucro para os tubarões do capital financeiro europeu e americano. Quanto mais forte a posição de qualquer confiança capitalista de Estado no mercado mundial, maiores eram os lucros que poderiam obter da exploração das colônias. Com esses lucros excedentes, o truste podia pagar a seus escravos assalariados um pouco mais do que os salários normais do trabalho. Claro que não para todos os trabalhadores assalariados, mas apenas para aqueles que geralmente são chamados de trabalhadores qualificados. Esses estratos da classe trabalhadora são, assim, conquistados para o lado do capital. Seu raciocínio é o seguinte: “Se *nossa* indústria encontrar um mercado nas colônias africanas, tanto melhor; ela florescerá ainda mais; o patrão obterá lucros maiores e teremos um dedo no bolo”. Assim, o capital acorrenta seus escravos assalariados ao seu próprio Estado, comprando uma parte deles, atraídos por uma participação na pilhagem colonial.

Os fundadores do comunismo científico já haviam notado esse fenômeno. Engels, por exemplo, em uma carta a Kautsky, escreveu, no ano de 1882: “Você me pergunta o que os trabalhadores britânicos pensam sobre a política colonial. Muito parecido com o que eles pensam sobre política em geral. Aqui ainda não existe um partido trabalhista - existem apenas conservadores e radicais liberais - enquanto os trabalhadores participam de bom grado das vantagens que se acumulam para os britânicos em virtude de seu monopólio no mercado mundial e nas colônias”. Sobre este solo floresceu uma forma peculiar de servilismo, um apego dos trabalhadores à burguesia de seu próprio país, uma humilhação diante deles. Engels escreveu, em 1889: “O fenômeno mais repulsivo aqui na Inglaterra é a respeitabilidade burguesa que penetra na própria medula dos trabalhadores... Tão profundamente enraizado é esse respeito inato pelos *melhores e superiores* que o senhor burguês acha fácil pegar os trabalhadores em suas redes. Eu realmente acredito que, no fundo de seu coração, John Bums está mais lisonjeado por sua popularidade com o cardeal Manning e outros notáveis, com a burguesia em geral, do que por sua popularidade com os da sua própria classe”.

As massas trabalhadoras não estavam acostumadas a travar uma grande luta em escala internacional. Na verdade, eles não tiveram oportunidade para nada do tipo. Em sua maior parte, a atividade de suas organizações estava confinada aos limites do Estado administrado por sua própria burguesia. A *sua própria* burguesia conseguiu fazer com que uma parte da classe trabalhadora e principalmente a camada dos trabalhadores qualificados se interessasse na política colonial. A mesma isca foi engolida pelos dirigentes das organizações operárias, pela burocracia operária e pelos representantes parlamentares dos operários, todos eles, pessoas que tinham conseguido cantos aconchegados e tendiam a defender o *pacífico*, o *silencioso*, e métodos *cumpridores da lei*. Já assinalamos que os aspectos sanguinários do capitalismo se manifestaram especialmente nas colônias. Na Europa e nos Estados Unidos, a indústria estava

altamente desenvolvida, e nessas regiões, a luta da classe trabalhadora assumiu formas relativamente pacíficas. Desde 1871 não houve grandes revoluções em nenhum lugar, exceto na Rússia, e na maioria dos países não houve nenhuma desde 1848. As pessoas estavam universalmente acostumadas à ideia de que o futuro desenvolvimento do capitalismo seria pacífico, e mesmo aqueles que falavam de guerras vindouras, mal acreditavam em suas próprias palavras. Uma parte dos trabalhadores, incluindo os líderes da classe trabalhadora, estava cada vez mais inclinada a aceitar a ideia de que a classe trabalhadora estava interessada na política colonial, e que os trabalhadores deveriam unir forças com sua própria burguesia para promover, neste caso, *o bem-estar nacional comum*. Consequentemente, um grande número da classe média baixa afluíu para os partidos socialistas. Na Alemanha, por exemplo, entre os membros do grupo parlamentar socialdemocrata, havia muitos publicanos e donos de restaurantes da classe trabalhadora. Em 1892, dos 85 deputados socialistas, 4, seguiam essas ocupações; em 1905, havia 6 de 81; em 1912, havia 12 de 110.

Não é de surpreender que, em momentos críticos, sua devoção ao Estado imperialista ladrão superasse sua devoção à solidariedade internacional.

Vemos, então, que a causa principal do rompimento da Segunda Internacional foi encontrada no fato de que a política colonial e a posição monopólica dos trustes do grande estado capitalista tinham acorrentado os trabalhadores, e especialmente o *estrato superior da classe trabalhadora, ao estado burguês imperialista.*

Na história do movimento operário, muitas vezes aconteceu que os trabalhadores fizeram causa comum com seus opressores. Por exemplo, nos primeiros estágios de desenvolvimento, o trabalhador que se sentava à mesma mesa com seu mestre, olhava para a oficina de seu mestre quase como se fosse sua própria, e considerava seu mestre não como um inimigo, mas como aquele que *dava o trabalho*. Só com o passar do tempo, os operários de várias fábricas chegaram a se unir aos outros contra todos os patrões. Quando os grandes países se converteram em *trustes capitalistas de Estado*, os trabalhadores continuaram a demonstrar, para com esses trustes capitalistas de Estado, o mesmo tipo de devoção que antigamente haviam demonstrado para com os senhores individuais. Só a guerra lhes ensinou que não devem ficar do lado de seus respectivos Estados burgueses, mas devem unir forças para a derrubada desses Estados burgueses e para a realização da ditadura do proletariado.

§ 37. As palavras de ordem *Defesa Nacional e Pacifismo*

Os dirigentes dos partidos socialistas e da Segunda Internacional justificaram sua traição à causa dos trabalhadores e à luta comum da classe trabalhadora dizendo que era essencial defender a pátria. Vimos que, no que diz respeito à guerra imperialista, isso era pura tolice. Naquela guerra nenhuma das Grandes Potências estava na defensiva: todas eram agressoras. A palavra de ordem *defesa da pátria* (a defesa - do Estado burguês) era uma farsa, e foi gritada pelos dirigentes para esconder sua traição. Aqui é necessário considerar a questão com um pouco mais de detalhes.

Em primeiro lugar, qual é a nossa pátria? Qual é o verdadeiro significado dessa palavra? Significa pessoas que falam a mesma língua, é o mesmo que *nação*? Não, não é. Vamos considerar, por exemplo, a Rússia czarista. Quando a burguesia russa clamava pela defesa da pátria, não pensava na área em que viviam pessoas de uma nacionalidade, na área, digamos, habitada pelos russos brancos; referia-se aos povos de várias nacionalidades que se estabeleceram na Rússia. O que, de fato, a burguesia quis dizer? Nada mais do que a autoridade estatal da burguesia russa e dos latifundiários. Isso é o que os capitalistas queriam que os trabalhadores russos defendessem. Na verdade, é claro, eles não estavam pensando simplesmente em defendê-la, mas em estender suas fronteiras para incluir Constantinopla e Cracóvia. Quando a burguesia alemã cantou a defesa da pátria, qual foi o sentido, nesse caso? A referência, então, era à autoridade da burguesia alemã, a uma extensão das fronteiras do Estado ladrão governado por Guilherme II.

Logo, precisamos questionar se, sob o capitalismo, a classe trabalhadora tem alguma pátria. Marx, no Manifesto do Partido Comunista, respondeu a esta pergunta: “Os trabalhadores não têm pátria”. O que ele disse era verdade. Por quê? A resposta é muito simples. Porque no capitalismo, os trabalhadores não têm poder; porque no capitalismo, tudo está nas mãos da burguesia; porque no capitalismo, o Estado é apenas um instrumento para a repressão e opressão da classe trabalhadora. Já vimos que a tarefa do proletariado é destruir o Estado burguês, e não defendê-lo. Só então o proletariado terá um país, quando se apoderar da autoridade do Estado e se tornar senhor do país. Então, e só então, será dever do proletariado defender sua pátria; pois estará defendendo sua própria autoridade e sua própria causa; não estará defendendo a autoridade de seus inimigos, e não estará defendendo a política de roubo de seus opressores.

A burguesia está bem ciente de tudo isso. Aqui está a evidência do fato. Quando o proletariado efetuou a conquista do poder na Rússia, a burguesia russa começou a lutar contra a Rússia, formando uma aliança com quem quisesse - com os alemães,

os japoneses, os britânicos, os americanos, com todo o mundo e sua esposa. Por quê? Porque, tendo perdido o poder na Rússia, perdeu também o poder de roubar e saquear, o poder de exploração burguesa. Os capitalistas russos estavam prontos, a qualquer momento, para destruir a Rússia proletária, ou seja, para destruir o Poder Soviético. Tomemos a Hungria como outro exemplo. Quando os burgueses tinham o poder nas próprias mãos, lançavam apelos pela defesa da pátria; mas, para destruir a Hungria proletária, eles prontamente se aliaram aos romenos, aos tchecoslovacos, aos austríacos e à Entente. Vemos, então, que a burguesia sabe perfeitamente do que se trata. Sob o pretexto da defesa da pátria, apela a todos os cidadãos para defenderem o seu próprio poder burguês, e condena por alta traição todos os que se recusam a ajudar. Por outro lado, quando se trata de destruir a pátria proletária, reúne todas as suas forças e não se prende a nada. O proletariado deve tirar uma folha do livro burguês; deve destruir a pátria burguesa e não deve fazer nada por sua supressão ou ampliação; mas o proletariado deve defender sua própria pátria com todas as suas forças e até a última gota de seu sangue.

A estas considerações, o opositor pode responder da seguinte forma: você não sabe, ele dirá que a política colonial e o imperialismo ajudaram no desenvolvimento industrial das Grandes Potências, e que, graças a isso, as migalhas da mesa dos patrões caem para a classe trabalhadora? Isso significa que o trabalhador deve defender seu mestre, deve ajudar seu mestre contra os concorrentes? Não significa nada disso. Suponhamos que existam dois fabricantes que chamaremos de Schultz e Petroff. São rivais no mercado. Schultz diz a seus homens: “Amigos, fiquem ao meu lado com todas as suas forças. Façam todo o mal que puderem à fábrica Petroff, ao próprio Petroff e a seus trabalhadores. Então minha fábrica florescerá, pois terei derrubado Petroff e meus negócios vão crescer. Eu serei capaz de dar um aumento a todos vocês”. Petroff diz exatamente o mesmo para seus homens. Agora vamos supor que Schultz tenha levado a melhor. É bem provável que, no auge da vitória, ele dê uma ascensão a seus trabalhadores. Mas depois de um tempo ele vai cortar os salários ao nível antigo. Se agora os operários da fábrica Schultz entrarem em greve e quiserem que aqueles que antes trabalharam na fábrica Petroff os ajudem, estes vão dizer: “Muito bem! Vocês nos fizeram todo o mal que podiam, e agora vocês vêm rastejando até nós pedindo ajuda! Não embora!” Seria impossível organizar uma greve geral. Quando os trabalhadores estão desunidos, o capitalista é forte. Depois que ele derrubar seu concorrente, ele é capaz de tirar o melhor de seus trabalhadores desunidos. Por um breve tempo, os trabalhadores da fábrica de Schultz desfrutariam de salários mais altos, mas seus ganhos logo estariam perdidos. Exatamente a mesma coisa acontece na luta internacional. O Estado burguês é uma liga de mestres. Quando uma dessas ligas engorda às custas das outras, consegue subornar os trabalhadores. O colapso da Segunda Internacional e a traição do socialismo pelos dirigentes do movimento operário ocorreu porque esses dirigentes decidiram *defender* as migalhas que caíam da mesa dos patrões e esperavam um aumento da quantidade dessas migalhas. Durante a guerra, quando, devido à referida traição,

os trabalhadores estavam desunidos, o capital em todos os países impôs-lhes terríveis encargos. Os trabalhadores perceberam seu erro de cálculo: eles entenderam que seus líderes os haviam vendido por uma ninharia. Assim começou o renascimento do socialismo. Podemos entender prontamente que os primeiros protestos vieram dos trabalhadores mal pagos e não qualificados. *A aristocracia do trabalho* (os tipógrafos, por exemplo) e os antigos dirigentes continuaram a fazer o jogo do traidor.

Não contente em usar a palavra de ordem da defesa da pátria (burguesa), a burguesia tem outro meio para trair e enganar as massas trabalhadoras. Referimo-nos ao chamado pacifismo. Este nome é dado à visão de que, dentro da estrutura do capitalismo - sem nenhuma revolução, sem nenhuma revolta dos trabalhadores - um reino de paz universal pode ser estabelecido. Bastaria, dizem-nos, estabelecer tribunais de arbitragem entre as várias Potências, abolir a diplomacia secreta, concordar com o desarmamento (a princípio, talvez, apenas em medida limitada). Com isso e algumas medidas semelhantes, tudo ficaria bem.

O erro básico do pacifismo é que a burguesia simplesmente não realizará nenhuma dessas coisas boas como o desarmamento. É absolutamente absurdo pregar o desarmamento em uma era de imperialismo e guerra civil. A burguesia cuidará de estar bem armada, e se os trabalhadores se desarmassem ou deixassem de se armar, estariam convidando à destruição. Podemos, assim, perceber como as palavras de ordem pacifistas não podem deixar de desviar o proletariado. **O pacifismo tende a evitar que os trabalhadores concentrem sua atenção na luta armada pelo comunismo.**

O melhor exemplo do caráter fraudulento do pacifismo é fornecido pela política de Wilson e por seus quatorze pontos. Enfeitada com belas palavras e em nome da Liga das Nações, são promulgadas a pilhagem mundial e uma guerra civil contra o proletariado. Os exemplos a seguir mostrarão a que profundidades a baixeza os pacifistas podem descer. Taft, em algum momento presidente dos EUA, foi um dos fundadores da American Peace Society e, ao mesmo tempo, um imperialista raivoso. Ford, o famoso fabricante americano de automóveis, financiou expedições inteiras à Europa para alardear suas visões pacifistas; mas ao mesmo tempo ele estava ganhando milhões de dólares com o trabalho que suas fábricas estavam fazendo para a guerra. Fried, em seu *Manual do Movimento pela Paz (Handbuch der Fritdembewegung*, vol. II, pp. 149-150), assegura a seus leitores que a expedição conjunta dos imperialistas contra a China em 1900 provou a irmandade das nações. Ele escreve o seguinte: “A expedição à China forneceu outra prova da ascendência da ideia de paz nos assuntos contemporâneos. Uma associação internacional de exércitos foi exibida... Os exércitos

marcharam, como uma força pacífica, sob o comando de um generalíssimo europeu. Nós, os amigos da paz, consideramos este generalíssimo mundial” (ele estava escrevendo sobre o Conde Waldersee, que foi nomeado generalíssimo por Guilherme II), “apenas como o precursor daquele estadista mundial que estará em condições de realizar nosso ideal de métodos pacíficos”. Aqui vemos roubo aberto e universal designado “a irmandade das nações”. Da mesma maneira, o ladrão chamado Liga dos Capitalistas é servido com o molho da Liga das Nações.

§ 38. Os sociais-patriotas

As falsas palavras de ordem com as quais, dia após dia, a burguesia ensurdecia as massas e enchiam os jornais, também foram adotadas como slogans pelos traidores do socialismo.

Em quase todos os países, os antigos partidos socialistas foram divididos. Três tendências se manifestaram. Em primeiro lugar, havia traidores abertos e descarados, os sociais-patriotas. Em segundo lugar, havia traidores secretos e vacilantes, constituindo o chamado centro. Em terceiro lugar, houve aqueles que permaneceram fiéis ao socialismo. Dos membros deste terceiro grupo, os partidos comunistas foram posteriormente organizados.

Em quase todos os países, os líderes dos antigos partidos socialistas provaram ser socialistas fanáticos. Sob a bandeira do socialismo, eles pregavam o ódio internacional; sob o lema mentiroso da defesa da pátria, pregavam o apoio dos Estados burgueses assaltantes. Entre os sociais-patriotas na Alemanha estavam Scheidemann, Noske, Ebert, David, Heine e outros; na Inglaterra, Henderson; nos E.U.A., Russell, Gompers; na França, Renaudel, Albert-Thomas, Guesde, Jouhaux; na Rússia, Plehanoff, Potresoff, os socialistas-revolucionários de direita (Breshko-Breshkoffskaya, Kerensky, Chernoff) e os mencheviques de direita (Liber, Rosanoff); na Áustria, Renner, Seitz, Victor Adler; na Hungria, Garami, Buchinger, etc.

Todos eles eram pela *defesa* da pátria burguesa. Muitos deles declararam-se abertamente a favor da política assaltante de anexações e indenizações, e defendiam a tomada das posses coloniais de outras nações. Eles eram geralmente chamados de socialistas imperialistas. Durante toda a guerra eles apoiaram, não apenas votando os créditos de guerra, mas também pela propaganda. Na Rússia, o manifesto de Plehanoff foi amplamente divulgado nos painéis por Hvosstoff, o ministro de Estado czarista. O general Komiloff fez de Plehanoff um membro de sua administração. Kerensky (o revolucionário social) e Tseretelli (o menchevique) esconderam do povo os tratados secretos do czar; nas jornadas de julho, espancaram o

proletariado de Petrogrado; os revolucionários sociais e os mencheviques de direita eram membros da administração de Kolchak; Rosanoff era um dos espiões de Yudenich.

Em resumo, como toda a burguesia, eles defendiam a pátria burguesa assaltante e a destruição pátria soviética proletária. Os sociais-patriotas franceses, Guesde e Albert-Thomas, entraram para o governo ladrão, apoiaram todos os planos predatórios da Entente, defenderam a repressão da revolução russa e o envio de tropas contra os trabalhadores russos. Os sociais-patriotas alemães entraram no ministério enquanto Guilherme II ainda estava no trono (Scheidemann), apoiaram o imperador quando ele suprimiu a revolução finlandesa e quando devastou a Ucrânia e a Grande Rússia, membros do Partido Social-Democrata (por exemplo, Winnig em Riga) realizaram campanhas contra os trabalhadores russos e letões. Posteriormente, os sociais-patriotas alemães assassinaram Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, e afogaram em sangue os levantes dos trabalhadores comunistas de Berlim, Leipzig, Hamburgo, Munique, etc. Os socialistas sociais-patriotas húngaros deram seu apoio ao governo monárquico enquanto estava no poder; depois traíram a República Soviética. **Para concluir, em todos os países, igualmente, os sociais-patriotas assumiram o papel de carrasco contra a classe trabalhadora.**

Quando Plehanov ainda era um revolucionário, escrevendo no jornal russo *Iskra* (publicado na Suíça), declarou que no século XX, que estava destinado a testemunhar a realização do socialismo, haveria com toda a probabilidade uma grande cisão no socialismo, com toda a probabilidade haveria uma grande divisão nas fileiras socialistas, e uma luta feroz se seguiria entre as duas facções. Assim como nos dias da revolução francesa (1789-1793), o partido revolucionário extremista (apelidado de Montanha) travou uma guerra civil contra os moderados que estavam mais organizados como um partido contrarrevolucionário (chamado de Gironda), também disse Plehanov - no século XX, aqueles que já foram irmãos de opinião provavelmente se dividiriam em duas seções beligerantes, pois alguns deles teriam tomado partido da burguesia. A profecia de Plehanov foi cumprida. Mas quando escreveu, não previu que ele mesmo estaria entre os traidores.

Desta forma, os sociais-patriotas (às vezes chamados de oportunistas) são transformados em inimigos de classe aberta do proletariado. Durante a grande revolução mundial eles, lutam nas fileiras dos Brancos contra os Vermelhos, marcham ombro a ombro com a casta militar, com a grande burguesia e com os latifundiários. É perfeitamente claro que devemos travar uma guerra tão implacável contra eles quanto contra a burguesia, de quem eles são agentes. Os remanescentes da Segunda Internacional, que os membros desses partidos se esforçaram para reviver, formam apenas uma filial da Liga das Nações. **A Segunda Internacional é, agora, uma das armas utilizadas pela burguesia na sua luta contra o proletariado.**

§ 39. O Centro

Outro grupo de partidos composto por aqueles que já foram socialistas constitui o chamado *Centro*. Diz-se que pessoas dessa tendência formam o *centro* porque oscilam entre os comunistas de um lado e os sociais-patriotas do outro. Desta compleição são: na Rússia, os mencheviques de esquerda sob a liderança de Martoff; na Alemanha, os *independentes* (o Partido Social-Democrata Independente), sob a liderança de Kautsky e Haase; na França, o grupo liderado por Jean Longuet; nos EUA, o Partido Socialista da América, sob a liderança de Hilquit; na Grã-Bretanha, parte do Partido Socialista Britânico, o Partido Trabalhista Independente; e assim por diante.

No início da guerra, os centristas advogavam pela defesa da pátria (fazendo causa comum nesta questão com os traidores do socialismo) e se opunham à ideia de revolução. Kautsky escreveu que a *invasão inimiga* era a coisa mais terrível do mundo, e que a luta de classes deveria ser adiada até que tudo terminasse. Na opinião de Kautsky, enquanto a guerra durasse, não havia nada que a Internacional pudesse fazer. Após a conclusão da *paz*, Kautsky começou a escrever que tudo estava agora em um estado de tão grande confusão que não adiantava sonhar com o socialismo. O raciocínio se resume a isso. Durante a guerra, devemos abandonar a luta de classes, pois seria inútil, e devemos esperar até depois da guerra; quando a paz chega, não adianta pensar na luta de classes, pois a guerra imperialista traz um esgotamento geral. É claro que a teoria de Kautsky é uma declaração de impotência absoluta, que é calculada para desviar totalmente o proletariado e que se aproxima muito de uma traição. Pior ainda, quando estávamos no auge da revolução, Kautsky não encontrou nada melhor para fazer do que levantar a caça contra os bolcheviques. Esquecendo os ensinamentos de Marx, ele persistiu em uma campanha contra a ditadura do proletariado, o Terror, etc., ignorando o fato de que, desta forma, ele mesmo estava ajudando o Terror Branco da burguesia. Suas próprias esperanças parecem ser, agora, as do pacifista comum: ele quer tribunais de arbitragem e coisas desse tipo. Assim, ele se assemelha a qualquer pacifista burguês que você queira nomear.

Embora a posição de Kautsky seja à direita do centro, ele foi escolhido como exemplo e não como outro porque a sua teoria é típica da perspectiva centrista.

A principal característica da política centrista é a maneira como ela oscila entre a burguesia e o proletariado. O Centro está instável em suas pernas, quer reconciliar irreconciliáveis, e no momento crítico, trai o proletariado. Durante a revolução russa de novembro, o Centro Russo (Martoff & Co.) vociferou contra o uso da força pelos bolcheviques, esforçou-se por *reconciliar* todos, e assim, ajudou os Guardas Brancos e reduziu a energia do

proletariado na hora da luta. Os mencheviques nem sequer excluíram de seu partido aqueles que atuaram como espíões e conspiradores para a casta militar. Na crise da luta proletária, o Centro defendeu uma greve em nome da Assembleia Constituinte contra a ditadura do proletariado. Durante o ataque de Kolchak, alguns desses mencheviques, solidarizando-se com os conspiradores burgueses, levantaram a palavra de ordem: *Pare a guerra civil!* (o menchevique Pleskoff). Na Alemanha, os *independentes* desempenharam papel traiçoeiro no momento da insurreição dos trabalhadores de Berlim, pois praticaram sua política de *conciliação* enquanto a luta estava realmente em andamento, e assim contribuíram para a derrota. Entre os independentes há muitos defensores da colaboração com os Scheidemannitas. Mas a acusação mais grave contra eles é que se abstêm de defender um levante de massas contra a burguesia e que desejam drogar o proletariado com esperanças pacifistas. Na França e na Grã-Bretanha, o Centro *condena* a contrarrevolução, *protesta* em palavras contra o esmagamento da revolução, mas mostra total incapacidade para ação em massa.

Atualmente, o grupo centrista causa tanto dano quanto os sociais-patriotas. Os centristas, às vezes chamados de kautskistas, estão tentando, como os sociais-patriotas, reanimar o cadáver da Segunda Internacional e *conciliá-la* com os comunistas. Inquestionavelmente, uma vitória sobre a contrarrevolução é impossível sem uma ruptura definitiva e sem uma luta decisiva contra eles.

As tentativas de reviver a Segunda Internacional ocorreram sob o patrocínio benevolente do ladrão chamado Liga das Nações. Pois, de fato, os sociais-patriotas são fiéis defensores da ordem capitalista decadente, e são seus últimos adereços. A guerra imperialista nunca poderia ter continuado por cinco anos se não fosse pela traição dos partidos socialistas. Logo que começou o período da revolução, a burguesia procurou os traidores socialistas para ajudar a esmagar o movimento proletário. Os antigos partidos socialistas foram o principal obstáculo no caminho da luta da classe trabalhadora pela derrubada do capitalismo. Ao longo da guerra, todos os partidos socialistas traidores ecoaram tudo o que a burguesia disse. Depois da paz de Versalhes, quando a Liga das Nações foi fundada, os remanescentes da Segunda Internacional (o Centro e os sociais-patriotas) começaram a ecoar todos os slogans da Liga das Nações. A Liga acusou os bolcheviques de terrorismo, de violação da democracia, de imperialismo vermelho. A Segunda Internacional repetiu as acusações. Em vez de se engajar em uma luta decisiva contra os imperialistas, deu voz aos gritos de guerra imperialistas. Assim como os vários partidos de traidores socialistas apoiaram as respectivas administrações burguesas, a Segunda Internacional apoiou a Liga das Nações.

§ 40. A Terceira Internacional

Os sociais-patriotas e o Centro adotaram, como palavra de ordem durante a guerra, a defesa da pátria (burguesa), isto é, a defesa da organização estatal dos inimigos do proletariado. Uma sequência lógica era a palavra de ordem da *trégua partidária*, que significava submissão universal ao Estado burguês. O assunto é perfeitamente claro. Quando Plehanoff ou Scheidemann consideraram necessário *defender* a pátria czarista ou kaiserista, é evidente que eles tiveram que insistir que os trabalhadores não deveriam fazer absolutamente nada para interferir na defesa do Estado ladrão. Consequentemente, não deve haver greves, e muito menos se deve falar em levantar-se contra a burguesia. Os traidores socialistas raciocinaram da seguinte forma. Em primeiro lugar, disseram, devemos acertar as contas com o inimigo *estrangeiro*, e então veremos. Por exemplo, Plehanoff declarou, em seu manifesto, que não deveria haver greves agora que a Rússia estava em perigo. Os trabalhadores de todas as terras beligerantes foram escravizados pela burguesia da mesma maneira. Mas desde os primeiros dias da guerra havia grupos de socialistas de confiança que perceberam que a *defesa da pátria* e a *trégua dos partidos* amarravam o proletariado de pés e mãos, e que proferir essas palavras de ordem era traição aos trabalhadores. Os bolcheviques viram isso desde o início. Já em 1914, eles declararam que não deveria haver trégua com a burguesia, mas uma luta incessante contra a revolução capitalista. O primeiro dever do proletariado em qualquer país é derrubar sua própria burguesia – esta era a opinião expressa por nosso partido nos primeiros dias da guerra. Na Alemanha também se formou um grupo de camaradas liderados por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Este grupo tomou o nome de Internacional, declarando que a solidariedade internacional do proletariado era o primeiro de todos os deveres. Logo, Karl Liebknecht proclamou abertamente a necessidade da guerra civil e incitou os trabalhadores à insurreição armada contra a burguesia. Essa foi a origem do partido dos bolcheviques alemães, o grupo espartaquista. Nos outros países também houve cisão nos antigos partidos. Na Suécia havia bolcheviques, que formaram o que ficou conhecido como Partido Socialista de Esquerda; enquanto na Noruega as *esquerdas* ganharam o controle total do partido. Os socialistas italianos tomaram uma posição firme o tempo todo. Em resumo, foram surgindo gradualmente os partidos que defendiam a revolução. Uma tentativa de garantir uma ação unificada foi agora feita na Suíça. Em duas conferências, em Zimmerwald e Kienthal respectivamente, foram lançadas as bases da Terceira Internacional. Logo, no entanto, ficou claro que certos elementos duvidosos do Centro estavam aderindo ao movimento e, na verdade, o impediam. Dentro da união internacional de Zimmerwald formou-se a chamada *Esquerda Zimmerwald* sob a

liderança do camarada Lenin. A esquerda de Zimmerwald era a favor de uma ação decisiva. Criticou ferozmente o centro de Zimmerwald liderado por Kautsky. Após a revolução de novembro e o estabelecimento do Poder Soviético na Rússia, aquele país passou a ocupar o lugar mais importante no movimento internacional. Para se distinguir do partido dos traidores do socialismo e para retornar ao belo e velho nome de lutador, nosso partido agora se chamava Partido Comunista. Sob o impulso da revolução russa, partidos comunistas foram formados em outras terras. A Liga Spartacus mudou seu nome para Partido Comunista da Alemanha. Um partido comunista foi formado na Hungria, liderado por Bela Kun²⁷, que havia sido prisioneiro de guerra na Rússia. Partidos também foram formados na Áustria, Tchecoslováquia, Finlândia, entre outros países, e posteriormente na França. Nos Estados Unidos, o centro expulsou a ala esquerda do partido, e as esquerdas então se organizaram em um Partido Comunista combativo. Na Grã-Bretanha, as negociações para a formação de um partido comunista unido foram iniciadas no outono de 1919.

Em suma, após a cisão entre o centro e a esquerda, a formação e o desenvolvimento ativo de verdadeiros partidos operários revolucionários começaram em todos os lugares. O desenvolvimento desses partidos levou à formação de uma nova Internacional, a Internacional Comunista. Em março de 1919, no Kremlin de Moscou, foi realizado o primeiro congresso comunista internacional, no qual a Terceira Internacional, ou Internacional Comunista, foi formalmente constituída. O congresso contou com a presença de delegados dos comunistas alemães, russos, austríacos, húngaros, suecos, noruegueses e finlandeses; comunistas da França, dos EUA, da Grã-Bretanha e de outros países também estavam presentes.

A plataforma apresentada pelos comunistas alemães e russos foi adotada pelo Congresso com total unanimidade, mostrando que o proletariado havia plantado seus pés solidamente sob a bandeira da ditadura do proletariado, do poder soviético e do comunismo.

A Terceira Internacional tomou o nome de Internacional Comunista em conformidade com o da Federação Comunista, que havia sido chefiada por Karl Marx. Em todas as suas obras, a Terceira Internacional mostra que está seguindo os passos de Marx, que está no caminho revolucionário para a derrubada forçada do sistema capitalista. Não é surpreendente que todos os que são membros vivos, confiáveis e revolucionários do proletariado internacional estão se voltando cada vez mais avidamente para a nova Internacional e unem forças para formar a vanguarda operária.

27 Líder comunista húngaro, foi o chefe da República Comunista da Hungria, de 1919.

O próprio nome Internacional Comunista basta para mostrar que a organização não tem absolutamente nada em comum com os traidores do socialismo.

Marx e Engels consideraram o nome *social-democrata* inadequado para o partido do proletariado revolucionário. *Democrata* significa aquele que defende uma forma particular de governo. Mas, como vimos anteriormente, na sociedade do futuro não haverá *Estado* de qualquer espécie. Durante o período de transição terá de haver uma ditadura dos trabalhadores. Aqueles que traíram a classe trabalhadora não olham além de uma república burguesa. Estamos a favor do comunismo.

No prefácio da edição de 1888 do Manifesto Comunista, Engels escreveu que o nome socialista, em 1847, quando o manifesto foi redigido, significava “homens fora do movimento operário, e olhando antes para as *classes educadas* como apoio”, mas o comunismo, em 1847, era um movimento da classe trabalhadora. Vemos a mesma coisa hoje. Os comunistas buscam apoio para as bases dos trabalhadores; os social-democratas buscam apoio para a aristocracia operária, para as classes profissionais, aos pequenos lojistas e à pequena burguesia em geral.

A Internacional Comunista realizou assim as doutrinas de Marx em realidade, pois libertou-os dos *acréscimos* que se foram adicionados sobre eles durante o período *pacífico* do desenvolvimento capitalista. O que o grande professor de comunismo pregava há setenta anos, está se cumprindo hoje sob a liderança da comunista internacional.

Literatura sugerida

LENIN; ZINOVIEFF, Socialismo e Guerra;
LENIN; ZINOVIEFF, A direção oposta;
ZINOVIEFF, A Guerra e a Crise no Socialismo.
LENIN, A revolução proletária e o renegado Kautsky;
GORTER, Imperialismo;
Manifestos de Zimmerwald e Boletins do Comitê de Zimmerwald.
O arquivo da *Internacional Comunista*.

PARTE II

PRÁTICA

A DITADURA DO PROLETARIADO E A EDIFICAÇÃO DO COMUNISMO

Introdução: as condições da atividade comunista na Rússia

§ 41. A situação internacional da Rússia

§ 42. Indústria de larga escala na Rússia

§ 43. O desastroso legado da Guerra Imperialista

§ 44. A guerra civil e a luta com o imperialismo internacional

§ 45. O caráter pequeno-burguês da Rússia, a falta de ampla experiência organizativa por parte do proletariado, etc.

§ 41. A situação internacional da Rússia

Como observamos anteriormente, a necessidade da revolução comunista surgiu sobretudo da circunstância de que a Rússia se tornou intimamente ligada ao sistema da economia mundial. Nosso país é, agora, apenas uma parte da economia mundial. Se surgir a pergunta, de que maneira a Rússia pode avançar para o sistema comunista apesar da condição atrasada do país, a resposta será dada principalmente apontando para o significado internacional da revolução. A revolução proletária deve ser, hoje, uma revolução mundial. Somente nas linhas do mundo ela pode se desenvolver. A Europa Central e Ocidental passará inevitavelmente sob a ditadura do proletariado e, assim, ao comunismo. Como, então, a Rússia poderia permanecer um país capitalista se Alemanha, França e Inglaterra passassem sob a ditadura do proletariado? Está claro que a Rússia deve se envolver no movimento ao socialismo. Seu atraso, o estado relativamente subdesenvolvido de sua indústria, e assim por diante, seriam superados se a Rússia fizesse parte de uma república soviética internacional, ou mesmo meramente europeia, e assim fosse associada a terras mais avançadas. É verdade que a Europa estará terrivelmente exausta e enfraquecida após a devastação da guerra e depois da revolução. Contudo, um proletariado vigoroso e altamente desenvolvido poderá, em poucos anos, restabelecer o sistema industrial em bases firmes, e mesmo a Rússia atrasada poderá fazer isso. A Rússia possui grandes recursos naturais na forma de madeira, carvão, óleo mineral, ferro, etc.; ela tem vastas terras de milho; com a devida organização e em condições de paz, tudo poderia ser levado à devida conta. De nossa parte, poderíamos ajudar nossos camaradas ocidentais com matérias-primas russas. Desde que toda a Europa estivesse sob a autoridade do proletariado, haveria tal desenvolvimento da produção que supriria amplamente todas as necessidades. Como, no entanto, o proletariado inevitavelmente chegará ao poder em todos os lugares, é óbvio que a

missão da classe trabalhadora russa é fazer o máximo em nome da transformação para o comunismo. É por esta razão, como aprendemos na Primeira Parte, que nosso partido fez do pronto estabelecimento do comunismo seu objetivo definitivo.

§ 42. Indústria de larga escala na Rússia

A indústria manufatureira russa, no entanto, embora pequena em comparação com a agricultura russa, havia sido organizada de acordo com os métodos de produção capitalista em grande escala. Na Primeira Parte, destacamos que, nos ramos mais importantes da produção capitalista na Rússia, havia empresas que empregavam dez mil trabalhadores ou mais. A partir de 1907, a centralização da indústria russa progrediu rapidamente e a produção passou para o controle de uma rede de sindicatos e trustes. Quando a guerra começou, a burguesia começou a organização do capitalismo de Estado. Isso confirma nossa visão de que a indústria russa pode ser organizada e administrada como um todo unificado, mesmo que o processo possa apresentar dificuldades. É interessante notar que os revolucionários sociais de direita e os mencheviques, que nunca se cansam de proclamar que o socialismo é absolutamente impossível na Rússia, sempre defenderam a regulação estatal e o controle da indústria. Mas eles só acreditavam na necessidade disso quando toda a autoridade estava nas mãos da burguesia, quando o poder *regulador* e *controlador* deveria ser o do Estado capitalista. Em outras palavras, os mencheviques e os *essers*²⁸, apesar de seus protestos de patriotismo, eram a favor do capitalismo de Estado no modelo prussiano. Mas é perfeitamente claro que não podemos acreditar que o capitalismo de Estado seja possível, a menos que também acreditemos na possibilidade da organização socialista da vida econômica. A única diferença entre os dois sistemas reside no fato de que, em um caso, a indústria é organizada pelo Estado burguês e, no outro, é organizada pelo Estado proletário. Se a produção industrial na Rússia fosse tão atrasada que não houvesse possibilidade de ser organizada pelo Estado proletário, também não haveria possibilidade de organizá-la sobre as bases capitalistas de Estado. Em um país onde não existe grande indústria e onde a produção é feita por quantidades de pequenos senhores, será impossível organizar a indústria mesmo em linhas capitalistas de Estado. Sabemos perfeitamente que a centralização da indústria somente se torna possível quando a centralização do capital avança até certo ponto. O capitalismo russo já havia alcançado esse estágio de centralização. Mesmo os opositores do comunismo reconheceram isso pelo próprio fato de considerarem possível ao *Estado* burguês

28 Revolucionários sociais

regular a indústria. O atraso da vida econômica russa não consistia na ausência de grandes fábricas, pois havia muitas; consistia no fato de que a indústria manufatureira como um todo era de pequena extensão, quando comparada à agricultura. A inferência lógica é que, apesar de todas as dificuldades, o proletariado russo deve organizar a indústria de maneira proletária e deve manter seu controle da indústria até que a ajuda venha do Ocidente. No que diz respeito à agricultura russa, devemos estabelecer vários pontos focais onde os camaradas realizam a produção cooperativa. Quando, porém, a indústria manufatureira russa for capaz de unir forças com a indústria produtiva do Ocidente, então a organização conjunta da produção nos permitirá rapidamente atrair os pequenos produtores e os camponeses para uma organização cooperativa geral e imensa. Se, por exemplo, existisse um grande sistema europeu de produção organizado pela classe trabalhadora, então grandes quantidades dos produtos da indústria urbana poderiam ser fornecidas aos distritos rurais. Mas a indústria da cidade terá que fornecer esses produtos ao campo de maneira organizada. Como antigamente, cem mil pequenos comerciantes, intermediários e especuladores não mais atenderiam às necessidades dos distritos rurais. Estas necessidades seriam satisfeitas pelos armazéns do Estado. Manifestamente, também os camponeses teriam que entregar seus grãos de maneira organizada. Aos poucos, os distritos rurais se acostuariam com a produção social. Um estágio mais adiante, e a vida rural seria a de uma grande família cooperativa. Um sistema industrial vigoroso e bem-organizado acabaria levando a uma vida comunitária também nas aldeias. Com a ajuda de tal sistema, seria possível ajudar o camponês, que perceberia que a vida no novo plano é muito melhor.

Mas para atingir esse objetivo é difícil. Muitos anos devem passar antes que as mudanças necessárias possam ser efetuadas e antes que a vida possa correr suavemente ao longo das novas linhas. As razões pelas quais é difícil serão explicadas na subseção seguinte.

§ 43. O desastroso legado da Guerra Imperialista

Até que a revolução mundial seja vitoriosa, a Rússia deve agir sozinha. A classe trabalhadora russa recebeu uma herança desastrosa quando conquistou o poder no ano de 1917. Todo o país estava desorganizado e empobrecido.

A guerra havia minado toda a força do país. Mais da metade das fábricas foram forçadas a se dedicar ao trabalho de guerra e desperdiçaram materiais no trabalho de destruição. No ano de 1915, dos onze bilhões e meio da *renda nacional*, seis bilhões foram gastos na guerra. No início da revolução, as terríveis consequências da guerra tornaram-se aparentes. A produção das obras de engenharia caiu 40%; e a das têxteis, 20%; uma grande redução foi rapidamente

aparente no fornecimento de carvão, ferro e aço. Entre 1º de março e 1º de agosto (à moda antiga) de 1917, 568 empresas foram fechadas e mais de 100.000 proletários ficaram sem trabalho. A dívida nacional atingiu números sem precedentes. Mês a mês; dia a dia, a condição do país tornava-se mais desesperadora.

É claro que o proletariado, quando subiu ao poder em novembro de 1917, se viu diante de uma tarefa de dificuldade sem precedentes, a tarefa de construir uma economia socialista em uma terra totalmente desorganizada. A herança desastrosa tornou-se ainda mais desastrosa no final da velha guerra imperialista. A mera desmobilização do nosso exército envolveu enormes gastos. O sistema de transporte já havia sido destruído e rompido pela guerra; a desmobilização foi o golpe final, e o sistema ferroviário quebrou quase completamente. Assim, o transporte chegou praticamente ao fim, assim como a produção.

Isso não é absolutamente nenhum argumento contra a revolução dos trabalhadores. Se a burguesia tivesse permanecido no poder, teria continuado a travar a grande guerra imperialista, teria continuado a pagar grandes somas de juros aos franceses e aos britânicos, e teria jogado todo o fardo – esta é a principal coisa a lembrar - sobre os ombros dos trabalhadores e camponeses. Nossa pobreza e exaustão teriam mais do que nunca incitado o proletariado a empreender a reconstrução do velho mundo sobre novos fundamentos. Com ainda mais economia e com um sistema de organização ainda mais cuidadoso, seria necessário utilizar nossos antigos recursos, e teria sido necessário transferir o máximo possível do custo para a burguesia. Também teria sido necessário proteger a classe trabalhadora com quaisquer poderes e por quaisquer meios à disposição da autoridade proletária. Mas este trabalho necessário foi imposto ao proletariado revolucionário em condições de dificuldade quase incrível. Os trabalhadores tiveram que limpar a bagunça que os senhores do imperialismo haviam feito.

§ 44. A guerra civil e a luta com o imperialismo internacional

A burguesia continuou a fazer tudo ao seu alcance para impedir a classe trabalhadora de organizar a produção e impedir a construção de uma sociedade operária. Imediatamente após a vitória do proletariado, a burguesia instituiu uma ampla política de sabotagem. Todos aqueles que haviam sido altos funcionários, todos os engenheiros-gerentes, professores e bancários, todos aqueles que haviam sido mestres, tudo fizeram para impedir o trabalho.

Foi uma trama atrás da outra, um levante contrarrevolucionário sucedeu outro. A burguesia russa fez alianças com os Tcheco-eslovacos, a Entente, os alemães, os polacos, etc.; foi feita uma tentativa de esmagar o proletariado russo por meio de lutas sem fim. O proletariado

teve que criar um exército enorme, capaz de repelir as investidas dos exércitos enviados pelos latifundiários e capitalistas de todas as terras. Os imperialistas de todo o mundo lançaram suas forças contra o proletariado russo.

Esta guerra é, para o proletariado, uma guerra santa, uma guerra de libertação, mas não deixa de envolver custos terríveis. Os restos da indústria produtiva tiveram que ser dedicados ao serviço do Exército Vermelho, e milhares dos melhores organizadores entre os trabalhadores foram chamados à frente de guerra. Além disso, quase no início, a burguesia conseguiu assegurar um forte domínio de certas regiões particularmente importantes para a vida econômica do país. Os líderes militares dos cossacos do Don conseguiram privar a classe trabalhadora da bacia de carvão de Donetz. Os britânicos apreenderam os campos petrolíferos de Baku. As terras de milho da Ucrânia, Sibéria e parte da Transvolgia estavam nas mãos da contrarrevolução. A classe operária, portanto, não tinha apenas que pegar armas e enfrentar o ataque de inúmeros inimigos: foi obrigada, além disso, a continuar sua economia proletária mesmo com a falta de alguns dos mais importantes meios de produção, como a falta de combustível e matérias-primas.

Essas considerações mostram o caminho de mártir que os trabalhadores tiveram que trilhar. Sua primeira tarefa era derrubar seus inimigos. Até que isso fosse feito, eles não poderiam começar a construir a nova vida corretamente.

Em sua luta com a classe operária, a burguesia também se valeu de todos os meios que poderiam para efetuar a derrubada econômica do proletariado russo. Os capitalistas cercaram a Rússia por todos os lados, a terra foi rigidamente bloqueada por anos; em sua retirada, os brancos queimaram e destruíram tudo. Por exemplo, o almirante Kolchak queimou dez milhões de *poods*²⁹ de grãos, destruiu quase metade da frota do Volga, e assim por diante. A resistência da burguesia, suas lutas frenéticas, a ajuda que lhe foi dada pelo imperialismo mundial, constituíram o segundo grande obstáculo no caminho da classe trabalhadora.

§ 45. O caráter pequeno-burguês da Rússia, a falta de ampla experiência organizativa por parte do proletariado, etc.

Já vimos que a produção na Rússia era suficientemente centralizada para que surgisse a questão de saber se poderia ser nacionalizada sob controle proletário, se poderia ser transferida para a propriedade do Estado operário, e se sua organização sobre novas bases poderia ser

²⁹ Antiga unidade de peso russa igual a 36,11 libras (16,38 kg).

empreendida. Mas em comparação com toda a vida econômica do país, a indústria manufatureira ainda era muito fraca. De longe, a maior parte da população da Rússia não é urbana, mas rural. No censo de 1897, a população da cidade era de 16.000.000, e a população do campo era de 101.000.000 (isso inclui a Sibéria, etc., mas exclui a Finlândia). Em 1918, de acordo com a estimativa de Oganoffsky³⁰, a população urbana da Rússia era, em números redondos, 80.000.000; e a população rural, 140.000.000. Naquela data, portanto, a população urbana era pouco menos de 18% do total. Além disso, dos moradores da cidade, nem todos pertencem ao proletariado. A população urbana inclui a classe comercial, os fabricantes, a pequena burguesia e as classes profissionais. Ao todo, esses estratos somam milhões. É verdade, é claro, que nos distritos rurais, encontramos ex-trabalhadores, semiproletários e os camponeses pobres.

Esses elementos apoiam os trabalhadores. Mas eles têm menos consciência de classe do que os trabalhadores urbanos e não são tão bem-organizados. A enorme maioria da população da Rússia é composta por pequenos proprietários. Embora gemam sob o jugo dos capitalistas e dos latifundiários, estão tão acostumados ao seu sistema de economia separada, proprietária, individual, que é muito difícil conquistá-los para a ideia da causa comum, induzi-los a participar na edificação de uma comunidade cooperativa. Arraigada na mente de todo pequeno proprietário está a noção de se apoderar de algo que será inteiramente seu e deve ter sido tirado de outro, a noção de trabalhar apenas por conta própria. É por isso que haverá grandes dificuldades em instalar o comunismo na Rússia, mesmo que as outras dificuldades sejam deixadas de lado.

Nossa fraqueza também se reflete na classe trabalhadora. De modo geral, os trabalhadores russos têm uma mentalidade revolucionária; eles têm espírito de luta. Mas encontramos entre eles elementos atrasados, pessoas desacostumadas à organização. Nem todos os trabalhadores são como os de Petrogrado. Muitos deles são atrasados e ignorantes, essas pessoas estão bastante acostumadas a trabalhar em equipe. Há inúmeros trabalhadores que são recém-chegados à cidade. A maioria deles tem a mentalidade camponesa e se solidariza com o campesinato.

Essas deficiências da classe trabalhadora desaparecem na medida em que os trabalhadores são obrigados a lutar por sua própria causa. No entanto, é óbvio que o atraso de

30 Professor N. Oganoffsky, em um estudo da Geografia Econômica da Rússia.

uma certa proporção é um obstáculo para a realização de nossa tarefa. Mas é claro, isso não torna a realização impossível.

Literatura sugerida

Relatório do VIII Congresso do Partido, e principalmente os discursos de Lenin e Bukharin sobre o programa; também o discurso de Lenin, A principal tarefa de nossos tempos.

Sobre a situação econômica da Rússia, consulte o seguinte:

TSYPENOVICH. Corporações e Trustes na Rússia

MILYUTIN. A Organização Econômica da Rússia Soviética

OSINSKY. A edificação do socialismo (o primeiro capítulo desta obra contém evidências convincentes de que a devastação causada pela guerra tornou o socialismo inevitável).

Capítulo VI: O poder soviético

§ 46. O poder soviético como forma de ditadura proletária

§ 47. Democracia proletária e democracia burguesa

§ 48. O caráter de classe e a transitoriedade da ditadura proletária

§ 49. Direitos dos trabalhadores sob a democracia burguesa e sob o poder soviético

§ 50. A igualdade dos trabalhadores, independentemente de sexo, credo e raça

§ 51. Parlamentarismo e o sistema soviético

52. O exército e o poder soviético

§ 53. O papel principal do proletariado

§ 54. A burocracia e o poder soviético

§ 46. O poder soviético como forma de ditadura proletária

Nosso partido foi o primeiro a formular e o primeiro a realizar a demanda pelo poder soviético. A grande revolução de novembro de 1917 foi realizada sob as palavras de ordem: *Todo o poder aos soviets!* Até nosso partido tomar a frase como seu dispositivo, o slogan nunca tinha sido ouvido. Não que a noção simplesmente tenha saído de nossas cabeças! Longe de ser esse o caso, a ideia foi engendrada no próprio cerne da vida. Já na revolução de 1905-1906, surgiram as organizações de classe dos trabalhadores, conhecidas como soviets de delegados dos trabalhadores. Na revolução de 1917, essas organizações apareceram em abundância muito maior; em quase toda parte brotaram como cogumelos soviets de operários, soviets de soldados e, posteriormente, soviets de camponeses. Tornou-se claro que esses soviets, que se originaram como instrumentos de uso na luta pelo poder, devem inevitavelmente ser transformados em instrumentos para o exercício do poder.

Antes da revolução russa de 1917, muito havia sido dito e escrito sobre a ditadura do proletariado, mas ninguém entendia claramente de que forma essa ditadura seria realizada. Na revolução russa, a ditadura se manifestou como o Poder Soviético. **O poder Soviético é a realização da ditadura do proletariado, organizada em seus soviéticos como classe dirigente, e, com a ajuda dos camponeses, esmagando a resistência da burguesia e dos proprietários de terras.**

Antigamente, a maioria das pessoas acreditava que a ditadura do proletariado seria possível na forma de uma república dita democrática, que teria que ser estabelecida pela Assembleia Constituinte e que seria administrada por um parlamento representando todas as classes da população. Mesmo agora, os oportunistas e os solidários sociais continuam com a mesma opinião, declarando que só a Assembleia Constituinte e uma república democrática podem salvar o país dos desastres da guerra civil. A experiência real conta uma história muito diferente. Na Alemanha, por exemplo, tal república foi estabelecida após a revolução de novembro de 1918. No entanto, durante o final de 1918 e 1919 houve lutas sanguinárias. Continuamente a classe trabalhadora estava exigindo o estabelecimento de um regime soviético. A exigência de um regime soviético tornou-se, de fato, as palavras de ordem internacional do proletariado. Em todos os países, os operários fazem soar este grito de guerra, juntamente com a exigência da ditadura do proletariado. A vida confirmou a veracidade do nosso lema, *Todo o poder aos soviets*, não apenas na Rússia, mas em todos os países onde há um proletariado.

§ 47. Democracia proletária e democracia burguesa

Uma república democrática burguesa baseia-se no sufrágio universal e na chamada *vontade do povo, vontade de toda a nação, vontade unida de todas as classes*. Os defensores de uma república democrática burguesa, de uma Assembleia Constituinte, etc., dizem-nos que estamos violando a vontade unitária da nação. Consideremos este assunto primeiro.

Na Parte Um aprendemos que a sociedade contemporânea consiste em classes com interesses conflitantes. Por exemplo, longas jornadas de trabalho podem ser lucrativas para a burguesia, mas são desvantajosas para a classe trabalhadora. A paz entre as classes é tão impossível quanto a paz entre lobos e ovelhas: os lobos querem comer ovelhas, então as ovelhas devem se defender dos lobos. Mas se é para ser (inquestionavelmente é assim), então temos que perguntar se é possível que lobos e ovelhas tenham uma vontade comum. Toda pessoa inteligente sabe que é absurdo falar de qualquer coisa desse tipo. Simplesmente não pode haver uma vontade comum a ovelhas e lobos. Devemos ter uma coisa ou outra: ou uma vontade de lobo, a de quem escraviza as ovelhas enganadas e oprimidas; ou então a vontade de uma ovelha, a dos que querem livrar as ovelhas dos lobos e expulsar os saqueadores. Não pode haver meio termo nesta questão. Está claro como a luz do dia que a mesma coisa se aplica às duas principais classes da sociedade humana. Na sociedade contemporânea, classe está contra classe, a

burguesia contra o proletariado, o proletariado contra a burguesia. Entre eles, é uma briga de facas.

Como eles podem ter uma vontade comum, uma vontade burguesa-proletária? Obviamente, não há mais possibilidade de desejos e aspirações proletário-burguesas do que de desejos e aspirações de ovelhas-lobo. Podemos ter a vontade da burguesia, da classe que impõe sua vontade de várias maneiras à maioria oprimida do povo; ou então podemos ter a vontade do proletariado, da classe que impõe sua vontade à burguesia. É particularmente estúpido falar de uma vontade comum a todas as classes, de interesses comuns a toda a nação, em época de guerra civil, em período de revolução, quando o velho mundo está se desintegrando. O proletariado quer transformar o mundo; a burguesia quer fortalecer a velha escravidão.

Como pode haver uma vontade *comum* para a burguesia e o proletariado? É manifesto que a própria frase sobre uma vontade comum a toda a nação é uma farsa se as palavras se destinam a se aplicar a todas as classes. Nenhuma vontade comum foi realizada ou pode ser realizada.

Mas essa fraude é necessária à burguesia, necessária para a manutenção do domínio capitalista. Os capitalistas são minoria. Eles não podem se aventurar a dizer abertamente que esta pequena minoria governa. É por isso que a burguesia tem que trapacear, declarando que governa em nome de *todo o povo, todas as classes, toda a nação*, e assim por diante.

Como se fraudava uma *república democrática*? A principal razão pela qual o proletariado é escravizado hoje é porque é economicamente escravizado. Mesmo em uma república democrática, as fábricas e oficinas pertencem aos capitalistas, e a terra pertence aos capitalistas e latifundiários. O trabalhador não tem nada além de sua força de trabalho; o camponês pobre não tem nada além de um pequeno pedaço de terra. Eles são eternamente compelidos a trabalhar sob condições terríveis, pois estão sob o tacão do mestre. No papel, eles podem fazer muito; na verdade, eles não podem fazer nada. Eles não podem fazer nada porque toda a riqueza, todo o poder do capital está nas mãos de seus inimigos. Isso é o que se chama de democracia burguesa.

Existem repúblicas burguesas nos Estados Unidos, na Suíça e na França. Mas todos esses países são governados por imperialistas sem escrúpulos, pelos reis dos trustes e pelos barões dos bancos, inimigos malignos da classe trabalhadora. A república mais democrática que existia no ano de 1919 era a República Alemã, com sua Assembleia Nacional. No entanto, esta era a república à qual pertenciam os assassinos de Karl Liebknecht.

O Poder Soviético realiza um novo tipo muito mais perfeito de democracia – a democracia proletária. A essência desta democracia proletária consiste em que se baseia na transferência dos meios de produção para as mãos dos trabalhadores, privando a burguesia de

todo o poder. Na democracia proletária, aqueles que anteriormente constituíam as massas oprimidas e suas organizações tornaram-se os instrumentos de governo. No sistema capitalista da sociedade e, portanto, nas repúblicas democráticas burguesas, existiam organizações de trabalhadores e camponeses. Eles foram, no entanto, esmagados pelas organizações dos ricos. Sob a democracia proletária, por outro lado, os ricos foram privados de sua riqueza. As organizações de massa dos operários, dos camponeses semiproletários, etc. (soviets, sindicatos, comitês de fábrica, etc.) tornaram-se as bases reais da autoridade do Estado proletário. Na constituição da República Soviética, encontramos desde o início a afirmação: *A Rússia se declara uma república de delegados operários, soldados e camponeses. Todo o poder, central e local, é investido nesses soviets.*

A democracia soviética não apenas não exclui as organizações operárias do governo, mas as transforma em instrumentos de governo. Mas como os soviets e as outras organizações da classe operária e do campesinato contam com milhões de membros, o Poder Soviético confia novas funções a inúmeras massas de pessoas que antes eram oprimidas e degradadas. Cada vez mais, as massas populares, os operários e os camponeses pobres vêm participar nos trabalhos conjuntos dos soviets, dos sindicatos e dos comitês de fábrica. Isso está acontecendo em todos os lugares. Nas cidades do interior e nas aldeias, pessoas que nunca fizeram nada do tipo antes estão participando ativamente do trabalho de administração e da edificação de uma nova vida. Desta forma, o Poder Soviético assegura o mais amplo autogoverno para as várias localidades e, ao mesmo tempo, convoca as amplas massas do povo a participar do trabalho de governo.

É evidente que o nosso partido deve se dedicar a promover o desenvolvimento mundial desta nova democracia proletária. Devemos fazer o máximo para garantir que as camadas mais amplas dos proletários e dos camponeses pobres participem com o máximo de seu poder no trabalho dos soviets. Em um de seus panfletos, publicado antes da revolução de novembro, o camarada Lênin escreveu com muita verdade que nossa tarefa era fazer com que toda cozinheira fosse ensinada a participar da administração governamental. Claro que esta não é uma tarefa fácil, e há muitos obstáculos para sua realização. O primeiro entre esses obstáculos vem do baixo nível cultural das massas. A vanguarda dos trabalhadores é apenas um pequeno corpo. Nessa vanguarda, destacam-se, por exemplo, os metalúrgicos. Mas uma grande proporção dos trabalhadores é atrasada, e isso é especialmente verdade nos distritos rurais. Falta-lhes iniciativa, falta-lhes faculdade criativa; eles ficam de lado e deixam os outros dar os primeiros passos. A tarefa de nosso partido consiste na atração sistemática e gradual dessas camadas atrasadas para participar do trabalho geral da administração. Claro que a única maneira de trazer

novos estratos para participar do trabalho é elevar seu nível cultural e sua capacidade de organização. Esta, também, é a tarefa do nosso partido.

§ 48. O Caráter de classe e a transitoriedade da Ditadura Proletária

A burguesia escondeu seu domínio de classe por trás da máscara da *causa de todo o povo*, em toda parte. Como a burguesia, um grupo comparativamente pequeno de parasitas, poderia reconhecer abertamente que impõe sua vontade de classe a todos? Como ela poderia se aventurar a declarar que o Estado não passa de uma liga de ladrões? Claro que não poderia fazer nada do tipo. Mesmo quando a burguesia ergue o estandarte ensanguentado de uma ditadura militarista, ela continua a falar da *causa de todo o povo*. Mas a classe capitalista é particularmente hábil na maneira como ela engana o povo nas chamadas repúblicas democráticas. Nelas, a burguesia governa e é capaz de preservar sua ditadura mantendo certas aparências. Os trabalhadores têm o direito de exercer o voto parlamentar a cada três ou quatro anos, mas são cuidadosamente excluídos de todo poder na administração. No entanto, porque o sufrágio universal existe, a classe capitalista declara em voz alta que o *povo inteiro* governa.

O Poder Soviético proclama abertamente seu caráter de classe. Não tenta esconder que é um poder de classe, que o Estado Soviético é a ditadura dos pobres. O ponto é enfatizado em seu próprio nome: o Governo Soviético chama-se Governo dos Trabalhadores e Camponeses. A Constituição, isto é, as leis fundamentais de nossa República Soviética, a Constituição adotada pelo terceiro Congresso Soviético de Toda a Rússia, declara expressamente: “*O terceiro Congresso Soviético de toda a Rússia, de delegados operários, soldados e camponeses, declara que agora, na hora da luta decisiva entre o proletariado e os exploradores, não pode haver lugar para os exploradores em nenhum dos instrumentos de poder*”. O Poder Soviético, portanto, não apenas proclama seu caráter de classe, mas não hesita em privar os direitos eleitorais e excluir dos instrumentos de poder os representantes das classes hostis ao proletariado e ao campesinato. Por que razão o Poder Soviético pode e deve agir assim, abertamente? Porque o Poder Soviético é realmente o poder das massas trabalhadoras, o poder da maioria da população. Não há motivo para esconder que nasceu em bairros operários. Longe disso, pois quanto mais claramente o Poder Soviético insistir na sua origem e no seu significado, mais estreitos serão os laços entre ele e as massas, e mais notável será o seu sucesso na luta contra os exploradores.

Claro que este estado de coisas não vai durar para sempre. A essência da questão está aqui, que é necessário esmagar a resistência dos exploradores. Mas assim que os exploradores

forem reprimidos, refreados e domados, assim que forem treinados para o trabalho e se tornarem trabalhadores como todos os outros, a pressão sobre eles será afrouxada e a ditadura do proletariado desaparecerá gradualmente.

Isso está expressamente estipulado em nossa Constituição (Parte II, Capítulo 5): “*A tarefa fundamental da Constituição ou da República Socialista Federativa Soviética Russa - uma constituição adaptada às necessidades ou ao presente período de transição - consiste no estabelecimento ou na ditadura dos trabalhadores urbanos e rurais e dos camponeses pobres sob a forma de um forte poder soviético de toda a Rússia, cujo objetivo será o de esmagar completamente a burguesia, pôr fim à exploração de um ser humano por outro, e realizar o socialismo, no qual não haverá divisão em classes nem qualquer autoridade do Estado*”.

Podemos deduzir as tarefas do nosso partido a partir do recorte acima. O partido deve denunciar sistematicamente a fraude burguesa, que é trabalhada da seguinte forma: certos direitos são concedidos ao trabalhador, mas ele fica na dependência material de um patrão. Consequentemente, a tarefa de nosso partido é esmagar os exploradores por todos os meios que estão à disposição do proletariado. Além disso, caberá ao nosso partido, na medida em que for capaz de esmagar os exploradores e seus parasitas, na medida em que for capaz de reformular, deve gradualmente mitigar e revogar as medidas inicialmente necessárias. Suponhamos, por exemplo, que as classes profissionais tenham se aproximado da classe operária, que não sejam mais hostis aos trabalhadores, que em tudo o que fazem estejam totalmente do lado do Poder Soviético, que estejam do lado melhores relações com o proletariado. Quando isso acontecer (e é apenas uma questão de tempo), caberá a nós darmos plenos direitos civis às classes profissionais e aceitá-las em nossa família. Hoje, quando o mundo inteiro pegou suas armas contra a República Operária, seria prematuro falar de tal extensão de direitos. Mas nunca devemos nos furtar a deixar perfeitamente claro que a extensão dos direitos acabará por ser dada, e será dada tanto mais cedo quanto mais rápido terminarem as tentativas feitas pelos exploradores para derrubar o comunismo. Desta forma, o Estado proletário irá gradualmente se extinguir e se transformar em uma sociedade comunista sem Estado, onde a divisão em classes terá desaparecido completamente.

§ 49. Direitos dos trabalhadores sob a democracia burguesa e sob o poder soviético

Uma das maiores fraudes da democracia burguesa consiste em dar apenas a aparência de direitos. No papel, lemos que os trabalhadores podem eleger o parlamento em perfeita liberdade, que têm os mesmos direitos que os senhores (dizem-se *iguais perante a lei*), que eles têm o direito a acordos de reunião pública, que podem publicar os jornais e livros que quiserem,

e assim por diante. Essas coisas são chamadas de *essência da democracia*. Temos certeza de que a democracia é para todos, para todo o povo, para todos os cidadãos, de modo que as condições são bem diferentes daquelas da República Soviética.

Antes de mais nada, devemos salientar que essa democracia burguesa não existe de verdade. Ela existia há cem anos, mas os senhores burgueses acabaram com ela há muito tempo.

Os Estados Unidos servem como o melhor exemplo disso. Durante a guerra, foram promulgadas as seguintes leis: Era proibido falar com desprezo do presidente; era proibido dizer qualquer coisa para o descrédito dos Aliados; foi proibido declarar que a entrada dos Estados Unidos e da Entente na guerra foi o resultado de motivos materiais sórdidos; era proibido advogar uma paz prematura; foi proibido proferir qualquer condenação pública da política do governo dos Estados Unidos; era proibido dizer qualquer coisa para o crédito da Alemanha; era proibido defender a derrubada da ordem existente, a abolição da propriedade privada, a luta de classes, etc. A pena para quem infringisse qualquer uma dessas leis variava de 8 a 20 anos de prisão. No decorrer de um único ano, cerca de 1.500 trabalhadores foram presos por tais crimes. A organização da classe trabalhadora conhecida como Trabalhadores Industriais do Mundo (*Industrial Workers of the World - I.W.W.*) foi brutalmente atacada e alguns de seus líderes foram linchados. Como exemplo do *direito à greve*, podemos citar a greve nas minas de cobre do Arizona no ano de 1917, quando muitos dos trabalhadores foram fuzilados, outros açoitados e outros ainda foram encharcados com alcatrão e depois foram jogadas plumas neles; quando famílias inteiras foram caçadas em suas casas e reduzidas à mendicância. Mais uma vez, durante a greve nas minas de carvão de Rockefeller, em Ludlow, no Estado do Colorado, os pistoleiros de Rockefeller atiraram e queimaram várias centenas de operários e operárias. Embora o Congresso seja eleito por sufrágio universal, ele apenas cumpre as ordens dos reis dos trustes, pois quase todos os congressistas são pagos por esses trustes. Os reis sem coroa são os verdadeiros ditadores da América. Entre eles podemos citar: Rockefeller, *o chefe do Standard Oil Trust*, que controla, além dos poços de petróleo, inúmeros bancos; Morgan, o rei das ferrovias, também no controle de vários bancos; Schwab, o rei do aço; Swift, o chefe do truste de carnes; Dupont, o rei da pólvora, que acumulou uma riqueza incrível durante a guerra. Basta dizer que a renda de Rockefeller é de \$ 10.000 por hora. Quem pode suportar tal força? Essa gangue de Schwab e Rockefellers mantém tudo em suas mãos em nome da *democracia*.

Mesmo que o que se chama democracia burguesa realmente existisse, em comparação com o Poder Soviético, não valeria um centavo. As leis de papel não têm utilidade para a classe trabalhadora, a menos que exista a possibilidade de sua realização. Mas essa possibilidade de realização não existe sob o regime capitalista, não pode existir sob o sistema em que os capitalistas possuem toda a riqueza. Mesmo que os trabalhadores, no papel, gozem do direito de reunião, muitas vezes acham impossível exercer esse direito. Por exemplo, os estalajadeiros, instigados pelos grandes tubarões do capital, ou movidos por sua própria hostilidade aos trabalhadores, frequentemente se recusam a alugar salas para reuniões – e os trabalhadores não têm para onde ir. Aqui está outro exemplo. Os trabalhadores desejam publicar um jornal e têm

o direito legal de fazê-lo. Mas para exercer esse direito, eles precisam de dinheiro, papel, escritórios, impressoras, etc. Todas essas coisas estão nas mãos dos capitalistas. Os capitalistas não vão afrouxar suas garras. Não é possível fazer nada! Com o insignificante salário dos trabalhadores, é impossível acumular fundos adequados. O resultado é que a burguesia tem uma massa de jornais e pode enganar os trabalhadores a todo custo, dia após dia, enquanto os trabalhadores, apesar de seus *direitos* legais, praticamente não têm imprensa própria.

Esse é o verdadeiro caráter da *liberdade* dos trabalhadores sob a democracia burguesa. A liberdade existe apenas no papel. Os trabalhadores têm o que se chama de liberdade *formal*. Em substância, no entanto, eles não têm liberdade, porque sua liberdade formal não pode ser traduzida no reino dos fatos. É o mesmo aqui como em todos os outros departamentos da vida. Segundo a teoria burguesa, senhor e homem são iguais na sociedade capitalista, pois existe o *contrato livre*: o empregador oferece trabalho; o trabalhador é livre para aceitar ou recusar. Assim é no papel! Na verdade, o mestre é rico e bem alimentado; o trabalhador é pobre e faminto. Ele deve trabalhar ou morrer de fome. Isso é igualdade? Não pode haver igualdade entre ricos e pobres, seja o que for que a palavra escrita declare. É por isso que, no regime capitalista, a *liberdade* tem o aspecto da burguesia.

Na República Soviética, por outro lado, a liberdade realmente existe para a classe trabalhadora. Ela existe porque é uma liberdade que pode ser traduzida no reino dos fatos. Citemos a Constituição da República Socialista Federativa Soviética Russa (Parte II, Capítulo 5).

“14. A fim de assegurar aos trabalhadores a real liberdade de expressão de opinião, a República Socialista Federativa Soviética da Rússia abole a dependência da imprensa em relação ao capital e põe nas mãos da classe operária e do campesinato pobre todos os meios técnicos e materiais para a publicação de jornais, panfletos, livros e todos os demais produtos da imprensa, e prevê sua distribuição gratuita em todo o país.

15. A fim de assegurar aos trabalhadores o direito real de reunião, a República Socialista Federativa Soviética da Rússia concede a todos os cidadãos da República Soviética o direito irrestrito de realizar reuniões e congressos, marchar em procissões, etc., e põe nas mãos da classe operária e dos camponeses pobres todos os edifícios adequados para a realização de reuniões públicas, juntamente com o fornecimento de luz, aquecimento, etc.

16. A fim de assegurar aos trabalhadores a verdadeira liberdade de associação, a República Socialista Federativa Soviética Russa, tendo derrubado o poder econômico e político das classes possuidoras, e removido todos os obstáculos que até então na sociedade burguesa impediram os trabalhadores e camponeses de realizar efetivamente a liberdade de organização e atividade, fornece aos trabalhadores e camponeses pobres todo tipo de assistência, material e moral, necessária para seus acordos e organização.

17. A fim de assegurar aos trabalhadores o acesso efetivo ao conhecimento, a República Socialista Federativa Soviética Russa tem o dever de proporcionar

aos trabalhadores e camponeses pobres uma educação completa, multifacetada e gratuita”.

Podemos ver a enorme diferença entre as liberdades espúrias da democracia burguesa e as liberdades efetivas da democracia proletária. O Poder Soviético e nosso partido já fizeram muito nesse sentido. As mansões dos nobres, os teatros, as tipografias, os jornais, etc., tudo isto pertence agora às organizações operárias e ao Estado operário. Nossa tarefa adicional é ajudar, por todos os meios possíveis, a plena realização desses direitos pelas camadas atrasadas do proletariado e do campesinato. Isso será alcançado de duas maneiras. Em primeiro lugar, devemos avançar continuamente no caminho que temos marcado, e devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ampliar os fundamentos materiais da liberdade dos trabalhadores. Devemos, portanto, fazer o máximo para projetar e construir novas casas, instalar novas impressoras, instalar casas operárias, etc. Em segundo lugar, as camadas atrasadas da população devem conhecer intimamente as possibilidades de liberdade que já existem, mas que até agora não puderam desfrutar dela devido à ignorância, escuridão mental e falta de cultura.

§ 50. A igualdade dos trabalhadores, independentemente de sexo, credo e raça

A democracia burguesa proclama em palavras toda uma série de liberdades, mas dos oprimidos, essas liberdades são salvaguardadas por cinco cadeados e sete selos. Entre outras coisas, a democracia burguesa muitas vezes declarou que as pessoas são iguais, independentemente de sexo, credo, raça e nacionalidade. Orgulhosamente foi feita a promessa de que no sistema democrático burguês todos são iguais: mulheres e homens; brancos, amarelos e negros; europeus e asiáticos; budistas, cristãos e judeus. Na realidade, a burguesia não cumpriu essas promessas. Durante a época imperialista, houve em todo o mundo um terrível aumento da opressão racial e nacional (Para detalhes, veja o próximo capítulo). Mas mesmo no que diz respeito às mulheres, a democracia burguesa está longe de ter realizado a igualdade. A mulher permaneceu um ser sem direitos, um animal doméstico, parte do mobiliário do sofá conjugal.

A mulher trabalhadora na sociedade capitalista é peculiarmente oprimida, peculiarmente privada de direitos. Em todos os assuntos, ela tem ainda menos do que os direitos medíocres que a burguesia concede ao trabalhador. O direito ao voto parlamentar foi concedido apenas em alguns países. Quanto ao direito de herança, em toda parte a mulher recebe a porção do mendigo. Na vida familiar, ela está sempre sujeita ao marido, e tudo o que dá errado é considerado culpa dela. Em resumo, a democracia burguesa exhibe, em relação às mulheres, leis e costumes que nos lembram fortemente os costumes dos selvagens, que trocam, compram, punem ou roubam mulheres como se fossem bens móveis, bonecas ou animais de carga. Há um

provérbio russo que diz: *Uma galinha não é um pássaro, e uma mulher não é uma pessoa*. Aqui se mostra a valorização de uma sociedade escravista. Esse estado de coisas é extremamente desvantajoso para o proletariado. Há mais mulheres do que homens entre os trabalhadores. É óbvio que a luta do proletariado vai ser grandemente dificultada pela falta de igualdade entre as duas metades que a compõem. Sem a ajuda das mulheres do proletariado, é inútil sonhar com uma vitória geral, é inútil sonhar com a *libertação do trabalho*. Por esta razão, é muito do interesse da classe trabalhadora que haja uma camaradagem de luta completa entre as porções feminina e masculina do proletariado, e que essa camaradagem seja fortalecida pela igualdade. O Poder Soviético é o primeiro a realizar tal igualdade em todos os setores da vida: no casamento, na família, nos assuntos políticos, etc. Em todas as coisas, em toda a Rússia soviética, as mulheres são iguais aos homens. Cabe ao nosso partido efetuar a realização desta igualdade na vida real. Antes de tudo, devemos deixar claro para as amplas massas trabalhadoras que a sujeição das mulheres lhes é extremamente prejudicial. Até agora, entre os trabalhadores, era costume considerar as mulheres inferiores; quanto aos camponeses, eles sorriem quando uma *mera mulher* começa a se interessar pelos assuntos sociais. Na República Soviética, o trabalho da mulher tem exatamente os mesmos direitos que o homem trabalhador; ela pode eleger os soviets e pode ser eleita por eles; ela pode ocupar qualquer cargo; pode fazer qualquer tipo de trabalho no exército, na vida econômica e na administração do Estado.

Mas na Rússia, as mulheres que trabalham são muito mais atrasadas do que os homens que trabalham. Muitas pessoas menosprezam as mulheres. Nesse sentido, são necessários esforços perseverantes: entre os homens, para que deixem de bloquear o caminho das mulheres; entre as mulheres, para que aprendam a fazer pleno uso de seus direitos, deixem de ser tímidas ou desconfiadas.

Não devemos esquecer que *toda cozinheira deve ser ensinada a ter sua parte na administração governamental*. Aprendemos que o que realmente importa não é o direito que está escrito no papel, mas a possibilidade de realizar um direito na prática. Como pode uma mulher trabalhadora efetivar seus direitos quando tem que dedicar tanto tempo às tarefas domésticas, deve ir ao mercado e esperar sua vez lá, deve lavar a roupa da família, deve cuidar de seus filhos, deve suportar o pesado fardo de todos esta labutadora doméstica?

O objetivo da República Soviética e do nosso partido deve ser libertar as mulheres trabalhadoras dessa escravidão, libertar a mulher trabalhadora dessas condições obsoletas e antediluvianas. A organização de comunas domésticas (não lugares onde as pessoas vão brigar, mas lugares onde viverão como seres humanos) com lavatórios centrais; a organização de

cozinhas comunitárias; a organização de creches comunitárias, jardins de infância, playgrounds, colônias de veraneio para crianças, escolas com refeitórios comunitários etc., interessa ao homem proletário.

Em uma era de devastação e fome, é claro que é difícil fazer todas essas coisas como deveriam ser feitas. No entanto, nosso partido deve fazer o máximo para atrair a mulher trabalhadora para desempenhar seu papel na tarefa comum.

Igualdade nacional, igualdade racial, etc. serão consideradas no próximo capítulo. Aqui citaremos apenas os parágrafos da Constituição que tratam deste tópico (Parte II, Capítulo 5).

“20. Em vista da solidariedade dos trabalhadores de todas as terras, a República Socialista Federativa Soviética da Rússia concede os direitos políticos dos cidadãos russos aos estrangeiros que vivem nos territórios da República Russa, desde que vivam de seu próprio trabalho e pertençam à classe operária ou sejam camponeses que não empregam mão de obra alheia; reconhece o direito dos soviets locais de conceder a cidadania russa a tais estrangeiros sem quaisquer formalidades tediosas.

21. A República Socialista Federativa Soviética da Rússia concede o direito de asilo a todos os estrangeiros que sofrem perseguição por crimes políticos ou religiosos.

22. A República Socialista Federativa Soviética Russa, reconhecendo a igualdade de direitos de todos os cidadãos, independentemente de sua origem racial ou nacional, declara que a instituição ou manutenção de qualquer privilégio ou vantagem preferencial com base em tal origem é contrária à lei fundamental da república; não menos contrária à lei fundamental é qualquer tipo de opressão das minorias nacionais ou qualquer limitação de seus direitos iguais”.

§ 51. Parlamentarismo e sistema soviético

Nos Estados democráticos burgueses, à frente de tudo está o que é conhecido como parlamento, que é uma instituição representativa, e a franquia eleitoral varia em diferentes países. Em alguns, apenas os ricos têm direito a voto; em outros, uma parte dos pobres é admitida no direito de voto; em um terceiro país, todos os homens de uma certa idade podem votar; em um quarto país, todas as mulheres também.

Mas mesmo onde o parlamento é eleito por sufrágio universal, a maioria dos assentos é invariavelmente ocupada por representantes da burguesia. Por que isso sempre acontece? A razão é óbvia, em vista do que já aprendemos. Suponhamos que os trabalhadores, que são a maioria no país, tenham direito ao voto. Mas suponhamos ainda que a riqueza esteja nas mãos dos capitalistas, que eles sejam donos dos jornais e dos lugares onde as reuniões públicas podem ser realizadas, e que artistas, impressoras e milhões de folhetos estejam a seu serviço; que de todos os púlpitos o clero defende sua causa; suponhamos, além disso, que os trabalhadores pobres se empenham dia após dia em um trabalho exaustivo, que não têm pontos de encontro, que circulam entre eles pessoas inteligentes (agentes da burguesia, advogados, jornalistas e

outros faladores) defendendo o que parecem ser excelentes palavras de ordem, confundindo a mente dos trabalhadores; recordemos os enormes recursos financeiros dos magnatas do truste, que lhes permitem corromper os representantes dos trabalhadores - por mais honestos que tenham sido no início - oferecendo empregos confortáveis, bajulação na imprensa diária, etc. Então podemos entender por que, mesmo em tais parlamentos, a maioria consiste sempre nos agentes secretos ou declarados da burguesia, do capital financeiro, dos reis dos bancos.

Portanto, é extraordinariamente difícil para as massas trabalhadoras conseguirem eleger alguém de seu próprio povo como representante.

Quando um representante chega ao parlamento, o assunto está encerrado; ele pode desafiar os eleitores, porque por três ou quatro anos seu assento está seguro. Ele é independente deles. Ele se vende à direita e à esquerda. Ele não pode ser removido do seu posto pelos eleitores; a lei não prevê nada desse tipo.

Esse é o estado de coisas em uma república democrática burguesa sob o parlamentarismo. É muito diferente na República Soviética. Aqui, os parasitas - os comerciantes e os donos das fábricas, os prelados e os latifundiários, os militares e os camponeses ricos - não têm direito ao voto. Eles não podem eleger nem ser eleitos. Por outro lado, o exercício do direito de voto pelos trabalhadores e camponeses pobres é simples e fácil. Além disso, cada delegado do soviete pode ser chamado de volta pelos eleitores, que podem enviar outro em seu lugar. Se o delegado cumprir mal os seus deveres, se *virar a casaca*, etc., pode ser destituído. Esse direito de revogação não foi tão amplamente adotado como na República Soviética.

Em uma república burguesa, o parlamento é uma *sala de conversa*: os membros não fazem nada além de discutir e fazer discursos. O verdadeiro trabalho é feito por funcionários, ministros de Estado, etc. O Parlamento aprova as leis, *controla* os ministros fazendo-lhes várias perguntas; vota o que a administração decide. No parlamento, concentra-se o que se chama de autoridade legislativa, mas a autoridade executiva está nas mãos do gabinete. O Parlamento, portanto, não faz nada: o parlamento apenas fala. No sistema soviético, os assuntos são organizados de maneira bem diferente. O mais alto e mais importante instrumento de governo é o Congresso dos Sovietes. A constituição declara: “*O Congresso de Toda a Rússia dos Sovietes é a autoridade suprema da República Socialista Federativa Soviética Russa*”. Deve se reunir pelo menos duas vezes por ano. Tendo revisto a situação geral, toma decisões adequadas, que se tornam leis. Os membros do congresso não são oradores profissionais, mas trabalhadores reais, com algo definido para fazer. Nos intervalos entre os congressos, a autoridade suprema é

conferida ao Comitê Executivo Central, eleito pelo congresso. O *Comitê Executivo Central* exerce, ao mesmo tempo, funções legislativas e executivas; isto é, não apenas aprova leis, mas conduz assuntos públicos. Seus departamentos são conhecidos como *Comissariados do Povo*, e seus membros trabalham nesses comissariados. Assim, o Comitê Executivo Central é um verdadeiro comitê de trabalho.

Como o Comitê Executivo Central, as outras instituições soviéticas estão intimamente unificadas e se baseiam em toda uma série de organizações das massas trabalhadoras. As instituições soviéticas são baseadas no Partido Comunista, nos sindicatos, nos comitês de fábrica e nas cooperativas. Essas organizações compreendem muitos milhões de trabalhadores, que se unem para apoiar o Poder Soviético. Por meio dessas organizações, as massas trabalhadoras participam ativamente da administração do Estado. O Partido Comunista e os sindicatos nomeiam seus membros mais confiáveis para preencher todos os cargos e desempenhar todas as funções. Desta forma, os melhores entre os trabalhadores são delegados, não apenas para falar, mas para administrar. Na chamada república democrática, nada disso acontece. Lá, o eleitor da classe trabalhadora joga seu boletim de voto na urna, e então termina sua parte no caso. A burguesia assegura-lhe que ele cumpriu seus *deveres de cidadão*; ele não precisa mais se preocupar com assuntos de Estado.

Esses arranjos escondem uma das fraudes fundamentais do sistema burguês de governo. A fraude é da mesma natureza daquelas explicadas anteriormente. No papel, parece que os trabalhadores estavam *participando* de alguma forma. Na verdade, eles estão completamente fora da corrente dos assuntos. Tudo é administrado e todo o trabalho é feito por uma casta especial de funcionários burgueses, bem distintos das massas, e constituindo o que se conhece como burocracia. O aparelho administrativo está fora do alcance das massas, que não têm nenhum contato com ele.

Até o século XVI ou XVII, os funcionários do Estado provinham apenas da nobreza. Durante a mudança para o sistema capitalista, surgiu um funcionalismo profissional. Nos últimos anos, esse oficialismo profissional foi recrutado principalmente nas fileiras da chamada intelectualidade ou classes profissionais, mas os cargos mais altos foram preenchidos por membros da burguesia mais rica. Mesmo os funcionários menores, no entanto, são treinados em um espírito de devoção ao Estado ladrão; os mais talentosos entre eles anseiam por uma ascensão na hierarquia, por ordens e títulos, por uma *carreira oficial*. O resultado é que a maioria desses *cavalheiros* está cheia de profundo desdém pelas *pessoas comuns*. As dimensões e o crescimento desse funcionalismo podem ser apreendidos nas figuras a seguir, extraídas do livro *Burocracia*, de Olsheffsky. Na Áustria, no ano de 1874, eram 27.000 em algarismos redondos; em 1891, eram 86.000; em 1900, eram 169.000. Na França, o número de funcionários no ano de 1891 era de 1.500.000, sendo aproximadamente 4% da população. Na Grã-Bretanha, no mesmo ano, havia cerca

de 1.000.000 de funcionários [funcionários públicos], sendo aproximadamente 2,6 por cento da população. Nos Estados Unidos, no ano de 1890, havia 750.000 funcionários. Olshefrsky, ele próprio um burguês, nos diz que a burocracia se caracteriza pelos seguintes traços: rotina, excesso de burocracia³¹, modos versáteis, mesquinhez. Em todos os países capitalistas, o trabalho administrativo está, na verdade, nas mãos de funcionários desse tipo. Devemos repetir que os altos funcionários são recrutados principalmente na burguesia mais rica e nos círculos da nobreza e dos grandes proprietários de terras. Isso é inevitável na sociedade capitalista, onde a burguesia governa.

Na República Soviética, as massas não apenas elegem (seu próprio povo, e não apenas advogados que se vendem), mas participam do trabalho de administração, pois os soviets e as outras organizações das massas trabalhadoras estão realmente engajados no trabalho administrativo.

No que diz respeito aos soviets, as eleições são de tal natureza que manterão um contato estreito entre esses órgãos e as massas. Para os soviets, as eleições não são territoriais no sentido residencial, mas são baseadas nos lugares onde as pessoas trabalham (fábricas, oficinas, etc.) unidades produtivas), elas se baseiam, como afirma o ditado, *em unidades produtivas*. Aqueles que estão unidos em seu ambiente de trabalho elegem seus delegados entre os seus, escolhendo as pessoas em quem têm maior confiança.

Assim, o Poder Soviético realiza uma forma de democracia imensamente mais elevada, uma forma muito mais genuinamente popular: a democracia proletária.

Qual é, então, a tarefa seguinte, do nosso partido? Nosso curso comum é claro. Nosso partido deve realizar a democracia proletária em uma medida cada vez maior; promover um contato cada vez mais estreito entre os delegados ou eleitos (os delegados para desempenhar várias tarefas) e as massas; induzir os trabalhadores a participar cada vez mais efetivamente no trabalho da administração; e finalmente garantir que milhões de olhos observem os delegados e controlem seu trabalho. Deve-se fazer todo o possível para que todas as pessoas investidas de autoridade sejam responsabilizadas e frequentemente chamadas a prestar contas.

A realização dessas tarefas é um grande empreendimento. Há muitos obstáculos a serem superados, e eles devem ser superados. Devemos alcançar uma união plena e inseparável de

31 O termo utilizado em inglês é *redtapism*, comumente empregado para caracterizar o excesso de regras ou procedimentos redundantes, supostamente para atrasar, dificultar ou impedir a tomada de decisões. Acredita-se que sua origem vem da época do rei Carlos V, da Espanha, que usava uma fita vermelha para *encadernar* os documentos administrativos mais importantes e que exigiam atenção imediata; os demais eram encadernados com barbante comum. Mais informações na obra de Del Dickson intitulada *A people's government: na introduction to Democracy*, publicada em 2015 pela Cambridge University, até o momento sem tradução para o português.

três elementos: o aparelho de Estado; as massas ativas do proletariado, os construtores do comunismo; e os camponeses pobres.

§ 52. O exército e o poder soviético

A democracia proletária, como qualquer outra autoridade do Estado, tem suas forças armadas – seu exército e sua marinha. No Estado democrático burguês, o exército é usado para reprimir os trabalhadores e defender as bolsas de dinheiro dos capitalistas. O exército proletário, o Exército Vermelho da República Soviética é usado para fins de classe do proletariado e para a luta contra a burguesia. Conseqüentemente, em relação às condições de serviço e em relação aos direitos políticos, há uma grande diferença entre um exército burguês e um exército proletário. A burguesia acha conveniente fingir que seu exército está *acima da política*. Na realidade, usa o exército como meio para promover sua política predatória e contrarrevolucionária sob a bandeira da defesa dos *interesses nacionais*. Faz tudo o que está ao seu alcance para semear a divisão entre o exército e o povo.

Por mil subterfúgios, priva os soldados da possibilidade de utilizar seus direitos políticos. As coisas são muito diferentes na República Soviética. Em primeiro lugar, o proletariado declara francamente que o Exército Vermelho é um instrumento a ser usado na luta política de classes contra a burguesia. Em segundo lugar, o Poder Soviético utiliza todos os meios possíveis para realizar uma união íntima entre o exército e o povo. Nos soviets, os trabalhadores se solidarizam com os soldados do Exército Vermelho; esses soviets são conhecidos como *Soviets de Delegados Operários e Soldados*. Os operários e os soldados estudam nas mesmas escolas, frequentam os mesmos cursos e palestras, misturam-se nas reuniões públicas; eles tocam ombros em manifestações. Repetidamente, os trabalhadores entregaram a bandeira de combate aos soldados do Exército Vermelho; e novamente os soldados confiaram as cores aos trabalhadores. No Estado soviético, que nada mais é do que uma grande república de trabalhadores, o sucesso só pode ser alcançado na luta contra nossos inimigos quando houver uma unidade indestrutível entre o Exército Vermelho e a classe operária revolucionária.

Quanto mais íntima for a solidariedade da classe operária com o exército e do exército com a classe operária, tanto mais duradoura será a nossa força revolucionária combativa. Obviamente, então, nosso partido deve sustentar, desenvolver e fortalecer essa unidade. A experiência mostrou que a associação íntima com organizações proletárias exerce uma influência notável sobre o exército. Basta lembrar a resistência a Kolchak no verão de 1919 e a

Denikin no outono do mesmo ano. Essas vitórias não poderiam ter sido alcançadas se o exército não tivesse sido auxiliado por trabalhadores do partido, dos sindicatos, entre outros, que se reuniram sob a bandeira comunista. Por esta razão, o Exército Vermelho do proletariado é, de fato, e não apenas em palavras, o primeiro exército popular, o primeiro exército criado pela vontade dos trabalhadores, organizado pelos trabalhadores, solidário com eles, indissolúvelmente unido a eles, e por meio de seus representantes nos sovietes, participantes da administração do país. O Exército Vermelho não é algo distinto do povo: consiste na classe operária e nos camponeses pobres, e marcha sob a liderança da classe trabalhadora. O exército vive na mais íntima associação com os trabalhadores da retaguarda. É dever absoluto de nosso partido ser infatigável em seus esforços para consolidar esta unidade.

§ 53. O papel principal do proletariado

Em nossa revolução, que é uma revolução comunista, o papel principal, o papel de líder, foi atribuído ao proletariado. O proletariado é a classe mais unida e mais organizada. O proletariado é a única classe cujas condições de vida na sociedade capitalista levaram à aquisição de visões comunistas sólidas: somente a ele essas condições revelaram o verdadeiro objetivo e a maneira correta de alcançá-lo. Naturalmente, portanto, o proletariado liderou a vanguarda nessa revolução. Os camponeses (os camponeses médios e mesmo alguns dos camponeses pobres) estavam longe de ser firmes. Eles só tiveram sucesso quando uniram forças com o proletariado. Por outro lado, sempre que os camponeses tomavam uma linha diferente daquela dos proletários, eram inevitavelmente escravizados por Denikin, Kolchak ou algum outro representante dos latifundiários, dos capitalistas ou da casta militar.

Este papel de liderança, esta missão dominante do proletariado encontra expressão na constituição soviética. Nossas leis concedem ao proletariado certos direitos políticos preferenciais. Por exemplo, os arranjos eleitorais dos Congressos dos Sovietes são de tal natureza que, proporcionalmente ao seu número, os trabalhadores urbanos têm mais delegados do que os camponeses.

Aqui estão os parágrafos relevantes da constituição sobre este assunto.

“O Congresso dos Sovietes de toda a Rússia é composto por representantes ou Sovietes de cidade, que têm o direito de enviar um delegado para cada 25.000 eleitores, e de representantes dos Sovietes provinciais, que têm o direito de enviar um delegado para cada 125.000 habitantes” (Parte III, Capítulo 5, Parágrafo 25).

“Os Congressos dos Sovietes são compostos por: a) Congressos Regionais, formados por representantes dos Sovietes de Cidades e dos Congressos de Soviéticos de Condado, na proporção de um delegado para 25.000 habitantes, e dos Municípios na

proporção de um delegado a cada 5.000 eleitores, com a condição de que não haja mais de 500 delegados para toda a Região - ou compostos pelos representantes dos Congressos Provinciais dos Sovietes, eleitos na mesma base, quando o Congresso Provincial se reunir imediatamente antes dos Congressos Regionais dos Sovietes. (b) Congressos Provinciais, constituídos por representantes dos Sovietes de Cidades e Congressos dos Sovietes de Distrito Rural, na proporção de um delegado para 10.000 habitantes, e das Cidades na proporção de um delegado para 2.000 eleitores, com a ressalva de que não haverá mais de 800 delegados para toda a Província - mas quando um Congresso dos Sovietes de Condado ocorrer imediatamente antes do Congresso Provincial de soviets, as eleições serão realizadas à maneira daquelas, não para o Congresso Distrital Rural dos Sovietes, mas para o Congresso Municipal dos Sovietes” (Parte III, Capítulo 10, Amigo. 53).

Nas cidades, como se verá, os delegados são eleitos proporcionalmente ao número de eleitores, mas nas aldeias, proporcionalmente ao número de habitantes (estes compreendem não só os trabalhadores no sentido estrito do termo, mas também os camponeses ricos, o clero, a burguesia rural, etc., assim como as crianças, que não têm direitos eleitorais). Segue-se então que a preferência dada aos trabalhadores urbanos em relação aos camponeses é menos extensa do que pode parecer à primeira vista. Mas o tratamento preferencial é indubitável.

Esses privilégios constitucionalmente especificados apenas dão expressão ao que realmente existe, ou seja, que o proletariado urbano solidamente organizado lidera as massas rurais desorganizadas.

O primeiro dever do Partido Comunista é fazer todo o possível para deixar claro que esses privilégios são temporários. Na medida em que as camadas atrasadas dos camponeses se tornam mais esclarecidas, quando a experiência as convence de que as medidas adotadas pelos trabalhadores são justas e lucrativas, quando percebem que não devem caminhar com a burguesia, mas apenas com o proletariado, obviamente a desigualdade temporária acima descrita deixará de existir.

O Partido Comunista deve utilizar os privilégios do proletariado para influenciar os distritos rurais, para solidarizar os trabalhadores mais avançados com os camponeses. Somente assim o esclarecimento revolucionário dos camponeses mais pobres será alcançado com sucesso. A posição privilegiada dos trabalhadores não foi dada a eles para que possam ser exclusivos ou se separarem dos moradores dos bairros rurais, mas para que possam fazer bom uso dela, para que, por sua maior influência nos soviets e na administração, eles possam aproximar a classe trabalhadora da vida da aldeia, que eles possam inaugurar e sustentar uma união camarada do proletariado com os camponeses médios e os camponeses pobres. Assim, os operários poderão libertar os camponeses da influência dos camponeses ricos, do clero, dos antigos latifundiários, etc.

§ 54. A burocracia e o poder soviético

O Poder Soviético se organizou, como poder de uma nova classe, o proletariado, sobre as ruínas do antigo poder burguês. Antes que o proletariado pudesse organizar seu próprio poder, ele teve que quebrar o poder de seus adversários. Com a ajuda do Poder Soviético, o proletariado apoderou-se e destruiu os vestígios do antigo Estado. Dissolveu a velha polícia, aboliu o que restava do serviço secreto, aboliu a polícia civil e os tribunais burgueses czaristas com seus promotores públicos e defensores assalariados; varreu muitos dos antigos departamentos do governo, aniquilou os ministérios de Estado burgueses com seus exércitos de funcionários, etc. Qual era o objetivo de tudo isso? E qual é agora a tarefa geral do nosso partido? Já nos referimos ao assunto na Parte Um do presente livro³². A tarefa é esta: substituir o antigo funcionalismo pelas próprias massas, fazer com que toda a população trabalhadora se dedique ao trabalho da administração (trabalhando em algumas ocupações alternadamente por breves períodos, e em outras ocupações por turnos para períodos longos). Mas tivemos sérias dificuldades para conseguir isso. Os principais obstáculos foram os seguintes.

Em primeiro lugar veio o desenvolvimento imperfeito, a falta de esclarecimento, a timidez das camadas atrasadas da população urbana, e ainda mais da população rural. A vanguarda, que consiste nos espíritos corajosos, dos que são ativos no corpo e na mente, dos que são bem-informados, constitui um estrato comparativamente fino. Os outros são muito lentos para se mover. Muitos ainda têm medo de colocar *a mão na massa*; muitos ainda ignoram seus próprios direitos, e não perceberam que são os donos do país. Isso não é difícil de entender. As massas foram oprimidas e escravizadas durante séculos, e por isso é impossível que, de sua condição semisselvagem, eles subam em um momento a um nível em que possam governar o país. Os primeiros que chegam à frente são os que pertencem ao estrato mais desenvolvido; os trabalhadores de Petrogrado, por exemplo. Eles são encontrados em todos os lugares. Nós os encontramos como comissários do exército, como organizadores da produção, como delegados do comitê executivo nos distritos rurais, como propagandistas, como membros das mais altas instituições soviéticas, como professores. Aos poucos, até as massas atrasadas são fermentadas: elas põem de lado as coisas velhas, assimilam o novo; pouco a pouco elas aprendem sozinhas. No entanto, é óbvio que o baixo nível de cultura geral será um grande obstáculo ao progresso.

Em segundo lugar tivemos a falta de experiência no trabalho de administração. Isso é manifesto, mesmo no melhor dos camaradas. A classe trabalhadora pela primeira vez tomou o

32 Primeira parte, publicada separadamente.

poder em suas mãos. Nunca fez nenhum trabalho administrativo, e ninguém jamais lhe ensinou como fazer algo desse tipo. Ao contrário, durante décadas do regime czarista, e também durante o breve governo Guchkoff-Kerensky, tudo o que foi possível foi feito para evitar que o proletariado adquirisse tal experiência. Tanto o Estado burguês quanto o Estado feudal eram organizações para manter os trabalhadores subjugados, não organizações para educá-los. Naturalmente, portanto, os trabalhadores, tendo ascendido ao poder, enquanto aprendem pela experiência, cometerão muitos erros. Com esses erros eles aprendem, mas inevitavelmente os cometem.

Em terceiro lugar, ocorreram problemas com especialistas burgueses da velha escola. O proletariado foi forçado a manter muitos deles a seu serviço. Eles os fizeram se submeter, colocaram-nos para trabalhar, levaram a melhor em sua sabotagem. No final, obtiveram sucesso. Mas esses especialistas burgueses tendem a se apegar aos seus velhos costumes. Eles olham para as massas com desprezo e não se misturam com elas em termos iguais; muitas vezes se apegam à velha e maligna rotina do escritório: eles vadiam, e seu mau exemplo tende a corromper nosso próprio povo.

Em quarto lugar houve a retirada das melhores energias para o exército. Durante os períodos mais críticos da guerra civil, quando o exército precisava urgentemente dos combatentes mais confiáveis e valentes, muitas vezes era necessário despachar o melhor de nosso próprio povo para o front. Em consequência disso, ficou na retaguarda apenas um número comparativamente pequeno dos mais avançados entre os trabalhadores.

Todas essas circunstâncias tornam nosso trabalho extremamente difícil e tendem, em certo grau, a promover a reintrodução da burocracia no sistema soviético. Este é um grave perigo para o proletariado. Os trabalhadores não destruíram o velho Estado oficializado com a intenção de permitir que ele crescesse novamente a partir de novas raízes. Nosso partido, portanto, deve fazer o máximo para evitar esse perigo. Isso só pode ser evitado atraindo as massas para participar do trabalho. A questão fundamental, é claro, é elevar o nível cultural geral dos trabalhadores e camponeses, acabar com o analfabetismo, difundir o esclarecimento. Além disso, no entanto, toda uma série de outras medidas é essencial. Entre elas, o nosso partido defende o seguinte.

É absolutamente indispensável que cada membro de um soviete desempenhe um papel definido no trabalho da administração do Estado. Cabe a cada membro de um soviete não apenas emitir opiniões sobre os assuntos que são discutidos, mas ele próprio participar da tarefa comum, preencher pessoalmente algum cargo social.

Em seguida, é essencial haver uma rotação contínua nessas funções. Isso implica que todo camarada deve, depois de um tempo definido, mudar de uma ocupação para outra, de modo que, gradualmente, ele se torne experiente em todos os ramos importantes do trabalho administrativo. O camarada não deve se apegar por anos a um mesmo trabalho, pois se fizer isso se tornará um funcionário rotineiro do tipo antigo. Assim que ele aprende a rotina de um escritório, deve mudar para outro.

Finalmente, nosso partido recomenda, no que diz respeito ao arranjo geral do trabalho, que gradualmente toda a população trabalhadora seja induzida a participar da administração do Estado. Aqui está, de fato, o verdadeiro fundamento do nosso sistema político. Alguns passos nesse sentido já foram dados. Por exemplo, dez mil proletários participaram das visitas de casa em casa da burguesia de Petrogrado. Mais uma vez, quase toda a população trabalhadora de Petrogrado participou da salvaguarda da cidade. Novamente, para liberar os homens para outros deveres, as mulheres trabalhadoras entraram no serviço da milícia.

Nos soviets é possível formar não-membros como assistentes. Observando, a princípio, eles podem conhecer o trabalho do comitê executivo e dos subcomitês. O mesmo pode ser feito nos comitês de fábrica e nos sindicatos, onde todos os membros podem tomar posse alternadamente. Em resumo, de uma forma ou de outra (a experiência prática nos ensinará os melhores métodos), devemos seguir os passos da Comuna de Paris, simplificar o trabalho de administração, atrair as massas para participar dele, acabar completamente com a burocracia. Quanto mais ampla for essa participação das massas, mais cedo se extinguirá a ditadura do proletariado. Assim que todos os membros adultos e sãos da população, todos sem exceção, vierem a participar da administração, os últimos vestígios de burocracia desaparecerão. Concomitantemente ao desaparecimento de nossos antagonistas burgueses, poderemos celebrar as exéquias do Estado. O governo dos homens será substituído pela administração das coisas – a administração de máquinas, edifícios, locomotivas e outros aparelhos. A ordem comunista da sociedade será totalmente instalada.

A extinção do Estado ocorrerá muito mais rapidamente quando se obtiver uma vitória completa sobre os imperialistas. Hoje, quando uma feroz guerra civil ainda está acontecendo, todas as nossas organizações precisam estar em pé de guerra. Os instrumentos do Poder Soviético tiveram que ser construídos em linhas militaristas. Muitas vezes não há tempo para convocar o soviete e, como regra, os comitês executivos têm que decidir tudo.

Este estado de coisas é devido à situação militar da República Soviética. O que existe hoje, na Rússia, não é simplesmente a ditadura do proletariado: é uma ditadura militarista-proletária. A república é um campo armado. Obviamente, as condições acima descritas não passarão enquanto persistir a necessidade de militarização de todas as nossas organizações.

Literatura sugerida

LENIN. O Estado e a Revolução.

LENIN. Os bolcheviques manterão a autoridade do Estado?

OSINSKY. Uma república democrática ou uma república soviética?

LENIN. Teses sobre a democracia burguesa e proletária adotadas pelo primeiro Congresso da Internacional Comunista.

LENIN. A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky.

STUCHKA. A Constituição do R. S. F. S. R³³. em Perguntas e Respostas.

BUKHARIN. Parlamentarismo ou República Soviética?

KARPINSKY. O que é o poder soviético.

KARPINSKY e LATSIS. O que é o poder soviético e como ele é construído.

33 República Socialista Federativa Soviética Russa.

Capítulo VII: O comunismo e o problema da nacionalidade

§ 55. A opressão das nacionalidades sujeitas

§ 56. A unidade do proletariado

§ 57. As causas da inimizade nacional

§ 58. A igualdade de direitos das nações e o direito à autodeterminação; Federação

§ 59. Quem expressa a *vontade da nação*?

§ 60. Antissemitismo e proletariado

§ 55. A opressão das nacionalidades subjogadas

Uma das formas de opressão do homem pelo homem é a opressão das nacionalidades sujeitas. Entre as barreiras que separam os seres humanos, além das barreiras de classe existem aquelas da desunião nacional, da inimizade e do ódio nacionais.

A inimizade nacional e o mal-estar estão entre os meios pelos quais o proletariado é entorpecido e pelos quais sua consciência de classe é entorpecida. A burguesia sabe cultivar habilmente esses sentimentos para promover seus próprios interesses.

Consideremos como os proletários conscientes devem abordar o problema da nacionalidade e como eles podem resolvê-lo da melhor maneira para promover a rápida vitória do comunismo.

Uma nação ou um povo é o nome dado a um grupo de pessoas que estão unidas pelo uso de uma língua comum e que habitam uma área definida. Existem características adicionais de nacionalidade, mas essas duas são as mais importantes e as mais fundamentais³⁴.

Alguns exemplos nos ajudarão a compreender o que se entende por opressão de uma nacionalidade sujeita. O governo czarista perseguiu os judeus, proibiu-os de viver em certas partes da Rússia, recusou-se a admiti-los no serviço do Estado, restringiu sua entrada nas escolas, organizou pogroms antijudaicos, etc. Além disso, o governo czarista não permitia que os ucranianos ensinassem a seus filhos a língua Ute ucraniana nas escolas. A emissão de jornais na língua ucraniana foi proibida. Nenhuma das nacionalidades sujeitas na Rússia foi sequer autorizada a decidir se desejava fazer parte do Estado russo ou não.

³⁴ Há muito tempo, os judeus habitavam um território definido e possuíam um discurso comum; hoje eles não têm território, e muitos deles não entendem hebraico. Os ciganos têm uma língua própria, mas não habitam nenhum território definido. Os tungues não nômades da Sibéria têm um território, mas esqueceram sua língua distinta.

O governo alemão fechou as escolas polonesas. O governo austríaco proibiu o uso da língua tcheca e impôs à força o alemão aos tchecos. A burguesia britânica despreza os indígenas da África e da Ásia; subjuga os povos semisselvagens atrasados, saqueia-os e abate-os a tiros quando tentam livrar-se do jugo britânico.

Em resumo, quando em qualquer Estado o povo de uma nação possui todos os direitos e o povo de outra nação possui apenas uma parte desses direitos; quando uma nação, a nação mais fraca, foi forçosamente unida a uma nação mais forte; quando a nação mais forte, contra a vontade da nação mais fraca, impõe a esta uma língua estrangeira, costumes estrangeiros, etc.; quando as pessoas da nação mais fraca não têm permissão para levar suas próprias vidas - então temos o que é chamado de opressão de uma nacionalidade subjugada, temos escravização nacional.

§ 56. A unidade do proletariado

Antes de tudo, porém, devemos propor e decidir um problema extremamente importante e fundamental. O operário russo e o camponês russo devem considerar os alemães, os franceses, os britânicos, os judeus, os chineses ou os tártaros como inimigos, independentemente da classe a que pertençam? Os operários e camponeses russos têm o direito de odiar ou de considerar com suspeita aqueles que pertencem a outra nação, pela única razão de que estes falam uma língua diferente, que sua pele é preta ou amarela, que têm costumes e leis diferentes? Obviamente, isso seria muito errado. Os trabalhadores alemães, os trabalhadores franceses, os trabalhadores negros são tão proletários quanto os russos. Não importa que língua falem os trabalhadores de outras terras, a característica essencial de sua condição reside no fato de que todos são explorados pelo capital, são todos camaradas, todos sofrem igualmente de pobreza, opressão e injustiça.

O trabalhador russo deve amar o capitalista russo porque seu compatriota o maltrata nos termos familiares russos, por que seu empregador o algema com um punho russo ou o chicoteia com um chicote russo? Claro que não. Nem é provável que o trabalhador alemão ame melhor o capitalista alemão porque este o insulta na língua alemã e à moda alemã. Os trabalhadores de todas as terras são irmãos de uma classe e são os inimigos dos capitalistas de todas as terras.

As mesmas considerações se aplicam no caso dos camponeses pobres de todas as nações. Para o camponês russo (o camponês pobre ou o camponês médio), o camponês semiproletário da Hungria ou o camponês pobre da Sicília ou da Bélgica é mais próximo e mais querido do que o camponês rico de sua própria terra que o explora, ou o latifundiário que por acaso nasceu em solo russo e fala a língua russa.

Mas os trabalhadores de todo o mundo não devem apenas se reconhecer irmãos de classe, irmãos na opressão e na escravidão. Não adiantaria se eles se contentassem em criticar seus compatriotas capitalistas em suas respectivas línguas, se em cada país os sofredores enxugassem as lágrimas uns dos outros, e somente dentro de seu próprio Estado continuassem a luta contra o inimigo. Irmãos na opressão e escravidão devem ser irmãos em uma liga mundial para a luta contra os capitalistas. Esquecendo todas as diferenças nacionais que tendem a impedir a união, eles devem se unir em um grande exército para travar uma guerra conjunta contra o capitalismo. Somente fechando suas fileiras em tal aliança internacional é que se pode esperar conquistar o capitalismo mundial. É por isso que, há mais de setenta anos, os fundadores do comunismo, Marx e Engels, em seu famoso Manifesto Comunista, fulminaram o esplêndido slogan: *“Proletários do mundo todo, uni-vos!”*

É essencial que a classe trabalhadora supere todos os preconceitos e inimizades nacionais. Isso é necessário não apenas para o ataque mundial ao capital e para a derrubada completa do sistema capitalista, mas também para a organização de um único sistema econômico mundial. A Rússia soviética não pode existir sem o carvão de Donetz, sem o óleo mineral de Baku, ou sem o algodão do Turquestão; mas é igualmente verdade que a Europa Central e Ocidental não pode prescindir da madeira russa, do cânhamo, do linho e da platina, ou do trigo americano; e é igualmente verdade que a Itália considera o carvão britânico uma necessidade vital e que a Grã-Bretanha precisa urgentemente de algodão egípcio etc., etc. A burguesia se viu incapaz de organizar uma economia mundial, e o sistema burguês naufragou nessa dificuldade. O proletariado é o único competente para organizar com sucesso tal sistema. Para isso, porém, deve proclamar as palavras de ordem: *“Todo o mundo e toda a riqueza que ele contém pertencem a todo o mundo do trabalho”*. Estas palavras de ordem implica que os trabalhadores alemães devem renunciar completamente à sua riqueza nacional, os britânicos à sua, e assim por diante. Se o preconceito nacional e a ganância nacional se opõem à internacionalização da indústria e da agricultura, fora com eles, onde quer que se mostrem e sob quaisquer cores que possam navegar!

§ 57. As causas da inimizade nacional

Mas não basta que os comunistas declarem guerra à opressão das nacionalidades e aos preconceitos nacionais, que defendam a unidade internacional na luta contra o capitalismo e que desejem fundar uma aliança econômica mundial do proletariado vitorioso. Devemos buscar um caminho muito mais rápido para a derrubada de todo social-patriotismo e egoísmo nacional,

da estupidez e orgulho nacional, da desconfiança mútua entre os trabalhadores das várias nações. Este legado de um período brutal da vida humana e da brutal disputa nacionalista das épocas feudal e capitalista ainda está pendurado como um fardo pesado no pescoço do proletariado mundial.

As inimizades nacionais são de data muito antiga. Houve um tempo em que as diferentes tribos não se contentavam em lutar umas contra as outras por terras e florestas, era preciso que os homens de uma tribo realmente comessem os de outra. Remanescentes dessa desconfiança brutal e inimizade entre nação e nação, entre etnia e etnia continuam a existir entre os trabalhadores e camponeses de todas as terras. Esses vestígios de inimizade intertribal estão gradualmente desaparecendo, à medida que o comércio mundial se desenvolve, à medida que o contato econômico segue, à medida que migrações e misturas trazem pessoas de várias origens para uma associação íntima no mesmo território, mas eles se extinguem especialmente devido à universalidade da luta de classes dos trabalhadores de todas as terras. No entanto, esses vestígios de inimizade intertribal não apenas deixam de se extinguir, mas realmente brilham com vida renovada, quando às velhas causas do mal-estar nacional se acrescenta um antagonismo de interesses de classe ou a aparência de tal antagonismo.

A burguesia de cada país explora e oprime o proletariado de sua própria terra. Mas faz o possível para convencer seu próprio proletariado de que os inimigos não se encontram entre os compatriotas burgueses, mas entre os povos de outras terras. A burguesia alemã grita aos trabalhadores alemães: *Abaixo os franceses! Abaixo os ingleses!* A burguesia britânica grita aos trabalhadores britânicos: *Abaixo os alemães!* As burguesias de todos os países, especialmente nos últimos tempos, juntam-se ao grito: *Abaixo os judeus!* O objetivo disso é transformar a luta de classes dos trabalhadores contra seus opressores capitalistas em uma luta entre nacionalidades.

A burguesia, no entanto, em seu desejo de desviar as mentes dos trabalhadores da luta pelo socialismo, não se contenta em inflamar o ódio nacional. Esforça-se, além disso, por dar aos trabalhadores um interesse material na opressão de outros povos. Durante a guerra recente, quando os burgueses cantavam o hino nacional alemão *Alemanha, Alemanha acima de tudo*, os economistas burgueses da Alemanha tentaram convencer os trabalhadores alemães de que ganhariam muito com a vitória, ganhariam com a opressão e a pilhagem dos trabalhadores das terras conquistadas. Antes da guerra, a burguesia tinha o hábito de subornar os líderes da classe trabalhadora com a sedução dos lucros derivados da pilhagem colonial e da opressão das nacionalidades atrasadas e fracas. Os trabalhadores das terras europeias mais avançadas, agindo

por instigação dos membros mais bem pagos da classe trabalhadora, aderiram às propostas dos capitalistas e se deixaram convencer pelos sociais-patriotas a aceitar a crença de que eles também teriam uma pátria se apenas concordassem com a pilhagem das colônias e das nações parcialmente dependentes. O operário que, sob o capitalismo, se proclama patriota, vende por um ou dois cobses sua verdadeira pátria, que é o socialismo, e assim ele se torna um dos opressores das nações atrasadas e fracas.

§ 58. A igualdade de direitos das nações e o direito à autodeterminação; Federação

O Partido Comunista, declarando uma guerra implacável contra toda opressão do homem pelo homem, toma uma posição decisiva contra essa opressão das nacionalidades subjugadas que é indispensável à existência do sistema burguês. Ainda mais implacavelmente os comunistas resistem à menor participação nesta opressão por parte da classe trabalhadora. Não basta, porém, que o proletariado de um país grande e forte repudie todas as tentativas de opressão dos outros povos que a burguesia ou a aristocracia de sua própria terra esmagou. Também é essencial que os proletários das nações oprimidas não sintam nenhuma desconfiança de seus camaradas que pertencem às terras dos opressores. Quando os tchecos foram oprimidos pela burguesia alemã da Áustria, os trabalhadores tchecos viram todos os alemães como seus opressores. Nosso governo czarista oprimiu os poloneses, e a população da Polônia continuou a nutrir desconfiança de todos os russos, não apenas do czar russo, do latifundiário russo e do capitalista russo. Se quisermos erradicar a desconfiança sentida pelos trabalhadores das nações oprimidas em relação aos trabalhadores das nações opressoras, não devemos apenas proclamar a igualdade nacional, mas devemos realizá-la na prática. Esta igualdade deve encontrar expressão na concessão de direitos iguais em matéria de língua, educação, religião, etc. E isso não é tudo. O proletariado deve estar pronto para conceder a autodeterminação nacional completa, deve estar pronto para conceder aos trabalhadores que formam a maioria em qualquer nação, o pleno direito de decidir se essa nação deve ser completamente integrada à outra, ou deve ser federada, ou deve ser totalmente separada.

O leitor perguntará se é possível que os comunistas possam defender a separação das nações. Como, então, virá a existir aquele Estado proletário unificado que abraça o mundo, que os comunistas aspiram fundar? Parece haver aqui uma contradição.

No entanto, não há contradição. A fim de garantir o mais rápido possível a união plena de todos os trabalhadores do mundo, às vezes é necessário tolerar a separação temporária de uma nação de outra.

Vamos considerar as circunstâncias em que tal procedimento pode ser necessário. Vamos supor que, na Baviera, que agora faz parte da Alemanha, foi declarada uma república soviética, enquanto em Berlim ainda prevalece a ditadura burguesa de Noske e Scheidemann. É certo que os comunistas bávaros, nesse caso, lutem pela independência da Baviera? Certamente! E não apenas os comunistas bávaros, mas também os comunistas de outras partes da Alemanha devem saudar a separação da Baviera soviética, pois esta não será uma separação do proletariado alemão, mas será uma libertação do jugo da burguesia alemã.

Agora vejamos o exemplo inverso. Uma república soviética foi proclamada em toda a Alemanha, exceto a Baviera. A burguesia bávara deseja a separação da Alemanha soviética, mas o proletariado bávaro deseja a união. O que os comunistas devem fazer? É óbvio que os comunistas da Alemanha devem ajudar os trabalhadores bávaros e oferecer resistência armada aos esforços separatistas da burguesia bávara. Esta não seria a opressão da Baviera, mas a opressão da burguesia bávara.

Vejamos novamente: o poder soviético foi proclamado tanto na Inglaterra quanto na Irlanda, tanto na terra dos opressores quanto na terra dos oprimidos. Além disso, os trabalhadores irlandeses não confiarão nos trabalhadores ingleses, que pertencem a um país que oprimiu a Irlanda durante séculos. Do ponto de vista econômico, a separação será prejudicial. Que rumo devem seguir os comunistas ingleses nestas circunstâncias? Aconteça o que acontecer, eles não devem usar a força, como fez a burguesia inglesa, para manter a união com a Irlanda. Eles devem conceder aos irlandeses liberdade absoluta para se separarem. Por que eles devem fazer isso?

Em primeiro lugar, porque é necessário convencer os trabalhadores irlandeses de que a opressão da Irlanda foi obra da burguesia inglesa, e não do proletariado inglês. Os trabalhadores ingleses têm de ganhar a confiança dos trabalhadores irlandeses.

Em segundo lugar, porque os trabalhadores irlandeses terão de aprender pela experiência que lhes é desvantajoso formar um pequeno Estado independente. Eles terão que aprender pela experiência que a produção na Irlanda não pode ser adequadamente organizada, a menos que a Irlanda esteja em estreita união política e econômica com a Inglaterra proletária e com outras terras proletárias.

Finalmente, tomemos o caso de uma nação com um governo burguês que deseja se separar de uma nação com um regime proletário, e suponhamos que, na nação que deseja se separar, a maioria dos trabalhadores ou uma boa parte deles seja a favor da separação. Podemos supor que os trabalhadores do país que se separa desconfiam, não apenas dos capitalistas, mas

também dos trabalhadores pertencentes ao país cuja burguesia os oprimiu no passado. Mesmo neste caso, seria melhor permitir que o proletariado da terra separatista entrasse em acordo à sua maneira com sua própria burguesia, pois de outra forma esta teria o poder de dizer: *Não sou eu quem o oprime, mas o povo de tal e tal país*. A classe operária logo perceberá que a burguesia desejou a independência para poder esfolar independentemente seu próprio proletariado. Além disso, os operários perceberão rapidamente que o proletariado do vizinho Estado soviético deseja a união, não para explorar ou oprimir os trabalhadores da terra menor, mas para que todos os trabalhadores se unam em uma luta comum pela libertação da exploração e da opressão.

Embora, portanto, como princípio geral os comunistas se oponham à separação de uma nação de outra, especialmente quando as terras em questão têm laços econômicos estreitos, eles podem tolerar separações temporárias. Eles agirão como uma mãe age quando permite que seu filho queime os dedos uma vez para que possa temer o fogo cada vez mais.

§ 59. Quem expressa a *vontade da nação*?

O Partido Comunista reconhece que as nações têm direito à autodeterminação até o ponto da secessão; mas considera que a maioria trabalhadora da nação e não a burguesia encarna a vontade da nação. Seria, portanto, mais correto dizer que, quando falamos em reconhecer o direito das nações à autodeterminação, estamos nos referindo ao direito da maioria trabalhadora em qualquer nação. No que diz respeito à burguesia, na medida em que, durante o período da guerra civil e da ditadura do proletariado a privamos das liberdades cívicas, também privamos do direito a qualquer voz na questão dos assuntos nacionais.

O que temos a dizer sobre o direito de autodeterminação e o direito de secessão no caso de nações em um nível comparativamente baixo ou extremamente baixo de desenvolvimento cultural? O que acontecerá com as nações que não só não têm proletariado, mas também não têm burguesia, ou se a têm, têm-na apenas de forma imatura? Considere, por exemplo, os Tungus, os Kalmucks ou os Buryats, que habitam o território russo. O que fazer se essas nações exigirem a separação completa das grandes nações civilizadas? Mais ainda, o que fazer se eles desejam se separar das nações que realizaram o socialismo? Permitir tais secessões seria fortalecer a barbárie às custas da civilização?

Somos de opinião que, quando o socialismo for realizado nos países mais avançados do mundo, os povos atrasados e semisselvagens estarão perfeitamente dispostos a aderir à aliança geral dos povos. A burguesia imperialista que se apoderou das suas possessões coloniais e as

anexou pela força tem boas razões para temer a secessão das colônias. O proletariado, não desejando saquear as colônias, pode obter as matérias-primas necessárias delas pela troca de mercadorias, e pode deixar aos nativos das terras atrasadas o direito de organizar seus próprios assuntos internos como bem entenderem. O Partido Comunista, portanto, desejando acabar para sempre com todas as formas de opressão nacional e desigualdade nacional, e exprime a demanda pelo direito nacional à autodeterminação.

O proletariado de todas as terras se valerá desse direito, em primeiro lugar para destruir o nacionalismo e, em segundo lugar, para formar uma liga federativa voluntária.

Quando essa liga federativa se mostrar incompetente para estabelecer um sistema econômico mundial, e quando a grande maioria estiver convencida de sua inadequação pela experiência real, terá chegado a hora da criação de uma república socialista mundial.

Se examinarmos a maneira pela qual a burguesia propôs e resolveu o problema da nacionalidade (ou, como na maioria das vezes, complicou a questão), vemos que, nos dias de sua juventude, a classe capitalista lidava com questões de nacionalidade de uma maneira, e que nos dias de sua velhice e decadência está lidando com eles de maneira bem diferente.

Quando a burguesia era uma classe oprimida, quando a aristocracia chefiada por um rei ou um czar detinha as rédeas do poder, quando reis e czares davam povos inteiros como dote de suas filhas, então a burguesia não estava acostumada apenas a dizer coisas bonitas sobre a liberdade das nações, mas na verdade tentou realizar tais liberdades na prática, ou pelo menos a burguesia de cada nação o fez no que diz respeito ao seu próprio caso. Por exemplo, quando a Itália era governada pela coroa austríaca, a burguesia italiana liderou o movimento pela independência nacional, esforçando-se para garantir a libertação da Itália do jugo estrangeiro e sua união para formar um único estado.

Quando a Alemanha foi dividida em um grande número de pequenos principados e foi esmagada sob o calcanhar de Napoleão, a burguesia alemã se esforçou para promover a união da Alemanha em um único grande Estado e lutou pela libertação do país dos escravizadores franceses. Quando a França, tendo derrubado a autocracia de Luís XVI, foi atacada pelos Estados monárquicos do resto da Europa, a burguesia revolucionária francesa liderou a defesa do país e compôs o hino nacional conhecido como Marselhesa. Em resumo, a burguesia da nação oprimida sempre tomou a dianteira na luta pela libertação, criou uma rica literatura nacional, produziu numerosos homens de gênio - pintores, prosadores, poetas e filósofos. Foi o que aconteceu nos primeiros tempos, quando a burguesia era uma classe oprimida.

Por que a burguesia das nações oprimidas lutava pela liberdade nacional? Se dermos ouvidos aos poetas burgueses, se dermos atenção às obras de artistas burgueses, o motivo que animava a burguesia era seu ódio a toda opressão nacional, seu desejo de libertação e autodeterminação de toda a produção nacional, por menor que fosse. Na verdade, quando a burguesia de qualquer país lutava pela libertação daquele país de um jugo estrangeiro, lutava pelo estabelecimento de seu próprio Estado burguês; pelo poder de espoliar o povo de sua própria terra sem qualquer competição por parte de outros exploradores; pelo direito à totalidade da mais-valia criada pelos trabalhadores da cidade e do campo da sua própria terra.

A história de todos os países capitalistas testemunha essa verdade. Quando a burguesia é oprimida em conjunto com os trabalhadores de sua própria nação, ela

clama pela liberdade das nações em geral e insiste na injustiça de qualquer tipo de escravidão nacional. Mas assim que a classe capitalista conquistou o poder e expulsou os conquistadores estrangeiros - fossem eles aristocratas ou burgueses - ela faz o máximo para subjugar qualquer nacionalidade fraca que possa parecer lucrativa. A burguesia revolucionária francesa, representada por Danton, Robespierre e outras figuras notáveis da primeira época da revolução, apelou a todos os povos do mundo em nome da libertação de todas as formas de tirania; a Marselhesa, escrita por Rouget de Lisle e cantada pelos exércitos da revolução, é cara aos corações de todos os povos oprimidos. Mas esta mesma burguesia francesa, tendo entrado na segunda fase de sua revolução sob o regime de Napoleão, subjuguou os povos da Espanha, Itália, Alemanha e Áustria às tensões da referida Marselhesa, e continuou a saqueá-los durante as guerras napoleônicas. Quando a burguesia alemã foi submetida à opressão, escritores como Schiller, com seu Guilherme Tell, expressaram a luta dos povos contra os tiranos estrangeiros. Mas essa mesma burguesia alemã, sob a liderança de Bismarck e Moltke, anexou à força as províncias francesas de Alsácia-Lorraine, tomou Schleswig dos dinamarqueses, tiranizou os poloneses de Posen, etc. A burguesia italiana, libertando-se do jugo da aristocracia austríaca, estava perfeitamente disposta a abater os conquistados beduínos de Trípoli, os albaneses e os dálmatas nas margens do Adriático e os turcos na Anatólia.

Por que essas coisas aconteceram e por que acontecem agora? Por que a burguesia invariavelmente exprimiu a demanda por liberdade nacional, e por que nunca foi capaz de realizar tal liberdade de fato?

A explicação é que todo Estado burguês que se libertou do jugo de outra nação busca inevitavelmente estender seu próprio domínio. Em qualquer país capitalista que você queira escolher, você descobrirá que a burguesia não se contenta com a exploração de seu próprio proletariado. Os capitalistas precisam de matérias-primas de todos os confins da terra. Eles, portanto, se esforçam para adquirir colônias, de onde, depois de subjugar os nativos, podem obter as matérias-primas de que precisam para suas fábricas sem impedimentos. Eles exigem mercados para a venda de seus produtos e se esforçam para encontrar esses mercados em terras atrasadas, sem se preocupar com como isso pode afetar a população em geral ou as burguesias ainda imaturas de tais países. Eles precisam de territórios para os quais possam exportar capital excedente, para que possam extrair lucros desses trabalhadores distantes, e escravizam esses territórios, dispondo tão livremente deles quanto de suas próprias terras. Se durante a conquista das colônias e durante a escravização econômica das terras atrasadas, uma outra burguesia poderosa é encontrada como concorrente, a disputa é resolvida pela guerra, e esta tende a tomar a forma de uma guerra mundial, como a que acaba terminar na Europa. A grande guerra não acabou com a escravização das colônias e das terras atrasadas; se alguma mudança ocorreu para elas, foi apenas uma mudança de senhores. Além disso, como resultado da guerra, Alemanha, Áustria e Bulgária, que eram países livres, foram escravizados. Assim aconteceu que o desenvolvimento do sistema burguês, longe de levar a uma redução do número de países escravizados por outros países e pelas suas burguesias, levou a um aumento positivo do número de terras escravizadas. O domínio burguês culminou na opressão nacional universal, pois o mundo inteiro está agora escravizado pelo grupo vitorioso dos Estados capitalistas.

§ 60. Antissemitismo e proletariado

Uma das piores formas de inimizade nacional é o antissemitismo, ou seja, a hostilidade racial contra os judeus, que pertencem à linhagem semítica (da qual os árabes formam outro grande ramo). A autocracia czarista levantou a caça aos judeus na esperança de evitar a revolução operária e camponesa. *Você é pobre porque os judeus o espoliam*, diziam os membros das Centenas Negras; e eles se esforçaram para afastar o descontentamento dos trabalhadores e camponeses oprimidos dos latifundiários e da burguesia, e voltá-lo contra toda a nação judaica. Entre os judeus, como entre outras nacionalidades, existem diferentes classes. São apenas as camadas burguesas da raça judaica que exploram o povo, e essas camadas burguesas saqueiam em comum com os capitalistas de outras nacionalidades. Nas regiões periféricas da Rússia czarista, onde os judeus foram autorizados a residir, os trabalhadores e artesãos judeus viviam em terrível pobreza e degradação, de modo que sua condição era ainda pior do que a dos trabalhadores comuns em outras partes da Rússia.

A burguesia russa levantou a caça aos judeus, não só na esperança de desviar a ira dos trabalhadores explorados, mas também na esperança de se libertar dos concorrentes no comércio e na indústria.

Nos últimos anos, o sentimento antijudaico aumentou entre as classes burguesas de quase todos os países. A burguesia de outros países além da Rússia pode tomar como exemplo Nicolau II na tentativa de inflamar o sentimento antijudaico, não apenas para se livrar dos exploradores rivais, mas também para quebrar a força do movimento revolucionário. Até recentemente, muito pouco se ouvia sobre antissemitismo na Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Hoje, até mesmo ministros de Estado britânicos às vezes fazem discursos antissemitas. Este é um sinal infalível de que o sistema burguês no ocidente está às vésperas de um colapso, e que a burguesia está se esforçando para evitar a revolução operária jogando Rothschilds e Mendelssohns para os operários como esmolas. Na Rússia, o antissemitismo estava suspenso durante a revolução de março, mas o movimento recuperou força à medida que a guerra civil entre a burguesia e o proletariado se acirrou; e os ataques aos judeus tornaram-se cada vez mais amargos à medida que as tentativas da burguesia de reconquistar o poder se mostraram infrutíferas.

Todas essas considerações se combinam para provar que o antissemitismo é uma das formas de resistência ao socialismo. É desastroso que qualquer operário ou camponês se permita, nesta questão, ser desencaminhado pelos inimigos de sua classe.

Literatura sugerida

LENIN, O Direito de Autodeterminação.

STALIN, Marxismo e o Problema da Nacionalidade.

ZALEFFSKY, O Internacional e o Problema da Nacionalidade.

PETROFF, Verdade e Falsidade sobre os Judeus.

KAUTSKY, Os Judeus.

BEBEL, Antissemitismo contra o Proletariado.

STEKLOFF, A última palavra em antissemitismo.

Capítulo VIII: O programa dos comunistas em relação à organização do exército

§ 61 Nosso antigo programa do exército e a questão da guerra em um estado socialista

§ 62. A necessidade do Exército Vermelho: sua composição de classe

§ 63. Treinamento militar universal dos trabalhadores

§ 64. Disciplina autoimposta versus disciplina imposta de cima

§ 65. Os comissários políticos e o grupo comunista

§ 66. A Estrutura do Exército Vermelho

§ 67. Os oficiais do Exército Vermelho

§ 68. Os diretores devem ser eleitos ou nomeados de cima?

§ 69. O Exército Vermelho é provisório

§ 61 Nosso antigo programa do exército e a questão da guerra em um Estado socialista

No § 12 explicamos (Parte I) como é construído o exército permanente do Estado burguês e para que fins é usado. Os socialistas de todos os países, incluindo os social-democratas russos, costumavam exigir a abolição dos exércitos permanentes. Em vez de um exército permanente, os socialistas queriam o armamento geral do povo (um exército de cidadãos), e exigiam a abolição da casta dos oficiais e a eleição dos oficiais pela base.

Vamos considerar qual deve ser a atitude dos comunistas em relação a essas demandas.

A primeira questão que se coloca neste contexto é que, em nome de que forma de ordem social, as referidas exigências foram feitas. Elas foram feitas para uma sociedade burguesa, ou para uma sociedade socialista, ou para uma sociedade em meio à luta entre a burguesia e o socialismo?

Os partidos socialistas que aderiram à Segunda Internacional não tinham ideias claras sobre a natureza da sociedade em relação à qual seu programa foi elaborado. Na maior parte, de fato, o programa estava relacionado a uma sociedade burguesa. O que os socialistas geralmente tinham em mente como modelo era a República Suíça, onde não há exército permanente, mas uma milícia nacional.

É óbvio que o programa militar dos socialistas era irrealizável na sociedade burguesa, sobretudo durante uma época em que a luta de classes se tornava cada vez mais aguda. Abolir

os quartéis significa abolir os lugares onde os operários e os camponeses são treinados para se tornarem carrascos de seus próprios irmãos de classe. Significa a abolição dos únicos lugares em que é possível transformar os trabalhadores em um exército que estará pronto para usar suas armas contra outras nações a qualquer momento que convenha aos capitalistas. Abolir a casta dos oficiais significa a abolição dos domadores de animais que são os únicos competentes para manter uma disciplina férrea e que são os únicos capazes de submeter o povo armado à vontade da classe burguesa. A eleição de oficiais permitiria aos operários e camponeses armados escolher oficiais entre si, oficiais que não fossem burgueses. Se a burguesia concordasse com tais propostas, significaria estar consentindo com a formação de um exército que pretendia subverter seu próprio regime.

Toda a história do capitalismo na Europa demonstrou e continua a demonstrar a impossibilidade de realizar o velho programa militar do partido socialista no quadro da sociedade burguesa, de realizá-lo enquanto a sociedade está dividida em classes e nos dias em que a luta de classes está se tornando mais aguda. Na medida em que a luta de classes se intensifica, descobrimos que os governantes burgueses não estão dispostos a armar toda a nação, e estão determinados a colocar armas apenas nas mãos de seus guardas brancos de confiança. O programa militar dos socialistas, na medida em que esperavam realizá-lo no regime burguês, não passava, portanto, de utopismo pequeno-burguês.

Não é possível, porém, que o programa tenha sido formulado com o objetivo definido de derrubar o regime burguês? Este não era o caso. A burguesia deseja se defender da classe trabalhadora, que espera tomar o poder. O árbitro jamais cogitaria a ideia de armar os trabalhadores. A burguesia introduziu o serviço militar universal e confiou o fuzil ao operário-soldado apenas enquanto puder esperar que os soldados tirados do povo continuem a obedecer às ordens de seus governantes capitalistas. Mas diretamente, o povo pensa em lutar por sua própria mão, o povo deve ser desarmado! Todos os políticos burgueses astutos estão cientes disso. Inversamente, não seria razoável que operários e camponeses pensassem em armar toda a nação, quando o que eles desejam é se armar para derrubar a burguesia e tomar o poder. Segue-se, portanto, que para o período de transição em que o proletariado luta pelo poder, o velho programa militar dos socialistas é inútil. Tal programa só é aplicável durante o período muito breve durante o qual o exército permanente burguês pré-existente está sendo desmembrado. É aplicável apenas durante o período em que a casta dos oficiais está sendo abolida, e quando se coloca a questão da eleição dos oficiais pela hierarquia. No ano de 1917, os bolcheviques realmente levaram a cabo esta ideia, que fazia parte do seu antigo programa.

Ao suprimir a casta dos oficiais no que havia sido o exército czarista e no exército kerenskista, os bolcheviques despojaram esse exército de seu aguilhão, de modo que não estava mais sujeito à classe burguesa latifundiária.

Por outro lado, para uma sociedade em que o socialismo foi vitorioso, o antigo programa do exército é totalmente aplicável. Quando o proletariado derrubar a burguesia e abolir a classe em muitos países, será possível realizar um armamento geral do povo. Então, somente a população trabalhadora estará armada, pois em uma sociedade socialista todos serão trabalhadores. Será possível acabar completamente com a vida no quartel. Também será possível introduzir a eleição de oficiais, um método que, durante o período de guerra civil acentuada é, exceto em casos raros e afortunados, inadequado para o exército proletário.

Então surge uma pergunta muito natural: Que necessidade pode haver de armamento geral do povo em terras onde prevalece um regime socialista? Em certos países, suponhamos, a burguesia foi conquistada; os que eram burgueses tornaram-se trabalhadores; não pode haver nenhuma questão de guerra entre Estados socialistas. Mas é preciso lembrar que o socialismo não pode ganhar a vitória simultaneamente em todos os países do mundo. Alguns países, é claro, ficarão atrás dos outros na questão da abolição das classes e da realização do socialismo. Em tais circunstâncias, os países em que a burguesia foi derrubada e onde todos os burgueses se tornaram trabalhadores podem ter que lutar ou estar preparados para lutar contra as burguesias daqueles Estados em que a ditadura do proletariado ainda não foi estabelecida; ou podem ter que dar assistência armada ao proletariado daquelas terras em que a ditadura da classe trabalhadora foi inaugurada, mas onde a luta com a burguesia ainda não obteve sucesso.

§ 62. A necessidade do Exército Vermelho: sua composição de classe

A maioria dos socialistas que aderiram à Segunda Internacional consideraram que o socialismo pode ser realizado com a obtenção de uma maioria parlamentar. Uma vez que os socialistas desse calibre foram embalados em tais ideias, uma vez que foram criados na atmosfera pacífica da vila pequeno-burguesa, era natural que eles não dessem atenção à possibilidade ou à necessidade de organizar um exército proletário no período da luta pelo socialismo. Outros socialistas, embora reconhecendo a inevitabilidade de uma transformação forçada efetuada pelos trabalhadores armados, não previram que essa luta armada seria prolongada, que a Europa teria que passar por uma fase não só de revoluções socialistas, mas também de guerras socialistas. Consequentemente, nenhum dos programas socialistas exprimiu a necessidade da organização do Exército Vermelho, isto é, de um exército composto por

operários e camponeses armados. Pela primeira vez em todo o mundo³⁵, a classe trabalhadora russa foi capaz de criar tal exército. Queremos dizer que, primeiro em todo o mundo, os trabalhadores russos foram capazes de se apoderar da autoridade do Estado e defender o que ganharam contra os ataques da burguesia russa e contra as investidas do capitalismo internacional. É perfeitamente claro que, sem o Exército Vermelho, os trabalhadores e camponeses russos teriam achado impossível manter uma única das conquistas de sua revolução. Sem o Exército Vermelho, eles teriam sido esmagados pelas forças da reação, em casa e no exterior. Um Exército Vermelho não pode ser estabelecido com base no serviço militar universal. Enquanto a luta está em andamento, embora o sucesso esteja à vista, o proletariado não pode ousar confiar fuzis a membros da burguesia urbana ou aos camponeses ricos. O exército proletário deve ser composto exclusivamente por pessoas pertencentes à classe trabalhadora, por pessoas que não exploram o trabalho e que estão diretamente interessadas na vitória da revolução operária. Somente os operários industriais das cidades e os camponeses pobres das aldeias devem formar o núcleo e a fundação do Exército Vermelho, que se converterá em um exército de toda a população trabalhadora pela adesão dos camponeses médios. No que diz respeito aos membros da burguesia e do estrato rico do campesinato, eles devem cumprir suas obrigações militares para com o Estado proletário por meio de deveres de milícia, mas distantes da frente de combate. É claro que não deve ser considerado implícito que uma autoridade proletária suficientemente poderosa se abstenha, por sua vez, de obrigar os exploradores a atirar em seus amigos brancos nas trincheiras opostas, assim como a burguesia, com a ajuda de seu exército permanente, forçou os proletários a atirar em seus irmãos de classe.

O exército permanente da burguesia, embora se estabeleça com base no serviço militar universal, e embora na aparência seja um exército de todo o povo, na realidade é um exército de classe. Mas o proletariado não precisa esconder o caráter de classe de seu exército, assim como não esconde o caráter de classe de sua ditadura. O Exército Vermelho é um dos órgãos do Estado Soviético e, em geral, é construído do mesmo tipo que os outros órgãos do Estado da ditadura do proletariado. Assim como nas eleições soviéticas a constituição soviética não dá voto a pessoas cuja posição econômica e política toda essa constituição visa minar, também no Exército Vermelho não há lugar para aqueles cuja destruição na guerra civil o Exército Vermelho existe.

35 Estamos falando no texto de um exército no sentido pleno do termo. Se nos perguntarem onde se encontram os primeiros primórdios de tal Exército Vermelho, podemos apontar o exército da Comuna de Paris como precursor de nosso Exército Vermelho – o exército que os trabalhadores de Paris criaram no ano de 1871.

§ 63. Treinamento militar universal dos trabalhadores

Um dos principais objetivos do sistema de treinamento militar para os trabalhadores, que a República Soviética da Rússia se propôs a realizar, deve ser reduzir ao mínimo a vida dos quartéis. Na medida do possível, os trabalhadores e camponeses não devem ser retirados do trabalho de produção enquanto estão sendo treinados para o serviço militar. Isso diminuirá muito os gastos com o exército e evitará o afrouxamento e a desorganização da produção. Operários e camponeses treinados para as armas nas horas vagas adéquam-se a ser soldados da revolução sem deixar de ser produtores de valor.

A segunda grande necessidade em relação ao treinamento militar universal dos trabalhadores é criar, em cada cidade e em cada distrito rural, reservas proletárias e camponesas capazes de entrar em campo a qualquer momento, com a aproximação do inimigo. A experiência da guerra civil na Rússia mostrou a importância dessas reservas para o sucesso da campanha socialista. Basta lembrar como os regimentos das reservas operárias defenderam Petrogrado dos Guardas Brancos com êxito, ou pensar nos trabalhadores da região dos Urais e da bacia de Donetz, ou ainda, dos operários e camponeses da cidade e província de Orenburg, na cidade de Uralsk, etc.

§ 64. Disciplina autoimposta versus disciplina imposta de cima

A disciplina autoimposta é impossível em um exército imperialista. A própria natureza de tal exército proíbe a ideia. Um exército imperialista consiste em vários grupos sociais. Os operários e camponeses foram arrebanhados à força para os quartéis do exército burguês. Se eles começassem a perceber seus próprios interesses, longe de se submeterem conscientemente à disciplina imposta por seus superiores protegidos, eles resistiriam conscientemente a essa disciplina. Por esta razão, a disciplina dos exércitos burgueses deve ser mantida pela força; e por esta razão, açoites, torturas de todo tipo e fuzilamentos em massa não são apenas incidentes ocasionais, mas os próprios fundamentos da ordem, disciplina, *educação militar*.

Por outro lado, no Exército Vermelho, formado por operários e camponeses e que defende seus interesses, a disciplina coercitiva deve ser cada vez mais substituída pela aceitação voluntária dos trabalhadores, da disciplina da guerra civil. À medida que o Exército Vermelho se torna mais consciente de sua própria natureza, os soldados vermelhos percebem que, em última instância, são comandados por toda a classe trabalhadora, por meio do Estado operário e de seus militares. Assim, a disciplina do Exército Vermelho é a submissão da minoria (os

soldados) aos interesses da maioria dos trabalhadores. Toda ordem razoável é apoiada, não pelo comandante e sua vontade arbitrária, não pela minoria burguesa e seus interesses predatórios, mas por toda a República Operária e Camponesa. No Exército Vermelho, portanto, a propaganda e a agitação, a educação política da base, assumem uma importância peculiar.

§ 65. Os comissários políticos e o grupo comunista

Na República Soviética da Rússia, onde todos os trabalhadores podem expressar sua vontade através dos sovietes, os trabalhadores e camponeses elegeram comunistas para os vários órgãos executivos nos últimos dois anos. O Partido Comunista - colocamos o assunto na fraseologia burguesa - tornou-se o partido governante da república pela vontade das massas, pois nenhum outro partido foi capaz de conduzir a revolução vitoriosa dos trabalhadores e camponeses ao sucesso. Como resultado disso, nosso partido se tornou como que um enorme comitê executivo da ditadura do proletariado. É por isso que os comunistas ocupam o papel de liderança no Exército Vermelho. Os comissários políticos são os representantes da vontade de classe do proletariado no exército, cumprem seus mandatos pelo partido e pelos centros militares. Assim se determinam as relações mútuas do comissário, tanto com o estado-maior quanto com os grupos comunistas da divisão a que está designado. O grupo comunista é uma seção do partido no poder, e o comissário é um plenipotenciário do partido como um todo. Seu papel de liderança deriva tanto da divisão do exército, quanto dos grupos comunistas dessa divisão. Igualmente, portanto, é seu direito de supervisionar o pessoal militar. Ele é um líder político que atua como superintendente para observar os técnicos no desempenho de suas funções.

A tarefa dos grupos comunistas é dar ideias claras sobre a guerra civil e sobre a necessidade de subordinar seus interesses aos interesses de todos os trabalhadores aos soldados do Exército Vermelho. Outro dever dos membros dos grupos comunistas no exército é, por exemplo pessoal, mostrar sua devoção à revolução e despertar o desejo de imitar esse exemplo em seus companheiros. Os membros dos grupos comunistas têm ainda o direito de observar como o seu próprio comissário e outros comissários cumprem os seus deveres comunistas, e podem se esforçar (apelando às organizações do partido supremo ou aos comissários responsáveis) para assegurar que as medidas necessárias sejam tomadas. Assim, somente o Partido Comunista pode – sem qualquer violação da disciplina militar geral por parte dos soldados vermelhos que são comunistas – assegurar o controle completo sobre todos os seus membros e evitar qualquer abuso de poder por parte deles.

Além dos grupos comunistas no exército e dos comissários políticos, a educação política do Exército Vermelho é supervisionada por toda uma rede de seções políticas nas divisões e nos exércitos nas várias frentes, além de ser supervisionada pelas seções de propaganda do Comissariado para a Guerra. Em seus vários departamentos, o Estado proletário da Rússia criou um poderoso instrumento para o esclarecimento e a organização de seu exército, e se esforça para obter o máximo de resultados com o mínimo de esforço. Graças à existência desse aparato, o trabalho de agitação e esclarecimento em nosso exército não é realizado fortuitamente, mas tem um caráter sistematizado. O jornal, a palavra falada nas reuniões e a instrução escolar são assegurados a cada soldado do Exército Vermelho.

Infelizmente, porém, as organizações acima descritas não escaparam ao destino comum de todas as organizações do Poder Soviético. Elas sucumbiram à burocracia, tenderam a um distanciamento das massas, por um lado, e do partido, por outro; e, na prática, muitas vezes têm se mostrado portos de refúgio para ociosos e incapazes que pertencem ao oficialato de guerra do partido. Uma campanha vigorosa contra esses abusos parece ser de importância muito mais urgente para o Partido Comunista do que a campanha contra a burocracia e a negligência no mecanismo geral soviético, pois com o sucesso da campanha anterior, nossa rápida vitória na guerra civil deve ser considerada, em certo sentido, como dependente.

§ 66. Estrutura do Exército Vermelho

Em nosso sistema de treinamento militar universal, a vida do quartel deve ser reduzida ao mínimo, para que, em última análise, o quartel vermelho possa desaparecer completamente. A estrutura do Exército Vermelho deve ser gradualmente aproximada à estrutura das unidades produtivas dos trabalhadores, de modo que o caráter artificial da unificação militar seja superado. Podemos exprimir o assunto mais claramente explicando que o exército permanente típico dos dias czaristas, o exército permanente no Estado da burguesia e da nobreza fundiária, era composto por pessoas pertencentes às mais diversas classes. Aqueles que foram chamados para o serviço foram arrancados à força de seu ambiente natural: o trabalhador, da fábrica; o camponês, do arado; o escriturário, da escrivania; o lojista, do balcão. Os recrutas foram então montados artificialmente em quartéis e distribuídos nas várias divisões do exército. Era vantajoso para o Estado burguês romper toda ligação entre o recruta proletário e sua fábrica e entre o recruta camponês e sua aldeia, para fazer do operário e do camponês instrumentos cegos para a opressão das massas trabalhadoras, e para ser fácil utilizar os trabalhadores e camponeses de uma província para atirar e abater os de outra.

Na edificação do Exército Vermelho, o Partido Comunista trabalha de maneira oposta. Embora as condições da guerra civil tenham frequentemente obrigado o partido a aproveitar ao máximo os velhos métodos de organização, a aspiração essencial é algo totalmente diferente. Nosso objetivo tem sido garantir que as subdivisões do exército no curso de sua construção (a companhia, o batalhão, o regimento, a brigada, etc.) deve harmonizar-se tanto quanto possível com a fábrica, a oficina, a aldeia, e assim por diante. Em outras palavras, nosso objetivo é transformar a unidade militar artificial – uma unidade que existia apenas por si mesma – em uma unidade natural e produtiva dos trabalhadores e, assim, reduzir a artificialidade da vida militar. As divisões proletárias construídas desta maneira são mais compactas, são disciplinadas pelo próprio método de produção, e há, portanto, menos necessidade de uma disciplina imposta de cima.

A formação de um núcleo proletário robusto e consciente de classe é de importância primordial para o Exército Vermelho. Em um país como a Rússia, em que os camponeses constituem a enorme maioria da população, a ditadura do proletariado significa necessariamente que a minoria proletária deve dirigir e organizar a maioria camponesa (o campesinato médio), e que a maioria camponesa siga a liderança do proletariado organizador e tenha plena confiança na sabedoria política e na capacidade construtiva dos trabalhadores urbanos. Esta afirmação é totalmente aplicável ao Exército Vermelho, que é forte e disciplinado precisamente na medida em que sua estrutura esquelética é proletária e comunista. Reunir esse material esquelético, distribuí-lo adequadamente e revestir a estrutura com uma quantidade suficiente do material camponês desintegrado, mas muito mais abundante, constitui a tarefa organizacional fundamental do Partido Comunista na construção do Exército Vermelho.

§ 67. Os Oficiais do Exército Vermelho

A construção do Exército Vermelho começou sobre as ruínas do antigo exército czarista. O proletariado, quando obteve a vitória na revolução de novembro, não tinha seu próprio corpo de oficiais vermelhos. Havia apenas três maneiras pelas quais os trabalhadores poderiam fazer uso efetivo das experiências da guerra mundial, podendo prese-las à guerra civil, aplicando as experiências técnico-militares que haviam sido acumuladas na guerra ao treinamento militar de seu próprio exército. A primeira possibilidade era criar equipes inteiramente novas a partir dos Vermelhos e usar membros da antiga casta de oficiais apenas como instrutores. Uma segunda maneira teria sido entregar o comando do novo exército aos oficiais do antigo exército sob a supervisão dos comissários. Um terceiro curso possível era uma combinação desses dois

métodos. O tempo urgia, a guerra civil havia começado, o novo exército precisava ser criado rapidamente, e ser enviado para a luta sem demora. As autoridades proletárias, portanto, tiveram que adotar o terceiro método. Começaram a organizar escolas para oficiais vermelhos, que em geral só eram preparados para as séries mais baixas. Além disso, muitos oficiais do antigo exército foram convidados a participar da edificação do Exército Vermelho e a participar de seu comando.

A utilização dos oficiais do antigo exército envolvia dificuldades que eram numerosas e graves, e que ainda não foram superadas. Esses oficiais podiam ser divididos em três grupos, dois pequenos e um grande. Alguns eram mais ou menos fortemente simpáticos ao poder soviético. Outros se opuseram definitivamente ao novo regime, aliaram-se aos inimigos de classe do proletariado e continuaram a dar assistência ativa a esses inimigos. O terceiro grupo, maior do que os outros juntos, consistia nos oficiais médios que se inclinavam para o lado vencedor e que estavam dispostos a servir ao governo soviético, assim como o trabalhador assalariado serve ao capitalista que compra a força de trabalho. Então, o Partido Comunista tinha obviamente que fazer todo o uso possível dos serviços da minoria simpática. Quanto à outra minoria, todos os meios de repressão tiveram que ser empregados para tornar esses reacionários inofensivos. Finalmente, no que dizia respeito aos oficiais médios, aqueles cuja atitude política era neutra na guerra civil, o proletariado tinha que mantê-los ao seu serviço e garantir que eles fizessem seu trabalho conscientemente, fosse na frente ou na retaguarda.

A utilização dos antigos oficiais deu resultados valiosos na edificação do Exército Vermelho. Neste caso, pudemos recorrer a um relato útil – a experiência técnica em assuntos militares que havia sido adquirida pelo regime burguês e latifundiário. Sua utilização, no entanto, acarretava perigos terríveis, pois ocasionalmente envolvia traição generalizada por parte dos oficiais e enormes sacrifícios dos soldados vermelhos, que foram traídos e entregues em massa ao inimigo.

A principal tarefa do Partido Comunista neste contexto é, em primeiro lugar, o treinamento eficaz de nossos próprios comandantes para o Exército Vermelho – o treinamento de oficiais vermelhos, de comunistas que serão preparados para trabalhar no estado-maior por um curso de treinamento na Academia Vermelha, que foi estabelecida pelo Poder Soviético. Em segundo lugar, temos de assegurar uma associação mais estreita entre os comissários comunistas e todos os outros membros do partido nas forças de combate, para a supervisão e controle eficaz de todos os oficiais não comunistas.

§ 68. Os Diretores devem ser eleitos ou nomeados de cima?

O exército do Estado capitalista, baseado no serviço militar universal, é composto principalmente por camponeses e operários, sob o comando de oficiais oriundos da nobreza e da burguesia. Em nosso antigo programa, quando exigimos a eleição de oficiais, nosso objetivo era garantir que o comando do exército fosse tirado das mãos das classes exploradoras. Presumimos que o exército poderia ser democratizado enquanto o poder político ainda permanecesse nas mãos da burguesia. É claro que a ideia era totalmente irrealizável, pois nenhuma burguesia do mundo jamais poderia entregar sem resistência o aparato militar de opressão. Mas na luta contra o militarismo, na campanha contra os privilégios da casta dos oficiais, a nossa exigência de eleição de oficiais revelou-se de enorme importância, e não menos importante pelo modo como contribuiu para a desintegração geral dos exércitos imperialistas.

O Exército Vermelho, por outro lado, está sob controle proletário. Os trabalhadores administram-no através dos órgãos soviéticos centrais, que eles próprios elegem. Em todos os graus da vida militar, o proletariado está no controle por meio dos comissários comunistas, que tanto na frente quanto na retaguarda são principalmente recrutados entre os trabalhadores. Nestas circunstâncias, a questão da eleição de oficiais torna-se uma questão de significado puramente técnico. A questão de real importância é que devemos saber o que fará do exército, em sua condição atual, a força de combate mais eficiente. Deste ponto de vista, será melhor eleger os dirigentes ou nomeá-los de cima? Quando levamos em consideração que nosso Exército Vermelho é recrutado principalmente entre o campesinato, quando lembramos as dificuldades a que está exposto, seu esgotamento por duas guerras e o baixo nível de consciência de classe entre os camponeses que se juntaram ao exército – torna-se óbvio para nós que a prática de eleger oficiais não pode deixar de exercer uma influência desintegradora em nossas forças. É claro que isso não exclui a possibilidade de que, em circunstâncias diferentes, a eleição de dirigentes não cause danos: por exemplo, em unidades voluntárias, firmemente compactadas de homens que possuem sentimentos fortes e revolucionários. Aqui, a eleição lançaria praticamente os mesmos oficiais que teriam sido nomeados de cima. Como regra geral, no entanto, a eleição de oficiais, embora possa ser considerada um método ideal, por razões práticas se mostraria perigosa e prejudicial na atual conjuntura. Mas quando as massas trabalhadoras que estão agora alistadas no Exército Vermelho tiverem chegado a um nível em que a eleição de oficiais seja útil e necessária, é provável que não haja mais necessidade de exércitos no mundo.

§ 69. O Exército Vermelho é provisório

A burguesia vê o sistema capitalista como a ordenação *natural* da sociedade humana, considera seu próprio regime como eterno e, portanto, constrói solidamente o instrumento de seu poder – o exército -, para durar anos e anos, se não para sempre. O proletariado vê seu próprio Exército Vermelho sob uma luz bem diferente. O Exército Vermelho foi criado pelos trabalhadores para a luta com o Exército Branco do capital. O Exército Vermelho saiu da guerra civil, e desaparecerá quando se obtiver uma vitória completa nessa guerra, quando a classe tiver sido abolida, quando a ditadura do proletariado terminar espontaneamente. O exército burguês nasceu da sociedade burguesa, e a burguesia deseja que esta criança viva para sempre porque reflete a imperecibilidade do regime burguês. O Exército Vermelho, por outro lado, é filho da classe trabalhadora, e os trabalhadores desejam para seu filho uma morte natural e gloriosa. O dia em que o Exército Vermelho puder ser dissolvido definitivamente, será o dia em que a vitória final do sistema comunista estará assinalada.

O Partido Comunista deve deixar claro aos soldados do Exército Vermelho que, se esse exército obtivesse a vitória sobre os Guardas Brancos da capital, os vencedores seriam os soldados do último exército do mundo. Mas o partido deve também deixar bem claro a todos os que participam na construção do Exército Vermelho, deve convencer todas as tropas proletárias e camponesas que os trabalhadores se tornaram soldados apenas por um breve espaço e por uma necessidade temporária, que o campo da produção é o campo natural de suas atividades, e que o trabalho no Exército Vermelho não deve, de modo algum, levar à formação de uma casta permanentemente afastada da indústria e da agricultura.

Quando a formação do Exército Vermelho foi iniciada, a formação do exército que surgiu dos Guardas Vermelhos proletários, os mencheviques e os social-revolucionários atacaram ferozmente os comunistas, declarando que estes eram falsos à palavra de ordem do armamento geral do povo e acusando-os de criar um exército permanente composto por apenas uma classe. Mas o fato de que a guerra civil não pode durar para sempre torna óbvio que o Exército Vermelho não pode ser um exército permanente. A verdadeira razão pela qual nosso exército é um exército de classe é porque a luta de classes chegou ao último extremo da amargura. Ninguém além de um utopista pequeno-burguês, ninguém que não seja irremediavelmente estúpido pode ser contra a existência de um exército de classes reconhecendo a luta de classes. É característico que a burguesia, nesta época que se seguiu ao acordo ou à guerra mundial, já não considere necessário, ou mesmo possível, esconder o caráter de classe de seu exército. O mais instrutivo, nesse sentido, foi o destino do exército permanente na Alemanha, Grã-Bretanha e França. A Assembleia Nacional Alemã foi eleita por sufrágio universal. Seu principal apoio foi a força de tropas contrarrevolucionárias voluntárias de Noske. No estágio de amargura da luta de classes e no estágio de decadência da sociedade burguesa que a Alemanha agora alcançou, é impossível que uma renda baseada no serviço militar universal possa ser

usada para a manutenção das instituições burguesas. Da mesma forma, na França e na Grã-Bretanha, durante o ano de 1919, o governo dependia principalmente do apoio, não do exército que havia sido convocado pelo serviço universal e obtido a vitória na grande guerra, mas de uma força voluntária de soldados e policiais contrarrevolucionários. Assim, não apenas na Rússia a partir do final de 1917, mas também em toda a Europa, a partir do final de 1918, um fenômeno característico foi o abandono do serviço militar universal e a adoção de um sistema de exércitos de classe. Na Rússia, os traidores do socialismo – os mencheviques e os social-revolucionários – opuseram-se fortemente à formação do Exército Vermelho do proletariado, exatamente quando, na Europa Central, seus amigos Noske e Scheidemann organizavam o Exército Branco da burguesia. Assim, a luta contra a criação do exército de classe do proletariado (uma luta conduzida em nome do serviço militar universal e em nome da *democracia*) mostrou-se, na prática, uma luta para fundar o exército de classe da burguesia.

Considerando a questão de uma milícia nacional, verificamos que o exemplo da Suíça, o exemplo da mais democrática de todas as repúblicas burguesas, mostrou o papel que essa milícia desempenha na hora em que a luta de classes se acentua. A milícia nacional, a *milícia popular* da Suíça sob um regime burguês, prova ser precisamente a mesma arma que qualquer exército permanente usa em terras menos democráticas para manter o proletariado abatido. O armamento de toda a nação levará inevitavelmente a esse resultado quando e onde for efetuado sob o regime político e econômico do capitalismo.

O Partido Comunista não defende o armamento universal do povo, mas o armamento universal dos trabalhadores. Somente em uma sociedade constituída por ninguém além dos trabalhadores, só numa sociedade sem classe, será possível armar o povo todo.

Literatura sugerida

Há pouquíssima literatura. Trotsky publicou artigos em *Pravda* e *Isvestia*. Um simpósio, *Guerra Revolucionária*, foi editado por Podvoisky e Pavlovich.
TROTSKY, A Situação Internacional e o Exército Vermelho.
TROTSKY, O Poder Soviético e o Imperialismo Internacional.
ZINOVJEFF, Nossa Situação e a Criação do Exército Vermelho.
ZINOVIEFF, Discurso sobre o Exército Vermelho.
YAROSLAVBKY, O Novo Exército.

Capítulo IX: Justiça proletária

§ 70. A administração da justiça na sociedade burguesa

§ 71. A eleição do judiciário pelos trabalhadores

§ 72. Juizados populares unificados

§ 73. Tribunais Revolucionários

§ 74. Métodos penais proletários

§ 75. Justiça proletária no futuro

§ 70. A administração da justiça na sociedade burguesa

Entre as várias instituições da sociedade burguesa que servem para oprimir e enganar as massas trabalhadoras, deve-se mencionar a justiça burguesa. Esta estimável instituição funciona sob a orientação de leis aprovadas no interesse da classe exploradora. Qualquer que seja a composição do tribunal, suas decisões são restritas de acordo com os volumes dos estatutos nos quais estão incorporados todos os privilégios do capital e toda a falta de privilégios das massas trabalhadoras.

No que diz respeito à organização da justiça burguesa, ela está em perfeita harmonia com as características do Estado burguês. Onde o Estado burguês é relativamente franco em seus métodos e está livre de hipocrisia em sua determinação de que as decisões dos tribunais sejam favoráveis à classe dominante, então os juízes são nomeados de cima; mas mesmo quando eleitos, apenas os membros do estrato privilegiado têm direito a voto. Quando as massas já estão suficientemente subjugadas pelo capital, de modo a serem devidamente submissas e considerarem as leis do Estado burguês como suas próprias leis, os trabalhadores podem, até certo ponto, ser seus próprios juízes, assim como lhes é permitido votar em exploradores e seus capangas para o parlamento. Assim se originou o julgamento por júri, graças ao qual as decisões judiciais tomadas no interesse do capital podem se mascarar como decisões tomadas pelo *povo inteiro*.

§ 71. A eleição do judiciário pelos trabalhadores

O programa dos socialistas que aderiram à Segunda Internacional continha uma demanda pela eleição popular do judiciário. Na época da ditadura proletária, esta exigência

assume um aspecto não menos impraticável e reacionário do que a exigência do sufrágio universal ou a exigência do armamento geral do povo. Quando o proletariado está no poder, não pode permitir que os inimigos de sua classe se tornem juízes. Os trabalhadores dificilmente poderiam aceitar os representantes do capital ou do interesse fundiário como administradores das novas leis que pretendem derrubar o regime capitalista! Enfim, na longa sucessão de assuntos civis e criminais, os procedimentos dos tribunais devem ser conduzidos no espírito da nova sociedade socialista que está em construção.

Por essas razões, o Poder Soviético não apenas destruiu toda a velha máquina de justiça que, servindo ao capital, hipocritamente se proclamava como a voz do povo. O Poder Soviético foi mais longe e constituiu novos tribunais, sem tentar esconder seu caráter de classe. Nos antigos tribunais, a minoria de classe dos exploradores julgava a maioria trabalhadora. Os tribunais da ditadura do proletariado são lugares onde a maioria trabalhadora julga a minoria exploradora. Eles são especialmente construídos para esta finalidade. Os juízes são eleitos apenas pelos trabalhadores. Os juízes são eleitos unicamente entre os trabalhadores. Para os exploradores, o único direito que resta é o direito de serem julgados.

§ 72. Juizados populares unificados

Na sociedade burguesa, a administração da justiça é um assunto extremamente complicado. Os juristas burgueses declaram orgulhosamente que, graças à gradação de tribunais inferiores, tribunais superiores, tribunais de apelação, etc., a justiça absoluta é assegurada e o número de erros judiciais reduzido ao mínimo. Na verdade, no passado e hoje, o funcionamento desta série graduada de tribunais foi e é para a vantagem infalível das classes possuidoras. As pessoas abastadas, podendo comandar os serviços de advogados muito bem pagos, podem levar um caso de tribunal em tribunal até obter uma decisão favorável, ao passo que um demandante pobre muitas vezes acha necessário desistir de sua ação por causa das despesas. O direito de apelação assegura uma decisão *equitativa* apenas neste sentido, que assegura um julgamento no interesse dos grupos exploradores.

O tribunal popular unificado do Estado proletário reduz ao mínimo o tempo decorrido desde o momento em que o caso é levado ao tribunal até o momento em que é definitivamente decidido. A demora da lei é muito diminuída, e se os processos ainda são lentos, é apenas porque todas as instituições soviéticas são imperfeitas durante os primeiros meses e anos da ditadura do proletariado. Mas o resultado geral é que os tribunais têm se tornado acessíveis aos estratos mais pobres e ignorantes da população; e ainda se tornarão mais acessíveis assim que a época

da guerra civil intensificada terminar e todas as relações mútuas dos cidadãos da república tenham assumido um caráter mais estável. *Inter arma leges presen* [em tempo de guerra, os tribunais estão suspensos], os romanos costumavam dizer. Mas durante a guerra civil, as leis não estão suspensas no que diz respeito aos trabalhadores. Os tribunais populares continuam a fazer seu trabalho, mas ainda é impossível para toda a população compreender a natureza dos novos tribunais de justiça e apreciar corretamente suas vantagens.

Nesta época em que a velha sociedade está sendo destruída e a nova sociedade está sendo reconstruída, os tribunais populares têm uma tarefa gigantesca a cumprir. O processo de mudança foi tão rápido que a legislação soviética não foi capaz de apresenta-lo. As leis do sistema proprietário burguês foram anuladas, mas as leis do Estado proletário ainda estão apenas esboçadas e nunca serão colocadas no papel em sua totalidade. Os trabalhadores não pretendem perpetuar seu domínio e, portanto, não precisam de tomos intermináveis de leis escritas. Quando tiverem expressado sua vontade em um dos decretos fundamentais, podem deixar a interpretação e aplicação desses decretos, no que diz respeito aos detalhes práticos, aos tribunais populares em que os juízes são eleitos pelos trabalhadores. A única questão importante é que as decisões desses tribunais sejam testemunhas da completa ruptura com os costumes e a ideologia do sistema burguês, que os juízes do povo decidam os casos que lhes são apresentados de acordo com os ditames da ideologia proletária, e não de acordo com os da ideologia burguesa. Lidando com a interminável série de disputas que surgem durante o rompimento das antigas relações e durante a realização dos direitos do proletariado, os juízes do povo podem levar a seu devido lugar a transformação que começou com a revolução de novembro do ano 1917, e que deve inevitavelmente envolver todas as relações mútuas dos cidadãos da República Soviética. Por outro lado, ao lidar com o grande número de casos que ocorrem independentemente das condições peculiares da era revolucionária – casos criminais menores de caráter pequeno-burguês – os tribunais populares devem dar expressão a uma atitude inteiramente nova em relação a tais delitos, que foi adotada pelo proletariado revolucionário, efetuando uma revolução em todo o caráter das medidas penais.

§ 73. Tribunais Revolucionários

Esses tribunais populares – para os quais os juízes são eleitos, dos quais os juízes podem ser destituídos e nos quais cada trabalhador deve cumprir seu dever judicial quando chegar a sua vez – são vistos pelo Partido Comunista como os tribunais normais do Estado Proletário. Mas na época de extrema intensificação da guerra civil, foi necessário complementar os

tribunais populares com a nomeação de tribunais revolucionários. A função dos tribunais revolucionários é lidar rápida e impiedosamente com os inimigos da revolução proletária. Tais tribunais estão entre as armas para esmagar os exploradores e, deste ponto de vista, são instrumentos de ataque e defesa proletária tanto quanto a Guarda Vermelha, o Exército Vermelho e as Comissões Extraordinárias. Consequentemente, os tribunais revolucionários são organizados em linhas menos democráticas do que os tribunais populares. Eles são nomeados pelos soviets e não diretamente eleitos pelos trabalhadores.

§ 74. Métodos penais proletários

Na luta sangrenta com o capitalismo, a classe trabalhadora não pode deixar de infligir a última extremidade da punição a seus inimigos declarados. Enquanto a guerra civil continua, a abolição da pena de morte é *impossível*. Mas uma comparação desapaixonada da justiça proletária com a justiça da contrarrevolução burguesa mostra a maravilhosa clemência dos tribunais operários em comparação com os carrascos da justiça burguesa. Os trabalhadores sentenciam à morte apenas em casos extremos. Isso foi especialmente característico dos processos judiciais durante os primeiros meses da ditadura do proletariado. Basta lembrar que, em Petrogrado, o notório Purishkevich foi condenado a apenas duas semanas de prisão pelo tribunal revolucionário. Descobrimos que as classes progressistas, as herdeiras do futuro, trataram com muita gentileza seus inimigos, enquanto as classes que estão morrendo demonstraram uma ferocidade quase incrível.

Quando passamos a considerar as punições infligidas pelos tribunais de justiça proletários por delitos que não têm qualquer significado contrarrevolucionário, descobrimos que são radicalmente diferentes daquelas infligidas por delitos semelhantes pelos tribunais burgueses. Isto é o que devemos esperar. A grande maioria dos crimes cometidos na sociedade burguesa são violações diretas dos direitos de propriedade ou estão indiretamente relacionadas à propriedade. É natural que o Estado burguês se vingue dos criminosos e que os castigos infligidos pela sociedade burguesa sejam várias expressões dos sentimentos vingativos do proprietário enfurecido. Igualmente absurdas foram e são as punições infligidas por delitos casuais, ou por delitos que surgem do caráter fundamentalmente imperfeito das relações pessoais na sociedade burguesa (crimes relacionados com as relações familiares da sociedade; aqueles resultantes de inclinações românticas; aqueles devidos a alcoolismo ou à degenerescência mental; aqueles devidos à ignorância ou à supressão do instinto social, etc.). O tribunal proletário precisa lidar com delitos para os quais o terreno foi preparado pela

sociedade burguesa, pela sociedade cujos vestígios ainda funcionam. Um grande número de criminosos profissionais, treinados para tal na velha ordem, sobrevivem para dar trabalho aos tribunais proletários. Mas esses tribunais estão inteiramente livres do espírito de vingança. Eles não podem se vingar das pessoas simplesmente porque elas viveram na sociedade burguesa. É por isso que nossos tribunais manifestam uma mudança revolucionária no caráter de suas decisões. Cada vez mais constatamos que são impostas sentenças condicionais, punições que não envolvem qualquer punição, cujo objetivo principal é evitar a repetição do delito. Outro método é o da censura social, um método que só pode ser eficaz em uma sociedade sem classes, na qual a consciência social e o senso de responsabilidade social aumentaram muito. A prisão sem ocupação, o parasitismo forçado, o método penal tão frequentemente empregado no regime czarista são substituídos pela imposição do trabalho social. O objetivo dos tribunais proletários é garantir que o dano causado à sociedade pelo criminoso seja reparado por ele através da realização de um aumento do trabalho social. Finalmente, quando o tribunal precisa lidar com um criminoso habitual (aquele cuja libertação após o cumprimento da pena implicará perigo para a vida de outros cidadãos), impõe-se o isolamento do criminoso da sociedade, mas de forma a dar ao ofensor plenas oportunidades de regeneração moral.

A maioria das medidas acima descritas, envolvendo uma completa transformação dos métodos penais habituais, já foram recomendadas pelos melhores criminologistas burgueses. Mas esses métodos continuam sendo um sonho na sociedade burguesa. Nada além da vitória do proletariado pode garantir sua realização.

§ 75. Justiça proletária no futuro

No que diz respeito aos tribunais revolucionários, esta forma de justiça proletária não tem significado para os dias futuros, assim como o Exército Vermelho não terá significado para o futuro depois de conquistar os Guardas Brancos, ou mais do que as Comissões Extraordinárias têm qualquer significado para o futuro. Em suma, todos os instrumentos criados pelo proletariado para o período crítico da guerra civil são transitórios. Quando a contrarrevolução for esmagada com sucesso, esses instrumentos não serão mais necessários e desaparecerão.

Por outro lado, a justiça proletária na forma dos tribunais populares eletivos sobreviverá inquestionavelmente ao fim da guerra civil, e terá que continuar por um longo período de uso de medidas para lidar com os vestígios da sociedade burguesa em suas múltiplas manifestações. A abolição das classes não resultará na abolição imediata da ideologia de classe, que é mais duradoura do que as condições sociais que a produziram, mais duradoura do que os instintos de

classe e que os costumes de classe que lhe deram origem. Além disso, a abolição da classe pode ser um processo demorado. A transformação da burguesia em trabalhadores e dos camponeses em trabalhadores de uma sociedade socialista será um processo tardio. A mudança na ideologia camponesa provavelmente será muito lenta e dará muito trabalho aos tribunais. Além disso, durante o período que deve preceder o pleno desenvolvimento da distribuição comunista, o período durante o qual os artigos de consumo ainda são de propriedade privada, haverá ampla ocasião para delinquências e crimes. Finalmente, as ofensas antissociais decorrentes do egoísmo pessoal e todos os tipos de ofensas contra o bem comum continuarão a fornecer trabalho para os tribunais por muito tempo. É verdade que esses tribunais mudarão gradualmente de caráter. Na medida em que o Estado se extingue, eles tenderão a se tornar simplesmente órgãos de expressão da opinião pública. Eles assumirão o caráter de tribunais de arbitragem. Suas decisões não serão mais aplicadas por meios físicos e terão um significado puramente moral.

Literatura sugerida

A literatura comunista que trata dos tribunais de justiça burgueses e proletários é escassa. Entre as obras mais antigas, as seguintes podem ser recomendadas.

MARX, Discurso ao Júri no Julgamento dos Comunistas de Colônia.

ENGELS, A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.

LASSALLE, Obras reunidas, especialmente: Discursos para a Defesa, A Ideia da Classe Operária, O Programa dos Trabalhadores.

ENGELS, Anti-Dühring (as partes que tratam do Estado).

KAUTSKY, A Natureza das Ofensas Políticas.

VAN KON, Os Fatores Econômicos do Crime.

GERNET, Os Fatores Sociais do Crime.

Publicações recentes:

STUCHKA, A Constituição do R.S.F.S.R. em Pergunta e Resposta. STUCHKA, Tribunal Popular.

HOICHBART, O que deveria ser um Tribunal Popular?

Capítulo X: Comunismo e Educação

§ 76. A Escola sob o regime burguês

§ 77. As tarefas destrutivas do comunismo

§ 78. A escola como instrumento de educação e esclarecimento comunista

§ 79. Preparação para a vida escolar

§ 80. A escola do trabalho unificada

§ 81. Educação especializada

§ 82. A universidade

§ 83. Escolas soviéticas e escolas do partido

§ 84. Instrução extraescolar

§ 85. Novos trabalhadores em nome do Iluminismo

§ 86. Os tesouros da arte e da ciência disponibilizados para os trabalhadores

§ 87. A propaganda estatal do comunismo

§ 88. Educação popular sob o czarismo e sob o poder soviético

§ 76. A Escola sob o regime burguês

Na sociedade burguesa, a escola tem três tarefas principais a cumprir. Em primeiro lugar, inspira a próxima geração de trabalhadores com devoção e respeito pelo regime capitalista. Em segundo lugar, a partir dos jovens das classes dominantes, cria controladores *cultos* da população trabalhadora. Em terceiro lugar, auxilia a produção capitalista na aplicação das ciências à técnica para aumentar os lucros capitalistas.

Quanto à primeira dessas tarefas, assim como no exército burguês, em que o *espírito certo* é inculcado pelos oficiais, também nas escolas sob o regime capitalista, a influência necessária é exercida principalmente pela casta dos *oficiais do esclarecimento popular*. Os professores das escolas públicas de ensino fundamental recebem um curso especial de treinamento pelo qual são preparados para o papel de *domadores de animais*. Somente as pessoas que adquiriram completamente a visão burguesa podem ingressar nas escolas como professores. Os ministérios da educação no regime capitalista estão sempre atentos e implacavelmente purgam a profissão docente de todos os elementos perigosos (pelo que eles

querem dizer socialistas). As escolas primárias públicas alemãs serviram, antes da revolução, como complementos ao quartel de Guilherme II, e foram exemplos brilhantes da forma como a pequena nobreza e a burguesia podem fazer uso da escola para a fabricação de escravos fiéis e cegos do capital. Nas escolas primárias do regime capitalista, a instrução é dada de acordo com um programa definido perfeitamente adaptado para a entrada dos alunos no sistema capitalista. Todos os livros didáticos são escritos em um espírito apropriado. Toda a literatura burguesa serve ao mesmo fim, pois é escrita por pessoas que consideram a ordem social burguesa como natural, perdurável e o melhor de todos os regimes possíveis. Deste modo, os eruditos ficam imperceptivelmente recheados de ideologia burguesa, infectados com entusiasmo por todas as virtudes burguesas, são inspirados a estimar a riqueza, o renome, títulos e ordens, aspiram a progredir no mundo, anseiam por conforto pessoal e assim por diante. O trabalho dos educadores burgueses é completado pelos servidores da Igreja com sua instrução religiosa. Graças às íntimas associações entre o capital e a igreja, a Lei de Deus invariavelmente prova ser a lei das classes possuidoras³⁶. Na sociedade capitalista, o segundo objetivo principal da educação burguesa é assegurado pela cuidadosa obstrução da educação secundária e da educação superior das massas trabalhadoras. A instrução nas escolas secundárias, e ainda mais no ensino superior, é extremamente cara, de modo que está muito além dos recursos financeiros dos trabalhadores. O curso de instrução, no ensino médio e superior, tem duração de dez anos ou mais. Por isso, é inacessível ao operário e ao camponês que, para sustentar a família, são obrigados a enviar os filhos muito cedo para o trabalho fabril ou no campo, ou então obrigam os jovens a trabalhar em casa. Na prática, as escolas de ensino médio e superior são as reservas da juventude burguesa. Nelas, os membros mais jovens das classes governantes são treinados para suceder seus pais em carreiras de exploração, ou para ocupar os cargos oficiais e técnicos do Estado capitalista. Nessas escolas, da mesma forma, a instrução tem um caráter definitivamente de classe. Nos domínios da matemática, da técnica da indústria e das ciências naturais isso pode ser menos impressionante, mas o caráter de classe do ensino é notável no caso das ciências sociais, em que a visão de mundo dos alunos é, na realidade, formada. A economia política burguesa é inculcada com todos os métodos mais perfeitos para a *aniquilação de Marx*. A sociologia e a história também são ensinadas a partir de uma perspectiva puramente capitalista. A história da jurisprudência termina com o tratamento da jurisprudência burguesa

36 Na Rússia czarista, o método pelo qual as massas permaneceram sujeitadas ao Estado Aristocrático não era, como um todo, burguês-sacerdote-czarista, mas simplesmente o de negar qualquer tipo de esclarecimento. Nesse sentido, podemos nos referir à notória “teoria” do célebre obscurantista Pobedonostseff, que considerava a ignorância popular o principal suporte da autocracia.

como direito natural do *homem e do cidadão*; etc., etc. Em suma, as escolas superiores e médias ensinam aos filhos dos capitalistas todos os dados necessários para a manutenção da sociedade burguesa e de todo o sistema de exploração capitalista. Se algum dos filhos dos operários, por acaso, for excepcionalmente dotado, encontrar o caminho para as escolas superiores, na grande maioria dos casos, o aparelho escolar burguês servirá como um meio de separá-lo de seus próprios parentes de classe, e present-lo com a ideologia burguesa para que, em longo prazo, o gênio desses descendentes da classe trabalhadora seja responsável pela opressão dos trabalhadores.

Voltando, finalmente, para a terceira tarefa da educação capitalista, descobrimos que a escola a cumpre da seguinte forma. Em uma sociedade de classes onde o capitalismo é dominante, a ciência está divorciada do trabalho. Não só se torna propriedade das classes possuidoras. Mais do que isso, torna-se a profissão de um pequeno e relativamente estreito círculo de indivíduos. A instrução científica e a pesquisa científica estão divorciadas do processo de trabalho. A fim de se valer dos dados da ciência e present-los na produção, a sociedade burguesa deve criar uma série de instituições que sirvam para a aplicação das descobertas científicas para a técnica manufatureira, e tem que criar um número de escolas técnicas que facilitem a manutenção da produção no nível possibilitado pelo avanço da ciência *pura* - isto é, ciência divorciada do trabalho. Além disso, as escolas politécnicas da sociedade capitalista não servem apenas para fornecer especialistas técnicos para a sociedade capitalista: elas também fornecem aqueles que atuarão como gerentes, os que trabalharão como *capitães da indústria*. Além disso, para fornecer o pessoal que supervisionará a circulação de mercadorias, foram fundadas numerosas escolas e academias comerciais.

Em todas essas organizações, tudo o que estiver ligado à produção perdurará. Mas tudo o que diz respeito apenas à produção capitalista morrerá. Persistirá tudo o que promova o avanço da ciência; perecerá o que promove a separação entre a ciência e o trabalho. Serão preservados os métodos de instrução técnica - mas a instrução em métodos técnicos totalmente à parte da execução do trabalho físico será abolida. Será preservada e ampliada a utilização da ciência para posterior produção. Por outro lado, quaisquer impedimentos a essa utilização da ciência, na medida em que o capital tende a fazer uso da ciência apenas para, em um dado momento, a ciência tender a aumentar os lucros, serão eliminados.

§ 77. As tarefas destrutivas do comunismo

Em matéria de educação, como em todas as outras questões, o Partido Comunista não se defronta apenas com tarefas construtivas, pois nas fases iniciais de sua atividade enfrenta igualmente tarefas destrutivas. No sistema educacional que lhe foi legado pela sociedade capitalista, deve se apressar a destruir tudo o que fez da escola um instrumento do domínio da classe capitalista.

Na sociedade capitalista, os estágios superiores da vida escolar eram propriedade exclusiva das classes exploradoras. Essas escolas, em sua série interminável de escolas clássicas superiores, escolas modernas superiores, institutos, corpos de cadetes, etc., devem ser destruídas.

O corpo docente das escolas burguesas servia aos propósitos da cultura burguesa e da fraude. Devemos expulsar impiedosamente da escola proletária todos os professores das velhas escolas que não podem ou não querem se tornar instrumentos para o esclarecimento comunista das massas.

Nas escolas do antigo regime, eram contratados professores que haviam sido doutrinados com o espírito burguês; nessas escolas eram praticados métodos de instrução que serviam aos interesses de classe da burguesia. Em nossas novas escolas, devemos fazer uma limpeza geral de todas essas coisas.

A velha escola estava intimamente associada à religião - pelo ensino religioso obrigatório, frequência obrigatória às orações e ida obrigatória à igreja. A nova escola expulsa forçosamente a religião de dentro de seus muros, sob qualquer disfarce que busque entrar e de qualquer forma diluída que grupos reacionários de pais desejem arrastá-la de volta.

A antiga universidade criou uma corporação fechada de professores, uma guilda de professores, o que impediu a introdução de uma nova força docente na universidade. A corporação fechada de professores burgueses deve ser dissolvida, e as cátedras devem ser abertas a todos os instrutores competentes.

Sob o regime czarista, o russo era a única língua permitida no serviço do Estado e na escola; os súditos não-russos do czar não tinham permissão para receber instrução em sua língua nativa. Nas novas escolas, todo vestígio de opressão nacional desaparece do âmbito da instrução, pois aqueles de todas as nacionalidades têm o direito de receber educação em suas respectivas línguas.

§ 78. A escola como instrumento de educação e esclarecimento comunista

A burguesia compreende uma minoria muito pequena da população. Isso, no entanto, não a impede de complementar os outros instrumentos de opressão de classe pelo uso da escola para educar e quebrar os milhões de trabalhadores, para inculcá-los com a ideologia burguesa. Desta forma, a maioria da população é constrangida a aceitar a perspectiva e a moralidade de uma fração numericamente insignificante.

Nos países capitalistas, o proletariado e o semiproletariado constituem a maioria da população. Na Rússia, os trabalhadores urbanos, embora minoritários, tornaram-se, em questões políticas, os líderes e os organizadores da luta em nome de todos os trabalhadores. É natural, portanto, que o proletariado urbano, tendo tomado o poder, use esse poder principalmente para esse fim, para elevar todas as camadas atrasadas da população trabalhadora ao nível necessário de consciência comunista. A burguesia usou a escola para a escravização de todos os que vivem do trabalho. O proletariado usará a escola para libertá-los, para varrer os últimos vestígios da escravidão espiritual da consciência dos trabalhadores. Graças às escolas, a burguesia pôde impor uma mentalidade burguesa às crianças proletárias. A tarefa das novas escolas comunistas é impor uma mentalidade proletária às crianças burguesas e pequeno-burguesas. No campo da mente, na esfera psicológica, a escola comunista deve efetuar a mesma derrubada revolucionária da sociedade burguesa, deve efetuar a mesma expropriação que o Poder Soviético efetuou na esfera econômica pela nacionalização dos meios de produção. As mentes dos homens devem estar preparadas para as novas relações sociais. Se as massas acham difícil construir uma sociedade comunista, é porque em muitos setores da vida mental as pessoas ainda têm os dois pés firmemente plantados no solo da sociedade burguesa, porque ainda não se libertaram dos preconceitos burgueses. Em parte, portanto, é tarefa da nova escola adaptar a mentalidade dos adultos às novas condições sociais. Mais ainda, no entanto, é tarefa da nova escola formar uma geração mais jovem cuja ideologia inteira esteja profundamente enraizada no solo da nova sociedade comunista.

A consecução deste fim deve ser promovida por todas as nossas reformas educacionais, algumas das quais já foram inauguradas, enquanto outras ainda aguardam realização.

§79. Preparação para a vida escolar

Na sociedade burguesa, a criança é considerada propriedade de seus pais - se não totalmente, pelo menos em grande medida. Quando os pais dizem *minha filha, meu filho*, as

palavras não implicam simplesmente a existência de um relacionamento parental, mas também expressam a visão dos pais de que eles têm o direito de educar seus próprios filhos. Do ponto de vista socialista, tal direito não existe. O ser humano individual não pertence a si mesmo, mas à sociedade, à raça humana. O indivíduo só pode viver e prosperar devido à existência da sociedade. A criança, portanto, pertence à sociedade em que vive e graças à qual nasceu – e essa sociedade é algo mais do que a *sociedade* de seus próprios pais. À sociedade, igualmente, pertence o direito primário e básico de educar as crianças. Deste ponto de vista, a alegação dos pais de criar seus próprios filhos e, assim, imprimir na psicologia das crianças suas próprias limitações, não deve apenas ser rejeitada, mas deve ser absolutamente ridicularizada fora do tribunal. A sociedade pode confiar a educação dos filhos aos pais; mas pode se recusar a fazer qualquer coisa desse tipo; e há mais razão para que a sociedade se recuse a confiar a educação aos pais, visto que a faculdade de educar os filhos é muito mais raramente encontrada do que a faculdade de gerá-los. De cem mães, talvez encontremos uma ou duas que sejam educadoras competentes. O futuro pertence à educação social. A educação social permitirá que a sociedade socialista treine a próxima geração com mais sucesso, com o menor custo e com o menor gasto de energia.

A educação social das crianças, portanto, deve ser realizada por outros motivos além dos motivos pedagógicos. As vantagens econômicas são enormes. Centenas de milhares, milhões de mães serão, assim, liberadas para o trabalho produtivo e para a autocultura. Serão libertadas da rotina destruidora da alma do trabalho doméstico e da interminável série de deveres mesquinhos que estão envolvidos na educação dos filhos em seus próprios lares.

É por isso que o Poder Soviético está se esforçando para criar uma série de instituições para a melhoria da educação social, que se destinam gradualmente a universalizá-la. A esta classe de instituições pertencem os jardins de infância, para os quais os trabalhadores braçais, escriturários, etc., podem enviar os seus filhos, confiando-os a especialistas que irão preparar as crianças para a vida escolar. A esta categoria também pertencem os lares ou jardins de infância residenciais. Também há colônias infantis, onde as crianças vivem, permanentemente ou por um período considerável, longe de seus pais. Existem ainda as creches, instituições de acolhimento de crianças menores de quatro anos; nelas, os pequeninos são cuidados enquanto os pais estão no trabalho.

O Partido Comunista, portanto, por um lado, deve garantir, através do funcionamento das instituições soviéticas, que haja um desenvolvimento mais rápido dos lugares onde as crianças são preparadas para a vida escolar, e deve garantir que haja melhoria constante na

formação ministrada em tais locais. Por outro lado, pela intensificação da propaganda entre os pais, o partido deve superar os preconceitos burgueses e pequeno-burgueses relativos à necessidade e superioridade da educação domiciliar. Então, a propaganda teórica deve ser reforçada pelo exemplo das instituições educacionais mais bem conduzidas do Poder Soviético. Com demasiada frequência, as condições insatisfatórias dos lares, creches, jardins de infância, etc., impedem os pais de lhes confiarem os seus filhos. Deve ser tarefa do Partido Comunista, e especialmente das seções femininas, induzir os pais a se esforçarem para melhorar a educação social, não se distanciando dela, mas enviando seus filhos para as instituições apropriadas e exercendo o controle mais amplo possível sobre eles através de organizações de pais.

§ 80. A escola do trabalho unificada

As instituições preparatórias são para crianças de até sete anos. Depois dessa idade, a educação e a instrução devem ser efetuadas na escola, não em casa. A educação deve ser obrigatória, o que marca um grande avanço sobre os tempos czaristas. Deve ser gratuita, e isso também marca um grande avanço, pois mesmo nas terras burguesas mais progressistas apenas a educação elementar é gratuita. A educação está naturalmente aberta a todos, pois os privilégios educacionais e culturais de grupos especiais da população já foram abolidos. A **educação universal, igualitária e obrigatória** é disponibilizada para todas as crianças de sete a dezessete anos.

A escola deve ser unificada. Isso significa, em primeiro lugar, que a segregação dos sexos na escola deve ser eliminada, que meninos e meninas devem ser educados juntos, que deve haver coeducação. A unificação significa, ainda, a abolição da classificação das escolas como escolas de ensino fundamental, de ensino médio e de ensino superior, não tendo nenhuma ligação umas com as outras e funcionando de acordo com programas que são bastante independentes uns dos outros. Isso implica que não deve mais haver uma divisão das escolas de ensino fundamental e médio, por um lado, e escolas especializadas ou técnicas, por outro, ou em escolas comuns e escolas para classes especiais da população. A escola unificada fornece um único sistema gradativo, pelo qual todo aluno na república socialista pode e deve passar. Meninos e meninas começarão no jardim de infância e trabalharão juntos em todas as etapas até o topo. Isto concluirá o ensino obrigatório geral, também o ensino técnico obrigatório para todos os alunos.

Será óbvio para nossos leitores que a escola unificada não é apenas o ideal de todo educador avançado, mas é o único tipo possível de escola em uma sociedade socialista, ou seja,

em uma sociedade sem classes ou em uma que se esforça para abolir a classe. Somente o socialismo pode realizar esse ideal da escola unificada, embora certos educadores burgueses tenham aspirado a isso.

A escola da república socialista deve ser uma escola do trabalho. Isso significa que a instrução e a educação devem estar unidas ao trabalho e devem se basear no trabalho. O assunto é importante por muitas razões. É importante, em primeiro lugar, por causa de sua influência na instrução bem-sucedida. Uma criança aprende mais facilmente, mais voluntariamente e mais profundamente, não aquilo que vem dos livros ou das palavras do professor, mas da experiência pessoal do que está fazendo com suas próprias mãos. Podemos compreender mais facilmente nosso ambiente natural quando trabalhamos sobre a natureza em nossas tentativas de modificá-la. Essa unificação da instrução com o trabalho já começou nas escolas burguesas mais progressistas. É impossível, no entanto, realizá-la completamente no sistema burguês, em que os elementos parasitários são deliberadamente cultivados e no qual o trabalho físico é separado do trabalho mental por um abismo intransponível.

O trabalho é necessário, não só para o desenvolvimento físico saudável das crianças, mas também para o desenvolvimento adequado de todas as suas faculdades. A experiência mostra que o tempo que passam na escola em trabalhos práticos, longe de retardar seu progresso em todo tipo de conhecimento teórico, contribui muito para seu avanço no campo teórico.

Finalmente, para a sociedade comunista, a escola do trabalho é absolutamente indispensável. Cada cidadão dessa sociedade deve estar familiarizado com pelo menos os elementos de todos os ofícios. Na sociedade comunista não haverá corporações fechadas, nem guildas estereotipadas, nem grupos especializados petrificados. O mais brilhante homem de ciência também deve ser hábil no trabalho manual. Ao aluno que está prestes a deixar a escola unificada do trabalho, a sociedade comunista diz: *Você pode ou não se tornar um professor; mas em qualquer caso, você deve produzir valores.* As primeiras atividades de uma criança assumem a forma de brincadeira; o jogo deve passar gradualmente ao trabalho por uma transição imperceptível, de modo que a criança aprenda desde o início a considerar o trabalho, não como uma necessidade desagradável ou como um castigo, mas como uma expressão natural e espontânea da faculdade. O trabalho deve ser uma necessidade, como o desejo de comer e beber: esta necessidade deve ser inculcada e desenvolvida na escola comunista.

Na sociedade comunista, com seu vigoroso progresso técnico, haverá inevitavelmente grandes e rápidas transferências de força de trabalho de um departamento para outro. Por exemplo, uma descoberta na indústria de tecelagem ou fiação pode reduzir a necessidade de

tecelões e fiandeiros, e pode aumentar o número de trabalhadores necessários para o cultivo de algodão. Nesses casos, uma redistribuição de energias e ocupações será essencial, e só poderá ser realizada com sucesso se cada trabalhador da sociedade comunista for mestre em vários ofícios. A sociedade burguesa enfrenta essas dificuldades pelo expediente do exército industrial de reserva, o que significa que há sempre um maior ou menor resíduo de desempregados. Na sociedade comunista não haverá exército de desempregados. A reserva de trabalhadores necessária para qualquer ramo de produção em que se manifeste deficiência de força de trabalho será constituída pela competência dos trabalhadores de outros ramos de produção para preencher as vagas. A escola unificada do trabalho, e nada mais, pode proporcionar a formação de trabalhadores que poderão desempenhar as mais diversas funções da sociedade comunista.

§ 81. Educação especializada

Até os dezessete anos, todos os jovens da república devem frequentar a escola unificada do trabalho, adquirindo ali a soma de conhecimentos teóricos e práticos indispensáveis a todo cidadão da sociedade comunista. Mas a instrução não deve terminar aí. O conhecimento especializado é necessário, além do conhecimento geral. A totalidade das ciências mais indispensáveis é tão vasta, que nenhum indivíduo pode compreendê-la em sua totalidade. A unificação da educação na escola unificada do trabalho não pretende, de forma alguma, excluir a formação especializada. Nosso objetivo é apenas adiar o treinamento especializado até que a última etapa seja alcançada. Já durante as fases posteriores do trabalho na escola unificada do trabalho, no caso de alunos entre as idades de catorze e dezessete anos, a inclinação para uma ou outra ocupação invariavelmente se manifestará. Não é apenas possível, mas também necessário, dar vazão ao desejo natural de um conhecimento mais íntimo de algumas das ciências. Mas é claro que isso não deve ser feito em detrimento do programa educacional geral da escola do trabalho.

O verdadeiro treinamento especializado não deve, entretanto, começar antes dos dezessete anos. O limite de idade é selecionado por vários motivos. Até os dezessete anos, os alunos da escola trabalhista são mais estudiosos do que trabalhadores. O objetivo fundamental dos processos de trabalho na escola não é criar valores e contribuir para o orçamento do Estado, mas transmitir instrução. Após os dezessete anos, o aluno se torna um trabalhador. Ele deve cumprir sua cota de trabalho, deve desempenhar o seu devido papel na produção de bens para a comunidade humana. Ele só pode receber instrução especializada na medida em que, primeiro, cumpriu seu dever fundamental para com a sociedade. Por isso, como é certo, a instrução

especializada para jovens a partir dos dezessete anos só pode ser ministrada fora do horário de trabalho. Com o avanço da técnica de fabricação, podemos esperar que a jornada de trabalho seja inferior a oito horas e, dessa forma, será fornecido a todos os membros da sociedade comunista bastante tempo para educação especializada. Em certos casos, e quando se trata de pessoas de talento incomum, pode ser desejável abrir exceções na forma de isenção de trabalho por um certo número de anos, a fim de proporcionar oportunidade de estudo ou trabalho de pesquisa. Se a isenção total do trabalho parecer indesejável ao interesse social, pode haver uma redução especial da jornada de trabalho para esses indivíduos.

§ 82. A universidade

No momento, ainda é impossível prever com precisão o caráter que as escolas superiores de formação especializada assumirão sob o comunismo. Elas provavelmente serão de vários tipos. Haverá locais onde serão ministrados cursos breves. Haverá politécnicos e escolas-laboratório, nas quais será ministrada instrução, ao mesmo tempo em que se desenvolve a pesquisa experimental; neles, toda distinção entre professores e alunos terá desaparecido. Mas ainda hoje podemos estar perfeitamente certos de que as universidades em sua forma atual, com seus atuais quadros de professores, deixaram de ser instituições úteis. Elas levam um estágio adiante, o mesmo tipo de instrução que era fornecido nas escolas burguesas do tipo antigo. Por enquanto, essas universidades podem ser reformadas pela fermentação do corpo docente com a adição de pessoas que talvez não atinjam o padrão dos *especialistas eruditos da sociedade burguesa*, mas que serão plenamente competentes para efetuar a revolução necessária no ensino das ciências sociais, e serão capazes de expulsar a cultura burguesa de seu último refúgio. Além disso, a composição do público será alterada, pois a maioria dos alunos será operária, e é claro que, assim, a ciência técnica passará para a posse da classe trabalhadora. Mas a frequência dos trabalhadores nas universidades implicará necessariamente a sua manutenção a expensas do Estado durante todo o período de instrução. Tudo isso é considerado na seção educacional do programa do partido. (Veja seção *Educação do Programa do Partido Comunista da Rússia*³⁷).

37 Em publicação específica com o mesmo título, ou no *ABC do Comunismo* – Volume único.

§ 83. Escolas soviéticas e escolas do partido

Durante o regime de Kerensky, o aparato escolar czarista ficou praticamente intacto. O Partido Comunista, tendo chegado ao poder, encarregou-se de destruir inteiramente esse aparato. Sobre as ruínas da velha escola de classe, os comunistas começaram a construção da escola do trabalho superior como o embrião da escola normal do trabalho da sociedade comunista. Eles estão se esforçando para erradicar, da universidade burguesa, tudo o que costumava promover a manutenção do domínio capitalista. O conhecimento acumulado ao longo dos tempos em que as classes possuidoras estavam no poder, está se tornando acessível a todos os trabalhadores. Assim, está sendo iniciada a construção do tipo normal de universidade para a sociedade comunista.

Mas entre todas as ciências conhecidas da cultura burguesa, não havia nenhuma que fornecesse qualquer informação sobre como a revolução proletária deveria ser realizada. Entre todas as escolas que a burguesia fundou e que a sociedade comunista começou a reconstruir, não havia uma que ensinasse como construir o Estado proletário. O período de transição entre o capitalismo e o comunismo deu origem a um tipo especial de escola, que se destina a ser útil à revolução em curso e a ajudar na construção do aparelho soviético. Estes eram os propósitos das escolas do partido e dos soviets que cresceram sob nossos próprios olhos, para dar cursos breves e ocasionais de instrução, e que estão se transformando em instituições permanentes para a formação de quem trabalha no partido e nos soviets. A transformação era inevitável. A construção de um Estado soviético é uma tarefa inteiramente nova. Não há precedente histórico para nada desse tipo. O trabalho das instituições soviéticas se desenvolve e melhora a cada dia; é essencial para o sucesso que cada trabalhador dos soviets possa valer-se de toda a experiência de seus predecessores. A autoeducação no trabalho administrativo, que pode ser efetuada pela participação de todos os trabalhadores nos soviets, parece insuficiente. Essa experiência deve ser recolhida, sistematizada, elaborada e colocada à disposição de todos os trabalhadores que estão empenhados na edificação do sistema soviético, para que cada revezamento de trabalhadores que venha a participar na administração possa ser salvo de cometer as falhas de seus antecessores; para que os recém-chegados aprendam não com seus próprios erros, mas com os erros cometidos por outros e pelos quais o Estado já teve que pagar. As escolas para o trabalho soviético também devem servir a esse fim, e já temos na República Soviética uma escola central de trabalho soviético no *Comitê Executivo Central de Toda a Rússia*, que é uma escola permanente. Em breve, sem dúvida, escolas semelhantes de trabalho soviético serão estabelecidas nas capitais de todas as províncias.

Passando agora a considerar as escolas do partido, verificamos que elas sofreram uma mudança radical de caráter durante o período de transição real para o comunismo. No início eram as escolas de um partido definido, apoiado pelo proletariado, e nessa fase tinham um caráter puramente político. Agora elas se tornaram lugares onde se ensina a transformação comunista da sociedade e, portanto, são escolas de Estado. Ao mesmo tempo, são academias militares para fins de guerra civil. Foi somente graças a essas escolas que o proletariado pôde formar uma ideia do significado objetivo da transformação pela qual está passando meio inconscientemente, quase instintivamente - pois ainda realiza apenas os objetivos concretos mais estreitos e é incompetente para compreender a natureza do processo revolucionário como um todo. As escolas do partido não são apenas capazes de fornecer ao proletariado uma explicação científica sobre a natureza e o objetivo da revolução, mas também podem ensinar aos trabalhadores como alcançar os objetivos da revolução pelo caminho mais curto e com o menor esforço.

§ 84. Instrução extraescolar

Sob o regime czarista, a grande maioria da população trabalhadora foi deliberadamente mantida em permanente estado de ignorância e analfabetismo. Uma enorme porcentagem de analfabetos foi entregue pela autocracia ao Poder Soviético, que naturalmente foi obrigado a adotar medidas heroicas para se livrar do legado. Os departamentos de instrução pública abriram escolas para adultos incapazes de ler e escrever, e tomaram várias medidas adicionais para acabar com o analfabetismo. Contudo, além da utilização do aparato escolar do Comissariado para a Educação, o Partido Comunista deve fazer o máximo para garantir que as massas aproveitem as oportunidades oferecidas para a instrução dos analfabetos. Então, os soviets da cultura popular, eleitos entre todos os trabalhadores e camponeses interessados em questões educacionais, devem desempenhar seu papel. Outro meio tem sido a mobilização de todos os que sabem ler e escrever para a instrução de todos os analfabetos. Tal mobilização está começando em várias partes da república, e é tarefa do partido garantir que o movimento seja conduzido em todos os lugares de acordo com um plano definido.

Além de continuar a luta contra o analfabetismo, o Poder Soviético deve dedicar muita energia e muitos meios materiais para ajudar os empreendimentos autoculturais da população, especialmente dos adultos. Inúmeras bibliotecas foram inauguradas para atender às demandas da população trabalhadora. Sempre que possível, foram estabelecidas casas e clubes populares e foram criadas universidades populares. O cinema, que até agora serviu de meio para

desmoralizar as massas e para enriquecer os proprietários, está gradualmente, embora muito lentamente, tornando-se um dos instrumentos mais potentes para o esclarecimento das massas e sua educação no espírito do socialismo. Cursos e palestras de vários tipos, gratuitos e acessíveis a todos, podem agora, graças à jornada de trabalho mais curta, tornar-se uma propriedade geral dos trabalhadores. No futuro, de grande importância em matéria de esclarecimento será a cuidadosa organização de excursões de férias, que permitirão aos trabalhadores se familiarizarem com sua própria terra e com o mundo estrangeiro. Não há dúvida de que, nos próximos dias, tais excursões terão imensa importância para os trabalhadores de todos os países.

§ 85. Novos trabalhadores em nome do Iluminismo

As reformas educacionais do Poder Soviético foram mais bem sucedidas do que as reformas e inovações efetuadas em qualquer outro departamento. Há uma razão adicional para isso, além do fato de que o Estado Soviético destina à educação popular uma proporção enormemente maior de suas receitas do que é dedicada a esse fim por qualquer Estado burguês. Acima de tudo, devemos lembrar que o caminho para a realização da ideia da escola unificada do trabalho já havia sido preparado, em grande medida, pelos educadores mais avançados da sociedade burguesa. Os principais educadores russos puderam, sob o regime soviético, realizar na prática, de forma notável, aquilo que, de uma perspectiva puramente pedagógica, eles já consideravam socialmente necessário. Entre os trabalhadores da educação que se uniram, do lado da burguesia e do interesse fundiário, ao lado do Poder Soviético, encontramos um grande número de indivíduos que se opuseram e ainda se opõem à revolução proletária em geral, mas que estão sinceramente em favor da revolução que foi realizada pelo proletariado no campo educacional.

Essas condições favoráveis, no entanto, não são suficientes para superar as dificuldades do Estado proletário no que diz respeito à provisão de trabalhadores educacionais genuinamente comunistas. O número de comunistas entre os professores, como entre os especialistas em geral, é apenas uma minoria insignificante. A maioria dos professores se opõe ao comunismo. A maioria deles, no entanto, são pessoas com um tipo de mente oficial, que estão prontas para servir a qualquer governo e trabalhar em qualquer horário, mas que têm um carinho especial por um programa que era familiar a seus pais e avós. No que diz respeito a este assunto, portanto, os comunistas têm uma dupla tarefa. Em primeiro lugar, eles devem mobilizar todos os melhores elementos da profissão docente e, por meio de atividade intensificada, devem criar

entre eles núcleos de esforço comunista. Em segundo lugar, o Partido Comunista deve criar, com e para a geração mais jovem, uma escola inteiramente nova de educadores, composta por pessoas que desde o início foram treinadas no espírito do comunismo, e sobretudo no espírito do programa educacional comunista.

§ 86. Os tesouros da arte e da ciência disponibilizados para os trabalhadores

Sob o capitalismo, o talento é visto como propriedade privada de seu possuidor imediato, e é considerado um meio de enriquecimento. Na sociedade capitalista, o produto da atividade talentosa é uma mercadoria que pode ser vendida por um preço ou outro, tornando-se, assim, posse da pessoa com a bolsa mais cheia. Uma obra de gênio, uma coisa de infinita significação social, e cuja natureza essencial é a de uma criação coletiva, pode ser comprada por um russo chamado Kolupayeff ou por um americano chamado Morgan, e o comprador tem o direito de trocá-la, vendê-la, ou destruí-la, conforme suas próprias extravagâncias. Se Tretyakoff, o famoso mercador de Moscou, um belo dia decidisse queimar sua galeria de quadros em vez de apresentá-la à cidade de Moscou, não havia nenhuma lei na sociedade capitalista pela qual ele pudesse ser chamado a prestar contas. Como resultado da compra e venda privada de obras de arte, livros raros, manuscritos, etc., muitos deles se tornam inacessíveis às grandes massas do povo, e essas raridades tornam-se propriedade exclusiva dos membros da classe exploradora. A República Soviética declarou todas as obras de arte, coleções, etc., como propriedade social, e remove todos os obstáculos à sua utilização social. O mesmo propósito é servido pelos decretos que visam à retirada da propriedade privada das grandes bibliotecas, para que estas também se tornem propriedade social.

O Partido Comunista deve cuidar para que a autoridade do Estado continue avançando nessa linha. Em vista da atual falta de livros e da impossibilidade de lançar rapidamente grandes edições e reimpressões, é necessário que haja mais restrição à propriedade privada, e que os livros sejam reunidos em bibliotecas públicas, em escolas, etc.

Além disso, no interesse do esclarecimento e para garantir a oportunidade ao maior número possível de pessoas de visitar o teatro, todos os teatros foram nacionalizados e assim, de forma indireta, tem-se alcançado a socialização da arte dramática, musical e vocal.

Gradualmente, portanto, todas as obras de ciência e arte - que foram criadas em primeira instância pela exploração das massas trabalhadoras, eram um fardo para suas costas e foram produzidas às suas custas - agora foram devolvidas aos verdadeiros proprietários.

§ 87. A propaganda estatal do comunismo

Com a derrubada do sistema capitalista, e agora que sobre suas ruínas está sendo construída a nova sociedade comunista, a propaganda das ideias comunistas não pode ser deixada apenas para o Partido Comunista, e não pode ser conduzida apenas com seus modestos meios. A propaganda comunista tornou-se uma necessidade para toda a sociedade em regeneração. Ela deve acelerar o inevitável processo de transformação. Para os inovadores, que muitas vezes trabalham sem ter plena consciência do que estão fazendo, a propaganda comunista deve revelar o significado de suas energias e de seus trabalhos. Portanto, é necessário que não apenas a escola proletária, mas também todo o mecanismo do Estado proletário contribua para o trabalho de propaganda comunista. Essa propaganda deve ser feita no exército, deve ser realizada em e por todos os instrumentos do Poder Soviético.

O método mais poderoso de propaganda comunista do Estado é a atividade de publicação do Estado. A nacionalização de todas as reservas de papel e de todos os estabelecimentos de impressão permite ao Estado proletário, apesar da grande escassez de papel, publicar aos milhões qualquer literatura que seja particularmente importante para as massas em um dado momento. Tudo o que sai das imprensas do Estado é disponibilizado à generalidade do povo por meio de publicação a um preço muito baixo, e aos poucos está se tornando possível a edição gratuita de livros, panfletos, jornais e cartazes. A propaganda estatal do comunismo torna-se, em longo prazo, um meio para a erradicação dos últimos vestígios da propaganda burguesa do antigo regime, e é um poderoso instrumento para a criação de uma nova ideologia, de novos modos de pensamento, de uma nova visão do mundo.

§ 88. Educação popular sob o czarismo e sob o poder soviético

Os gastos do Estado com a educação popular na Rússia estão apresentados na tabela a seguir.

Ano	Rublos
1891	22.810.260
1911	27.888.000
1916	195.624.000
1917	339.831.687
1918	2.914.082.124
1919 (metade do ano)	8.888.000.000

Vemos que a transferência do poder para o proletariado foi imediatamente seguida por um aumento de quase dez vezes nos gastos com a educação popular.

No ano de 1917 havia, em 1º de setembro, 88.887 escolas primárias (em 26 províncias).

No ano letivo de 1917-18, havia 52.274 escolas primárias, com 4.188.982 alunos.

No ano letivo de 1918-19, havia aproximadamente 62.288 escolas primárias.

No que diz respeito às escolas secundárias, no ano letivo de 1917-18 foram 1880; e no ano letivo de 1918-19, foram 8788.

As escolas preparatórias e instituições semelhantes eram bastante desconhecidas sob o regime czarista. Neste assunto, o Poder Soviético teve que começar inteiramente de novo. Apesar das circunstâncias desfavoráveis, em 1º de outubro de 1919, em 81 províncias, os jardins de infância, escolinhas e lares contavam 2.615 e cuidavam de 155.448 crianças. Nessa data, cerca de 2 a 5 por cento de todas as crianças de três a cinco anos de idade frequentavam essas instituições. Nas cidades, a porcentagem de crianças cuidadas dessa maneira é agora de 10%, e a proporção aumenta continuamente.

Literatura sugerida

Tratando da questão da Escola do Trabalho.

Regulamento da Escola Única do Trabalho da R.S.F.S.R. (1918)

POSNER, A Escola Unificada do Trabalho (1918).

A Escola do Trabalho, Relatórios do Departamento de Educação Popular do Soviete de Moscou.

BLONSKY, A escola da classe trabalhadora.

BLONSKY, A Escola do Trabalho.

LEVITIN, A Escola do Trabalho.

LEVITIN, Problemas Internacionais da Pedagogia Socialista.

KRUPSKAYA, Cultura Popular e Democracia.

DUNE, A Escola e a Sociedade.

SHARELMAN, A Escola do Trabalho.

SHARELMAN, No Laboratório de uma Professora do Ensino Fundamental.

GANSBERG, Pedagógica.

GANSBERG, Trabalho Criativo na Escola - *Jornal semanal do Comissariado do Povo para a Educação* - Relatório do primeiro Congresso de Toda a Rússia sobre Educação (1919).

Literatura não comunista sobre educação

KERSCHENSTEINEB, A Ideia da Escola do Trabalho.

KERSCHENSTEINER, A Escola do Trabalho (1918).

GURLIT, Os problemas da escola geral unificada.

FERRIÈRE, A Nova Escola.

WETEKAMP, Atividade Independente e Trabalho Criativo.

SCHULZ, Reformas educacionais dos social-democratas.

FEDOROFF-IIARTVIG, A Escola do Trabalho e o Coletivismo (1918).

YANZHUL, O Princípio do Trabalho nas Escolas Europeias (1918).
SHATSKY, A vida ativa.
MUNCH, A Escola do Futuro.

Capítulo XI: Comunismo e Religião

§ 89. Por que religião e comunismo são incompatíveis

§ 90. Separação da igreja do estado

§ 91. Separação da escola da igreja

§ 92. Luta contra os preconceitos religiosos das massas

§ 89. Por que religião e comunismo são incompatíveis

“A religião é o ópio do povo”, disse Karl Marx. É tarefa do Partido Comunista tornar esta verdade compreensível para os círculos mais amplos possíveis das massas trabalhadoras. É tarefa do partido gravar firmemente na mente dos trabalhadores, mesmo nos mais atrasados, que a religião foi no passado e ainda é hoje um dos meios mais poderosos à disposição dos opressores para a manutenção da desigualdade, exploração e obediência escrava por parte dos trabalhadores.

Muitos comunistas de joelhos fracos raciocinam assim: *A religião não me impede de ser comunista. Acredito tanto em Deus quanto no comunismo. Minha fé em Deus não me impede de lutar pela causa da revolução proletária.*

Essa linha de pensamento é radicalmente falsa. Religião e comunismo são incompatíveis, tanto na teoria quanto na prática.

Todo comunista deve considerar os fenômenos sociais (as relações entre os seres humanos, revoluções, guerras, etc.) como processos que ocorrem de acordo com leis definidas. As leis do desenvolvimento social foram plenamente estabelecidas pelo comunismo científico com base na teoria do materialismo histórico que devemos aos nossos grandes mestres Karl Marx e Friedrich Engels. Essa teoria explica que o desenvolvimento social não é causado por nenhum tipo de força sobrenatural. Não mais. A mesma teoria demonstrou que a própria ideia de Deus e de poderes sobrenaturais surge em um estágio definido da história humana, e em outro estágio definido começa a desaparecer como uma noção infantil que não encontra confirmação na vida prática e na luta entre o homem e a natureza. Mas é proveitoso para a classe predatória manter a ignorância do povo e manter a crença infantil do povo no milagre (a chave do enigma está realmente nos bolsos dos exploradores), e é por isso que os preconceitos religiosos são tão tenazes e porque eles confundem as mentes mesmo de pessoas que são, em outros aspectos, capazes.

Além disso, os acontecimentos gerais da natureza não dependem de causas sobrenaturais. O homem tem sido extremamente bem-sucedido na luta com a natureza. Ele influencia a natureza em seus próprios interesses e controla as forças naturais, conseguindo essas conquistas, não graças à sua fé em Deus e na assistência divina, mas apesar dessa fé. Ele consegue suas conquistas graças ao fato de que, na vida prática e em todos os assuntos sérios, invariavelmente se comporta como ateu. O comunismo científico, em seus julgamentos sobre os fenômenos naturais, é guiado pelos dados das ciências naturais, que estão em conflito irreconciliável com todas as imaginações religiosas.

Na prática, não menos do que na teoria, o comunismo é incompatível com a fé religiosa. A tática do Partido Comunista prescreve aos membros do partido linhas de conduta definidas. O código moral de toda religião prescreve para os fiéis alguma linha de conduta definida. Por exemplo, o código cristão diz: *Aquele que te ferir na face direita, oferece-lhe também a outra.* Na maioria dos casos há um conflito irreconciliável entre os princípios da tática comunista e os mandamentos da religião. Um comunista que rejeita os mandamentos da religião e age de acordo com as orientações do partido, deixa de ser um dos fiéis. Por outro lado, aquele que, embora se intitulando comunista, continua apegado à sua fé religiosa, aquele que em nome dos mandamentos religiosos infringe as prescrições do partido, deixa assim de ser comunista.

A luta com a religião tem dois lados, e todo comunista deve distinguir claramente entre eles. Por um lado, há uma luta com a igreja, como organização especial existente para a propaganda religiosa, materialmente interessada na manutenção da ignorância popular e da escravização religiosa. Por outro lado, temos a luta contra os preconceitos amplamente difundidos e profundamente arraigados da maioria da população trabalhadora.

§ 90. Separação da igreja do estado

O catecismo cristão ensina que a Igreja é uma sociedade de fiéis unidos por um credo comum, pelos sacramentos, etc. Para o comunista, a Igreja é uma sociedade de pessoas unidas por determinadas fontes de renda à custa dos fiéis, à custa de sua ignorância e falta de verdadeira cultura. É uma sociedade unida à sociedade de outros exploradores, como os latifundiários e os capitalistas, unidos ao seu Estado, auxiliando-o na opressão dos trabalhadores e recebendo reciprocamente ajuda do Estado no negócio da opressão. A união entre Igreja e Estado é de grande antiguidade. A associação entre a Igreja e o Estado feudal dos latifundiários era extremamente íntima. Isso fica claro quando lembramos que o Estado autocrático-aristocrático era sustentado pelo interesse fundiário. A própria igreja era uma proprietária em grande escala,

possuindo milhões e milhões de acres. Esses dois poderes foram inevitavelmente obrigados a unir forças contra as massas trabalhadoras, e sua aliança serviu para fortalecer seu domínio sobre os trabalhadores. Durante o período em que a burguesia urbana estava em conflito com a nobreza feudal, a burguesia atacou ferozmente a igreja, porque a igreja possuía territórios que a burguesia queria para si. A igreja, como proprietária de terras, recebia os rendimentos extraídos dos rendimentos dos trabalhadores que a burguesia cobiçava. Em alguns países (França, por exemplo), a luta foi extremamente amarga; em outros (Inglaterra, Alemanha e Rússia) ela foi menos feroz. Mas esse conflito explica por que a exigência de separação entre Igreja e Estado foi feita pela burguesia liberal e pela democracia burguesa. A verdadeira base da demanda era o desejo de transferir para a burguesia as receitas destinadas pelo Estado à Igreja. Mas a demanda pela separação da Igreja do Estado não foi plenamente realizada pela burguesia em nenhum lugar. A razão é que, por toda parte, a luta da classe operária contra os capitalistas se intensificava e parecia inconveniente à burguesia romper a aliança entre Estado e Igreja. Os capitalistas pensaram que seria mais vantajoso chegar a um acordo com a Igreja, comprar suas orações em nome da luta contra o socialismo, utilizar sua influência sobre as massas incultas para manter vivo em suas mentes o sentimento de submissão escrava ao Estado explorador (*Todo poder vem de Deus*).

O trabalho que a burguesia, em sua luta com a Igreja, deixou inacabado, foi levado ao fim pelo Estado proletário. Um dos primeiros decretos do Poder Soviético na Rússia foi o decreto relativo à separação da Igreja do Estado. Todos os seus latifúndios foram retirados da igreja e entregues à população trabalhadora. Todo o capital da igreja tornou-se propriedade dos trabalhadores. As doações que haviam sido atribuídas à Igreja sob o regime czarista foram confiscadas, embora essas doações tivessem sido mantidas alegremente sob a administração do *socialista* Kerensky. A religião tornou-se assunto privado de cada cidadão. O Poder Soviético rejeita qualquer pensamento de usar a Igreja de qualquer maneira como meio para fortalecer o Estado proletário.

§ 91. Separação da escola da igreja

A associação da propaganda religiosa com a instrução escolar é a segunda arma poderosa empregada pelo clero para fortalecer o regime eclesiástico e ou aumentar a influência da Igreja sobre as massas. O futuro da raça humana, sua juventude, é confiado aos sacerdotes. Sob os czares, a manutenção do fanatismo religioso, a manutenção da estupidez e da ignorância era considerada uma questão de grande importância para o Estado. A religião era o principal

assunto de instrução nas escolas. Nas escolas, além disso, a autocracia apoiou a igreja, e a igreja apoiou a autocracia. Além da frequência obrigatória aos serviços religiosos, a igreja tinha outras armas. Começou a se encarregar de toda a educação popular e, para esse fim, a Rússia foi coberta por uma rede de escolas eclesiásticas.

Graças à união da escola e da igreja, nossos jovens foram, desde os primeiros anos, escravos da superstição religiosa, tornando praticamente impossível transmitir às suas mentes qualquer visão integral do universo. A uma mesma questão (por exemplo, sobre a origem do mundo), religião e ciência dão respostas conflitantes, de modo que a mente impressionável do aluno se torna um campo de batalha entre o conhecimento exato e os erros grosseiros dos obscurantistas.

Em muitos países, os jovens são formados não apenas no espírito de submissão ao regime dominante, mas também no espírito de submissão à ordem autocrática-eclesiástica-feudal derrubada. Isso acontece na França. Mesmo do ponto de vista do Estado burguês, tal propaganda é reacionária.

O programa do liberalismo burguês costumava conter uma demanda pela separação entre a escola e a igreja. Os liberais lutaram pela substituição do ensino religioso nas escolas pelo ensino da moral burguesa, e exigiam o fechamento de escolas organizadas por associações religiosas e por mosteiros. Em nenhum lugar, porém, essa luta foi levada até o fim. Na França, por exemplo, onde por duas décadas todos os ministérios burgueses se comprometeram solenemente a dissolver as ordens religiosas, confiscar suas propriedades e proibir suas atividades educacionais, houve um compromisso após o outro com o clero católico. Um excelente exemplo de tal compromisso entre Estado e Igreja foi a recente ação de Clemenceau. Este ministro, em seus dias, opôs-se ferozmente à igreja. No final, porém, ele esqueceu sua hostilidade e distribuiu pessoalmente ordens de distinção entre o clero católico como recompensa por seus serviços patrióticos. Na luta pela exploração de outras terras (a guerra com a Alemanha), e na luta interna com a classe trabalhadora, o Estado burguês e a Igreja se aliaram e se apoiam mutuamente.

Essa reconciliação da burguesia com a Igreja encontra expressão não apenas no abandono pela burguesia de suas velhas palavras de ordem antirreligiosas e de sua campanha contra a religião, mas em algo mais significativo. Cada vez mais, a burguesia está se tornando uma *classe crente*. Os precursores da burguesia europeia contemporânea eram ateus, eram livres-pensadores, eram ferozmente antagônicos aos padres e ao sacerdócio. Seus sucessores deram um passo para trás. Há uma geração, os burgueses, embora eles próprios ainda fossem ateístas, embora não acreditassem em contos de fadas religiosos, e embora rissem secretamente da religião, ainda assim consideravam que as fábulas deveriam ser tratadas com respeito em público, já que a religião era uma contenção útil para as pessoas comuns. Hoje, os descendentes da burguesia não se contentam em ver a religião como uma prisão útil para o povo, mas eles mesmos começaram a usar as correntes. Sob nossos olhos, depois da revolução de novembro, os burgueses liberais e os membros das classes profissionais lotaram as igrejas e oraram fervorosamente por aquilo que, em dias mais felizes, eles tinham visto com desprezo. Esse é o destino de todas as classes moribundas, cujo último recurso é buscar *consolo* na religião. Entre as burguesias da Europa Central e Ocidental, que ainda detêm as rédeas do poder, observa-se um

movimento semelhante em favor da religião. Mas se a classe burguesa começa a acreditar em Deus e na vida celestial, isso significa apenas que ela percebeu que sua vida aqui embaixo está chegando ao fim!

A separação entre a escola e a igreja despertou e continua a suscitar o protesto dos elementos atrasados entre os trabalhadores e camponeses. Muitos da geração mais velha persistem em exigir que a religião ainda seja ensinada nas escolas como disciplina opcional. O Partido Comunista luta resolutamente contra todas essas tentativas de retrocesso. O ensino do obscurantismo eclesiástico nas escolas, ainda que a instrução deva ser meramente facultativa, implicaria a concessão de auxílios estatais para a manutenção dos preconceitos religiosos. Nesse caso, a igreja receberia uma audiência pronta de crianças - de crianças que são reunidas na escola para propósitos que são exatamente opostos aos contemplados pela religião. A Igreja teria à sua disposição salas de aula pertencentes ao Estado e, assim, seria capaz de difundir veneno religioso entre nossos jovens quase tão livremente quanto antes da separação da escola da Igreja.

O decreto pelo qual a escola é separada da igreja deve ser rigidamente aplicado, e o Estado proletário não deve fazer a menor concessão ao medievalismo. O que já foi feito para livrar do jugo da religião é muito pouco, pois ainda está ao alcance dos pais ignorantes aleijar a mente de seus filhos ensinando-lhes fábulas religiosas. Sob o poder soviético há liberdade de consciência para os adultos. Mas esta liberdade de consciência para os pais equivale a uma liberdade para eles envenenarem as mentes de seus filhos com o ópio que, quando eram jovens, foi derramado em suas próprias mentes pela igreja. Os pais impõem aos filhos sua própria estupidez, sua própria ignorância; proclamam como verdade todo tipo de disparates e, assim, aumentam muito as dificuldades que a escola unificada do trabalho tem que enfrentar. Uma das tarefas mais importantes do Estado proletário é libertar as crianças da influência reacionária exercida por seus pais. A maneira realmente radical de fazer isso é a educação social das crianças, levada à sua conclusão lógica. No que diz respeito ao futuro imediato, não devemos nos contentar com a expulsão da propaganda religiosa da escola. Devemos cuidar para que a escola assuma a ofensiva contra a propaganda religiosa em casa, de modo que, desde o início, as mentes das crianças sejam tornadas imunes a todos aqueles contos de fadas religiosos que muitos adultos continuam a considerar como verdade.

§ 92. Luta contra os preconceitos religiosos das massas

Tem sido relativamente fácil para a autoridade proletária efetuar a separação entre a igreja e o Estado e entre a escola e a igreja, e essas mudanças foram alcançadas quase sem dor. É muitíssimo mais difícil combater os preconceitos religiosos, que já estão profundamente enraizados na consciência das massas e que se agarram tão obstinadamente à vida. A luta será longa, exigindo muita firmeza e muita paciência. Sobre este assunto, lemos em nosso programa: “O Partido Comunista Russo é guiado pela convicção de que nada além da realização de propósito e plena consciência em todas as atividades sociais e econômicas das massas pode levar ao completo desaparecimento dos preconceitos religiosos”. O que essas palavras significam?

A propaganda religiosa, a crença em Deus e em todos os tipos de poderes sobrenaturais encontram seu solo mais gratificante onde as instituições da vida social são tais que inclinam a consciência das massas para explicações sobrenaturais dos fenômenos da natureza e da sociedade. O ambiente criado pelos métodos capitalistas de produção tem forte tendência nesse sentido. Na sociedade capitalista, a produção e a troca de produtos não são efetuadas com plena consciência e de acordo com um plano preconcebido, mas como se fossem o resultado de forças elementais. O mercado controla o produtor. Ninguém sabe se as mercadorias estão sendo produzidas em excesso ou em deficiência. O produtor não entende completamente como funciona o grande e complicado mecanismo de produção capitalista, ou por que as crises ocorrem e o desemprego de repente se torna abundante, ou por que os preços sobem em um momento e caem em outro, e assim por diante. O trabalhador comum, não conhecendo as causas reais dos acontecimentos sociais em meio aos quais sua vida ocorre, prontamente se inclina a aceitar a *vontade de Deus* como uma explicação universal.

Na sociedade comunista organizada, por outro lado, os domínios da produção e distribuição não conterão mais mistérios para o trabalhador. Cada trabalhador não irá meramente realizar sua porção de trabalho social. Além disso, ele participará da elaboração do plano geral de produção e terá, pelo menos, ideias claras sobre o assunto. Em todo o mecanismo de produção social, não haverá mais nada de misterioso, incompreensível ou inesperado e, portanto, não haverá mais lugar para explicações místicas ou superstições. Assim como o marceneiro que fez uma mesa sabe perfeitamente como a mesa veio a existir e que não precisa erguer os olhos para o céu para encontrar seu criador, na sociedade comunista todos os trabalhadores compreenderão claramente o que produziram com suas energias coletivas e como produziram.

Por isso, o mero fato da organização e fortalecimento do sistema socialista dará um golpe irrecuperável na religião. **A transição do socialismo ao comunismo, a transição da sociedade que trouxe o fim do capitalismo para a sociedade que está completamente liberta de todos os traços de divisão de classe e luta de classes, trará a morte natural de toda religião e de toda superstição.**

Mas isso de forma alguma deve ser tomado como implicando que podemos nos sentar à vontade, satisfeitos por ter profetizado a decadência da religião em alguma data futura.

É essencial, nesse momento, travar com o máximo vigor a guerra contra os preconceitos religiosos, pois a Igreja tornou-se definitivamente uma organização contrarrevolucionária e se esforça para usar sua influência religiosa sobre as massas para encaminhá-las para a luta política contra a ditadura do proletariado. A fé ortodoxa que é defendida pelos sacerdotes visa a uma aliança com a monarquia. É por isso que o Poder Soviético considera necessário se engajar nesta conjuntura em ampla propaganda antirreligiosa. Nossos objetivos podem ser assegurados pela apresentação de palestras especiais, pela realização de debates e pela publicação de literatura adequada; também pela difusão geral do conhecimento científico, que lenta, mas seguramente mina a autoridade da religião. Uma excelente arma na luta com a igreja foi usada recentemente em muitas partes da república, quando os santuários foram abertos para mostrar as relíquias *incorruptíveis*. Isso serviu para provar para as grandes massas do povo, e precisamente para aqueles em que a fé religiosa era mais forte, o truque básico sobre o qual a religião em geral e o credo da Igreja Ortodoxa Russa em particular se baseiam.

Mas a campanha contra o atraso das massas nesta questão religiosa deve ser conduzida com paciência e consideração, bem como com energia e perseverança. A multidão crédula é extremamente sensível a qualquer coisa que machuque seus sentimentos. Impulsionar o ateísmo sobre as massas e, em conjunto com isso, interferir à força nas práticas religiosas e zombar dos objetos de reverência popular não ajudaria, mas atrapalharia a campanha contra a religião. Se a Igreja fosse perseguida, ganharia a simpatia das massas, pois a perseguição lhes faria lembrar os dias quase esquecidos em que havia uma associação entre religião e defesa da liberdade nacional, fortaleceria o movimento antisemita, e em geral mobilizaria todos os vestígios de uma ideologia que já começa a se extinguir.

Propomos anexar alguns números, mostrando como o regime czarista pagou o dinheiro do povo à igreja; como a igreja era sustentada diretamente pelo povo, que esgotava suas magras bolsas para esse fim; e como a riqueza se acumulou nas mãos dos servos de Cristo.

Através dos sínodos e de outras formas, o governo czarista fornecia anualmente à igreja a quantia média de 50 milhões de rublos (em uma época em que o rublo valia

cem vezes mais do que hoje). Os sínodos tinham 70 milhões de rublos a seu crédito nos bancos. As igrejas e os mosteiros possuíam vastas áreas de terra. No ano de 1905, as igrejas possuíam 1.872.000 desyatinas³⁸, e os mosteiros possuíam 740.000 desyatinas. Seis dos maiores mosteiros possuíam 182.000 desyatinas. O monastério Solovyetsky possuía 66.000 desyatinas; o de Sarovskaya, 26.000; o de Alexandro Nevskaya, 25.000; e assim por diante. Em 1903, as igrejas e mosteiros de Petrogrado possuíam 266 propriedades rentáveis na forma de casas, lojas, canteiros de obras, etc. Em Moscou, elas possuíam 1.054 casas pagas de aluguel, para não mencionar 32 hotéis. Em Kiev, as igrejas possuíam 114 casas. Aqui estão os estipêndios dos metropolitanos e dos arcebispos. O metropolita de Petrogrado recebia 800.000 rublos por ano; os metropolitanos de Moscou e de Kiev recebiam 100.000 rublos por ano cada um; o salário do arcebispo de Novgorod era de 310.000 rublos.

Havia cerca de 30.000 escolas da igreja, e elas eram frequentadas por 1.000.000 de alunos. Mais de 20.000 professores de religião estavam *trabalhando* nas escolas primárias do Ministério da Educação.

Todos sabem que a autocracia apoiou a igreja ortodoxa como a igreja dominante e única verdadeira. Muitos milhões de rublos foram arrecadados com a tributação de muçulmanos (tártaros e basquires), católicos (poloneses) e judeus. Esse dinheiro foi usado pelo clero ortodoxo para demonstrar que todas as outras crenças eram falsas. Sob o regime czarista, a perseguição religiosa atingiu proporções sem precedentes. Na população da Rússia, para cada cem habitantes havia (além dos 70 ortodoxos), 9 católicos, 11 maometanos, 5 protestantes, 4 judeus e 1 de vários credos. Quanto ao número do clero ortodoxo, foram os seguintes, para o ano de 1909:

As 52.869 igrejas da Rússia eram servidas por

Arcebispos	2.912
Sacerdotes	46.730
Diáconos	14.670
Leitores	43.518

Nos 455 monastérios havia

Monges	9.987
Irmãos leigos	9.582

Nos 418 conventos havia

Freiras	14.008
Irmãs leigas	46.811

Total 188.218

Os números referem-se exclusivamente à igreja ortodoxa. Uma casta parasitária semelhante é encontrada em todas as nações, embora, é claro, professando alguma outra religião. Essas massas de pessoas, em vez de extrair vastas somas de dinheiro da população para promover a ignorância popular, poderiam, se estivessem envolvidas no trabalho manual, produzir imensas quantidades de valores. O Estado socialista, quando seu aparato econômico estiver aperfeiçoado, introduzirá o serviço de trabalho para o clero como para todas as classes improdutivas, de modo que eles terão que se tornar operários ou camponeses. Das receitas do Estado pagas à igreja sob o regime czarista, mais de 12 milhões de rublos foram, todos os anos, para o clero urbano e rural. É bastante claro porque os reverendos padres se

38 Antiga medida utilizada na Rússia czarista, equivalente a 2,7 acres.

opuseram à separação da Igreja do Estado, uma vez que isso implicava a separação de uma dúzia de milhões de rublos de seus bolsos. Essa soma, no entanto, era apenas uma fração das rendas clericais, que em sua maior parte eram derivadas de honorários profissionais, aluguéis de terras e juros sobre o capital da igreja. Ninguém foi capaz de determinar o valor exato das receitas da igreja russa. Aproximadamente, a soma pode ser considerada em 150.000.000 rublos - em uma época (repetimos) em que o rublo valia cem de nossos rublos atuais. Uma proporção considerável dessa renda ainda é paga pelo povo ao clero.

Literatura sugerida

KILCHEFFBKY, Riqueza e Receitas do Clero.
LUKIN, Igreja e Estado.
MELGUNOFF, Igreja e Estado nos Dias de Transição.
MININ, Religião e Comunismo.
STEPANOFF, A Origem de Deus.
STEPANOFF, O Clero, sua renda, suas orações e suas maldições.
KUNOFF, A Origem da Religião e da Fé em Deus.
KAUTSKY, A Origem da História Bíblica.
KAUTSKY, O Mundo Clássico, Judaísmo e Cristianismo.
KAUTSKY, A Igreja Católica e a social-democracia.
BEBEL, Cristianismo e Socialismo.
STAMLER e VANDEVELDE, Social-Democracia e Religião.
LAFARGUE, A Origem da Crença Religiosa.
DANILOFF, O Exército Negro.
KILVER, Social-Democracia e Cristianismo.
BUKHARIN, Igreja e Escola na República Soviética.
BUROFF, Qual é o significado da lei relativa à liberdade de consciência?
LAFARGUE, O Mito da Imaculada Conceição.
NIKOLSKV, Jesus e as primeiras comunidades cristãs.
VIPPER, A Ascensão do Cristianismo.
POKROFFSKY, A História da Rússia (artigo de Nikolsky).
BEDNY, Reverendos Padres.

Capítulo XII: A organização da indústria

§ 93. A expropriação da burguesia e a nacionalização proletária da grande indústria

§ 94. Nosso objetivo, o desenvolvimento ou produtividade

§ 95. A organização intencional da vida econômica

§ 96. O desenvolvimento da cooperação econômica com outras terras

§ 97. A organização da pequena indústria, artesanato e indústria doméstica

§ 98. A organização da indústria e dos sindicatos

§ 99. A utilização ou força de trabalho

§ 100. Disciplina de trabalho camarada

§ 101. O emprego de especialistas burgueses

§ 102. A união da produção e da ciência

§ 93. A expropriação da burguesia e a nacionalização proletária da grande indústria

A primeiríssima tarefa do proletariado e do Poder Soviético como instrumento da ditadura do proletariado foi arrancar os meios de produção da burguesia, ou, como se diz, expropriar a burguesia. É evidente que não estávamos preocupados com a expropriação da pequena indústria ou com a expropriação da produção artesanal, mas com a apreensão dos meios de produção que estavam nas mãos dos grandes capitalistas, com a instalação da grande indústria sobre uma nova fundação, e organizando-a de acordo com novos princípios. Como o poder soviético pôde fazer essas coisas? Na Primeira Parte³⁹ aprendemos que o proletariado não deve tentar dividir as fábricas e oficinas, e não deve saqueá-las, mas deve empreender a organização social, cooperativa, da produção. Obviamente, nessa época da ditadura do proletariado, há apenas uma maneira de fazer isso, que é pela nacionalização do proletariado, ou seja, a transferência de todos os meios de produção, distribuição e troca para as mãos do Estado proletário, a maior e mais poderosa das organizações da classe trabalhadora.

Devemos evitar cuidadosamente confundir a nacionalização da produção sob o regime burguês com a nacionalização da produção sob o regime proletário. Nacionalização significa

39 *O ABC do Comunismo* – Parte I.

transferência para as mãos do Estado. Mas quem fala do Estado sem qualificação, e sem perguntar se o Estado é um Estado burguês ou um Estado proletário, perde toda a razão. Quando a burguesia é a classe dominante e quando nacionaliza seus trustes e corporações, essa nacionalização não envolve a expropriação da burguesia. Tudo o que acontece é que a burguesia tira seus bens de um bolso e os coloca no outro. Tudo é transferido para a posse de seu próprio Estado, o Estado dos senhores. A burguesia continua a explorar a classe trabalhadora como antes. A classe trabalhadora, como até agora, não trabalha para si mesma, mas para os inimigos de sua classe. Esse tipo de nacionalização é a nacionalização burguesa. O resultado desse tipo de nacionalização é produzir a ordem social que consideramos na Primeira Parte⁴⁰ sob o nome de capitalismo de Estado. É uma questão muito diferente quando a nacionalização é efetuada sob o domínio do proletariado. Agora, as fábricas, as oficinas, os meios de transporte, etc., são transferidos para o Poder proletário; eles não passam para o controle da organização dos patrões, mas para o controle da organização dos trabalhadores. Neste caso, portanto, verdadeiramente se efetiva a expropriação da burguesia. Os capitalistas realmente perdem os fundamentos de sua riqueza, seu domínio, sua energia e seu poder. Toda a base da exploração é destruída. O Estado proletário não pode explorar o proletariado pela simples razão de que ele próprio é uma organização do proletariado. Um homem não pode subir em suas próprias costas. O proletariado não pode explorar a si mesmo. Sob o capitalismo de Estado, a burguesia nada perde com o fato de que os empresários privados deixaram de trabalhar separadamente e deram as mãos para tosquiar o público. Na nacionalização proletária, inversamente, os trabalhadores das fábricas separadas não perdem nada pelo fato de não serem mestres independentes em suas próprias fábricas, pelo fato de todas as empresas pertencerem à classe trabalhadora em sua totalidade, à maior de todas as organizações operárias, que é conhecida como o Estado Soviético.

A expropriação da burguesia, iniciada imediatamente após a revolução de novembro, está praticamente concluída. Dentro dos limites da Rússia soviética, todo o sistema de transporte (ferroviário e hidroviário) foi nacionalizado, e de 80 a 90% da produção em grande escala está nas mãos do Estado proletário. De acordo com os relatórios do Departamento de Estatísticas de Fábricas e Oficinas do Conselho Econômico Supremo, até setembro de 1919, havia sido nacionalizadas 3.330 empresas em 30 províncias, nas quais estavam ocupados 1.012.000 trabalhadores e 27.000 empregados. Esses números subestimam a quantidade de

40 *O ABC do Comunismo* - Parte I.

nacionalização, pois aprendemos com outros dados que mais de 4.000 empresas já foram nacionalizadas. A maior das 3.330 empresas mencionadas no relatório está funcionando. Isso fica claro nas explicações a seguir. Em setembro de 1919, 1.875 empresas nacionais estavam efetivamente em atividade, e em 1.258 delas, 782.000 trabalhadores e 26.000 empregados estavam ocupados. Dos milhões de trabalhadores, quase 800.000 estão realmente trabalhando, apesar das condições terrivelmente difíceis que prevalecem na indústria. Foram encerradas 691 empresas, nas quais deveriam estar ocupados 170.000 trabalhadores. Faltam detalhes sobre 1.248 empresas que ocupam 57.000 trabalhadores. Estas são empresas comparativamente pequenas.

No outono de 1919, as empresas nacionalizadas realmente em funcionamento, e combinadas em *principais* ou em *centros*, eram as seguintes:

I. Mineração e indústrias afins (sob a direção geral do Soviete da Montanha)

1. Carvão (administração-chefe da produção de carvão)
2. Minas
8. Petróleo
4. Turfa
5. Ardósia
6. Sal
7. Ouro

II. Indústrias metalúrgicas (sob a direção geral do Departamento de Metais do Conselho Econômico Supremo)

1. Gomza (palavra *maleta* para oficinas mecânicas do Estado)
2. Aviação
8. Cobre
4. Pregos
5. Fabricação de automóveis
6. Grupo de oficinas Malzov
7. Grupo de oficinas Kaluga e Ryazan
8. Obras de locomotivas em Podolia

III. Indústrias eletrotécnicas (Ogep, significa *valise*, como Gomza. A sigla *Ogep* significa Empresas Elétricas dos Estados Unidos⁴¹)

IV. Indústrias têxteis (Têxtil principal).

V. Indústrias químicas (sob a direção geral do Departamento de Indústrias Químicas do Conselho Econômico Supremo)

1. Produtos químicos brutos
2. Corantes de anilina
8. Verniz
4. Drogas
5. Jogos

41 Não se refere aos EUA.

6. Vidro
7. Potassa
8. Cimento
9. Tintas
10. Amianto
11. Couro
12. Peles
18. Cerdas
14. Osso
15. Gordura
16. Papel
17. Borracha.
18. Marcenaria química
19. Óleos vegetais
20. Bebidas
21. Tabaco
22. Amido
23. Açúcar

VI. Preparação de alimentos (Departamento de Preparação de gêneros alimentícios do Conselho Econômico Supremo)

1. Farinha
2. Doces
3. Chá
4. Leite
5. Enlatados
6. Frigorífico

VII. Comitê principal de madeira

VIII. Indústrias gráficas (Departamento de Impressão do Conselho Econômico Supremo)

IX. Seção central de automóveis (montagem e reparação de automóveis)

X. Trabalho de vestuário (pequenas alfaiatarias, etc.)

XI. Aproveitamento de resíduos

XII. Transporte de Guerra

XIII. Materiais de construção e indústria da construção (Comitê de Construção do Estado)

XIV. Munições de guerra (Departamento de Munições de Guerra - Centro Voyenzag)

XV. Departamento de transporte, embarque e armazenamento do Supremo Conselho Econômico (*Tramot* - Departamento de Transporte de Material do Supremo Conselho Econômico)

A expropriação da burguesia, baseada em princípios, deve ser levada à sua conclusão lógica. Esta é a primeira tarefa que incumbe ao nosso partido. Mas devemos ter cuidado para

não esquecer que os pequenos proprietários não devem ser expropriados. A *nacionalização* da pequena indústria está absolutamente fora de questão: em primeiro lugar, porque está além de nossos poderes organizar os fragmentos dispersos da pequena indústria; e em segundo lugar porque o Partido Comunista não quer e não pode querer alienar os muitos milhões de pequenos senhores. Sua adesão ao socialismo será bastante voluntária e não resultará de sua expropriação forçada. Este fato deve ser especialmente lembrado nas regiões onde a produção em pequena escala é amplamente prevalente.

Sujeita a esta reserva, a primeira tarefa que temos de enfrentar é a conclusão da nacionalização.

§ 94. Nosso objetivo, o desenvolvimento ou produtividade

A base de toda a nossa política deve ser o desenvolvimento mais amplo possível da produtividade. A desorganização da produção foi tão extensa, a escassez de todos os produtos no pós-guerra é tão evidente, que todo o resto deve estar subordinado a essa tarefa. Mais produtos! Mais botas, foices, barris, tecidos, sal, roupas, milho, etc. – essas são nossas necessidades primárias. Como o fim desejado pode ser garantido? Somente aumentando as forças produtivas do país, aumentando a produtividade. Não há outro caminho.

Mas aqui nos deparamos com uma dificuldade formidável, decorrente do ataque que as forças mundiais da contrarrevolução fizeram sobre nós. Somos bloqueados e colocados em nossa defesa, de modo que somos simultaneamente privados de força de trabalho e cortados dos meios materiais de produção. Temos que arrancar, pela força das armas, petróleo e carvão dos latifundiários e capitalistas. Aqui está nossa primeira grande tarefa: temos que colocar o trabalho de produção em uma base adequada. Aqui está nossa segunda grande tarefa: Nós somos realmente severos com isso!

Antes que a classe trabalhadora se tornasse senhora de todo o país, isso não era assunto nosso. Mas agora a classe trabalhadora está no poder. Tudo está à sua disposição. Ela é responsável pelo destino do país. Sobre seus ombros repousa todo o fardo de salvar a República Soviética das misérias da fome, frio e desordem. Antes que a classe trabalhadora chegasse ao poder, sua principal tarefa era destruir a velha ordem. Agora, sua principal tarefa é construir a nova ordem. Antigamente era tarefa da burguesia organizar a produção; agora é o negócio do proletariado. Evidentemente, portanto, nos dias da desorganização mais generalizada, todos os pensamentos do proletariado, no que diz respeito a esse assunto, devem se concentrar na organização da indústria e no aumento da produção. Aumentar a produção significa aumentar

a produção do trabalho, produzir mais bens, trabalhar melhor de todas as maneiras possíveis e, dia a dia, obter melhores resultados. O tempo das belas frases já passou, e chegou o tempo do trabalho duro. Já não cabe a nós lutar por nossos direitos em Moscou ou em Petrogrado: a classe trabalhadora garantiu seus direitos e os está defendendo na frente. O que temos que fazer agora é aumentar o número de pregos, ferraduras, arados, fechaduras, máquinas, grandes casacos. Estas coisas tornaram-se absolutamente vitais para evitarmos morrer de fome na ruína resultante da guerra, para nos vestirmos, para recuperarmos as nossas forças, para avançarmos a passos rápidos no caminho para a vida nova.

O problema do aumento da produção compreende uma série de problemas. Como aumentar a quantidade dos meios materiais de produção (máquinas, carvão e matérias-primas); e como podemos aumentar a quantidade de força de trabalho? Como organizar melhor a produção (qual é a melhor maneira de planejar a vida econômica como um todo, como um ramo de produção deve ser ligado a outro, como deve ser administrada a produção, qual é a melhor e mais econômica maneira de distribuir as reservas de matéria-prima, como podemos dispor melhor da força de trabalho disponível?) Como podemos garantir um trabalho melhor, na medida em que isso depende dos próprios trabalhadores? (a questão de uma disciplina laboral camarada; a da luta contra o desleixo, a negligência, a ociosidade, etc.) Por último vem a questão da aplicação da ciência à produção, a questão do trabalho dos peritos qualificados.

Todas essas questões são de imensa importância. Temos que resolvê-los na prática, resolvê-las na ação. Temos que resolvê-las, não em uma única fábrica ou para uma única fábrica, mas para todo um grande país, onde a classe trabalhadora e o semiproletariado são contados aos milhões. É evidente que, neste assunto, devemos nos ater a um ponto de vista, devemos colocar o prego, devemos aumentar a produtividade de todo o país que está construindo sua vida econômica sobre a nova base do trabalho comunista.

Nossos adversários - os social-revolucionários, os mencheviques, os burgueses, etc. - declaram que não somos nada marxistas, que nosso comunismo é apenas um comunismo de consumo, um comunismo de distribuição. Os bolcheviques, dizem eles, tosquiam os burgueses, obrigam os burgueses a desistir de suas casas; os bolcheviques dividem os artigos de consumo; mas não organizam a produção. A acusação é totalmente infundada. As forças produtivas da sociedade consistem em duas coisas: nos meios materiais de produção, por um lado; e de pessoas vivas, os trabalhadores, por outro. A classe trabalhadora é a força básica da produção. Se máquinas, ferramentas etc. foram destruídas, isso é lamentável, mas a perda não é vital, pois trabalhadores experientes podem, mesmo com muito trabalho, reproduzir tudo o que está faltando. Muito diferente é o estado de coisas quando a força viva da produção é destruída, quando os trabalhadores migram para as aldeias, quando o frio e a fome os levam a abandonar as cidades, quando a classe trabalhadora se desintegra. Isso deve ser evitado a todo custo. A expropriação organizada dos meios

de consumo é, nesse caso, a melhor maneira de proteger a força de trabalho viva. O comunismo dos artigos de consumo não é, portanto, mais do que uma preliminar indispensável ao nosso objetivo real, a organização da produção. A burguesia, em toda parte, deseja impor ao proletariado todos os custos da guerra, todo o papado que dela surge, todo o frio, toda a fome. Em nome de seu próprio futuro, o proletariado deve forçar a burguesia a arcar com os fardos do pós-guerra. Mas é claro que nossa tarefa principal é a organização da produção e o desenvolvimento da produtividade.

§ 95. A organização intencional da vida econômica

A desintegração do capitalismo deixou como legado, ao proletariado, não apenas a falta generalizada dos meios de produção, mas também a confusão generalizada. A Rússia estava totalmente desintegrada; a conexão entre as várias regiões do país foi destruída; as relações entre um distrito industrial e outro tornaram-se extraordinariamente difíceis. Como resultado da revolução, os donos das fábricas abandonaram as rédeas da administração e, a princípio, em muitos lugares, as fábricas simplesmente não tinham mestres. Seguiu-se, então, uma tomada assistemática das empresas pelos trabalhadores, que não podiam esperar mais. Uma *nacionalização* local desse tipo havia começado antes da revolução de novembro. É claro que não se tratava realmente de uma nacionalização, mas apenas da tomada desorganizada de empresas pelos trabalhadores que nelas trabalhavam, e só mais tarde a apreensão se transformou em nacionalização. Mesmo após a revolução de novembro, a nacionalização foi inicialmente conduzida ao acaso. Manifestamente, a necessidade primordial era nacionalizar as empresas maiores e mais bem equipadas, mas as coisas nem sempre funcionaram assim. A tendência geral era nacionalizar as empresas que os proprietários haviam abandonado e que não podiam ser deixadas de lado. Em muitos casos, porém, as empresas foram nacionalizadas porque seus proprietários eram especialmente hostis aos trabalhadores. Era natural que, nos dias da guerra civil, houvesse um grande número desses empreendimentos, mas era igualmente natural que entre eles não houvesse poucos que estivessem em mau estado e praticamente impraticáveis. Muitos deles, em especial, eram *cogumelos* do período da guerra, inaugurados para fins *defensivos*, que foram montados às pressas - eles desmoronaram com igual velocidade durante a revolução. Tudo isso levou inevitavelmente a uma maior desorganização.

No início, o Poder Soviético e seus instrumentos não tinham relatórios precisos do que estava acontecendo. Não havia lista de empresas; não havia extratos tabulados dos fornecimentos de matérias-primas, combustíveis e produtos acabados; não havia conta das possibilidades produtivas, nenhuma ideia definida a respeito do quanto as empresas que estavam sendo nacionalizadas tinham competência para produzir. A burguesia estava morrendo, mas estava morrendo sem testamento. O proletariado tornou-se o *herdeiro* da riqueza

da burguesia - mas tornou-se o herdeiro em virtude da tomada da propriedade em uma amarga luta civil. Obviamente, portanto, nesses primeiros dias, não se podia falar de nenhum plano econômico geral. A velha organização, o sistema capitalista, entrou em colapso; a nova organização, o sistema socialista, ainda não havia surgido.

No entanto, uma das tarefas fundamentais do poder soviético foi e é a de unir todas as atividades econômicas do país de acordo com um plano geral de direção do estado.

Assim, somente é possível manter a produtividade em um nível que permita um desenvolvimento posterior. Aprendemos na Primeira Parte⁴² que um dos grandes méritos do sistema comunista é que ele põe fim ao caos, à *anarquia* do sistema capitalista. Aqui reside a própria essência do comunismo. Claro que seria absurdo esperar que, em um breve espaço de tempo, quando a fome e o frio são abundantes, quando há falta de combustível e matérias-primas, seja possível alcançar rapidamente resultados permanentes e satisfatórios. Mas embora seja verdade que as pessoas não moram nos alicerces de sua casa, e que não podem morar na casa até que ela tenha sido erguida sobre seus alicerces, e até que o andaime seja removido, o alicerce é absolutamente indispensável. Esta comparação pode ser aplicada à edificação da sociedade comunista. As bases da sociedade comunista são lançadas pela organização da indústria e, antes de tudo, por uma unificação intencional da indústria sob o controle do Estado.

Para realizar esse desenho na prática, foi necessário, antes de tudo, fazer um balanço. Tínhamos que saber exatamente quais recursos estavam disponíveis para o Poder proletário. Tínhamos que saber quais suprimentos havia, quantas empresas, etc. Aos poucos, surgiram laços entre o que antes eram empresas independentes. Surgiram instrumentos centrais para o fornecimento de matérias-primas, combustível e acessórios. Foi criada uma rede de órgãos de administração local e central da indústria, que já estava em condições de elaborar um plano geral e aplicá-lo em todo o país.

O aparato administrativo da indústria, visto de cima, é construído da seguinte forma. À frente de cada fábrica está a administração operária. Ela geralmente é constituída pelos trabalhadores da empresa, que são membros dos sindicatos competentes, e por membros do pessoal técnico que são nomeados mediante aprovação do comitê central do sindicato dos trabalhadores; dois terços dos membros da administração da fábrica são trabalhadores comuns e um terço pertence ao pessoal técnico. Em certos casos, quando se trata de um número de empresas relativamente pequenas, existem administrações distritais em estreito contato com os

42 *O ABC do Comunismo* - Parte I.

conselhos econômicos locais, e estes, por sua vez, estão em contato com os sovietes locais de delegados operários. Os empreendimentos maiores estão diretamente subordinados aos chamados *principais* e *centros*. Esses *principais* e *centros* constituem sindicatos de ramos inteiros de produção. Por exemplo, a *combinação principal têxtil* supervisiona toda a indústria têxtil; a *principal ou centro de pregos* supervisiona toda a produção de pregos; a de carvão supervisiona toda a produção de carvão (Consulte a lista no § 93.) As organizações que, sob o capitalismo de Estado, eram trustes do Estado presidindo ramos específicos da produção transformaram-se, em nosso sistema, em *principais* e *centros*. A composição desses *principais* e *centros* é decidida pela junta governante ou comitê executivo do Conselho Econômico Supremo (veja abaixo) e pelo comitê central do respectivo sindicato. Caso surja alguma dissensão, o lugar desse sindicato é ocupado pelo Soviete Central de Sindicatos de Toda a Rússia, que decide a composição de tal *centro* em conjunto com a junta governante do Conselho Econômico Supremo. Os conselhos econômicos locais são geralmente responsáveis pela organização de pequenas empresas. Os *principais* e os *centros*, por sua vez, estão unidos em grupos de indústrias afins. Por exemplo, tais sindicatos de *principais* constituem respectivamente a *Gomza* (Oficinas do Estado), o Centro de cobre, o Principal de ouro, o Centro de pregos, etc.

Aqui, por exemplo, está uma lista dos grupos que compõem o Departamento de Metais.

	Nº de Empresas
I. As fábricas de Sonново e Kolomna (Gomza).....	17
2. Centro de coque, fornalha e siderurgia.....	8
8. Minas de ferro de Kaluga e Ryazan.....	9
4. Malzov.....	6
5. Centro de cobre.....	10
6. Avtozav (automóveis).....	3
e assim por diante ⁴³ .	

Na indústria têxtil, à frente da qual está a Central têxtil, temos ainda os chamados *Kusts* (especialmente na indústria algodoeira); eles reúnem empresas que produzem produtos semimanufaturados em várias fases de fabricação, além de produtos acabados.

Falando de maneira geral, pode-se dizer que toda essa organização ainda está em estado de fluxo; novas formas estão continuamente surgindo, e velhas formas estão continuamente morrendo. Isso é inevitável durante um período de atividade construtiva febril, e quando as condições são tão desfavoráveis, porque podemos possuir a região dos Urais hoje e perdê-la para o inimigo amanhã, porque podemos ser excluídos da Ucrânia hoje e podemos estar em controle lá amanhã.

43 Do relatório feito pela comissão do Departamento de Metais para a junta governante ou executivo do Conselho Econômico Supremo. O relatório foi elaborado pelo camarada Milyutin.

Não apenas, então, os ramos individuais da produção são unificados, mas eles são ainda mais integrados em unidades maiores. Não é preciso dizer que tais combinações de ramos são formadas, em primeiro lugar, entre ramos de caráter afim. Por exemplo, a produção de pregos, a de máquinas, a de cobre e a de utensílios de cobre, etc., são combinadas em um grupo de metais. Este grupo de *centros* constitui o Departamento de Metais do Conselho Econômico Supremo. Existem vários departamentos desse tipo. Além do Departamento de Metais, temos o Departamento de Indústrias Químicas, o Departamento de Alimentos, o Departamento de Impressão, etc. No outono de 1919, a estrutura desses vários departamentos ainda estava longe de ser uniforme. No Departamento de Metais, a influência predominante foi exercida pelo Comitê Central do Sindicato dos Metalúrgicos de Toda a Rússia. Os metalúrgicos pertencem à vanguarda operária, estão mentalmente alertas, são trabalhadores esplêndidos, e por estas razões eles têm uma excelente capacidade administrativa. Em alguns dos outros departamentos, as condições são menos favoráveis. Por exemplo, só no outono de 1919 os trabalhadores começaram a participar da administração do Departamento de Indústrias Químicas, pois até aquela data não havia se constituído qualquer unidade corporativa nesta classe de trabalho.

Todos os departamentos estão subordinados ao Conselho Econômico Supremo (Vysovnarhoz [ou S.E.C.]). Ele é composto por representantes do Soviete de Sindicatos, do Comitê Executivo Central dos Sovietes de Toda a Rússia e dos comissários do povo. Seus assuntos são administrados por uma junta governante. Assim, o S.E.C. coordena todas as atividades econômicas do país, e o principal dever do conselho é elaborar e executar um esquema unificado de administração estatal da vida econômica.

As atividades ou o Gomza demonstram a capacidade dos trabalhadores, com a ajuda dos tipos de organização necessários para aumentar a produção. O Sindicato dos Metalúrgicos, lembre-se, tem influência decrescente, aqui.

Quantidades produzidas

	Peças de reposição de locomotivas, carruagens e caminhões	Trens blindados		Vagões ferroviários	Tanques, etc.	Carruagens de campo	Pontos
		Locomotivas	Plataformas	Novas plataformas			
Durante 2 meses (nov. e dez. 1918)	<i>Poods</i> ¹⁶ 24.240	2	-	477	-	148	-
Durante 6 meses (jan. a jun. 1919)	94.419	10	-	1.181	1.040	522	7.643*

* Dados levantados pelo camarada Larin.

O período ao qual a segunda linha da tabela se refere foi três vezes maior que o período ao qual a primeira linha se refere. Observa-se que a produção foi mais de três vezes maior.

Com a ajuda de uma certa organização, que já está progredindo satisfatoriamente, tornou-se possível fazer um uso mais proposital do aparato de controle do fornecimento de

matéria-prima do que até agora feito pelos *centros*, além de assegurar melhor centralização da produção, restringindo-a às empresas mais bem equipadas. Esta última é uma consequência lógica do plano geral. Claramente, é mais vantajoso utilizar as empresas mais bem equipadas, concentrar todas as nossas energias na manutenção delas, em vez de nos preocuparmos inutilmente recorrendo a empresas ineficientes e mal equipadas. Também nesta matéria temos, naturalmente, de contar com a escassez geral de combustível e de matérias-primas. Devido à escassez, muitas vezes fomos obrigados a fechar algumas das maiores obras (na indústria têxtil, por exemplo). Ainda hoje devemos a essas causas a ainda persistente desorganização parcial da produção. O principal problema aqui, porém, não é a falta de organização propriamente dita, mas a falta de bens materiais necessários à produção.

No entanto, a centralização da produção avança a passos irresistíveis. O Gomza, por exemplo, fechou um número considerável de empresas de segunda categoria e concentrou a produção em dezesseis das obras mais bem equipadas. A indústria eletrotécnica, que estava bastante desintegrada sob o capitalismo, agora está unificada. O mesmo aconteceu em vários outros ramos de produção (tabaco, farináceos, açúcar, têxtil, etc.).

A utilização sábia e econômica dos suprimentos existentes de materiais e energia é uma questão de imensa importância. No início, como vimos, não havia estoques. Vários armazéns foram destruídos, e os armazéns que continham materiais foram saqueados, ou esses materiais desapareceram e ninguém sabia para onde, antes que houvesse qualquer discussão sobre a correta utilização desses recursos. Mas neste campo, também, a ordem foi introduzida gradualmente, embora com grande dificuldade. No caso de muitos artigos, agora temos informações definitivas sobre os montantes disponíveis (Ver a tabela seguinte, na próxima página).

É perfeitamente claro que ainda há muito a fazer para aperfeiçoar a regulação e a organização da vida econômica. Confusão e desordem ainda são amplamente prevalentes. O aparelho administrativo ainda não se encaixa adequadamente, mas o quadro geral já foi construído. Nossa tarefa agora consiste em avançar o trabalho em três linhas: primeiro, devemos aperfeiçoar a unificação de todas as atividades econômicas do país; em segundo lugar, devemos aperfeiçoar nosso plano geral de administração econômica, devemos centralizar mais completamente a produção, devemos organizá-la melhor e devemos continuar a aperfeiçoar nosso aparelho administrativo; enfim, devemos aprender a aproveitar ainda melhor todas as matérias-primas e estoques do país.

A tabela a seguir apresenta uma demonstração comparativa com relação ao fornecimento de combustível e de matéria-prima nos anos de 1918 e 1919, respectivamente. Os dados foram fornecidos pelo camarada Milyutin.

Tipo de combustível ou matéria-prima	1918	1919
A. Combustível		
1. Carvão das áreas de Moscow e Borovitch	80.000.000 poods ¹⁷	80.000.000 poods
2. Madeira usada ou armazenada	4.000.000 sazhenes cúbicos ¹⁸	5.000.000 sazhenes cúbicos
3. Turfa	58.000.000 poods	60.000.000 poods
4. Petróleo	98.000.000 poods	*
B. Matérias-primas usadas ou armazenadas		
1. Linho	Sem registros	5.500.000 poods
2. Algodão	Sem registros	6.500.000 poods**
3. Lã	Sem registros	2.000.000 poods
4. Cãnhamo	Sem registros	2.000.000 poods
5. Metais	30.000.000 poods	40.000.000 poods***
6. FNRS	?	?

* Baku, ocupada pelos britânicos.

** Incluindo o algodão do Turquestão agora a caminho.

*** Incluindo metais dos Urais.

A tabela mostra que a ordem estava sendo estabelecida em muitos departamentos. Também mostra que nosso principal problema tem sido a perda de suprimentos de petróleo.

§ 96. O desenvolvimento da cooperação econômica com outras terras

A questão das nossas relações com o mundo exterior está intimamente ligada à questão da organização da grande indústria. A Rússia soviética está cercada por um bloqueio, e isso causa imenso dano ao país. Os números da tabela a seguir mostram quão importante foi a interrupção das relações econômicas com outras terras em sua influência sobre a indústria manufatureira e a agricultura russas.

Importações para a Rússia

Ano	Alimentos		Matérias-primas e artigos semimanufaturados		Gado		Artigos manufaturados		Totais	
	milhares de rublos	%	milhares de rublos	%	milhares de rublos	%	milhares de rublos	%	milhares de rublos	%
1909	182.872	100	442.556	100	7.972	100	272.037	100	906.336	100
1910	191.462	104.7	554.386	125.3	10.791	135.4	327.807	120.1	1.084.446	119.7
1911	206.909	113.1	553.143	125	10.997	137.9	390.633	143.1	1.161.682	128.2
1912	209.647	114.6	555.516	-	11.979	160.3	39.630	144.6	1.171.772	129.3
1913	283.808	130.1	667.980	150.9	17.615	221	450.532	165.1	1.374.084	151.6

Nossas principais importações eram artigos manufaturados e, entre 1909 e 1913, a quantidade dessas importações aumentou 65%. A importação de matérias-primas e bens semimanufaturados aumentou, no mesmo período, em 60 por cento. Assim, a importância das importações aumentou notavelmente. As importações mais notáveis foram aparelhos de máquinas industriais de vários tipos, ferragens, máquinas agrícolas, produtos químicos, acessórios elétricos e outros meios de produção. Mas também houve um aumento constante na importação de artigos de consumo (têxteis, artigos de couro, etc.).

Todas as relações com a Alemanha foram interrompidas no início da guerra. Quando a Rússia soviética foi bloqueada, as relações comerciais com a Entente também chegaram ao fim. De acordo com estimativas pré-guerra, nossas importações totais de mercadorias somavam quase um bilhão e meio de rublos. Isso mostra a perda que o bloqueio nos infligiu.

A política do nosso partido deve, portanto, visar à reabertura das relações econômicas com outros Estados - na medida, é claro, em que isso seja compatível com nossos objetivos gerais. A melhor garantia, nesse sentido, seria uma vitória decisiva sobre a contrarrevolução.

Uma segunda tarefa diz respeito às relações econômicas mútuas entre a Rússia e os países em que o proletariado ganha vantagem. Devemos visar não apenas às trocas econômicas com esses países, mas se possível, devemos colaborar com eles de acordo com um plano econômico comum. Se o proletariado vencer na Alemanha, devemos estabelecer um órgão conjunto que dirija a política econômica comum das duas repúblicas soviéticas. Decidiria a quantidade de produtos que a indústria proletária alemã deveria enviar para a Rússia soviética; quantos trabalhadores qualificados deveriam migrar da Alemanha (para as fábricas de locomotivas russas, por exemplo); e inversamente, que quantidade de matérias-primas deve ser enviada da Rússia para a Alemanha. Sabemos perfeitamente que a Europa poderá se recuperar muito mais rapidamente do atual estado de desorganização no caso de se formar uma união entre os vários países. Naturalmente, não temos intenção de nos unir a nenhuma terra capitalista. Por outro lado, podemos e devemos estabelecer uma estreita aliança econômica com as repúblicas soviéticas, devemos colaborar com elas de acordo com um plano econômico comum. **A centralização proletária econômica da produção em escala internacional - esse é o nosso objetivo.**

§ 97. A organização da pequena indústria, artesanato e indústria doméstica

Vimos que um dos principais obstáculos à edificação do comunismo na Rússia surge do fato de que, em geral, nosso país, como todos os países subdesenvolvidos e atrasados, é um país de pequenas empresas. Acima de tudo, isso é verdade para a agricultura russa. Mas a indústria manufatureira da Rússia também retém vestígios do antigo tipo de relações: temos inúmeros operários, artesãos independentes e pequenos produtores. De acordo com as estatísticas pré-guerra, em 84 províncias havia cerca de 1.700.000 pequenas empresas que pertenciam a trabalhadores domésticos.

Na declaração a seguir, essas indústrias domésticas são classificadas numericamente de acordo com a natureza dos produtos.

I. MINERAIS.....	66.400
(cerâmica e faiança, azulejos, mós, pedras de amolar, utensílios de cobre, cal).	
II. MADEIRA.....	467.900
(esteiras; cubas, tinas, barris; móveis; sapateiras; trenós e carroças; cestas e artigos de cestaria; rodas, aros; carvão, piche e alcatrão; colheres e outros utensílios de madeira; barcos e jangadas - ao todo, 18 indústrias).	
III. METAIS.....	130.500
(pregos, machadinhas e outros trabalhos de ferraria; fechaduras e facas; joias, relógios de mesa e de parede; trabalhos de fundição; caixilhos de janelas e portas; baldes e tubos).	
IV. FIAÇÃO, TECELAGEM, etc.....	65.200
(tecelagem; enchimento; fiação; rendas; fabricação de lenços; fabricação de redes e cordas; fabricação de tapetes; fabricação de bonés; fabricação de escovas; etc. - 11 indústrias ao todo).	
V. ARTIGOS DE COURO.....	208.300
(botas e sapatos; casacos de pele de carneiro; pequenos artigos de couro; selaria; luvas de pele; pentes).	
VI. DIVERSOS.....	185.400
(estão incluídos:	
alfaiataria.....	1.104.900
várias indústrias.....	78.800
criação de ícones*.....	8.600
confecção de concertinas**.....	8.100

* Pode ser entendido como o trabalho artesanal de confecção de quadros, estátuas ou outros itens decorativos.

** Instrumento musical semelhante ao acordeão.

Segundo algumas estimativas, o número de trabalhadores domésticos independentes foi reduzido em um milhão durante a guerra, e isso apesar do fato de que, devido à desorganização da manufatura em grande escala, muitos trabalhadores adotaram a indústria doméstica. A redução pode ser explicada pela migração e dispersão de trabalhadores domésticos em busca de regiões onde havia mais para comer. Nas províncias de Vologda, Novgorod e regiões semelhantes, onde as condições alimentares eram particularmente ruins, a queda variou de 20 a 25%. Por outro lado, nas províncias de Kursk, Orel, Simbirsk e Tambov, houve um aumento de 15% para 20%.

O Poder proletário se depara com a pergunta: como essa massa de pequenos produtores deve ser incorporada ao sistema geral da economia socialista agora em construção?

Em primeiro lugar, é absolutamente claro que a expropriação forçada é, aqui, absolutamente inadmissível. Os pequenos produtores não devem ser empurrados para o reino socialista. Devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para facilitar a eles a mudança necessária e entender que não é apenas necessário, mas também vantajoso. Isso pode ser alcançado cercando o trabalhador doméstico com certas condições. Quais são essas condições? Como elas podem ser garantidas?

Em primeiro lugar, **devemos incluir a indústria doméstica no regime geral para o fornecimento estatal de combustíveis e matérias-primas.** Isto porque, se o trabalhador doméstico recebe da organização estatal do proletariado o combustível e as matérias-primas necessárias para sua ocupação produtiva, ele se tornará dependente dessa organização proletária. Antigamente, sob o capitalismo, o negociante ou o dono da fábrica muitas vezes fornecia matérias-primas ao trabalhador doméstico e, assim, se tornava dependente do primeiro. É claro que o comerciante ou o dono da fábrica *cuidavam* do trabalhador doméstico dessa maneira para explorá-lo. O trabalhador doméstico estava realmente trabalhando, não para si mesmo, mas para um capitalista. De caráter muito diferente é a dependência do trabalhador doméstico em relação ao Estado proletário. O Estado proletário, o Estado operário, não quer, não vai, e nem pode explorar o trabalhador doméstico. O Estado proletário só quer ajudar os trabalhadores domésticos a se organizarem em conjunto com os outros trabalhadores. O Estado proletário não extrai lucro dos trabalhadores domésticos (não extrai lucro de ninguém): seu objetivo é atrair os trabalhadores domésticos e suas organizações para a organização geral do trabalho da indústria. O trabalhador doméstico que depende do revendedor ou do proprietário da fábrica trabalha para o revendedor ou o proprietário da fábrica. Ele se torna sua besta de carga. O trabalhador doméstico dependente do Estado proletário é um assistente social. Assim, o primeiro requisito é a inclusão do trabalhador doméstico no regime geral de fornecimento de combustível e matérias-primas.

Em segundo lugar, é fundamental que **o trabalhador doméstico receba ajuda financeira do estado.** Antigamente, sob o capitalismo, o traficante usurário também ajudava o trabalhador doméstico em questões financeiras. Mas ele *suportou* o trabalhador doméstico tanto quanto o cordão sustenta o homem que foi enforcado. O traficante escravizava o trabalhador doméstico da maneira mais bárbara, pois o negociante, como uma aranha, sugou o melhor do trabalhador doméstico. O Estado proletário pode realmente ajudar o trabalhador doméstico com dinheiro, fornecendo o dinheiro para permitir que o trabalhador doméstico execute as ordens do Estado, sem a intenção de obter lucros, sem nenhum objetivo usurário.

Em terceiro lugar, é evidente que **o estado proletário deve fazer suas encomendas ao trabalhador doméstico de acordo com um sistema centralizado.** Abastecendo o trabalhador doméstico de matérias-primas, de combustível, de acessórios e, em caso de necessidade, de implementos, a autoridade do Estado proletário ordena as suas encomendas segundo um plano definido, podendo incluir o trabalhador doméstico no regime geral de Produção.

Assim, os trabalhadores domésticos serão gradualmente atraídos para dentro do sistema geral de produção que agora está sendo organizado sobre fundamentos socialistas. Eles serão projetados dentro desse sistema, não apenas por serem abastecidos com certos produtos da produção social, mas também porque eles mesmos estarão trabalhando diretamente para o Estado proletário de acordo com um plano que lhes foi prescrito pelos instrumentos do Estado proletário.

Em quarto lugar, **a ajuda dada aos trabalhadores domésticos** (na forma que acabamos de descrever) **deve ser condicional a que se organizem como outros trabalhadores**. O Estado proletário deve dar preferência aos trabalhadores domésticos que se unem, que se organizam em *artels*⁴⁴ ou cooperativas de produção. Mais importante ainda, deve dar preferência, entre tais organizações, àquelas que realizam a produção cooperativa em grande escala, em vez da pequena produção.

Todo empresário, por menor que seja a escala de suas operações, e até mesmo o trabalhador doméstico independente tem, no fundo de seu coração, o desejo de se tornar um grande empresário, o desejo de *entrar no mundo*, o desejo de *ter um estabelecimento próprio*, para *se comprometer*, e assim por diante. Sob o capitalismo, os *artels* ou cooperativas de produção tenderam, à medida que se fortaleceram, a degenerar, de fato, em empreendimentos capitalistas. Será muito diferente sob a ditadura do proletariado. Aqui não há espaço para o capitalismo. Em vez disso, temos a autoridade estatal dos trabalhadores, que organiza todos os tipos possíveis de sindicatos entre os trabalhadores e que detém, em suas mãos, todos os recursos financeiros da comunidade e, ainda mais importante, todos os meios de produção. Antigamente era absurdo acreditar que os *artels* pudessem nos aproximar do socialismo; inevitavelmente, no curso de seu desenvolvimento, eles se transformaram em empresas capitalistas. Mas agora, quando somos capazes de atraí-los para a organização do Estado operário, tais órgãos podem ser úteis na construção do socialismo. Eles podem ser úteis, não porque os trabalhadores domésticos estão ansiosos pelo comunismo (muitos dos trabalhadores domésticos, como pequenos empresários em geral, são preconceituosos contra o comunismo), mas porque novas estradas estão sendo abertas, enquanto as velhas estradas foram completamente fechadas.

44 Um *artel* é uma união de produtores trabalhadores, sejam agrícolas ou industriais. Uma espécie de cooperativa de produção, mas não é direcionada para a comercialização dos produtos. O termo *artel* foi mantido justamente por esta diferença com a cooperativa, que também comercializa sua produção.

Ao encorajar os trabalhadores domésticos a formar organizações trabalhistas, encorajamos sua transformação indolor em trabalhadores do grande sistema de produção social unido, organizado e *mecanizado*.

Muito já foi feito nesse sentido. Para a temporada de inverno de 1919-1920, por exemplo, as encomendas do Estado foram amplamente feitas entre os trabalhadores domésticos: 2.000.000 pares de botas de feltro; 2.200.000 pares de luvas de lã; grandes quantidades de artigos de malha; sapatos de fibra; casacos de pele de carneiro; etc. Já é perceptível uma melhora na produção. Para a temporada de inverno 1918-1919, as entregas de botas de feltro até 1º de março de 1910 (!) foram de apenas 800.000 pares; para a temporada de inverno 1919-1920 já foram entregues 500.000 pares até novembro de 1919.

Os adiantamentos foram concedidos de acordo com um plano definido: foram fornecidos petróleo, iluminantes, combustível e matérias-primas. Nos anos 1918-1919, o trabalho de organização tomou a seguinte forma. Foram convocadas conferências constituídas pelos representantes das organizações cooperativas, das ligas de trabalhadores domésticos (Centrosoyus, Centrosectia, Moska, Kustarsbyt, etc.), e representantes da seção para a indústria doméstica do Conselho Econômico Supremo. Essas conferências elaboraram um plano geral. Kustarsbyt (a liga central de cooperativas para a produção e distribuição de bens fabricados por trabalhadores domésticos e artels⁴⁵) é a maior organização de trabalhadores domésticos que foi incluída no esquema organizacional geral. Abrange 29 ligas com 1.306 cooperativas, representando ao todo 631.860 empreendimentos de home office. Eles recebem seus suprimentos da organização central ou através dos conselhos econômicos locais.

Sob o regime soviético, o número de associações está aumentando constantemente.

Não é preciso dizer que, uma vez que as ligações entre as várias partes do aparato econômico soviético estão agora em construção, nenhuma forma final foi ainda alcançada. Tudo ainda está em um estado de fluxo. Mas há um assunto sobre o qual devemos manter nossa atenção: a regulação do aparelho, a harmonia da organização, a finalidade de todas as nossas atividades.

§ 98. A Organização da indústria e dos sindicatos

Na Rússia, o aparelho que se revelou eminentemente adequado para as novas tarefas no domínio da organização e administração da indústria consistiu nos sindicatos.

Na sociedade capitalista, a função dos sindicatos – constituídos primeiro sobre uma base artesanal e, posteriormente, sobre uma base industrial (produtiva) – era principalmente servir de meio para a luta contra o capitalismo, como meio para a luta econômica. Durante os dias de tempestade e estresse, os sindicatos uniram forças com o partido da classe trabalhadora, com

45 Um *artel* é uma união de produtores trabalhadores, sejam agrícolas ou industriais. Uma espécie de cooperativa de produção, mas não é direcionada para a comercialização dos produtos. O termo *artel* foi mantido justamente por esta diferença com a cooperativa, que também comercializa sua produção.

os bolcheviques, para liderar o ataque geral ao capital. O partido, os sindicatos e os sovietes marcharam lado a lado contra a ordem social capitalista. Após a conquista do poder político, o papel dos sindicatos naturalmente mudou. Até então, por exemplo, eles haviam se engajado em greves contra os capitalistas. Agora os capitalistas não existiam mais como classe dominante, como senhores, como empresários. Até então, o principal objetivo dos sindicatos era destruir o sistema que então prevalecia nas fábricas. Mas depois de novembro de 1917, chegou a hora do estabelecimento da nova ordem.

A organização da produção - esta era a nova tarefa dos sindicatos na época da ditadura do proletariado. Os sindicatos foram capazes de reunir um número imenso do proletariado. Eram as mais poderosas de todas as organizações proletárias e estavam diretamente associadas ao trabalho de produção. Além disso, na Rússia, na época da revolução, eles estavam inteiramente de acordo com a ideia da ditadura do proletariado. Não é de surpreender, portanto, que tenha sido necessário entregar a essas organizações a responsabilidade real pela gestão da produção, incluindo a gestão do mais importante de todos os elementos da produção - a gestão da força de trabalho.

Qual deve ser a relação entre os sindicatos e o Poder de Estado do proletariado?

Recordemos o que a burguesia fez para garantir seus maiores sucessos. Construiu o sistema do capitalismo de Estado, associando mais estreitamente todas as suas outras organizações ao Poder de Estado, aplicando-se especialmente às suas organizações econômicas (sindicatos, trustes e associações patronais). O proletariado, que deve levar a bom porto sua luta contra o capital, deve igualmente centralizar suas organizações. Tem seus sovietes como delegados operários, que constituem os instrumentos da autoridade do Estado; tem sindicatos; tem cooperativas. Manifestamente, para que seu trabalho seja eficaz, eles devem estar mutuamente interconectados. Surge agora a questão com qual organização as outras devem estar ligadas. A resposta é simples. Devemos selecionar o maior e mais poderoso de todos. Tal organismo é constituído pela organização estatal da classe trabalhadora, pelo Poder Soviético. Segue, portanto, **que os sindicatos e as cooperativas devem se desenvolver de forma que se transformem em departamentos e instrumentos econômicos do estado, devem ser estatizados.**

Os solidários sociais (aqueles que continuamente ignoram o significado da luta de classes), ao considerar o papel que deve ser desempenhado pelos sindicatos na época da ditadura do proletariado, costumam adotar o ponto de vista daqueles que exigem *independência* para o movimento sindical. Os sindicatos, asseguram-nos esses nobres, são organizações de classe, e por isso devem permanecer inteiramente independentes da autoridade do Estado.

É muito fácil detectar a falácia subjacente ao que aqui se disfarça de perspectiva de *classe*. O *Estado* não pode ser contrastado com as organizações de *classe*, pois o próprio Estado é uma organização de classe. Quando os mencheviques e outros protestam contra a união com o Estado operário, na verdade estão expressando sua hostilidade ao Estado operário. Eles estão tomando partido da burguesia. Notamos que eles também defendem a independência do Estado burguês.

Eles falam com desprezo dos sindicatos *apoiados por fundos do Estado*. Mas agora [na Rússia] o tesouro do Estado pertence aos trabalhadores. Aparentemente, os mencheviques prefeririam que as receitas do Estado ainda pertencessem à burguesia! A independência do Poder de Estado operário significa realmente dependência da burguesia.

As novas tarefas que cabiam aos sindicatos tornavam essencial que, com a maior rapidez possível, eles se tornassem grandes sindicatos industriais (produtivos). É óbvio que, se os membros dos sindicatos devem ser responsáveis pela organização da produção, os trabalhadores devem ser organizados segundo as linhas da indústria produtiva, e não segundo as linhas do artesanato. Em outras palavras, para o bom cumprimento da nova função, era necessário que os sindicatos fossem organizados de tal forma que todos os trabalhadores e empregados de qualquer empresa estivessem reunidos em um sindicato, e que para cada empresa nenhum outro sindicato estivesse disponível. Anteriormente, os sindicatos eram construídos de tal forma que os trabalhadores se organizavam de acordo com seus pequenos ofícios. Quando, posteriormente, foram feitos esforços para se organizar nas linhas da indústria (produção), a confusão ainda prevaleceu. Por exemplo, o Sindicato dos Metalúrgicos aceitava como membros não apenas os trabalhadores que realmente se dedicavam à indústria metalúrgica, mas qualquer trabalhador cujo ofício tivesse algo a ver com metais, embora a indústria com a qual ele estava ligado não tivesse nada a ver com metalurgia. É claro que não alcançamos uma verdadeira organização industrial (produtiva) quando cada empresa ou cada ramo de produção é tratado como um organismo separado. Para alcançar a organização industrial da produção, devemos nos organizar de maneira adequada, de acordo com todos os ramos da produção, e devemos organizar todos os trabalhadores e empregados envolvidos em qualquer ramo específico em um único sindicato.

Como exemplo da fusão de vários pequenos sindicatos artesanais para formar um grande sindicato industrial, podemos tomar a organização dos metalúrgicos de Petrogrado.

Antes da fusão (No final de 1917 e início de 1918)

1. Sindicato dos Metalúrgicos
2. Sindicato dos Fuzileiros
3. Sindicato dos Fundidores
4. Sindicato dos Soldadores e Tosquiadores
5. Sindicato dos Modeladores
6. Sindicato dos Ourives
7. Sindicato dos Relojoeiros
8. Sindicato dos Eletricistas
9. Sindicato dos Maquinistas
10. Sindicato dos Classificadores

Após a fusão

1. Sindicato dos metalúrgicos juntamente com suas seções (uma filial dos sindicatos metalúrgicos de toda a Rússia compreende todos os trabalhadores e empregados atuantes na indústria metalúrgica.

Desta forma, em lugar de um grande número de pequenos sindicatos organizados em base artesanal, surgiram os grandes sindicatos industriais (produtivos) centralizados. **A tarefa do nosso partido nessa conexão é acelerar a transformação e favorecer a formação de sindicatos industriais (produtivos), cada um dos quais inscreverá todos os trabalhadores e funcionários, sem exceção, envolvidos em um ramo específico da produção industrial.**

De acordo com os dados disponibilizados pelo departamento de estatística do Soviete Central de Sindicatos de Toda a Rússia, a filiação dos sindicatos era a seguinte:

Na primeira metade de 1917.....	385.988
Na segunda metade de 1917.....	943.547
Na primeira metade de 1918.....	1.649.278
Na segunda metade de 1918.....	2.250.278
Na primeira metade de 1919.....	2.825.018

Na primeira metade do ano de 1919, a adesão de 81 sindicatos de toda a Rússia, excluindo o Sindicato dos Ferroviários e o Sindicato dos Transportadores de Água, era de 2.801.000 - o restante dos trabalhadores estava organizado em sindicatos locais. Se somarmos os 722.000 trabalhadores ferroviários e os 200.000 trabalhadores do transporte aquaviário, descobrimos que o total de membros dos sindicatos era superior a 8.700.000. Eles têm 38 comitês executivos centrais. Além disso, ainda há um grande número de sindicatos que não foram centralizados. O departamento de estatística estima que o número total de trabalhadores organizados (incluindo as províncias ocupadas pelo inimigo) é de 4.000.000. Não devemos esquecer que os trabalhadores pertencentes às fábricas que não estão funcionando ainda são considerados trabalhadores dessas fábricas e permanecem membros de seus respectivos sindicatos.

De acordo com as leis da República Soviética e conforme a prática estabelecida, os sindicatos (industriais ou produtivos) participam do trabalho de todos os órgãos centrais e locais da administração da indústria. Eles participam do trabalho dos comissariados, dos conselhos econômicos, do Conselho Econômico Supremo, das chefias e dos centros, da administração

operária das fábricas – em resumo, em todos os lugares os sindicatos desempenham um papel importante, ou mesmo decisivo.

No entanto, essa tomada de controle da produção por parte dos sindicatos ainda está longe de ser concluída. Há muitos ramos da vida econômica em que os trabalhadores ainda não assumiram o controle como deveriam assumir. Isso se aplica especialmente às *chefias* e *centros*. Neles, frequentemente encontramos especialistas burgueses trabalhando, pessoas que não estão sujeitas a nenhum controle adequado, e que gostariam de reconstruir a organização econômica de acordo com seus próprios planos, esperando o retorno dos *bons velhos tempos*, pela rápida transformação dos centros em trustes capitalistas. Para contrariar tais desígnios, é essencial que **os sindicatos tenham uma participação cada vez maior na administração da indústria, até o dia em que toda a vida econômica, de cima abaixo, constitua uma unidade que seja eficaz, controlada pelos sindicatos industriais (produtivos).**

Nos níveis inferiores da administração industrial, devemos nos referir, em especial, à atividade dos comitês de fábrica. Estas são realmente células dos sindicatos, subordinadas, em cada caso, à orientação do respectivo sindicato. Eleitos pelos trabalhadores de uma determinada fábrica ou oficina, esses comitês de fábrica ou oficina controlam os negócios dentro da empresa no que diz respeito à força de trabalho. Eles são responsáveis por contratar e demitir trabalhadores, cuidam das famílias dos trabalhadores, supervisionam o pagamento, regulam as horas de trabalho, são supremos em matéria de disciplina, etc. Eles são, além disso, admiráveis escolas primárias de trabalho administrativo para as amplas massas do povo.

Desta forma, os sindicatos (industriais ou produtivos) efetuam a associação mais estreita entre os órgãos centrais da administração do Estado, da vida econômica e das amplas massas operárias.

A primeira e mais importante função dos sindicatos industriais (produtivos) é, em grau cada vez maior, assegurar que as massas participem do controle da vida econômica. Tomando como base os comitês de fábrica e unindo praticamente todos os trabalhadores, os sindicatos industriais (produtivos) devem induzir cada vez mais trabalhadores a se interessarem pela organização da produção. A experiência prática direta do trabalho administrativo é aqui especialmente valiosa (por exemplo, nos comitês de fábrica, nas administrações operárias de fábrica, nos conselhos econômicos, nas *chefias*, etc.). De grande valor, também, é um trabalho especial de esclarecimento realizado pelos sindicatos (cursos de instrução, etc.).

Esta introdução das massas à participação no trabalho construtivo também é a melhor maneira de contrariar a tendência à burocracia no aparelho econômico do Poder Soviético. Em lugares onde há pouquíssimos trabalhadores, mas um grande número de *empregados soviéticos*,

a burocracia tende a assumir proporções formidáveis. Rotinismo, burocracia, falta de educação, negligência, sabotagem – há muito disso tudo nas organizações econômicas. Conhecemos apenas uma maneira de nos livrar de tais abusos, e é elevando os níveis mais baixos dos trabalhadores a um nível mais alto. Somente assim pode ser assegurado um controle popular genuíno das atividades de todas as nossas instituições econômicas.

§ 99. A utilização da força de trabalho

De extrema importância para o futuro da Rússia é a correta utilização dos suprimentos disponíveis de força de trabalho. Quando os meios de produção estão quase esgotados e as matérias-primas são muito escassas, tudo depende da correta aplicação da força de trabalho. Temos, então, os seguintes deveres a cumprir: devemos utilizar toda a força de trabalho disponível; em outras palavras, devemos cuidar para que todos os elementos capazes de trabalhar tenham algo a fazer, que sejam todos empregados. Devemos lembrar que, em dias de fome, quem come sem fazer trabalho útil é um peso morto para a sociedade. Existem muitas dessas pessoas. No entanto, há muito trabalho que pode ser feito sem meios complicados: por exemplo, a remoção de lixo urbano; a reparação de ruas, estradas e ferrovias; limpeza de ruas; trabalho de fortificação de emergência; a limpeza dos quartéis; etc.

Existem vários tipos de trabalho relacionados com o fornecimento de combustível e matérias-primas, derrubada de árvores, transporte de madeira, obtenção de turfa, etc. Aqui, é claro, encontramos muitas dificuldades. Podemos ter homens e machados, mas pode faltar comida para os homens, de modo que nossos esquemas de corte de madeira não dão em nada. É óbvio, no entanto, que a única saída para nossas muitas dificuldades é através da correta utilização da força de trabalho à nossa disposição.

Associado a esse problema está o de realizar mobilizações gerais para efetivar um ou outro tipo de trabalho social. Quando o trabalho de fortificação era urgentemente necessário, fez-se um excelente uso da força de trabalho das massas que, de outra forma, seriam desperdiçadas. Esta tarefa deve ser realizada sistematicamente. A obrigação universal de trabalhar faz parte da constituição da República Socialista Federativa Soviética da Rússia, mas na prática, estamos muito longe de sua realização. Nosso primeiro dever, então, é fazer com que toda a força de trabalho da República Operária seja adequadamente utilizada. Nosso segundo dever diz respeito à distribuição e redistribuição da força de trabalho. É suficientemente óbvio que a produtividade do trabalho dependerá de até que ponto podemos

efetuar uma distribuição intencional da força de trabalho pelos vários distritos e pelos vários ramos de trabalho.

Essa distribuição de força de trabalho, o fornecimento de força de trabalho para os lugares onde é necessária, exigirá uma enorme quantidade de registro de força de trabalho, para que as atribuições sejam feitas de forma inteligente. A menos que saibamos precisamente de que meios temos de dispor, não podemos utilizá-los com vantagem. Este é um trabalho que o Poder Soviético não pode realizar adequadamente sem a colaboração dos sindicatos e, de fato, o trabalho deve ser feito por meio dos sindicatos.

§ 100. Disciplina de trabalho camarada

A produtividade de um país não é determinada apenas pela quantidade de máquinas, matérias-primas e outros meios materiais de produção que contém: sua produtividade também depende da força de trabalho. Na Rússia atual, como os meios materiais de produção são tão escassos, a condição da força de trabalho, do trabalho vivo, assume enorme importância.

O método de produção capitalista mantinha os trabalhadores em sujeição: obrigou-os a trabalhar para seus senhores; com efeito, impôs a disciplina do chicote.

A revolução minou e derrubou esta disciplina do trabalho capitalista, aboliu-a completamente, assim como aboliu a disciplina imperialista no exército e pôs fim à obediência dos soldados aos oficiais czaristas. É claro, no entanto, que a tarefa de reconstrução socialista nunca será alcançada sem uma nova disciplina. Portanto, da mesma forma, a comparação com o exército é válida.

Destruímos o antigo exército. Por uma temporada, houve *anarquia*, desordem, confusão. Mas construímos um novo exército, em novas bases e para novos fins - um exército que está nas mãos do proletariado e luta contra os latifundiários e capitalistas aos quais pertencia o antigo exército.

A mesma coisa está acontecendo no caso do *exército dos trabalhadores*, no caso da classe trabalhadora. O período da destruição da velha disciplina acabou. Agora está sendo inaugurada uma nova disciplina de trabalho camarada, não imposta e sustentada pelos senhores, não imposta e sustentada pelo chicote capitalista, mas pelas próprias organizações trabalhistas, pelos comitês de fábrica, comitês de oficina e sindicatos. Quando estamos organizando a produção, não podemos deixar de lado a organização do trabalho na fábrica.

Uma disciplina laboral camarada é um dos meios mais importantes para a organização da produção social e para o aumento da produtividade. A disciplina de camaradagem deve ser

acompanhada pela *espontaneidade completa da classe trabalhadora*. Os trabalhadores não devem esperar ordens de cima, não deve faltar iniciativa. Longe disso, toda melhoria na produção, toda descoberta de novos métodos de organização do trabalho deve abrir caminho por si mesma. As camadas atrasadas dos trabalhadores muitas vezes não reconhecem como seu trabalho deve ser gerenciado, mas os meios estão à mão. Os trabalhadores estão organizados em sindicatos, e esses sindicatos controlam a produção: todos os dias os trabalhadores têm, diante dos olhos, os comitês de fábrica e de oficina e as administrações operárias de fábrica. Tudo o que é necessário pode ser feito de baixo para cima por meio da instrumentalidade das organizações trabalhistas, contanto que se demonstre um pouco mais de zelo, menos timidez, uma percepção mais plena de que a classe trabalhadora se tornou, agora, mestre da vida.

A disciplina do trabalho deve se basear no sentimento e na *consciência de que cada trabalhador é responsável por sua classe*, na consciência de que a negligência e o descuido são traição à causa comum dos trabalhadores. Os capitalistas não existem mais como casta dominante. Os trabalhadores não trabalham mais para capitalistas, usurários e banqueiros: trabalham para si mesmos. Estão engajados em seus próprios assuntos: o edifício que estão construindo pertence aos trabalhadores. Antigamente, sob o regime capitalista, não cabia a nós nos preocuparmos com a melhor maneira de encher suas bolsas. Agora, mais um dia amanheceu. Este senso de responsabilidade para com toda a classe trabalhadora deve animar a mente de cada trabalhador.

Finalmente, a disciplina laboral deve se basear no mais estrito controle mútuo. Como todos os camaradas sabem que um declínio na produtividade do trabalho acarretará a ruína de toda a classe trabalhadora, que se não melhorarmos nesse aspecto, inevitavelmente pereceremos, todos eles devem supervisionar com olhos proprietários a tarefa comum de utilizar as energias vivificantes da natureza. O trabalho é uma luta, é uma luta com a natureza. Temos que conquistar a vitória sobre a natureza, devemos transformar as cruezas da natureza em roupas, combustível e pão. E assim como na linha de frente da luta contra os inimigos de nossa classe, com os capitalistas, os latifundiários e os militares, medimos nossos sucessos e vigiamos atentamente todos os que têm medo, todos os negligentes, todos que são traiçoeiros - então, aqui, devemos nos controlar mutuamente. Aquele que trai a causa dos trabalhadores, que agora não consegue ajudar a tirar a carroça dos trabalhadores do atoleiro, este é um *blackleg*⁴⁶.

46 Gíria que se refere àquele que sabota companheiros de trabalho, como os fura-greves.

É claro que o trabalho de criação de uma nova disciplina trabalhista será árduo, pois envolverá a reeducação das massas. Uma psicologia escrava e hábitos escravizados ainda estão profundamente arraigados. É exatamente como foi no caso do exército. Quando o czar dirigia, o soldado seguia em frente; mas quando se tratava de defender sua própria causa, o soldado coçava a cabeça e não fazia nada. Ainda assim, conseguimos lidar com essa questão do exército porque os membros da vanguarda operária estavam bem cientes do que estava em jogo e fizeram tudo o que era necessário. Agora temos que alcançar resultados semelhantes no caso da produção. A reeducação dos trabalhadores será facilitada pelo fato de que as próprias massas trabalhadoras percebem (e foram ensinadas pela experiência cotidiana) que seu destino está em suas próprias mãos. Eles tiveram uma lição muito boa quando, por um tempo, em várias regiões, o Poder Soviético foi derrubado pela contrarrevolução. Por exemplo, nos Urais, na Sibéria, etc.

Os comunistas, a vanguarda operária, deram um exemplo marcante da nova disciplina camarada ao instituir os chamados sábados comunistas, quando trabalharam voluntária e gratuitamente, aumentando a produtividade do trabalho muito além do comum.

O camarada Lenin falou dos sábados comunistas como *a grande iniciativa*. Os ferroviários de Moscou foram os primeiros entre os comunistas a organizar os sábados comunistas e, desde o início, houve um notável aumento na produtividade de seu trabalho. Na Alexander Railway, 5 torneiros, em 4 horas, fizeram 80 cilindros (218% a mais que a produção normal); 20 trabalhadores, em 4 horas, montaram 600 *poods*⁴⁷ de sucata e 70 molas de carruagem pesando cada uma 8 ½ *poods* (300% mais que a produção normal). Este foi o começo. Então, Petrogrado adotou os sábados comunistas e os organizou em grande escala. Abaixo está a ilustração:

		Nº de trabalhadores	valor em dinheiro por 5 dias de trabalho
1º sábado	16 de agosto	5.175	1.168.188 rublos
2º sábado	23 de agosto	7.650	
3º sábado	30 de agosto	7.900	
4º sábado	06 de setembro	10.250	
5º sábado	13 de setembro	10.500	

De Petrogrado e Moscou, os sábados comunistas chegaram às províncias e os não-membros do partido começaram a trabalhar da mesma maneira. A iniciativa dos ferroviários de Moscou foi tão eficaz porque eles foram os pioneiros de uma nova disciplina.

Não é preciso dizer que o estabelecimento da nova disciplina trabalhista seria impraticável sem a cooperação dos sindicatos. Mais ainda, cabe aos sindicatos avançar neste caminho, experimentar novos métodos e novos caminhos. Tudo é experimental, não existem precedentes.

47 Antiga unidade de peso russa igual a 36,11 libras (16,38 kg).

Entre as medidas já adotadas e que devem ser desenvolvidas e aperfeiçoadas por todos os meios possíveis, nosso partido destaca as seguintes:

1. *A introdução dos registros.* Na Rússia, temos sido muito atrasados a este respeito. Mas sem registros apropriados, nenhum tipo de organização, investigação ou controle pode ser alcançado. Sem registros é impossível chegar à raiz da questão.
2. *A introdução de uma jornada normal de trabalho e de uma intensidade normal de trabalho.* Aqui também, ainda estamos no primeiro estágio de desenvolvimento. Os capitalistas, em suas empresas, tinham horários fixos e um padrão fixo de velocidade para os trabalhadores, com o objetivo de extrair mais-valia. As horas e a velocidade foram fixadas pelas organizações dos mestres. Na Rússia soviética, as horas de trabalho e a intensidade do trabalho são fixadas pelos sindicatos, isto é, pelas organizações operárias, cuja função é tomar novas medidas neste campo. As organizações operárias decidem as possibilidades de trabalho, levando em conta o frio, a fome, a escassez de materiais e o mau estado geral das máquinas. Assim que as horas e a intensidade forem prescritas, o trabalhador que não cumpre o padrão, prejudica a todos. Devemos estabelecer um código de honra dos trabalhadores, de modo que qualquer trabalhador que, sem justa causa, deixe de contribuir com sua cota para a causa comum, seja considerado um vadio desprezível.
3. *O estabelecimento de responsabilidade aos tribunais trabalhistas camaradas.* Isso implica não apenas que todos estejam sob a supervisão de seus colegas de trabalho, mas que todos sejam positivamente chamados a responder pelo mau trabalho. Nesta questão, mais uma vez, não é um senhor que supervisiona seus escravos, mas a classe trabalhadora e suas organizações que impõem a responsabilidade dos membros individuais.

Muitas medidas semelhantes podem ser consideradas. Elas seriam todas dirigidas para o mesmo fim, que é comandar as fileiras do exército dos trabalhadores, o exército dos pioneiros que estão construindo o caminho para a nova ordem social.

§ 101. O emprego de especialistas burgueses

A produção contemporânea em larga escala é inconcebível sem a gestão de engenheiros, técnicos, especialistas eruditos, pesquisadores e pessoas com experiência prática peculiar. Entre as fileiras dos trabalhadores, muito poucos se enquadram nesta categoria. Nem no regime czarista e feudal, nem no regime burguês os trabalhadores tiveram oportunidade de aprender.

Mas temos que continuar com o trabalho, e só há uma saída para a dificuldade. Devemos usar aquelas pessoas com habilidade especializada que serviram à burguesia, não por medo, mas por inclinação. O partido está bem ciente de que esta camada de técnicos e intelectuais, não menos que a camada de ex-gestores e organizadores capitalistas, está saturada de ideologia burguesa. Não mais.

Muitas dessas pessoas são diretamente hostis a nós e gostariam de nos entregar aos nossos inimigos de classe. No entanto, temos que colocar esses burgueses a nosso serviço. Não há mais nada a fazer.

Os peritos e técnicos travaram uma luta feroz contra o proletariado, primeiramente por sabotagem. Mas o Poder Soviético conseguiu acabar com a sabotagem. Aos poucos, muitos grupos vieram para o nosso lado, quando viram que os trabalhadores estavam criando e destruindo, e que nosso partido, de modo algum, pretendia entregar a Rússia aos imperialistas alemães. Alguns deles estão começando a perceber que o sinal do capitalismo realmente soou. Uma divisão em suas fileiras começou. Cabe ao proletariado ampliar ao máximo essa brecha.

Devemos estar errados, é claro, em esperar fidelidade desses *especialistas*, em esperar deles devoção ao comunismo. Seria absurdo esperar que tais pessoas, ligadas à burguesia por mil laços, passassem por uma transformação repentina. Mas o proletariado deve agir como um empregador que enxerga longe. Precisa dos especialistas burgueses e deve compeli-los a trabalhar, para isso.

Devemos empregar os seguintes métodos. Considerações econômicas determinam que encorajemos todos os que trabalham bem, e não devemos ser mesquinhos em relação aos seus salários. Mas com aqueles que se mostram contrarrevolucionários, que lutam contra o proletariado, que são traidores ou sabotadores, devemos ser absolutamente implacáveis. O proletariado deve premiar aqueles que o servem fielmente, e saber premiar. Mas os operários não podem permitir que ninguém lhes inflija impunemente um dano, sobretudo numa época como esta, quando têm de sofrer as dores da fome e mil males adicionais.

Portanto, devemos exercer um controle estrito, mais particularmente quando estamos lidando com especialistas oriundos dos círculos dos gerentes das grandes empresas e entre aqueles que eram capitalistas em grande escala. Tais pessoas frequentemente tentarão servir seu próprio lado em segredo. Temos que adotar, na vida civil, as mesmas medidas que tivemos que adotar na frente de batalha para lidar com a traição por parte de ex-oficiais do regime czarista que entraram em nosso serviço.

Por outro lado, o partido tem que se opor à visão doentia e infantil de que podemos dispensar inteiramente os serviços de especialistas. Isso seria absurdo. Tal ideia só pode ser alimentada por pessoas opinativas, mas ignorantes, que nunca pensaram seriamente nas tarefas que agora devem ser assumidas pelo proletariado. O proletariado deve continuar a produção contemporânea com a ajuda das últimas aquisições da ciência. Este, pelo menos, deve ser o seu objetivo. É claro que criará (já está criando) seus próprios engenheiros e técnicos administrativos vermelhos, assim como está produzindo seus próprios comandantes vermelhos. Mas o tempo pressiona. Temos que usar os materiais que estão à mão, e precisamos apenas tomar cuidado para que, ao usá-los, tomemos precauções contra quaisquer maus resultados, por um controle organizado do trabalho de todas as pessoas que nos são hostis em sentimentos.

A este respeito, temos outra questão a considerar: a questão da remuneração. O objetivo do comunismo é garantir a igualdade salarial para todos. Infelizmente, porém, não podemos alcançar o comunismo de uma só vez. Estamos apenas dando os primeiros passos para isso. Neste assunto, da mesma forma, devemos ser guiados por considerações utilitárias.

Se déssemos aos especialistas o mesmo salário que é recebido por um trabalhador comum, não importaria para eles se fossem trabalhadores comuns, engenheiros ou mensageiros. Seríamos estúpidos se tentássemos impor o bom trabalho de tais pessoas, que estão acostumadas a um tipo diferente de vida. É melhor dar-lhes mais dinheiro se assim pudermos garantir melhores resultados. Neste assunto, o proletariado deve seguir o exemplo de qualquer empregador inteligente. Deve pagar mais para conseguir um trabalho melhor de pessoas cujos serviços são indispensáveis nesta conjuntura.

Manifestamente, no entanto, continua a ser a nossa política fundamental trabalhar por um sistema de remuneração igual para todos. O Poder Soviético já fez muito nesse sentido. Ao mesmo tempo, o salário dos funcionários superiores (gerentes, contadores-chefe, engenheiros e organizadores importantes, especialistas em consultoria científica, etc.), com o acréscimo de vários honorários especiais, era muitas dezenas de vezes maior do que o salário do trabalhador comum. Agora, os primeiros recebem, em média, apenas quatro vezes mais do que os segundos. Não obstante o que foi dito acima, já avançamos uma distância considerável em direção à equalização das taxas salariais.

Igualmente está sendo efetuada uma equalização no que diz respeito aos diferentes graus de trabalhadores. De acordo com os dados fornecidos pelo camarada

Schmidt, no ano de 1914, um salário diário de 50 copeques⁴⁸ estava sendo pago a 4,43% dos trabalhadores, e no mesmo ano havia alguns trabalhadores (0,04 por cento) que ganhavam mais de 10 rublos por dia. Assim, estes últimos receberam 20 vezes mais do que os primeiros. Sem dúvida, os sortudos que ganhavam salários tão altos em 1914 eram muito poucos, mas havia alguns. No ano de 1916, a porcentagem de trabalhadores do sexo masculino cujo salário diário era de apenas 50 copeques era de 1%, enquanto a porcentagem dos que ganhavam mais de 10 rublos era de 1,15%. De acordo com o decreto emitido no outono de 1919, a renda mínima era de 1.200 rublos e a máxima de 4.800 rublos, sendo este último valor o máximo também para os *especialistas*.

A separação de muitos grupos de intelectuais tecnicamente qualificados da burguesia e sua adesão à causa do proletariado serão aceleradas na medida em que o Poder Soviético se tornar mais perfeitamente estabilizado. Na medida em que o fortalecimento do Poder Soviético é inevitável, a adesão dos intelectuais também é inevitável. É claro que seria absurdo da nossa parte repeli-los. Longe disso, devemos aceitá-los em nosso serviço com base na colaboração de camaradagem, de modo que, em contato conosco, eles possam ter seus ângulos apagados, e juntando-se a nós na tarefa comum, eles possam se tornar nosso próprio povo. Eles têm uma massa de preconceitos tolos ou maliciosos, mas sob certas condições, podem e vão cooperar conosco. Já através da instrumentalidade dos sindicatos, eles estão gradualmente se associando a nós em nosso trabalho, estão se acostumando com o novo estado de coisas e estão até começando a nos aceitar com bondade. Nossa principal tarefa, portanto, é ajudar nesse desenvolvimento e sair ao encontro daqueles elementos que tendem a se aproximar de nós. Nos sindicatos industriais e através deles, porque eles e nós estamos colaborando na organização do trabalho, as duas grandes divisões dos trabalhadores, os trabalhadores mentais e os trabalhadores manuais, que foram mantidos separados pelo capitalismo, serão finalmente reunidas.

§ 102. A união da produção e da ciência

Para o bom desenvolvimento da produtividade, é essencial que a ciência se case com a produção. Sob o capitalismo, a produção em larga escala já estava fazendo grandes apelos à ciência. Nos Estados Unidos e na Alemanha, as grandes instituições manufatureiras dispunham de laboratórios especiais nos quais, por meio de pesquisas prolongadas, novos métodos e novos aparatos foram descobertos. Tudo isso foi feito no interesse dos lucros sobre o capital privado. Nós, por nossa vez, devemos nos organizar da mesma maneira para o bem de toda a sociedade

⁴⁸ *Copeque* é o centavo do rublo. Observe que, para a época em que a obra foi escrita, outros países tinham faixas salariais semelhantes.

trabalhadora. Os pesquisadores daquela época mantinham suas descobertas em segredo. Os valiosos resultados de suas pesquisas encheram os bolsos e os cofres dos empresários. Na Rússia contemporânea, nenhum empreendimento esconde suas descobertas de outros empreendimentos: tudo o que é aprendido torna-se propriedade comum de todos.

A este respeito, o Poder Soviético instituiu toda uma série de medidas. Estabeleceu uma série de instituições científicas de caráter técnico e econômico e organizou vários laboratórios e estações experimentais. Foram enviadas expedições científicas, e entre os frutíferos resultados delas pode-se citar a descoberta de poços de petróleo e de jazidas de xisto. Foi descoberto um meio para fabricar açúcar a partir de serragem. Em geral, os recursos científicos da república foram tabulados e contabilizados.

Ainda faltam muitas coisas, e algumas delas são urgentemente necessárias, começando com combustível e terminando com delicados instrumentos científicos. Devemos perceber claramente a extrema importância desse trabalho, e devemos fazer o máximo para promover a união da ciência com a técnica e com a organização da produção. **Comunismo significa produção inteligente, intencional e, conseqüentemente, científica. Por isso devemos fazer tudo que esteja em alcance para resolver o problema da organização científica da produção.**

Literatura sugerida

OSINSKY, A Edificação do Socialismo;
MILYUTIN, Desenvolvimento Econômico e a Ditadura do Proletariado;
MILYUTIN, Artigos em "Economia Política" para o ano de 1919.
Relatórios do VIII Congresso do Partido (discussão do programa do partido);
A dissolução do capitalismo e a edificação do comunismo;
STEPANOFF, Controle Operário e Administração Operária;
Relatórios do primeiro e segundo Congressos Econômicos de Toda a Rússia;
TSYPEBOVICR, Sindicatos e Trustes na Rússia;
TOMSKY, Artigos sobre o movimento sindical na Rússia que aparecem em *A Internacional Comunista*.
Relatórios dos congressos sindicais;
Artigos em *Notícias dos Metalúrgicos*;
HOLZMANN, A Normalização do Trabalho;
LENIN, A grande Iniciativa.

Capítulo XIII: A organização da agricultura

§ 103. Condições agrárias na Rússia antes da revolução

§ 104. Condições agrárias na Rússia após a revolução

§ 105. Por que o futuro pertence à agricultura socialista em grande escala?

§ 106. Agricultura soviética

§ 107. Agricultura urbana e suburbana (horta de mercado)

§ 108. Comunas e *artels*⁴⁹

§ 109. Agricultura cooperativa

§ 110. Cooperação agrícola

§ 111. A utilização estatal de áreas abandonadas, a mobilização de peritos agrícolas, estações de crédito, melhoramento da terra e assentamento de terras

§ 112. Assistência do estado à agricultura camponesa

§ 113. A união da indústria de transformação com a agricultura

§ 114. A tática do partido comunista em relação aos camponeses

§ 103. Condições agrárias na Rússia antes da revolução

Mesmo antes da revolução, a agricultura russa era predominantemente camponesa. Após a revolução de novembro, após a expropriação das propriedades dos latifundiários, nossa agricultura tornou-se quase exclusivamente camponesa, e quase exclusivamente pequena agricultura. Nestas circunstâncias, o Partido Comunista encontrou dificuldades quase insuperáveis no caminho de sua campanha em favor da agricultura coletiva em grande escala. Mas a campanha está em andamento e, mesmo neste período mais difícil, desde o início, alguns resultados foram alcançados.

Para compreender o ambiente, para compreender as condições em que, no que diz respeito aos distritos rurais, o nosso partido deve realizar o seu programa, devemos estudar os

⁴⁹ Um *artel* é uma união de produtores trabalhadores, sejam agrícolas ou industriais. Uma espécie de cooperativa de produção, mas não é direcionada para a comercialização dos produtos. O termo *artel* foi mantido justamente por esta diferença com a cooperativa, que também comercializa sua produção.

dados relativos à agricultura russa antes da revolução, e os dados relativos às mudanças que a revolução trouxe.

Antes da revolução, a propriedade da terra na Rússia europeia era distribuída da seguinte forma:

Terras do estado	138.086.168 desyatinas*
Fazendas camponesas	188.767.587 desyatinas
Terrenos pertencentes a particulares ou a instituições	118.382.788 desyatinas

Notas: * Antiga medida utilizada na Rússia czarista, equivalente a 2,7 acres.

Quase todas as terras do Estado consistiam em florestas ou eram, em outros aspectos, impróprias para o cultivo em sua condição atual. As terras pertencentes a indivíduos ou instituições (além das de propriedade dos camponeses) podem ser classificadas da seguinte forma:

Grandes propriedades	101.735.843 desyatinas
Terras da coroa	7.848.115 desyatinas
Terras da Igreja	1.871.858 desyatinas
Mosteiros e conventos	783.777 desyatinas
Terras Municipais	2.042.570 desyatinas
Territórios cossacos	3.459.240 desyatinas
Vários	646.883 desyatinas

Quanto às terras dos camponeses, segundo as estatísticas do ano de 1905, elas compreendiam 12.277.355 fazendas, de modo que o tamanho médio de uma fazenda camponesa era de 11,37 desyatinas. Nas províncias periféricas, onde grande parte da terra é imprópria para o cultivo, as fazendas camponesas são consideravelmente maiores do que essa média, o que significa, é claro, que a fome de terra prevalece entre o campesinato das províncias centrais da Rússia. De fato, o tamanho médio das fazendas dos ex-servos que compõem a maioria da nossa população camponesa é de apenas 6,7 desyatinas. Em algumas províncias e em alguns condados, as fazendas têm apenas metade desse tamanho. No ano de 1916, o número de fazendas camponesas aumentou para 15.492.202, embora a participação do campesinato no total de terras cultiváveis tenha aumentado muito pouco. A fome de terra, portanto, havia se agravado muito.

Como, no entanto, a maioria das terras da coroa era imprópria para o cultivo, a única maneira pela qual os camponeses podiam aumentar suas propriedades era às custas das terras pertencentes a *particulares e instituições*.

Entre esses particulares, os que tiveram que ser despojados de suas propriedades eram, em sua maioria, grandes latifundiários (possuindo 58.169.008 desyatinas), comerciantes e

camponeses ricos, e várias cooperativas e empresas de tipo burguês lucrativo. As propriedades individuais superiores a 20 desyatinas perfaziam ao todo 82.841.418. As cooperativas possuíam 15.778.677 desyatinas. Foi nessas direções que se moveu o principal ataque da revolução camponesa. No que diz respeito às terras pertencentes às instituições, os camponeses estavam interessados principalmente nas propriedades da igreja, dos mosteiros e conventos, e em certa medida, nas terras da coroa.

§ 104. Condições agrárias na Rússia após a revolução

Antes da revolução, a terra de propriedade privada, e especialmente a terra em posse dos grandes latifundiários, estava fortemente *enrolada*. Mais de 60.000.000 desyatinas foram hipotecadas, num total de 8.497.894.600 rublos. Em outras palavras, os verdadeiros proprietários dessas propriedades eram bancos russos e estrangeiros. Isso explica por que os vários partidos dos solidários sociais, em especial os social-revolucionários, embora tenham clamado pela cessão de todas as terras privadas aos camponeses sem indenização aos proprietários, temiam enfrentar a questão, ou desejavam adiar o confisco quando o dia da realização se aproximava. Foi apenas o partido dos bolcheviques comunistas, o partido daqueles cujas únicas relações com o capitalismo eram as relações da guerra, que (em contraste com os solidários sociais) levou à sua conclusão lógica a revolução camponesa dirigida contra os latifundiários. Esta revolução garantiu expressão legislativa no Decreto de Terras apresentado pelo Partido Comunista e adotado pelo II Congresso Soviético.

Pelos termos deste decreto e da Lei Fundamental de Terras aprovada pelo III Congresso, a propriedade privada do solo foi formalmente abolida. Toda a terra da república foi colocada à disposição de qualquer pessoa que seja um ocupante trabalhador e cultive o solo com seu próprio trabalho. Não há restrições por conta da nacionalidade. A terra é distribuída igualmente entre a população, em quantidades que não excedem o que pode ser devidamente cultivado pelo ocupante trabalhador. Além disso, de acordo com as prescrições da distribuição socialista da terra, todos os territórios da república foram declarados propriedade de todo o Estado operário e camponês, ao qual incumbe o direito supremo de lidar com a terra.

Como resultado da revolução agrária, assim legalmente estabelecida, as condições agrárias na Rússia foram completamente transformadas e ainda estão passando por inúmeras mudanças.

Acima de tudo, em toda a Grande Rússia, a propriedade da terra, seja em grande ou pequena escala, foi abolida. Logo, no que diz respeito à propriedade da terra, os camponeses ricos foram colocados em pé de igualdade com os camponeses médio-ricos.

Por outro lado, a utilização da terra pelos camponeses pobres e famintos de terra foi nivelada, e eles lucraram com uma participação no gado e nos implementos agrícolas dos camponeses ricos, e como resultado da divisão de grandes propriedades.

No que diz respeito à equalização da posse de terras nos vários distritos rurais, conselhos e províncias, a questão ainda está em curso e está longe de estar concluída.

No momento atual é impossível dar uma imagem conclusiva dos resultados da revolução agrária. Falando de modo geral, podemos dizer que quase todas as terras de propriedade de particulares, seja em propriedades muito grandes ou de tamanho considerável, passaram para as mãos dos camponeses que trabalham em suas próprias fazendas.

As propriedades privadas foram colocadas em cultivo. O Poder Soviético reservou, para a agricultura soviética, aproximadamente 2.000.000 desyatinas. Os camponeses também estão cultivando parte dos territórios municipais. Além disso, os camponeses receberam todas as terras da igreja, todas as terras de mosteiros e de conventos, e parte das terras da coroa. Ao todo, os camponeses garantiram cerca de 40.000.000 desyatinas de terras que eram de propriedade privada antes da revolução.

Além das reservas do Poder Soviético, e além dos territórios das refinarias de açúcar, ainda permanecem à disposição do Estado Soviético quase todas as áreas que eram terras do Estado, também as florestas nacionalizadas, que costumavam pertencer a proprietários privados.

Desta forma, o Partido Comunista Russo continuou sua luta pelo socialismo, apesar das condições desfavoráveis que prevalecem no que diz respeito à questão da terra. De longe, a maior parte das terras detidas pelo Estado é imprópria para o cultivo. A maior parte da terra apta para o cultivo foi atribuída aos camponeses menores, aos que trabalham em suas próprias fazendas.

Contudo, por mais desfavoráveis que sejam as condições para a socialização da agricultura na Rússia, e por mais teimosa que seja a resistência do sistema agrícola pequeno-burguês, na Rússia rural, o futuro pertence exclusivamente à agricultura socialista em grande escala.

§ 105. Por que o futuro pertence à agricultura socialista em grande escala?

Os métodos capitalistas em grande escala triunfaram sobre os métodos de produção artesanal e de produção camponesa, embora se deva notar que, na indústria manufatureira, essa vitória foi mais rápida e completa do que na agricultura. O sistema econômico comunista é ainda mais vantajoso, ainda mais produtivo do que o sistema econômico capitalista. Da mesma maneira, a agricultura comunista em grande escala será mais produtiva do que a agricultura camponesa em pequena escala. Se uma libra é mais pesada que uma onça, e um peso de cem é mais pesado que uma libra, é óbvio que um peso de cem é muito mais pesado que uma onça.

No entanto, devemos discutir o assunto em detalhes e torná-lo perfeitamente claro.

O primeiro requisito é que, na agricultura socialista, toda a terra da república seja utilizada de tal maneira que em cada distrito, fazenda e campo, essa cultura particular seja cultivada (centeio, aveia, feno, linho, cânhamo, beterraba, alcachofra de Jerusalém, etc.) que, tendo em conta a qualidade e a peculiaridade do solo, cresceria mais vantajosamente. Precisamente qual cultura é a mais adequada, é uma questão para os especialistas em agricultura determinarem. Em nosso sistema de agricultura camponesa, com frequência acontece o contrário. Por exemplo, o trigo é plantado e produz uma colheita muito pobre, em lugares onde o linho prosperaria; ou o centeio é semeado onde o trigo faria muito melhor; ou algo ainda mais estúpido pode ser feito.

A introdução geral de métodos científicos na utilização da terra cultivada, se a mudança fosse simplesmente para uma melhor escolha de culturas, aumentaria muito o rendimento, embora em outros aspectos tudo devesse continuar como antes.

Mas o sistema de muitos campos só pode ser introduzido pela adoção da agricultura de média ou grande escala no lugar da pequena agricultura, e está claro que a grande escala é mais vantajosa do que a média escala. Pela rotação de culturas, podemos utilizar a terra de forma muito mais completa. Hoje, nossos camponeses, com o sistema de três campos, deixam a qualquer momento praticamente um terço das terras em pousio.

Para os camponeses, é uma impossibilidade prática introduzir uma rotação adequada de culturas e o sistema de muitos campos. É impossível para o camponês que cultiva sua terra isoladamente, pois não tem terra suficiente para um sistema adequado. É ainda mais impossível quando a terra comunal é cortada em tiras.

Na agricultura em grande escala evitamos o desperdício de terra que é inevitável, sob a cultura mesquinha, nos cantos e bordas dos campos. Nossos camponeses desperdiçam centenas

de milhares de desyatinas dessa maneira. De acordo com meus cálculos, a perda é equivalente a 60.000.000 a 80.000.000 poods⁵⁰ de grãos.

A adubação é o principal meio para manter a fertilidade do solo. Na agricultura em grande escala, uma vez que um número menor de cavalos será suficiente para o trabalho em qualquer área particular de terra, mais gado pode ser mantido e, portanto, há mais esterco de animais alimentados em estábulo. Na agricultura em grande escala, é lucrativo usar adubos artificiais, ou mesmo fazer vários tipos de estrume artificialmente, enquanto essas coisas são muito menos praticáveis no caso da pequena agricultura.

Especialmente difícil, na agricultura de pequena escala, é organizar a lavoura em momentos apropriados, suficientemente profundos e de maneira que poupe trabalho. Nesse aspecto, o camponês isolado é um mero anão, quando comparado com seu rival na agricultura socialista (e, de fato, em comparação com seu rival capitalista em grande escala). A lavoura mais barata, rápida e profunda é feita com o auxílio de tratores. Nas pequenas faixas da cultura camponesa, os tratores não têm lugar. Além disso, é menos vantajoso trabalhar com um único trator do que com grupos de oito ou dez tratores em conjunto.

As mesmas considerações se aplicam a várias outras máquinas que economizam trabalho. As debulhadoras e as colheitadeiras a vapor só podem ser usadas na agricultura em grande escala.

Por fim, a plena utilização de todos os implementos agrícolas só é possível na agricultura de grande porte. Por exemplo, para a plena utilização de:

Implemento	Desyatinas de terra exigidas
Um arado	27
um perfurador, um cortador e uma debulhadora (não a vapor)	63
uma debulhadora de vapor	225
um arado a vapor	900

O uso de arados a vapor e tratores será suficiente, embora outras condições permaneçam inalteradas para aumentar a produtividade do solo em um terço.

Mesmo quando temos que cultivar qualquer área apenas com o auxílio de cavalos, a agricultura em grande escala é mais vantajosa do que a pequena agricultura, visto que, na primeira, cada cavalo individual é utilizado para uma área maior. Calculou-se que, a este respeito, a agricultura em grande escala requer apenas cerca de um terço do número de cavalos.

50 Antiga unidade de peso russa igual a 36,11 libras (16,38 kg).

A eletricidade só pode ser usada na agricultura em grande escala. E pelo uso de eletricidade em uma grande fazenda, podemos dispensar a necessidade de cem estábulos pequenos e mal construídos, de cem pequenas cozinhas, etc. Podemos conduzir tudo em um prédio grande e bem equipado.

A pecuária leiteira só pode ser conduzida economicamente em grande escala.

Mas a maior economia de todas é a economia da força de trabalho, a possibilidade de reduzir à metade ou a um terço as horas de trabalho do camponês, não apenas sem reduzir a produtividade da terra, mas na verdade aumentando-a em três ou quatro vezes.

Aqui está um exemplo. De acordo com os últimos censos, no ano de 1916 havia, na Rússia, 71.480.800 desyatinas de terras cultiváveis. Se presumirmos que esta área é cultivada uma vez por ano (todo agricultor sabe que esta é uma estimativa muito liberal), os camponeses terão que usar toda a força de trabalho disponível (a de 20 milhões de homens) e todos os animais agrícolas disponíveis. Mas para arar a mesma área com o auxílio de tratores (um trator pode arar de 8 a 10 desyatinas em um dia, ou consideravelmente mais se trabalhar continuamente), bastaria o trabalho de 1.000.000 de trabalhadores. Um homem faz o trabalho de vinte.⁵¹

Se ao invés de preparar 100 refeições em cozinhas separadas, prepararmos um jantar para o mesmo número de pessoas na cozinha da comuna da aldeia, 90 cozinheiros em 100 não serão mais necessários: seus serviços podem ser dedicados a alguma outra utilidade, propósito pelo qual o trabalho de outros ainda será aliviado.

Assim, a tarefa do Partido Comunista é fazer o máximo para estabelecer um sistema de agricultura mais perfeito, um sistema comunista que seja competente para livrar nossa população rural do desperdício bárbaro de energia que ocorre no sistema existente de agricultura anã; salvar a Rússia do esgotamento bárbaro do solo que agora está acontecendo; dos métodos bárbaros de criação de gado; dos métodos bárbaros da culinária individual.

Como o Partido Comunista vai conseguir este grande objetivo? Existem várias linhas de avanço. Vamos considerar o mais rápido primeiro.

51 É verdade que, além dos homens que realmente trabalham nos tratores, devemos levar em conta os trabalhadores que exercem suas funções nas oficinas onde os tratores são feitos, aqueles que estão empregados na obtenção de petróleo, etc., antes de decidir quantas desyatinas de terra um homem pode arar. Isso reduzirá um pouco nossa estimativa da vantagem da lavoura com trator, mas a vantagem ainda permanecerá excessivamente ampla.

§ 106. Agricultura soviética

Quando as propriedades dos latifundiários foram tomadas pelos camponeses no final do ano de 1917, entre essas propriedades havia muitas em que existiam fazendas-modelo, onde havia estoque de linhagem e usavam máquinas agrícolas atualizadas. Algumas dessas fazendas, que os soviets tomaram prontamente sob seus cuidados, foram salvas da destruição e ficaram conhecidas como fazendas soviéticas. Além disso, passaram para o sistema da agricultura soviética certas propriedades que não podiam ser totalmente distribuídas entre os camponeses porque estes já tinham tanta terra quanto podiam trabalhar.

As fazendas soviéticas são as únicas em que a agricultura modelo socialista em grande escala, com todas as suas vantagens, pode ser exercida. Somente por meio das fazendas soviéticas podemos demonstrar aos camponeses as vantagens da agricultura coletiva em grande escala.

Nas fazendas soviéticas, podemos introduzir uma rotação adequada de culturas e dar provas práticas de todas as desvantagens do sistema de três campos.

Também podemos utilizar todo o tipo de maquinaria agrícola, incluindo as mais complicadas.

As fazendas soviéticas são os únicos lugares onde o estoque de linhagens pode ser preservado da destruição e pode ser criado. Somente pelo uso das coudelarias⁵² soviéticas poderemos melhorar gradualmente o estoque agrícola do campesinato circundante.

Na fazenda soviética será fácil ter campos de demonstração para os camponeses e melhorar as sementes por métodos seletivos. Nessas fazendas existem máquinas de triagem para a seleção das melhores sementes, e os camponeses vizinhos têm o uso das máquinas.

As fazendas soviéticas organizam escolas agrícolas, organizam palestras sobre agricultura, inauguram exposições agrícolas, etc.

Instituem oficinas de reparação de implementos agrícolas, principalmente para uso próprio imediato, mas secundariamente para assistência aos camponeses do distrito.

A tarefa do Partido Comunista é aumentar, sempre que possível, o número das fazendas soviéticas e ampliá-las (na medida do possível, sem interferir nos interesses da agricultura camponesa). Aos poucos, devemos reunir o melhor plantel da república. Devemos organizar a mais perfeita elaboração técnica dos produtos agrícolas. Devemos acabar com a burocracia,

⁵² Lugares especialmente dedicados à procriação de raças cavaleares em processo de aperfeiçoamento ou treinamento.

devemos ter o cuidado de evitar a transformação das fazendas soviéticas em algo como mosteiros, preocupados apenas com a prosperidade de seus próprios funcionários e trabalhadores, e não se importando com o Estado soviético. As fazendas devem reunir uma equipe de trabalhadores altamente qualificados, que não devem meramente inaugurar o controle operário, mas devem proceder, no devido tempo, para a gestão efetiva das propriedades pelos trabalhadores. Os camponeses das regiões vizinhas devem ser induzidos a se interessar pelas fazendas, devem ser levados a examinar os métodos e planos agrícolas delas, até que sejam gradualmente induzidos a considerar as fazendas soviéticas como uma preocupação direta de toda a população trabalhadora.

No outono de 1919 havia 8.586 fazendas soviéticas, sendo a área de terra cultivável (sem contar as terras florestais) de 2.170.000 desyatinas.

§ 107. Agricultura urbana e suburbana (horta de mercado)⁵³

Em vista da terrível crise alimentar que foi o resultado inevitável da guerra e da revolução, um sistema sólido de horticultura tornou-se de extrema importância para a segurança do proletariado urbano. Essa forma de agricultura está começando a florescer e terá um grande futuro. A tarefa imediata da agricultura municipal é assegurar que cada cidade tenha uma área suficiente de terra cultivável para o desenvolvimento adequado da horticultura comercial em grande escala. Antes da revolução, nossas cidades possuíam cerca de 2.000.000 desyatinas. A maior parte dessa área, ocupada por prédios, pastagens, parques e hortas, ainda pertence às cidades. Parte da cultivável foi destinada aos camponeses e, portanto, foi perdida para as cidades. Mas a posse de tais áreas deve ser retomada pelas cidades. Além disso, todos os arredores das cidades devem ser expropriados, na medida em que tal medida é necessária para um sistema sólido e generalizado de horticultura comercial.

Já no ano de 1919, em algumas das cidades, as seções agrícolas dos soviets estavam empenhadas com sucesso na horticultura comercial e garantiam suprimentos de vegetais suficientes para a população dessas cidades durante um ano inteiro. Avanços adicionais devem ser feitos ao longo dessas linhas. Cada cidade deve ter à sua disposição, para a horticultura comercial, uma área grande o suficiente para abastecer toda a população da cidade com produtos da horta. Além disso, é essencial que cada cidade tenha uma grande fazenda leiteira

⁵³ O termo familiar *horta de mercado* foi mantido para a forma especial de agricultura descrita nesta seção, embora os produtos da *horta* não estejam mais sendo produzidos para o mercado capitalista.

que forneça pelo menos leite suficiente para todos os inválidos e crianças da cidade e, portanto, tenha terra suficiente para fornecer forragem para o gado. Se os municípios conduzirem bem a sua agricultura, podem fornecer, aos trabalhadores urbanos, não só batatas e couves, mas também farinha (trigo mourisco, milheto). Desta forma, cada cidade poderá fornecer, com seus próprios recursos, a alimentação de todos os cavalos da cidade, o que facilitará a nacionalização do sistema de transporte. Se deixarmos de lado as duas capitais, a experiência já acumulada mostrou que, no próximo ano, a realização prática de tal esquema é possível para todas as cidades da república - desde que não tentem realizar o projeto utópico de abastecer seus próprios habitantes com milho.

A agricultura soviética municipal é de grande importância por duas razões adicionais. A primeira delas é que oferece oportunidade para a melhor utilização da enorme quantidade de esterco produzida em cada cidade na forma de lixo doméstico e de rua, esterco de estábulo e solo noturno. Atualmente, a maior parte desse estrume é simplesmente desperdiçada. A segunda é que prevê uma melhor associação da indústria manufatureira com a agricultura. No próximo ano será possível que uma parte definida da população urbana participe (sem qualquer interferência com a indústria manufatureira) na produção agrícola, trabalhando nas grandes hortas adjacentes às cidades.

É importante que a agricultura soviética e a horticultura municipal sejam algo mais do que empresas-modelo. Elas devem definitivamente ajudar a aliviar a crise alimentar. A experiência mostrou que, na época mais difícil, pouco antes das novas colheitas serem realizadas nos distritos rurais e quando os camponeses não começaram ou estavam apenas começando, a situação foi salva pela existência das fazendas soviéticas. Nos anos de 1918 e 1919, o primeiro milho da nova safra foi fornecido pelas fazendas soviéticas. No futuro, a importância das fazendas soviéticas a este respeito aumentará muito. Pela utilização de todas as terras das fazendas soviéticas, a República Soviética poderá fornecer cerca de metade do milho necessário para alimentar os trabalhadores e empregados urbanos. Isso tenderá, em grande medida, a reduzir a dependência dos cidadãos em relação aos camponeses.

§ 108. Comunas e Artels⁵⁴

As fazendas soviéticas só podem aumentar ao custo das áreas que agora estão em pousio em seu ambiente, ou ao custo das terras da coroa que são cultivadas por métodos aprimorados de recuperação e drenagem. No que diz respeito à agricultura russa em geral, ela não pode se tornar uma agricultura socialista até que a agricultura camponesa tenha entrado no caminho socialista. Nas fazendas soviéticas, os camponeses poderão aprender as vantagens da agricultura coletiva em grande escala. Mas no que diz respeito a eles mesmos, eles só poderão realizar esses avanços através da agricultura cooperativa, unindo-se para formar comunas e artels. Na sociedade capitalista, a passagem da pequena agricultura dos camponeses para a agricultura de grande escala era geralmente conseguida pela destruição e proletarização dos pequenos proprietários. Na sociedade socialista, a agricultura coletiva em grande escala surgirá da agricultura de pequena escala, principalmente através da união de várias pequenas fazendas.

Entre os camponeses, as palavras *artel* e *comuna* significam quase a mesma coisa. Muitas comunas se autodenominam artels, pois o camponês não gosta da palavra *comuna* e teme usar o nome, mesmo quando uma comuna é forçosamente criada na prática. De modo geral, a diferença entre a comuna e o artel é que o artel é apenas uma união produtiva (uma cooperativa de produção); ao passo que a comuna não é apenas uma união produtiva, mas também uma união distributiva – uma cooperativa, ao mesmo tempo para produção, distribuição e consumo.

O número de comunas e artels está aumentando rapidamente na Rússia soviética. Aqui estão os números mais recentes, os do outono de 1919.

	Números	Área de terra cultivável
Comunas	1901	150.000 desyatinas
Artels	3698	480.000 desyatinas
Associações de fazendas cooperativadas	668	

Os números mostram que a tendência para a formação de comunas e artels tem o caráter de um movimento de massa, e que é progressivo. Mas os números também mostram o lado fraco desses tipos de união. No caso das comunas em especial, a dimensão média da área em causa é muito pequena. O que estamos considerando não é uma mudança da agricultura de pequena escala para a agricultura de grande escala, mas uma mudança para a agricultura de média escala ou para algo muito pouco melhor. Assim, as comunas não conseguem demonstrar,

⁵⁴ Um *artel* é uma união de produtores trabalhadores, sejam agrícolas ou industriais. Uma espécie de cooperativa de produção, mas não é direcionada para a comercialização dos produtos. O termo *artel* foi mantido justamente por esta diferença com a cooperativa, que também comercializa sua produção.

nem aos seus membros, nem à população vizinha, as reais vantagens da agricultura em grande escala. Em uma fazenda de algumas desyatinas, a maquinaria agrícola não pode ser utilizada em toda a extensão de seus poderes, e nem é possível, em tal fazenda, organizar uma rotação adequada das culturas. Mesmo assim, a importância dessas uniões para fins de agricultura de médio porte é muito grande. É possível perceber as vantagens da divisão do trabalho. Algumas das mulheres são dispensadas do trabalho doméstico e, portanto, podem ajudar na conclusão mais rápida do trabalho da terra; em uma determinada área, são necessários menos cavalos, o trabalho é feito de maneira mais oportuna e o solo é mais bem arado; como resultado líquido, são garantidos melhores retornos do que os pequenos lotes da agricultura camponesa comum.

A economia da força de trabalho realizada pela comuna é ainda demonstrada pelo fato de que a maioria das comunas se envolve em empreendimentos complementares ao trabalho na terra. Eles constroem moinhos, várias pequenas indústrias em casa, erigem oficinas de reparação, entre outras coisas.

As comunas só podem avançar no caminho do socialismo por um novo processo de união.

Isso pode ser alcançado pela fusão de duas comunas vizinhas; ou então, pelo alargamento de comunas particulares, através do alistamento de um número considerável de novos membros entre os camponeses vizinhos; ou, finalmente, pela fusão de uma ou mais comunas com uma fazenda soviética adjacente.

A principal tarefa do Partido Comunista no que diz respeito aos distritos rurais é, neste momento, levar a agricultura camponesa de pequena escala a um estágio superior, e como primeiro passo, ao estágio de agricultura comunal de média escala. Há boas razões para acreditar que o maior desenvolvimento da produtividade da terra ocorrerá principalmente ao longo desta rota. Está ao alcance do Estado proletário acelerar o processo, não apenas por meio da propaganda de palavras e atos (agricultura soviética), mas também fornecendo todas as vantagens possíveis para as fazendas comunais em curso de criação - fornecendo-lhes com apoio financeiro, sementes, gado, implementos e conselhos sobre métodos agrícolas.

§ 109. Agricultura cooperativa

A comuna é uma união íntima entre os camponeses, não apenas para o trabalho produtivo, mas também para fins distributivos e para a vida social cooperativa. O artel é uma união permanente unicamente para fins produtivos, para trabalho conjunto. Agricultura cooperativa numa associação ainda menos íntima, mais solta que a do artel, mais casual, por

assim dizer. Os habitantes de uma determinada aldeia que não podem, devido a dissensões internas, unir-se para a formação de uma comuna, e que pela mesma razão são incapazes de formar um artel, podem pelo menos dedicar-se à lavoura cooperativa de uma maneira que não vincule os cooperadores a qualquer outra coisa. O resultado líquido disso é que tudo permanece como antigamente, com uma exceção importante. A terra comum da aldeia não é mais dividida em faixas, mas é cultivada cooperativamente. Cada pequena quinta tem a sua própria horta, cada camponês retém sua propriedade privada, mas as máquinas e os cavalos trabalham por um período determinado em benefício de toda a aldeia.

Os regulamentos relativos à socialização da terra, aprovados pelo Comitê Executivo Central, preveem igualmente esta fase mais primitiva da agricultura coletiva. As vantagens de tal forma de união consistem na completa liberdade de atividade, que é preservada para cada camponês, independentemente do processo real de trabalho, de modo que cada camponês pode facilmente entrar em tal união sem correr o risco de perder sua independência. Mas além disso, a agricultura cooperativa traz muitas vantagens: põe fim à divisão da terra do pequeno agricultor individual em longas faixas, muitas vezes amplamente separadas umas das outras, e esta reforma torna a introdução de um sistema de muitos campos possível. Os implementos e máquinas agrícolas podem ser adequadamente utilizados: pode haver uma divisão mais eficaz do trabalho para o atendimento das famílias que carecem de trabalhadores, implementos, gado, etc.

A agricultura cooperativa é o primeiro estágio da agricultura coletiva; e podemos, portanto, naturalmente esperar que, na medida em que a agricultura coletiva ainda exista, ela será principalmente dessa forma. Os dados relativos à época de 1919 mostram que a agricultura cooperativa já se estabelecendo em vários distritos. Grandes áreas foram divididas em dízimos e cultivadas cooperativamente. Em alguns casos, parte da terra comum da aldeia foi cultivada cooperativamente desta forma.

§ 110. Cooperação agrícola

Mesmo antes da revolução, a cooperação para a plena utilização dos diversos produtos agrícolas era amplamente difundida entre os camponeses. A esta categoria pertencem os artels de laticínios (queijo e manteiga), que estão amplamente distribuídos pelas províncias do norte e ao longo do curso superior do Volga. Os artels também existem para os primeiros estágios da fabricação de linho, para a fabricação de açúcar bruto, para a secagem de vegetais, para a compressão do feno. O Poder Soviético apoia todos esses empreendimentos. Cabe ao Partido

Comunista ajudar os trabalhadores rurais a formar e ampliar cooperativas, e encorajar os camponeses a melhorar os métodos de trabalho. Ao mesmo tempo, o partido deve fazer o máximo para resistir às tentativas do pequeno capital de se entrincheirar em tais artels para uma luta contra o poder soviético e contra a agricultura socialista em grande escala.

§ 111. A utilização estatal de áreas abandonadas, a mobilização de peritos agrícolas, estações de crédito, melhoramento da terra e assentamento de terras

A extrema desorganização da agricultura resultante da guerra jogou grandes áreas fora do cultivo. O Estado proletário não pode permitir que essas regiões sejam devastadas no momento em que uma grave crise alimentar prevalece nas cidades e nas províncias menos férteis. O Estado Soviético, portanto, compromete-se a cultivar todas as áreas não aproveitadas, não importa a quem pertençam. Esta medida é de especial importância nos distritos onde a guerra civil se alastrou, pois em muitos casos os camponeses ricos abandonaram suas terras e se retiraram na companhia do inimigo. Não menos importante é o Estado arrecadar as colheitas abandonadas pelos proprietários e as colheitas que os proprietários não conseguem colher sem ajuda.

A agricultura russa só pode ser restaurada de sua atual condição desorganizada por meio de uma série de medidas resolutas e revolucionárias. Uma dessas medidas é a mobilização da força de trabalho de todos os agricultores especializados, ou seja, a instituição do serviço obrigatório para tais pessoas. Nunca houve muitos agricultores qualificados na Rússia. Hoje, diante da enorme tarefa que temos pela frente, no que diz respeito à transformação dos métodos agrícolas, e diante da necessidade urgente de aumentar a produtividade nos distritos rurais, não podemos deixar de estar particularmente conscientes dessa carência. A mobilização do conhecimento agropecuário é praticamente equivalente à socialização desse conhecimento e, na verdade, pode ser melhor e mais propositadamente administrado pelo Estado.

A guerra imperialista tornou impossível importar máquinas agrícolas para a Rússia. A produção nativa de tais máquinas nunca foi igual à demanda. Muitas máquinas, e entre elas as melhores e as mais complicadas, até agora foram importadas da Alemanha, Suécia e Estados Unidos da América. Além disso, devido à falta de metais, escassez de combustível e muitas outras causas, a produção nativa de máquinas agrícolas caiu ao mínimo. Tudo isso levou a uma grave escassez de implementos agrícolas. Perante a enorme procura de máquinas e ferramentas, e tendo em conta a escassa oferta destes bens acessíveis ao Estado proletário, tornou-se de extrema importância que distribuíssemos corretamente os instrumentos que temos, e garantir

sua máxima utilização vantajosa. Mas enquanto existir a propriedade privada dos implementos agrícolas, sua utilização adequada permanece impossível, visto que, por períodos consideráveis, as máquinas ficam ociosas: seu dono não os usa exatamente nos momentos em que, por falta delas, seus vizinhos não podem arar seus campos ou não podem colher nas plantações.

Para podermos atender as camadas ou a população rural que mais sofrem com a falta de implementos, e para garantirmos a plena utilização dos implementos, devemos zelar para que não forneçamos máquinas e ferramentas para uso permanente por proprietários privados, mas devemos garantir que eles ainda sejam mantidos em estações de empréstimo, onde estarão disponíveis para todos que deles precisarem. Em outras palavras, as máquinas e ferramentas destinadas ao uso do campesinato, e distribuídas a determinadas regiões (aldeias, distritos rurais ou círculos), não serão vendidas a nenhum camponês individual; elas serão fornecidas para uso temporário de todos os que delas precisarem, e uma cobrança definitiva será feita para cobrir as despesas. Os depósitos onde tais arranjos são efetuados são conhecidos como estações de empréstimo. Neles, as máquinas e ferramentas são armazenadas, limpas após o uso e (em estações bem equipadas) mantidas em reparos. As estações de empréstimo já existem e funcionam, embora ainda sejam muito poucas. Compete ao Poder Soviético assegurar que, na medida do possível, todas as máquinas agrícolas, e sem exceção, todas as máquinas mais complicadas, destinadas aos distritos rurais, sejam fornecidas apenas às estações de empréstimo. Não há outra maneira de garantir que as máquinas sejam usadas adequadamente ao longo de sua vida de trabalho - para não falar do fato de que assim ajudaremos os camponeses mais pobres, cujos meios não serão suficientes para comprar máquinas como propriedade privada. As máquinas confiscadas dos camponeses ricos também devem ser mantidas nas estações de empréstimo. Em longo prazo, um sistema amplamente organizado para o fornecimento de máquinas agrícolas, por meio das estações de empréstimo, será lenta, mas seguramente levará à nacionalização de todos os implementos mais importantes da produção agrícola, e por conseguinte, além de dar ajuda imediata à indústria camponesa, tenderá a promover a sua socialização.

No programa agrícola do Poder proletário, o melhoramento da terra deve ocupar um lugar extremamente importante. O Poder Soviético tem sob seu controle, atualmente, milhões de desyatinas que, embora ainda não sejam cultiváveis, podem ser cultiváveis após um trabalho moderado de limpeza, arrancamento de raízes, drenagem (ou por canais abertos ou pela colocação de tubos subterrâneos), irrigação, etc. Por mais estritos que sejam os limites impostos à ampliação das fazendas soviéticas, no que diz respeito às terras já cultivadas ou imediatamente

cultiváveis, há margem ilimitada para a provisão de áreas que, pelos métodos acima mencionados de melhoramento da terra, nossa jovem agricultura socialista poderá arrancar da natureza.

O trabalho de melhoramento da terra é o mais importante de todos os trabalhos públicos que o Poder Soviético deve organizar. É, aliás, um trabalho em que podemos eminentemente fazer bom uso de todas as camadas parasitárias da sociedade.

Assentamentos. Este ponto foi omitido de nosso programa, mas é necessário considerá-lo aqui, pois o Poder Soviético será obrigado, mais cedo ou mais tarde, a dar atenção prática à política de assentamentos.

Apesar da redistribuição dos latifúndios, a fome de terra já se manifesta em várias províncias. Nas regiões periféricas, por outro lado, há enormes áreas de terras desocupadas. A migração do centro para a periferia será indispensável num futuro próximo. Caberá ao Estado proletário garantir que os migrantes para os distritos recém-instalados não se dediquem à agricultura de pequena escala em pedaços separados de terra. Devemos cuidar para que tudo esteja pronto para os recém-chegados, tudo o que é necessário para a agricultura comunista em grande escala (prédios agrícolas comunitários, terras comunais devidamente alocadas para um sistema de muitos campos, máquinas agrícolas atualizadas, e assim por diante).

§ 112. Assistência do estado à agricultura camponesa

As fazendas soviéticas, as comunas e os artels, em conjunto com todas as medidas acima descritas, por meio da organização da agricultura coletiva em grande escala, vão servir para aumentar a produtividade do trabalho agrícola e aumentar o rendimento da terra. Não há outra maneira certa, rápida e direta de atingir a meta desejada. Mas quaisquer que sejam os sucessos que possamos alcançar nesta questão de organizar as fazendas e comunas soviéticas, por muito tempo a pequena agricultura camponesa continuará a existir; por muito tempo, a agricultura camponesa em pequena escala será a forma predominante da agricultura russa, tanto no que diz respeito à área cultivada, como no que diz respeito à quantidade de produtos agrícolas. Surge, portanto, a pergunta: Como podemos ajudar este método de cultivo a aumentar a produtividade da terra, embora ainda esteja restringido por suas limitações pequeno-burguesas?

Nosso programa contém sugestões de várias medidas que o Poder Soviético pode aplicar para ajudar a pequena agricultura camponesa. Elas são as seguintes.

Em primeiro lugar, a ajuda pode ser dada na distribuição da terra. O principal mal de nossa vida rural, contra o qual até os camponeses estão cada vez mais inclinados a lutar, é a

divisão da terra cultivável em longas faixas estreitas. Constatamos continuamente que as lavouras de uma aldeia vão direto para as hortas da próxima aldeia e vice-versa. Partes da lavoura estão a cinco ou seis milhas das habitações, e muitas vezes são deixadas sem cultivo. Para acabar com este sistema de faixas, os camponeses têm procurado, de forma elementar, acabar com o método obsoleto de repartição das terras cultiváveis, que em grande parte entra em conflito com os novos loteamentos feitos após a tomada dos latifúndios. Na medida em que a luta contra o sistema de faixas é precursora de uma forma de agricultura mais desenvolvida e, em geral, na medida em que os camponeses precisam de ajuda na distribuição de terras cultiváveis, o Poder Soviético deve ajudá-los com seus agrimensores e seus peritos agrícolas.

Para a sementeira, os camponeses russos costumam usar sementes não selecionadas, as mesmas que poderiam ter sido enviadas para o moinho. Se eles semeassem sementes selecionadas, obteriam colheitas muito melhores, embora as condições permanecessem inalteradas em outros aspectos. Ainda melhores colheitas poderiam ser obtidas pelo uso de melhores variedades de sementes. No entanto, o camponês só pode obter sementes melhores do Estado, que sozinho está em condições de comprá-las do exterior, ou fornecer aos agricultores o que eles precisam, a partir do pequeno estoque de sementes melhoradas que foi salvo da destruição nas fazendas soviéticas.

O gado dos nossos camponeses está, em grande parte, degenerado. Há necessidade urgente de melhoria na raça. O gado de linhagem que ainda existe na Rússia, atualmente está concentrado nas propriedades soviéticas e nas fazendas leiteiras e coudelarias soviéticas. O Estado poderá dar uma grande ajuda aos camponeses nesta questão da criação de gado, organizando estações de acasalamento em todas as quintas soviéticas que tenham linhagem, e pela distribuição sistemática de machos puro-sangue a estações de acasalamento em todos os distritos.

Muitos de nossos camponeses ainda ignoram algumas das questões agrícolas mais fundamentais e importantes. É evidente, portanto, que a difusão de um conhecimento mais amplo dessas questões não pode deixar de levar a melhorias no trabalho da terra. Além de dar palestras sobre temas agrícolas, que é dever dos especialistas soviéticos ministrar em vários centros, cursos breves de palestras devem ser ministrados nas fazendas soviéticas. As fazendas terão campos-modelo para fins de demonstração, organizarão exposições agrícolas, distribuirão literatura popular sobre assuntos agrícolas, etc.

Além de difundir o conhecimento agrícola, o Poder Soviético deve fornecer assistência especializada diretamente aos camponeses. Perante a atual escassez de peritos, a mobilização

de todo o pessoal terá um resultado útil, de maneira que o perito cujos serviços outrora eram colocados exclusivamente à disposição dos grandes latifundiários, será agora posto à disposição dos camponeses. Além disso, o Poder Soviético deve tomar medidas amplas para formar especialistas agrícolas entre as fileiras dos camponeses. Além de aumentar o número de cursos de palestras agrícolas e o número de escolas agrícolas, o melhor método para atingir esse objetivo, no futuro imediato, será a oferta de cursos especiais para os membros mais talentosos das comunas e artels. Desta forma, uma vanguarda de agricultores treinados pode ser recrutada nas próprias fileiras dos camponeses.

De enorme importância para os camponeses, nesta conjuntura, é a provisão de possibilidades para a reparação de implementos agrícolas. Em vista da atual escassez de ferro, é impossível que as pequenas oficinas privadas realizem os reparos necessários. Só o Estado está em condições de organizar a questão em escala suficientemente ampla, em parte, ampliando as atividades das oficinas de reparação nas fazendas soviéticas; e em parte, cobrindo o campo com uma rede de oficinas especialmente instituída para a reparação de implementos agrícolas.

Enormes áreas de terras camponesas, agora impróprias para o cultivo, são perfeitamente passíveis de ser transformadas em excelentes terras cultiváveis. As melhorias necessárias são negligenciadas hoje, em parte, porque o trabalho está além dos meios de qualquer comunidade aldeã; e em parte, porque os camponeses não estão familiarizados com os métodos modernos de melhoria da terra. Neste assunto, portanto, o Estado proletário pode ser da maior ajuda para os camponeses. Apesar da guerra civil, em muitos distritos já está sendo feito um excelente trabalho neste sentido.

Durante a década de 1901 a 1910, o rendimento por desyatina em vários países foi o seguinte:

	centeio	trigo	cevada	aveia	batata
Dinamarca	120	183	158	170	-
Holanda	111	153	176	145	1079
Inglaterra	-	149	127	118	908
Bélgica	145	157	179	161	1042
Alemanha	109	130	127	122	900
Turquia	98	98	117	105	-
França	70	90	84	80	563
E.U.A	67	64	93	74	421
Rússia	50	45	51	50	410

Assim, apesar de o solo russo ser muito mais rico que o das terras ocidentais, nosso país é o último da lista em termos de produtividade. Por desyatina, a Rússia cultiva três vezes e meia menos aveia do que a Dinamarca e a Bélgica; quatro vezes menos trigo do que a Dinamarca e três vezes menos do que a Alemanha e a

Inglaterra; e três vezes menos centeio do que a Bélgica. Mesmo na Turquia, o rendimento por desyatina é duas vezes maior que o rendimento na Rússia.

É necessário assinalar que o rendimento de nossas fazendas camponesas ainda é inferior ao dado na tabela acima, pois a tabela registra médias e, portanto, inclui a alta produtividade das propriedades dos latifundiários privados, onde o rendimento foi de um quinto maior a duas vezes e meia maior do que o rendimento das famílias camponesas.

Segue-se, portanto, que sem qualquer aumento da terra cultivada, nossos camponeses poderiam duplicar ou triplicar suas colheitas, simplesmente abandonando métodos antiquados em favor de formas modernas de cultivar o solo.

§ 113. A união da indústria de transformação com a agricultura

O desenvolvimento das cidades, resultado do divórcio da indústria manufatureira da agricultura e do papel predominante da indústria manufatureira no processo econômico da vida social como um todo, tornou-se, nas fases posteriores do capitalismo, um crescimento monstruoso. As melhores energias da vida na aldeia passaram sistematicamente para a cidade. Não apenas a população urbana cresceu mais rápido do que a população rural, mas a cidade cresceu positivamente à custa do país. Em muitas terras capitalistas houve um declínio absoluto da população rural. Algumas das cidades, por outro lado, cresceram em proporções fantásticas. As consequências foram desastrosas tanto para a cidade quanto para o país. Entre os malefícios podem ser mencionados: o despovoamento das aldeias e sua recaída em condições primitivas; a separação da vida rural da cultura urbana; a separação dos cidadãos da natureza e das oportunidades de trabalho agrícola saudável, com a conseqüente degeneração física da população urbana; a transferência desnecessária, para a cidade, de vários ramos da indústria em que os produtos agrícolas são elaborados; esgotamento extremo do solo, dependente do fato de que as cidades não devolvem à terra sob a forma de estrume o que extraem da terra sob a forma de alimentos; e assim por diante.

Uma aproximação da cidade e do campo, uma união entre a indústria manufatureira e a agricultura, uma retirada dos trabalhadores das ocupações fabris para a agricultura - neste contexto, estes devem ser os objetivos imediatos da reconstrução comunista. Um começo já foi feito na atribuição de dezenas de milhares de desyatinas de terras soviéticas a várias oficinas, instituições e empresas que visam à transferência intencional e organizada de trabalhadores urbanos para as fazendas soviéticas; pela criação de hortas para fábricas e oficinas individuais; pelos sábados comunistas, em que trabalhadores urbanos visitam aldeias vizinhas para ajudar nos trabalhos agrícolas; pela mobilização de funcionários soviéticos para trabalhar nas hortas municipais; e assim por diante.

O Partido Comunista continuará avançando nestas linhas, na convicção de que o futuro pertence à união da indústria manufatureira com a agricultura - união que acabará por levar à retirada das cidades o excesso bruto da população urbana, e à distribuição desse excesso pelo campo.

§ 114. A tática do partido comunista em relação aos camponeses

No nosso programa agrário, discutimos o que queremos realizar na agricultura. Consideremos, agora, como esperamos realizar nosso programa: para quais estratos da população buscamos apoio; por meio de que métodos pensamos que seremos capazes de conquistar a maioria dos camponeses para o nosso lado, ou pelo menos garantir sua neutralidade.

Na campanha contra o latifúndio, o proletariado urbano foi apoiado por todos os camponeses, incluindo os camponeses ricos. Isso explica o rápido sucesso da revolução de novembro, pois assim se conseguiu a derrubada do Governo Provisório burguês, que vinha tentando adiar a liquidação do latifúndio. Mas a implementação da nova lei agrária relativa à chamada socialização da terra, com sua divisão igualitária das áreas cultiváveis, transferiu os camponeses ricos para o campo contrarrevolucionário. Isto porque os camponeses ricos perderam parte da terra comprada que possuíam antes da revolução, e perderam a terra que puderam cultivar porque a alugaram dos camponeses pobres. Perderam tudo o que tinham assegurado quando as propriedades dos grandes latifundiários foram saqueadas. Finalmente, tornou-se impossível, para eles, empregar trabalho assalariado. Os camponeses ricos constituem a classe que teria se tornado uma classe latifundiária, se nossa revolução nunca tivesse ultrapassado os limites de uma revolução democrática burguesa. Eles constituem uma classe que é, por sua própria natureza, mortalmente hostil a todas as tentativas de organização socialista da agricultura. O objetivo dos camponeses ricos, como classe, é levar o desenvolvimento de nosso sistema agrícola em tal direção que se assemelhe ao da Dinamarca ou dos Estados Unidos da América. Se não fosse pela autoridade proletária e sua política socialista, a agricultura russa, após a abolição do antigo sistema latifundiário, teria se desenvolvido com notável celeridade em um sistema de agricultura burguesa, realizada pelo trabalho assalariado com a ajuda de métodos muito aperfeiçoados de trabalhar o solo. Em conjunto com isso, teria surgido uma enorme classe de camponeses semiproletários. O camponês rico saudou a revolução inspirado pelas mais róseas esperanças e antecipações, mas como resultado da revolução, viu-se despojado de parte da terra que possuía, antes que ela

ocorresse. Enquanto esta classe de camponeses ricos continuar a existir, seus membros se mostrarão inevitavelmente inimigos irreconciliáveis do Estado proletário e de sua política agrária. Por sua vez, não pode esperar nada do Poder Soviético, senão uma luta impiedosa contra suas atividades contrarrevolucionárias. O Poder Soviético pode eventualmente ser obrigado a realizar uma expropriação deliberadamente planejada dos camponeses ricos, mobilizando-os para o trabalho social e, acima de tudo, para a tarefa de melhorar as terras camponesas e as terras das fazendas soviéticas.

Os camponeses médios formam a grande maioria dos camponeses russos. Esses camponeses médios garantiram sua parte nas propriedades dos latifundiários com a ajuda do proletariado urbano, e somente com sua ajuda podem manter o controle sobre essa terra, diante do movimento contrarrevolucionário por parte dos capitalistas e dos grandes latifundiários. Só em aliança com o proletariado, somente sob a direção do proletariado, apenas através da aceitação franca desta direção, os camponeses médios podem se salvar das investidas do capitalismo mundial, de serem saqueados pelos imperialistas, de terem de pagar a vasta dívida contraída pelo czar e pelo Governo Provisório. De qualquer forma, o sistema da pequena agricultura está condenado. Ele deve ser inevitavelmente substituído por um sistema mais vantajoso e mais produtivo, pelo sistema de agricultura cooperativa em grande escala. Somente através de uma aliança entre o proletariado socialista e os camponeses médios pode se realizar esta transformação sem pobreza, ruína e tormentos incríveis para os já citados camponeses médios.

A mentalidade de pequenos proprietários que esses camponeses médios têm, no entanto, faz com que eles se inclinem a formar uma aliança com os camponeses ricos. Um impulso adicional nessa direção surge sobretudo porque os camponeses médios são obrigados a dividir seus grãos supérfluos com os trabalhadores da cidade, ou melhor, a entregar o que eles realmente não precisam para seu próprio consumo, sem qualquer perspectiva de receber em troca, dos trabalhadores da cidade, produtos da indústria urbana. Portanto, é essencial que o Partido Comunista se esforce para separar os camponeses médios dos camponeses ricos. Estes últimos são, na realidade, os agentes do capitalismo internacional, e estão se esforçando para conduzir o campesinato como um todo em rumos que implicarão a perda de tudo o que foi ganho pela revolução. Além disso, nosso partido deve deixar perfeitamente claro, aos camponeses médios, que somente a consideração de interesses transitórios e temporários pode induzi-los a fazer causa comum com os camponeses ricos e com a burguesia. Devemos mostrar a eles que seus interesses reais, permanentes e de longo alcance, como trabalhadores genuínos,

ditam uma aliança com o proletariado urbano. Finalmente, enquanto nos esforçamos para efetuar a transformação socialista da agricultura, devemos ter o cuidado de evitar alienar os camponeses médios por medidas imprudentes e prematuras, e não devemos tentar coagi-los a formar comunas e artels. Na atual conjuntura, a principal tarefa do comunismo na Rússia é fazer com que os operários e camponeses, por sua própria iniciativa, destruam a contrarrevolução. Quando isso for alcançado, não restarão mais obstáculos insuperáveis no caminho da socialização da agricultura. No que diz respeito aos camponeses pobres, suas camadas proletárias e semiproletárias se elevaram em grande medida, graças à revolução, à camada dos camponeses médios; no entanto, o estrato dos camponeses pobres ainda constitui o principal suporte da ditadura do proletariado. Foi graças à aliança com os camponeses pobres que o Poder Soviético pôde desferir alguns golpes fortes contra os camponeses ricos e separar os camponeses médios dos camponeses ricos. A mentalidade comunista dos camponeses pobres possibilitou a criação de instrumentos do Poder Soviético nas regiões rurais, realizando, assim, a primeira mobilização militar importante e decisiva do campesinato⁵⁵. Finalmente, até agora, os camponeses mais pobres forneceram a maior parte dos membros das comunas e artels, e ajudaram ativamente na execução dos decretos fundiários e dos outros decretos do Poder Soviético.

A tarefa mais importante do Partido Comunista, no que diz respeito aos camponeses pobres, é pôr fim à desintegração que afetou esse estrato desde a dissolução de seus comitês. O melhor de todos os caminhos será unir os camponeses pobres com base na produção. A sua influência na vida das aldeias aumentará, se forem habilitados a participar em métodos melhorados de agricultura. Isso pode ser alcançado permitindo que todos os camponeses pobres unam forças em artels ou no cultivo comunal da terra.

A razão pela qual o camponês rico tem uma influência tão grande é porque ele é um agricultor bem-sucedido. Mas a agricultura do camponês rico continua sendo a agricultura camponesa pequeno-burguesa. Se os camponeses pobres se unirem para formar comunas, poderão se valer de métodos agrícolas melhores do que aqueles normalmente empregados na agricultura camponesa e, assim, do ponto de vista econômico, vão se tornar tão fortes quanto os camponeses médios, e até mesmo tão fortes quanto os camponeses ricos. A ditadura dos

55 Quando estamos agitando para induzir os camponeses a participar ativamente na guerra civil, temos que enfatizar as razões pelas quais eles acharão essa participação vantajosa para eles. O que interessa ao camponês não é que estejamos lutando pelo socialismo, mas sim que estamos lutando para tornar impossível ao imperialista explorar os pequenos proprietários de maneira bárbara, e para tornar impossível aos imperialistas colocar o pescoço do camponês novamente sob o jugo de proprietário ou comerciante.

camponeses pobres no campo pode ser construída sobre essa base econômica, sobre a superioridade material do membro da comuna sobre o pequeno agricultor. Mas não será uma ditadura dos camponeses pobres no sentido estrito do termo; não será a regra dos *indigentes e vagabundos*, da qual os camponeses ricos costumavam reclamar (não sem razão) nos dias dos comitês dos camponeses pobres. Será o domínio da vanguarda dos trabalhadores rurais, o domínio daquela minoria que está dois séculos à frente da maioria.

No entanto, é extremamente difícil induzir todos os camponeses pobres a entrar nas comunas. Ultimamente, um número considerável de camponeses médios se juntou a comunas, e eles estão ainda mais inclinados a entrar em artels. Na medida em que os camponeses pobres não abandonem a pequena agricultura, devemos induzi-los a formar sindicatos de camponeses pobres. Esses sindicatos devem continuar a luta contra os camponeses ricos, devem continuar a luta que não foi travada até um ponto decisivo pelos comitês dos camponeses pobres. Os camponeses pobres devem se unir para fins de ajuda mútua; devem estabelecer relações econômicas com o Estado, na medida em que possam realizar um trabalho definido para o Estado, recebendo em troca determinados produtos em condições preferenciais, e vários tipos de ajuda econômica. Entre os camponeses pobres da Rússia já existe um grande número de sindicatos; eles são formados para vários propósitos, mas são, em sua maioria, puramente locais, e têm um caráter temporário e casual. Eles devem ser fundidos para formar unidades maiores. Há um grande futuro para tais uniões entre as camadas mais pobres da população nas províncias cuja produção de alimentos é muito pequena - os distritos, por exemplo, de onde obtemos piche e alcatrão; as regiões florestais, onde a madeira é derrubada e armazenada; e assim por diante.

Um trabalho adicional para o Partido Comunista, no que diz respeito aos camponeses pobres, é colocá-los em contato mais próximo com o proletariado urbano, livrá-los de seus hábitos pequeno-burgueses e de suas fúteis esperanças de que possam continuar agricultores vigorosos, agricultura independentes e individualistas. Onde quer que haja um número considerável de camponeses pobres, devemos providenciar para que se formem grupos comunistas, ou grupos de simpatizantes do comunismo. Todo camponês pobre deveria se tornar membro de uma comuna. Todo membro de uma comuna deve se tornar um comunista.

Literatura sugerida

ENGELS, O Problema camponês na França e na Alemanha;
LENIN, O problema agrário e os críticos de Marx;
LENIN, O problema agrário na Rússia no final do século XIX.

Entre os panfletos populares publicados desde a revolução, podem ser mencionados os seguintes:

ZHEGUR, A organização da agricultura comunista;

KY, Comunas rurais;

MESHCHERYAKOFF, Comunas agrícolas;

PREOBRAZHENSKY, Comunas agrícolas;

LENIN, A urbanização da agricultura;

MESHCHERYAKOFF, A nacionalização da terra;

LENIN, Discurso sobre a condição dos camponeses médios, proferido no VIII Congresso do Partido Comunista;

SUMATOHIN, Vamos viver em uma comuna!

LENIN, A luta pelo pão.

Capítulo XIV: A organização da distribuição

§ 115. A abolição do comércio privado

§ 116. O aparelho de distribuição

§ 117. A cooperação antigamente

§ 118. Cooperação contemporânea

§ 119. Outros órgãos de distribuição

§ 115. A abolição do comércio privado

A cada método de produção corresponde um método especial de distribuição. Após a abolição da propriedade capitalista dos meios de produção, a República Soviética entrou inevitavelmente em conflito com o método capitalista de distribuição, isto é, com o comércio, e foi obrigada a realizar sua abolição gradualmente. Em primeiro lugar, os grandes armazéns foram confiscados. Isso também foi necessário devido à grave crise alimentar e à necessidade geral de bens. Os artigos que estavam sendo acumulados pelos especuladores em antecipação ao aumento dos preços foram distribuídos entre as massas trabalhadoras e, durante as primeiras semanas após a revolução de novembro, isso serviu para mitigar a crise.

A nacionalização dos armazéns mercantis não foi mais do que um primeiro passo. A nacionalização do comércio em larga escala logo se seguiu. A medida era necessária no combate à especulação e para fazer o balanço de todos os bens da república; também e sobretudo para que esses bens sejam distribuídos entre a classe operária. O Poder Soviético introduziu um sistema de racionamento de classe, não só para alimentos, mas também para artigos manufaturados em geral e de todos os artigos de uso doméstico.

Mas talvez a melhor maneira fosse o poder soviético ter procedido da seguinte forma: confiscar todos os estoques de mercadorias que estavam nas mãos de comerciantes privados e distribuí-los de acordo com o sistema de racionamento de classe, sem destruir o aparato comercial, que o Estado soviético deveria ter preservado, utilizando para seus próprios fins.

Até certo ponto, aliás, trabalhamos nessa linha. Mas os bens infelizmente foram confiscados tarde demais, quando a maior parte deles já havia sido convertida em dinheiro, que havia sido escondido pelos proprietários. Todo o aparato de distribuição em grande escala foi tomado pelo Poder Soviético e começou a trabalhar em seu nome com a ajuda dos sindicatos dos trabalhadores. Apenas os chefes das empresas foram descartados, pois agora se tornaram

elementos puramente parasitas. Antigamente era necessário comprar mercadorias, caçá-las, barganhar. Mas agora que o próprio Estado proletário se tornou o principal produtor de mercadorias em suas oficinas nacionalizadas, teria sido absurdo que o Estado vendesse essas mercadorias para si mesmo e, assim, mantivesse os comerciantes às suas próprias custas. Além disso, os intermediários são supérfluos entre os camponeses e o Estado, e entre o Estado e os consumidores, desde que se estabeleça o monopólio estatal dos cereais. Os intermediários não podem oferecer incentivos que encorajem os camponeses a entregar o grão ao Estado. Os camponeses não têm ocasião de procurar compradores para os cereais, pois não há compradores.

Portanto, na medida em que o Poder proletário assume a produção de uma série de artigos importantes, e na medida em que realiza uma parte notável da produção pelo trabalho de seus próprios instrumentos, ele precisa de seu próprio aparelho de distribuição. Não há lugar para o comércio privado.

Mas o que acontecerá no caso do pequeno comércio privado que serve para a distribuição da produção da pequena indústria doméstica independente? O Poder Soviético ainda não tomou posse deste ramo de produção. Ainda não conseguiu se tornar o comprador monopolista dos produtos da indústria doméstica. O que acontecerá no caso dos pequenos comerciantes que distribuem tais produtos entre a população (claro, a preços extravagantes), artigos que os agentes do Poder Soviético não podem fornecer a preços fixos?

Não há dúvidas que esta questão é muito mais complicada do que o problema da migração do comércio em grande escala para o destino do comércio em grande escala, porque o comércio foi liquidado pelo simples fato da expropriação geral do capital. Seria absurdo que o Poder Soviético proibisse o pequeno comércio quando não está em condições de substituir *as funções desse comércio pela atividade de seus próprios órgãos de distribuição*. Em certos casos, e sobretudo nas regiões de onde os Guardas Brancos foram recentemente expulsos, os soviets locais e os comitês revolucionários proibiram o comércio privado sem fornecer seus próprios aparelhos para o abastecimento de necessidades; ou, ainda que existisse tal aparato, sem garantir que funcione regularmente para o adequado abastecimento da população. Como resultado, o comércio privado foi reprimido e os preços subiram enormemente.

O pequeno comércio se agarrará tenazmente à vida. Sua extinção só será possível na medida em que passar pelas mãos do Estado uma quantidade cada vez maior dos produtos necessários ao abastecimento da população. Se hoje o Narkomprod [Comissariado Popular de Alimentos] existe lado a lado com o Suharevka [um mercado de Moscou], isso implica que a

guerra entre capitalismo e socialismo ainda continua no domínio da distribuição. A luta agora se alastra em torno das posições ocupadas pelo pequeno comércio. Não cessará até que a autoridade do Estado se torne o principal comprador dos produtos da pequena indústria; ou até que, como acabará por acontecer, o próprio Estado se torne o fabricante de todos esses produtos. Claro que não estamos aqui considerando os casos em que pequenos comerciantes vendem produtos que já são fornecidos pelos órgãos distributivos do Estado; não estamos preocupados com casos que são simplesmente formas de luta contra o furto e contra outros defeitos do mecanismo soviético de distribuição. Em todo caso, o pequeno comércio continuará até que, primeiro, a produção em grande escala tenha sido adequadamente organizada nas cidades e, segundo, haja provisão adequada para o fornecimento de todas as necessidades que ainda não são produzidas pelo monopólio estatal.

Embora a abolição completa dos intermediários no campo da distribuição seja o objetivo do socialismo, e embora esse objetivo seja finalmente realizado, é óbvio que não podemos esperar, no futuro imediato, a destruição total do aparato do comércio varejista.

§ 116. O aparelho de distribuição

Devem ser criados órgãos distributivos socialistas apropriados para lidar com as grandes massas de produtos necessários ao abastecimento da população, na medida em que esses produtos passam agora ou passarão em breve pelas mãos do Estado. Esses órgãos distributivos devem ter as seguintes características: devem ser centralizados, e a centralização garantirá a distribuição mais justa e precisa. Isso reduzirá o custo de manutenção do aparato, pois sob o socialismo esse aparato exigirá muito menos dispêndio de força de trabalho e de meios materiais do que o necessário para o aparato do comércio privado.

O aparelho distributivo socialista deve funcionar rapidamente. Isto é da maior importância. É essencial, não só que o aparelho exija o mínimo dispêndio de forças e meios por parte do Estado, mas também que não implique o desperdício de um minuto do tempo de qualquer consumidor. Caso contrário, grande perda estaria envolvida para a sociedade como um todo, através do gasto improdutivo de energia. Sob um sistema de comércio privado e nas condições normais da economia capitalista, o consumidor, desde que tenha dinheiro, pode adquirir o que quiser, quando quiser. Nessas questões, o aparato socialista de distribuição deve ser pelo menos tão bom quanto o do comércio privado. Mas em vista do alto grau de centralização, há um risco considerável de que o aparato socialista se degenerem em uma máquina

incômoda e demorada, na qual muitos artigos apodrecerão antes de chegar ao consumidor. Como construir um aparato distributivo eficiente?

Duas possibilidades foram abertas ao Poder Soviético. Poderia criar um aparato distributivo inteiramente novo; ou poderia fazer uso de todos os órgãos de distribuição criados pelo capitalismo, pressionando-os para o serviço socialista.

O Poder Soviético adotou o último curso. Ao criar seus próprios órgãos sempre que necessário, especialmente no período inicial da destruição das condições capitalistas, concentrou sua atenção nas cooperativas, visando principalmente à utilização do aparato cooperativo para a distribuição de mercadorias.

§ 117. A cooperação antigamente

Na sociedade capitalista, a principal função das cooperativas é libertar o consumidor da tirania do intermediário, das garras do comerciante especulativo; garantir lucros comerciais para a união dos consumidores; e fornecer bens de qualidade satisfatória aos consumidores. As cooperativas alcançam esses resultados com uma medida considerável de sucesso, mas o fazem apenas para seus próprios membros, ou seja, apenas para uma determinada parte da sociedade.

Os primeiros cooperadores imaginavam que o capitalismo seria pacificamente renovado por meio da cooperação. O que realmente aconteceu, no entanto, equivale a isso. Com todos os seus sucessos, a cooperação apenas conseguiu derrubar o comércio varejista com mais ou menos sucesso; mas não fez nada para quebrar o poder do comércio atacadista, ao qual está subordinado. Referimo-nos, é claro, à cooperação distributiva. No que diz respeito à cooperação produtiva, ela desempenha um papel insignificante em todo o sistema de produção capitalista, e não exerce praticamente nenhuma influência sobre o curso e o desenvolvimento da indústria capitalista. Falando de maneira geral, podemos dizer que a titânica organização do capital não vê a cooperação como um concorrente sério.

O capitalismo sentia-se plenamente capaz de estrangular a cooperação como um gatinho sempre que achasse conveniente e, portanto, contentava-se em deixar os sonhadores do movimento cooperativo livres para satisfazer suas visões da derrubada do capitalismo e permitir que os guarda-livros (contadores) cooperativos se enfeitassem com os lucros que haviam arrebatado dos pequenos comerciantes. A cooperação adaptou-se ao capitalismo e passou a desempenhar um papel definido no sistema capitalista de distribuição. Era até vantajoso para o capitalismo, pois reduzia o custo do aparato capitalista de distribuição e, assim, liberava uma certa quantidade de capital comercial para uso na indústria produtiva. Por outro lado, a

cooperação, reduzindo o número de pequenos intermediários e aproximando o consumidor do grande produtor capitalista, acelerou a troca de mercadorias, garantiu o pagamento rápido e consciente das obrigações e, em última instância, tornou a posição do exército industrial de reserva ainda pior do que antes - pois os membros da reserva industrial muitas vezes se inclinaram ao refúgio na vida do pequeno comércio. Além disso, numerosas investigações mostraram que, no que diz respeito à cooperação entre os camponeses, suas vantagens se limitavam principalmente aos camponeses vigorosos e abastados, enquanto os camponeses pobres lucravam muito pouco.

Considerando a classe a que pertencem seus membros, as cooperativas distributivas podem ser divididas em cooperativas de trabalhadores, cooperativas de camponeses e cooperativas de pequenos burgueses e funcionários públicos relativamente abastados. As cooperativas de trabalhadores formam sempre a extrema esquerda entre as instituições cooperativas em geral; mas no que diz respeito às organizações de classe do proletariado, elas constituem a extrema direita. Nas cooperativas camponesas, os camponeses abastados têm a voz decisiva. No terceiro tipo de cooperativa, o lugar predominante é ocupado pelos intelectuais pequeno-burgueses, do mesmo calibre daqueles cuja mentalidade dominou todo o movimento cooperativo - pessoas que acreditam que a cooperação tem uma grande missão para a destruição do capitalismo por meio de vales cooperativos e pães cooperativos.

A verdadeira natureza do movimento cooperativo foi revelada pela revolução proletária na Rússia. Com exceção de algumas cooperativas de trabalhadores, esse movimento, especialmente no que diz respeito aos intelectuais e aos camponeses ricos entre os dirigentes cooperativos, assumiu uma atitude definitivamente hostil à revolução socialista. De fato, as cooperativas siberianas, na forma da organização conhecida como *Compra e Venda*, e outras cooperativas de distribuição, apoiaram abertamente a contrarrevolução, e defenderam o esmagamento da República Soviética com a ajuda do imperialismo mundial.

Em 1º de outubro de 1917 havia 612 sociedades cooperativas na Rússia. Aparentemente, porém, esse número é muito baixo, pois em 1º de janeiro de 1918, segundo estimativas de várias fontes, havia 1000 dessas sociedades. No Centrosoyus [a liga cooperativa central] havia 88.601 sociedades, com um total de 18.694.196 membros. Como, no entanto, uma mesma cooperativa pode pertencer a duas ou três ligas diferentes, é provável que o número de cooperativas e cooperadores na Rússia seja menor do que esta afirmação sugere. No que se refere à cooperação produtiva, em 1918 existiam, na Rússia, 469 sociedades cooperativas e ligas, em sua maioria pequenas empresas.

§ 118. Cooperação contemporânea

No regime capitalista, a cooperação cumpre um papel definido no sistema geral. No regime soviético, o aparelho cooperativo está destinado a se extinguir gradualmente, em conjunto com todos os outros aparelhos de distribuição capitalista, ou então entrar no sistema de distribuição socialista e assumir o papel de aparelho distributivo do Estado. Os antigos dirigentes das cooperativas - os mencheviques, os revolucionários sociais e os vários *socialistas* do tipo Kolchak - gostariam de assegurar a independência do Estado proletário para as cooperativas, o que significa assegurar-lhes a liberdade de morrer. O Poder Soviético, por outro lado, atento aos interesses reais das grandes massas operárias e cuidando em particular dos interesses dos próprios cooperadores, segue outro caminho. Desconsiderando as opiniões dos intelectuais que dirigiam as cooperativas e recusando-se a descartar todo o aparato cooperativo por causa das atividades contrarrevolucionárias desses líderes, o Poder Soviético esforçou-se continuamente para fundir o aparato distributivo cooperativo com todo o sistema de seus órgãos distributivos. Esforçou-se por alargar a escala das atividades cooperativas, em vez de limitá-las. Os objetivos práticos do Partido Soviético e do Partido Comunista, neste contexto, foram os seguintes.

A cooperativa normal do tipo burguês é uma união voluntária de cidadãos com um interesse definido na sociedade. Via de regra, a sociedade não serve senão a seus próprios membros; e se fornece produtos à população em geral, só o faz na medida em que isso possa ser feito sem prejuízo para os membros. Nós, por outro lado, consideramos necessário que toda a população se organize em cooperativas, que cada membro da comunidade pertença a uma cooperativa. Só assim a distribuição através das cooperativas significará distribuição a toda a população.

Em uma sociedade distributiva de cooperadores, o trabalho geralmente é realizado sob a administração de todos os membros da sociedade. Na verdade, como regra, um grupo bem pequeno de membros é responsável pela condução dos negócios, mas isso depende dos próprios membros. A constituição da sociedade coloca o controle absoluto nas mãos da assembleia geral dos membros. Se todos os cidadãos da república estão inscritos nas cooperativas, eles têm plenos poderes para controlar essas organizações de baixo para cima, controlando, assim, todo o aparato de distribuição no Estado proletário. Se as massas demonstrassem independência suficiente, poderiam erradicar resolutamente e com sucesso a má administração e a burocracia do trabalho de distribuição, e então garantir a pontualidade e a precisão necessárias em toda a organização cooperativa do Estado. Quando os próprios consumidores participarem do trabalho

de distribuição, os órgãos distributivos não ficarão mais suspensos no ar acima das massas, mas se tornarão instrumentos nas mãos das próprias massas. Sem dúvida isso promoverá o desenvolvimento de uma consciência comunista e favorecerá o crescimento de uma disciplina de camaradagem entre os trabalhadores. Ao mesmo tempo, ajudará as massas a compreender a natureza integral do aparelho produtivo e distributivo na sociedade socialista. Além disso, é necessário, depois de inscrever toda a população nas cooperativas, que a parte dirigente dessas organizações seja atribuída ao estrato proletário da população. Nas cidades, isso será assegurado pela participação mais ativa dos trabalhadores urbanos em funções cooperativas, assegurando a eleição de uma maioria comunista e proletária nos órgãos administrativos, e sobretudo fazendo com que as cooperativas que se transformam em comunas urbanas de consumo sejam as cooperativas de trabalhadores, e não as cooperativas fundadas pela pequena burguesia e pelos funcionários públicos. Para o mesmo fim, é essencial que haja uma íntima associação entre as cooperativas e os sindicatos, ou seja, entre os respectivos órgãos de distribuição e produção. Há um imenso futuro para esse tipo de associação. Com o passar do tempo, a função do Estado será reduzida à função de um escritório central de contabilidade, e então, a união viva das organizações produtivas com as organizações distributivas será de suma importância. Finalmente, é essencial que os comunistas participem como um grupo compacto na construção desse sistema de distribuição cooperativa, e que assegurem o papel dominante no trabalho.

Nos distritos rurais, é importante que os camponeses ricos sejam excluídos da gestão das cooperativas, que os habitantes relativamente abastados do campo não recebam quaisquer privilégios em matéria de distribuição, e que todo o aparato das cooperativas rurais deva ser controlado pelos camponeses pobres e pelos camponeses médios com consciência de classe.

§ 119. Outros órgãos de distribuição

Desde a revolução de novembro, surgiram vários órgãos distributivos adicionais criados pela revolução. No centro deles está o Narkomprod [Comissariado Alimentar do Povo], com todos os seus subdepartamentos nas províncias e nos condados. Essas organizações de abastecimento de alimentos tinham e têm seus próprios instrumentos distributivos na forma de uma rede de depósitos e lojas de alimentos. Antigamente, nos distritos rurais, os comitês dos camponeses pobres eram agentes distribuidores, formando um contrapeso à distribuição cooperativa. Enquanto as cooperativas distribuía a maior parte dos produtos que recebiam entre os camponeses abastados, os comitês dos camponeses pobres distribuía, entre os camponeses pobres, a maior parte e a melhor parte dos bens que recebiam do Estado. Um papel

importante na distribuição foi desempenhado pelos comitês de casas nas grandes cidades e pelas comunas de casas. Os sindicatos e os comitês de fábrica estavam igualmente ocupados no trabalho de distribuição.

A tarefa do Poder Soviético é garantir que esses múltiplos órgãos de distribuição sejam substituídos por um único órgão de distribuição, ou se tornem partes de um mecanismo de distribuição integral. Nessa conexão, por exemplo, os comitês de casas e as comunas de casas desempenham um papel útil, pois permitem que os consumidores garantam os bens de que precisam sem ficar em filas por horas ou dias.

Capítulo XV: A organização dos bancos e circulação monetária

§ 120. A nacionalização dos bancos e do banco popular unificado e o banco como estabelecimento central de escrituração

§ 121. O dinheiro e a extinção do sistema monetário

§ 120. A nacionalização dos bancos e do banco popular unificado e o banco como estabelecimento central de escrituração

Poucos trabalhadores têm uma ideia precisa do que são os bancos e qual é a sua função na sociedade capitalista. Eles concebem um banco como uma espécie de enorme baú do tesouro no qual os ricos acumulam dinheiro. Os trabalhadores que têm alguma poupança e as depositam em um banco, sabem que os juros são pagos sobre esses depósitos e estão cientes de que o dinheiro depositado em um banco privado às vezes desaparece. As economias são perdidas.

A primeira coisa que temos que entender é que um banco não é uma caixa de dinheiro. A qualquer momento, há muito pouco dinheiro disponível no banco. A essência do negócio bancário é algo bem diferente do funcionamento de um cofre à prova de fogo para o dinheiro de pessoas que economizaram dinheiro. É bem verdade que centenas de milhões de economias são depositadas no banco, mas essas quantias não ficam sem uso nos cofres. O dinheiro que flui para os bancos é imediatamente colocado em circulação novamente. Em primeiro lugar, é emprestado a empresários que fundam fábricas, exploram trabalhadores e pagam parte de seus ganhos aos bancos como juros do empréstimo – o banco, por sua vez, paga parte de seus lucros aos seus depositantes. Em segundo lugar, os próprios bancos fundam novos empreendimentos com os fundos que recebem dos depositantes, ou financiam empreendimentos existentes. Finalmente, os bancos emprestam dinheiro a vários Estados⁵⁶, e os Estados pagam juros sobre esses empréstimos. Assim, por meio dos governos, os bancos saqueiam as populações dos Estados devedores. Na medida em que os bancos pertencem a um pequeno grupo de capitalistas mais ricos, seu trabalho é visto, em última análise, como meramente a extração de mais-valia, com a ajuda de seu próprio capital e de seus depositantes.

⁵⁶ Por exemplo, bancos estrangeiros emprestaram mais de 16 milhões de rublos ao governo czarista e ao governo de Kerensky.

Contudo, os bancos não são meras aranhas sugando o trabalho excedente dos trabalhadores e camponeses. Eles têm um significado adicional. Suponhamos que eu tenha algum dinheiro e o deposite no banco. Isso significa que eu tinha certas mercadorias que vendia, transformando-as em dinheiro. O fluxo de novas e sempre novas somas de dinheiro através de todos os bancos, um aumento da quantidade total de capital em qualquer sociedade, significa que novas e sempre novas massas de valores estão entrando em circulação. O dinheiro representa um produto: ele é, por assim dizer, o certificado de um produto. Da circulação geral do dinheiro, podemos inferir aproximadamente o movimento geral dos produtos. Inevitavelmente, portanto, os bancos tornam-se, por assim dizer, os escritórios de contabilidade da sociedade capitalista.

As considerações anteriores mostram a função que os bancos podem desempenhar na sociedade capitalista e o que o proletariado deve fazer com eles assim que tomar o poder.

Depois da revolução socialista, ou melhor, durante a revolução socialista, a classe trabalhadora deve tomar todos os bancos e, sobretudo, o banco central do Estado. Isso é necessário, em primeiro lugar, simplesmente para que os trabalhadores possam confiscar todos os depósitos monetários da burguesia, todos os títulos de ações e todas as obrigações monetárias dos capitalistas. Este ato de confisco atingirá profundamente a exploração capitalista.

Adotamos esta medida após a revolução de novembro, e nossa ação foi um golpe esmagador para a classe capitalista da Rússia.

O que o Poder proletário deve fazer com os bancos confiscados? Deve dar conta de tudo o que tem valor no sistema bancário capitalista. Isso significa que os trabalhadores devem preservar os bancos como aparelhos de contabilidade da produção e como instrumentos de distribuição de recursos financeiros. Acima de tudo, deve haver uma nacionalização completa do negócio bancário. Não apenas todos os bancos tomados da burguesia devem ser convertidos em instituições estatais do proletariado, mas todas as futuras operações bancárias devem ser declaradas monopólio do Estado. Só o Estado pode ser autorizado a fundar bancos.

Além disso, todos os bancos devem ser amalgamados. Os bancos supérfluos devem ser abolidos e aqueles que se considera desejável manter, devem se tornar sucursais do banco unificado da República Soviética.

Em vez dos múltiplos métodos de manutenção de contas e em vez dos vários tipos de operações bancárias realizadas pelos bancos burgueses, no banco do povo unificado haverá um método único e simples de manter as contas. Isso permitirá ao Estado proletário traçar um quadro completo, mostrando onde e quanto o Estado pagou, de onde e quanto recebeu.

Se, no entanto, as receitas e despesas do Estado são registradas pelo banco unificado da república, o que acontecerá com o banco quando o próprio Estado se tornar, como tende cada vez mais a se tornar, o único administrador de um aparelho unificado e gigantesco que organiza toda a vida econômica do país?

É óbvio que o banco desempenhará, então, o papel desempenhado pela casa de contabilidade em qualquer empreendimento econômico. O banco, como tal, desaparecerá gradualmente. Como explica o programa do nosso partido, o banco se tornará o contador central, *o estabelecimento contábil central da sociedade comunista*.

§ 121. O dinheiro e a extinção do sistema monetário

A sociedade comunista não saberá nada de dinheiro. Todo trabalhador produzirá bens para o bem-estar geral. Não receberá nenhum certificado de entrega do produto à sociedade, significa que ele não receberá dinheiro. Da mesma forma, ele não pagará dinheiro à sociedade quando receber o que quer do armazém comum. Um estado de coisas muito diferente prevalece na sociedade socialista, que é inevitável como um estágio intermediário entre o capitalismo e o comunismo. O dinheiro ainda é necessário, pois tem um papel a desempenhar na economia mercantil. Se eu, como sapateiro, preciso de um casaco, troco minhas mercadorias, as botas que faço, por dinheiro. O dinheiro é uma mercadoria por meio da qual posso obter qualquer outra mercadoria que me agrada, e por meio da qual, no caso em questão, posso obter a coisa específica que desejo: um casaco. Todo produtor de mercadorias age da mesma maneira. Na sociedade socialista, essa economia mercantil persistirá até certo ponto.

Vamos supor que a resistência da burguesia tenha sido superada e que aqueles que antes constituíam a classe dominante agora se tornaram trabalhadores. Mas os camponeses ainda permanecem. Eles não trabalham para a conta geral da sociedade. Todo camponês se esforçará para vender seu produto excedente ao Estado, trocá-lo pelos produtos industriais de que necessita para seu próprio uso. O camponês continuará sendo um produtor de mercadorias. Para acertar as contas com os vizinhos e com o Estado, ainda precisará de dinheiro, assim como o Estado precisará de dinheiro para acertar as contas com todos os membros da sociedade que ainda não se tornaram membros da comuna produtiva geral. Mais ainda, é impossível abolir o dinheiro imediatamente, quando o comércio privado ainda continua em grande medida, e quando o Poder Soviético ainda não está em condições de substituir inteiramente o comércio privado pela distribuição socialista. Finalmente, seria desvantajoso abolir completamente o dinheiro enquanto a emissão de papel-moeda fosse um substituto para a tributação, enquanto

ajudasse o Estado proletário a lidar com as condições extremamente difíceis que agora prevalecem.

O socialismo, porém, é o comunismo em construção: é o comunismo incompleto. À medida que a obra de edificação do comunismo for bem-sucedida, a necessidade de dinheiro desaparecerá. No devido tempo, o Estado provavelmente será obrigado a acabar com a circulação monetária que está expirando. Isso será de especial importância para provocar o desaparecimento definitivo dos retardatários das classes burguesas que, com dinheiro acumulado, continuarão a consumir valores criados pelos trabalhadores em uma sociedade que proclamou: *Quem não trabalha, não come*.

Assim, desde o início da revolução socialista, o dinheiro começa a perder seu significado. Todas as empresas nacionalizadas, como a única empresa de um rico proprietário (pois o dono das empresas unificadas é agora o Estado proletário), terão uma casa de contabilidade comum e não precisarão de dinheiro para compras recíprocas e vendas. Aos poucos, um sistema de contabilidade sem dinheiro passará a prevalecer. Graças a isso, o dinheiro não terá mais nada a ver com uma grande esfera da economia nacional. No que diz respeito aos camponeses, no caso deles o dinheiro também deixará gradualmente de ter qualquer importância, e a troca direta de mercadorias voltará à frente. Mesmo no comércio privado entre os camponeses, o dinheiro passará para segundo plano, e o comprador só poderá adquirir trigo em troca de produtos em espécie, como roupas, utensílios domésticos, móveis, etc., O desaparecimento gradual do dinheiro também será promovido pela ampla emissão de papel-moeda pelo Estado, associada à grande restrição na troca de mercadorias dependente da desorganização da indústria. A crescente depreciação da moeda é, essencialmente, uma expressão da anulação dos valores monetários.

Mas o golpe mais contundente no sistema monetário será desferido pela introdução de livros orçamentários e pelo pagamento em espécie aos trabalhadores. Na carteira de trabalho será inscrito o quanto o titular fez, e isso significará o quanto o Estado deve a ele. De acordo com os registros em seu livro, o trabalhador receberá produtos das lojas dos consumidores. Em tal sistema, será impossível para aqueles que não trabalham adquirir bens por dinheiro. Mas o método só pode ser realizado quando o Estado for capaz de concentrar, em suas próprias mãos, a quantidade de artigos de consumo necessária para o abastecimento de todos os membros trabalhadores da sociedade socialista. Será impossível realizar isso até que nosso sistema industrial desorganizado seja reconstruído e expandido.

Falando de maneira geral, o processo de abolição da circulação monetária assume, hoje, a seguinte forma. Em primeiro lugar, o dinheiro é expulso do domínio da troca de produtos, no que diz respeito às empresas nacionalizadas (fábricas, ferrovias, quintas soviéticas, etc.). O dinheiro também desaparece do domínio da contabilidade entre o Estado e os trabalhadores do Estado socialista (isto é, no que diz respeito à contabilidade entre o Poder Soviético, por um lado, e os empregados e trabalhadores das empresas soviéticas, por outro). Além disso, o dinheiro torna-se supérfluo na medida em que se efetua a troca direta de bens entre o Estado e os pequenos produtores (os camponeses e os trabalhadores domésticos). Mesmo no âmbito da pequena indústria, a troca direta de bens tenderá a substituir o uso do dinheiro, mas pode ser que o dinheiro não desapareça completamente até que a própria indústria de pequena escala desapareça.

Literatura sugerida

Há pouquíssima literatura que trata desse assunto. O seguinte pode ser recomendado:

PYATAKOFF, O Proletariado e os Bancos;
SOKOLNIKOFF, A Nacionalização dos Bancos - Também os arquivos de Ekonomicheskaya Zhizn [Vida Econômica] e Narodnoe Hozyaistvo [Economia Política].

Capítulo XVI: Finanças no Estado Proletário

§ 122. O estado como aparelho parasitário

§ 123. O estado proletário como aparelho produtivo

§ 124. O orçamento do estado proletário

§ 122. O estado como aparelho parasitário

Mostramos anteriormente que o Estado é a organização da força, que é a expressão do domínio de uma classe sobre outra classe ou sobre outras classes. A classe burguesa, no curso do desenvolvimento capitalista, torna-se cada vez mais uma classe de ociosos, que consomem bens sem fazer nada para ajudar no trabalho de produção. Que visão, então, devemos ter do Estado burguês, que serve para proteger o conforto e a renda desses ociosos das massas exploradas e enfurecidas? A polícia e a gendarmaria⁵⁷, o exército permanente, todo o aparato judiciário, toda a máquina administrativa – tudo isso compreende uma enorme massa de indivíduos dos quais nenhum jamais produziu um alqueire de trigo, um metro de tecido ou sequer um alfinete ou agulha. Toda a organização vive da mais-valia, que é produzida pelos trabalhadores e camponeses. Essa mais-valia é absorvida pelo Estado na forma de impostos diretos e indiretos. Por exemplo, o governo czarista, assim, extraiu dos trabalhadores e camponeses mais de três bilhões de rublos (Traduzido nos termos do papel-moeda de 1922, isso representaria trezentos bilhões, o que é três vezes mais do que todo o dinheiro da Rússia). Apenas uma pequena fração da receita do Estado era dedicada à produção, a coisas como a construção de estradas e ferrovias, pontes, navios, etc.

Passando a considerar o Estado proletário, verificamos que este também, enquanto a guerra civil continuar e enquanto a resistência da burguesia não for quebrada, deve ser, em certa medida, um órgão acima da produção. O trabalho de muitos dos instrumentos do Estado proletário não é um trabalho que efetue a criação de novos valores. De fato, muitos dos instrumentos do Estado são mantidos à custa dos bens produzidos pelos trabalhadores e camponeses. A esta categoria pertencem nosso aparato militar e o Exército Vermelho, o sistema administrativo, todos os meios necessários para a luta contra a contrarrevolução, etc. Mas tais características não são características do Estado proletário, nestes aspectos é radicalmente

57 Força militar semelhante à polícia civil, no Brasil.

diferente do Estado dos exploradores. A característica essencial do Estado proletário é sua transformação gradual de uma organização improdutiva em uma organização para a administração da vida econômica.

§ 123. O estado proletário como aparelho produtivo

Muito antes do fim da guerra civil, o Estado proletário se preocupa principalmente com a produção e distribuição de bens. Uma mera enumeração dos comissariados centrais e locais tornará isso perfeitamente claro. A mais importante das organizações soviéticas é o Conselho Econômico Supremo com seus vários subdepartamentos. Este corpo é exclusivamente produtivo. Os comissariados da agricultura, da alimentação, das comunicações e do trabalho são igualmente organizações produtivas ou distributivas, ou organizações de utilização da força de trabalho. Da mesma forma, o Comissariado da Educação Popular, na medida em que realiza seu programa de instituição de uma escola unificada de trabalho, torna-se uma organização para a preparação de mão de obra qualificada. No Estado proletário, o Comissariado da Saúde Pública é um instrumento de proteção da saúde dos trabalhadores; o Comissariado da Previdência Social preocupa-se principalmente com o bem-estar daqueles que foram ou serão trabalhadores (sanatórios, assentamentos de terra, etc.). Também o Comissariado da Administração tem como atividade principal apoiar e dirigir os órgãos da vida econômica local, e em particular, os municípios. Tomando-o como um todo, o mecanismo do Estado proletário transforma-se em uma grande organização para a gestão da vida econômica e para seu avanço em todos os sentidos. Um estudo do orçamento da República Soviética deixará isso claro. Aqui estão alguns itens característicos de despesas.

Estimativas para o semestre, janeiro a junho de 1919, em milhões de rublos:

Conselho Econômico Supremo	10.976
Comissariado da Alimentação	8.153
Comissariado das Comunicações	5.073
Comissariado da Educação	3.888
Comissariado da Saúde Pública	1.228
Comissariado do Bem-Estar Social	1.619
Comissariado da Agricultura	588
Comissariado do Exército	12.150
Comissariado da Marinha	521
Comissariado das Relações Exteriores	11
Comissariado dos Assuntos Nacionais	17
Comissariado da Justiça	250
Comissariado dos Assuntos Internos	857
Comissão Extraordinária	348

Esses números mostram que a defesa da república ainda requer grandes somas de dinheiro. Colocando de lado este item, que surge das condições peculiares do momento, vemos que nove décimos das despesas do Estado proletário são dedicados à produção, administração, salvaguarda da capacidade funcional futura, manutenção da força de trabalho, etc. Todas essas despesas são puramente econômicas.

Além disso, nos sábados comunistas, os trabalhadores das várias organizações produtivas, os soldados do Exército Vermelho e os comissários de guerra, todos se unem para cumprir seu dever em matéria de trabalho produtivo - embora a princípio, é claro, os resultados sejam escassos. Antes do ano de 1919, não havia nenhum Estado no mundo em que os funcionários públicos estivessem voluntariamente engajados em tarefas como a reparação de locomotivas e o carregamento de madeira em nome do Estado.

§ 124. O orçamento no estado proletário

Vimos que as despesas do Estado proletário são cada vez mais destinadas a fins produtivos. Então surge a questão: de quais fontes sua renda será derivada?

As finanças da República Soviética Russa fornecem algumas informações sobre este assunto.

Nos primeiros dias de sua existência, o Poder Soviético tinha certas fontes extraordinárias de receita. Tinha os depósitos bancários confiscados da burguesia; tinha os recursos em dinheiro do último governo, tinha várias quantias que eram garantidas pela tributação da burguesia, pela venda de bens confiscados de comerciantes e empresas privadas, etc. Todas essas fontes de renda eram pequenas em relação às despesas necessárias. No que diz respeito aos sovietes locais, os impostos cobrados dos capitalistas foram, por um tempo considerável, sua única fonte de receita, mas para o governo central, esses impostos não podiam fornecer nenhum meio notável de apoio. Além disso, essa fonte de receita era transitória. A burguesia logo foi desnudada; ou então, e era o que geralmente acontecia, os membros da classe burguesa desapareciam, depois de esconderem suas economias. Um imposto de renda graduado não deu e não dá resultados satisfatórios. Na medida em que incide sobre empregados e trabalhadores, é um absurdo, pois o Estado está simplesmente recuperando em forma de imposto o que pagou em forma de salários. Na medida em que é cobrado da burguesia urbana, oficialmente não existe mais burguesia. Legalmente, os burgueses não podem continuar suas antigas ocupações. Tal imposto, portanto, é extremamente difícil de cobrar e, na experiência real, essa fonte de receita do Estado se mostrou totalmente inadequada. Um imposto de renda

graduado pode ser muito mais lucrativo quando cobrado dos camponeses ricos; mas para sua cobrança regular, deveríamos depender do trabalho dos instrumentos locais de tributação, que precisariam ser organizados pelas autoridades locais, principalmente as dos distritos rurais. No que diz respeito aos camponeses médios, é indesejável, por razões políticas, cobrar-lhes qualquer imposto enquanto a guerra civil continua, pois tal medida tenderia a afastá-los do proletariado. A tentativa de levantar um imposto revolucionário extraordinário de dez bilhões foi fracassada, pois, após grandes esforços, menos de dois bilhões foram garantidos. A principal fonte de receita do Estado tem sido a emissão de papel-moeda. Isso, na medida em que o dinheiro pode comprar qualquer coisa, na realidade é uma forma especial de tributação. Por mais que a emissão do papel-moeda acelere a depreciação da moeda, ela leva indiretamente à expropriação do capital monetário da burguesia, pois reduz a capacidade de compra desse capital monetário a uma fração do que possuía anteriormente. Pode ser facilmente entendido que a emissão de papel-moeda não pode, em longo prazo, constituir um meio de receita para um Estado que visa à abolição total do dinheiro. Estamos diante deste problema: qual é a melhor base sobre a qual o Estado proletário pode construir suas receitas?

Essa base segura é fornecida pela produção. Se até agora a emissão de papel-moeda revelou-se um método eficaz de cobrança das receitas do Estado, é porque este tipo de imposto pode ser cobrado sem que o contribuinte saiba que está pagando por algo do gênero. Não menos imperceptível é quando obtemos receitas indiretamente, por meio do monopólio do Estado. Esta forma de receita do Estado é, na realidade, perfeitamente justa. O custo de produção de quaisquer artigos produzidos pelo Estado deve incluir todos os encargos administrativos exigidos para o ramo de produção específico. O aparelho de Estado proletário realiza, de fato, tal forma de administração. Na prática, isso significa que, se o transporte de passageiros custa um bilhão de rublos por ano, o Estado pode fixar as tarifas em tal valor que receberá dessa fonte a soma de mil e duzentos milhões de rublos. Se o custo total de todos os artigos fabricados for cinco bilhões, eles podem ser vendidos por seis bilhões e assim por diante. O excedente é destinado à manutenção do Estado. É claro que as receitas do monopólio não devem ser concebidas apenas na forma de dinheiro, mas também diretamente na forma de uma determinada quantidade de bens.

Se o Estado proletário se transforma em um órgão de administração do sistema econômico socialista como um todo, a questão da sua manutenção, isto é, a nossa velha questão do orçamento, fica bastante simplificada. Trata-se apenas de atribuir uma determinada porção de bens a um determinado item de despesa econômica.

Mas enquanto a questão do orçamento do Estado é agora muito simples, muito menos simples é o problema de como vamos determinar com precisão que parte dos produtos pode ser consumida, ou seja, que parte pode ser despendida no sistema econômico como inteira. Será necessário calcular com extrema premeditação exatamente qual proporção do total de produtos pode ser consumida sem relutância, e exatamente qual proporção deve ser reservada como estoques para uso na expansão da produção e assim por diante.

Vemos, então, que na medida em que o Estado como aparelho parasitário é destruído, o problema do orçamento do Estado se confunde com o problema geral da distribuição de todos os produtos em uma sociedade socialista. O orçamento do Estado terá se tornado apenas uma pequena parte do orçamento integral da comunidade cooperativa.

Literatura sugerida

Praticamente não há literatura que trate dessa questão. Podemos recomendar POTYAEV, A Política Financeira do Poder Soviético.

Capítulo XVII: O problema da moradia

§ 125. O problema da habitação na sociedade capitalista

§ 126. O problema da habitação no estado proletário

§ 125. O problema da habitação na sociedade capitalista

Os privilégios da classe burguesa são mais evidentes na questão da habitação do que em qualquer outro domínio. Os burgueses habitam os melhores bairros das cidades. As classes abastadas moram nas melhores ruas, nas mais limpas, onde há jardins amplos e muitas árvores. A classe operária, por outro lado, está em todas as terras estabilizadas nas ruas médias e nos bairros suburbanos. Não é porque a maioria das fábricas geralmente está situada na periferia da cidade que os trabalhadores devem residir nos subúrbios. Mesmo que uma fábrica esteja no centro de uma cidade, aqueles que trabalham lá serão, no entanto, agrupados em algum lugar da periferia. Mas os donos de fábricas, cujas obras estão situadas nos bairros remotos da cidade, vivem eles próprios no centro.

As famílias burguesas ocupam casas inteiras ou apartamentos com grande número de cômodos. Suas casas têm mais cômodos do que habitantes. Há jardins espaçosos, banheiros e todas as conveniências da vida.

As famílias da classe trabalhadora estão amontoadas em porões, em cortiços de um único cômodo, em pequenos apartamentos. Muitas vezes elas vivem em alojamentos de quartéis, como prisioneiros que são conduzidos em uma prisão. Ao longo do dia, o trabalhador inala fumaça de fábrica, limalha, poeira de todo tipo; a noite toda ele respira o ar de um quarto no qual podem estar dormindo cinco ou seis crianças.

Não é de surpreender que as estatísticas mostrem a rapidez com que as pessoas morrem nos bairros da classe trabalhadora - as pessoas cujas horas de trabalho são muito longas, cujas moradias são muito estreitas e cujas vidas são muito curtas. Aqui estão alguns dos dados. Na Grã-Bretanha, a taxa média de mortalidade é de 22 por mil. Nos bairros burgueses, a taxa de mortalidade é de apenas 17; nos bairros operários, é 36; em alguns distritos, onde vivem os mais pobres entre os trabalhadores, a taxa de mortalidade está entre 40 e 50. Observando a Bélgica, descobrimos que, nos bairros operários de Bruxelas, morre uma pessoa a cada 29 todos os anos, enquanto nos melhores bairros burgueses apenas uma pessoa a cada 58 morre a cada ano. Assim, a taxa de mortalidade da classe trabalhadora é quase duas vezes maior que a taxa de mortalidade da burguesia.

A duração média de vida, no caso da burguesia, no caso daqueles que vivem em habitações bem iluminadas, secas e quentes, é quase 50% mais longa que a vida daqueles que estão amontoados nos porões e sótãos dos bairros operários.

Em Budapeste, a duração média de vida das pessoas que morreram com idade superior a 5 anos foi a seguinte:

	anos
Entre aqueles que vivem em locais com 1 ou 2 pessoas por cômodo	47,16
Entre aqueles que vivem em locais com 2 a 5 pessoas por cômodo	39,51
Entre aqueles que vivem em locais com 5 a 10 pessoas por cômodo	37,10
Entre aqueles que vivem em locais com mais de 10 pessoas por cômodo	32,03

Quando examinamos os números relativos à mortalidade infantil, a comparação entre a classe trabalhadora e a burguesia mostra que esta última possui uma vantagem ainda maior nesse aspecto. Nas moradias burguesas onde há uma média de apenas uma pessoa por cômodo, a taxa de mortalidade entre as crianças (menores de um ano) é apenas um quarto da mortalidade infantil nas moradias operárias em que há mais de três pessoas por cômodo. No que diz respeito às crianças de 1 a 5 anos, a taxa de mortalidade burguesa é apenas metade da taxa de mortalidade da classe trabalhadora.

Não só os trabalhadores em suas habitações sombrias e pestíferas morrem em média 15 anos antes dos burgueses; além disso, eles têm que pagar aos proprietários capitalistas pelo privilégio. O tributo vai para o dono da casa por cada esquina, cada adega e cada sótão, para não mencionar cada quarto ou cortiço de verdade. Se você não pagar, a porta da rua é serventia da casa! O aluguel da casa sempre engole uma grande proporção dos salários dos trabalhadores, geralmente de 15% a 25%. O custo da habitação aumenta continuamente - para os trabalhadores - em terras capitalistas. Em Hamburgo, por exemplo, para cada 100 marcos [xelim]⁵⁸ ganhos por mês, pagava-se o aluguel da casa:

Renda anual variando de	Porcentagens		
	1868	1881	1900
900 a 1.200 marcos	19,8	24,1	24,7
1.200 a 1.800 marcos	19,9	18,9	23,2
1.800 a 2.400 marcos	20,3	19,5	21,6
6.000 a 9.000 marcos	16,5	15,7	15,1
30.000 a 60.000 marcos	6,7	8,1	6,0
Mais que 60.000 marcos	3,7	3,9	3,0

Assim, quanto menor a renda, maior a porcentagem dessa renda que deve ser dedicada ao aluguel da casa, e mais rápido também é o aumento anual da proporção que deve ser

58 Moedas respectivamente da Alemanha e Grã-Bretanha na época de publicação da obra.

destinada ao aluguel. No caso da burguesia, por outro lado, a porcentagem da renda destinada ao aluguel da casa é apenas um sexto do que deve ser pago pelos trabalhadores, e essa porcentagem, longe de aumentar, diminui positivamente.

§ 123. O problema da habitação no estado proletário

A revolução proletária efetuou uma mudança completa nas condições de moradia. O Poder Soviético nacionalizou as moradias burguesas; em alguns casos, cancelou completamente os atrasos dos aluguéis nos bairros operários e, em outros casos, reduziu esses atrasos. Mas isto não é tudo. Planos estão sendo elaborados, e em parte já foram colocados em operação, para a abolição completa do aluguel para os trabalhadores que vivem nas moradias nacionalizadas. Nas cidades maiores, iniciou-se uma transferência sistemática dos trabalhadores das adegas, das casas em ruínas e dos cortiços insalubres para as vilas e mansões burguesas dos bairros centrais das cidades. Além disso, os trabalhadores estão sendo sistematicamente abastecidos com móveis e todos os utensílios domésticos necessários.

É tarefa do Partido Comunista continuar esta política, aperfeiçoar sua economia habitacional, instituir uma campanha contra o uso grosseiro das casas nacionalizadas, zelar para que elas sejam mantidas limpas e em bom estado de conservação e garantir que os drenos, os canos de água, os aparelhos de aquecimento a vapor, etc., sejam mantidos em boas condições.

Mas o Poder Soviético, enquanto prossegue em linhas gerais esta política de nacionalização da grande propriedade da casa capitalista, não vê razão para que os interesses dos proprietários de casas menores sejam violados - os proprietários de casas que são trabalhadores, empregados e outras pessoas comuns que vivem em suas próprias casas. As tentativas de nacionalização geral das casas pequenas e das grandes (essas tentativas foram feitas nas províncias) tiveram como único resultado que as casas nacionalizadas, grandes e pequenas, não tinham ninguém para cuidar delas adequadamente; elas caíram em ruínas, e em muitos casos, não havia ninguém disposto a morar nelas. Por outro lado, sentimentos de animosidade em relação ao poder soviético foram despertados entre os proprietários das pequenas casas.

O Poder Soviético, que enfrentava uma grave crise habitacional nas cidades, resultante da completa suspensão das atividades de construção, teve que assumir a árdua tarefa de distribuir com justiça as habitações disponíveis. Os departamentos de habitação dos soviets encarregam-se de todas as habitações gratuitas nas cidades e as distribuem de acordo com um plano definido. Os departamentos fazem agendamentos de todas as acomodações disponíveis

nas casas grandes, nas residências de famílias, e indivíduos que possuem mais cômodos do que realmente precisam.

Quando a guerra civil terminar e quando a crise na produção chegar ao fim, haverá um grande crescimento da população urbana. O proletariado que se refugiou nas aldeias voltará às cidades, e o excesso de população nos distritos rurais chegará também aos centros urbanos. O Poder Soviético terá que lidar com a questão de construir novas casas, habitações que satisfaçam as necessidades da sociedade comunista. No momento atual, é difícil dizer que tipo de edifícios serão melhores: se devem ser casas grandes, totalmente equipadas, com jardins, refeitórios comuns e similares; ou se deveriam ser pequenas e bem projetadas habitações separadas para os trabalhadores. Uma coisa é perfeitamente clara. O programa de habitação não deve entrar em conflito com a proposta de unificação da indústria e da agricultura. Deve favorecer a dispersão da cidade pelo campo; não deve aumentar a concentração de centenas de milhares e milhões de pessoas em áreas limitadas - pessoas que, por essa concentração, são privadas da possibilidade de respirar ar fresco, são isoladas da natureza e estão condenadas a uma morte prematura.

Literatura sugerida

ENGELS, A Questão da Habitação;

FEDOROVICH, Habitações da classe trabalhadora;

DEMENTYEF, A Fábrica, seus méritos e seus defeitos; SVETLOFPSKY, A Questão da Habitação na Europa Ocidental e na Rússia;

POKROFPSKAYA, A melhoria das habitações da classe trabalhadora na Inglaterra.

Capítulo XVIII: Proteção do trabalho e bem-estar social

§ 127. O que é proteção do trabalho?

§ 128. Os principais campos de proteção do trabalho

§ 129. O que foi feito na Rússia em relação à proteção do trabalho?

§ 130. O que é Assistência Social?

§ 131. As principais províncias da obra social

§ 132. Assistência Social na Rússia

§ 133. Outras medidas para a melhoria da condição da classe trabalhadora

§ 134. Outras tarefas do partido

§ 127. O que é proteção do trabalho?

A classe operária luta para garantir um sistema comunista, porque este sistema livrará os trabalhadores da exploração e porque o comunismo permitirá desenvolver as forças produtivas, a tal ponto que não será mais necessário que as pessoas dediquem toda sua vida para a produção das necessidades da vida. Todas as conquistas, portanto, feitas pela classe trabalhadora em seu caminho para o comunismo são, em sua essência, direta ou indiretamente equivalentes à proteção do trabalho; todas elas promovem uma melhoria na situação dos trabalhadores. Consideremos, por exemplo, a liberdade política da classe trabalhadora na República Soviética, e consideremos a posição dos trabalhadores como classe dominante. É evidente que este novo estatuto político implica um passo em frente no caminho da proteção laboral. A mesma coisa pode ser dita de todas as conquistas da classe trabalhadora, todas, sem exceção. Mas devemos distinguir da proteção trabalhista, nesse sentido geral, alguns sentidos mais especiais do termo. Neste último caso, não estamos pensando na posição da classe operária em geral, mas na posição da classe operária na fábrica, na oficina, na mina; em outras palavras, estamos pensando nas condições que afetam os trabalhadores no processo de trabalho real. O trabalho em fábricas e oficinas, no meio de máquinas e, muitas vezes, em atmosfera contaminada, é muito perigoso. O perigo é aumentado pela duração indevida da jornada de trabalho, pela qual os trabalhadores ficam fatigados, esgotando suas energias, de modo que sua atenção é capaz de divagar, e a probabilidade de acidentes é grandemente aumentada. Uma

jornada de trabalho excessivamente longa acarreta, por si só, uma exaustão extrema do organismo.

Alguns exemplos bastarão para mostrar como a vida dos trabalhadores depende de seu ambiente e das condições gerais em que trabalham.

1. Em primeiro lugar vem a questão dos acidentes. Aqui estão alguns números. Na Nevsky Shipbuilding Works, em Petrogrado, os registros de acidentes são os seguintes:

Ano	Nº de acidentes	Nº de trabalhadores	Nº de acidentes a cada 1.000 trabalhadores
1914	4.386	6.186	709
1915	4.689	7.002	669
1916	2.830	7.602	371
1917	1.269	6.059	210

A diminuição do número de acidentes deveu-se principalmente a uma série de medidas especiais. Mas o número de 210 acidentes por 1.000 trabalhadores ainda é muito alto.

Às vezes, ocorrem acidentes com 70% dos trabalhadores todos os anos. De acordo com os relatos de um cirurgião distrital, durante a época da colheita na província de Ekaterinoslav, os hospitais do país o lembravam dos hospitais de campanha em tempos de guerra. É claro que tais acidentes não são peculiares à Rússia, mas ocorrem em todos os lugares. No parlamento britânico, Ramsay MacDonald uma vez apontou que, de 1.200 mineiros mortos no trabalho, 1.100 foram mortos devido à negligência das medidas de precaução necessárias pelos capitalistas.

O último exemplo indica que, se desejarmos, podemos reduzir enormemente o número de acidentes. Mas do ponto de vista capitalista, as medidas necessárias não *valeriam a pena*.

2. A segunda questão básica é a do *ambiente de trabalho prejudicial e as doenças ocupacionais e a moralidade daí decorrente*.

Consideremos, por exemplo, a fabricação de fósforo.

Lazareff relatou que, nas fábricas russas de fósforo, onde não eram empregadas medidas de precaução, cinco anos bastavam para fazer do trabalhador um *cadáver vivo*. Nas indústrias químicas, vidreiras, minas, etc., predominavam as chamadas doenças profissionais. Fenômenos semelhantes eram observáveis em outros ramos da produção. As varizes ocorreram em trabalhadores que tiveram que ficar muito tempo em pé; necrose da mandíbula em trabalhadores de fósforo; envenenamento por mercúrio, envenenamento por arsênico, tuberculose, etc.

Aqui estão alguns números. Na Inglaterra, durante os anos de 1900-1902, entre 1000 mortes de pessoas que seguiram várias ocupações, as mortes por consumo foram:

Clero	55
Agricultores e pecuaristas	76
Advogados e procuradores	92
Funcionários públicos	129
Trabalhadores de vidro	283
Ceramistas (louças e utensílios de porcelana)	285
Compositores	300
Fabricantes de pincéis	325
Amoladores de facas, etc.	533
Mineiros	579-816

De acordo com o relatório do Dr. Baranotr, a mortalidade por consumo no proletariado foi a seguinte:

de 100 fabricantes de cigarros que morreram	63,4 morreram pelo consumo
de 100 gravadores que morreram	58,3 morreram pelo consumo
de 100 compositores que morreram	53,1 morreram pelo consumo
de 100 alfaiates que morreram	50,9 morreram pelo consumo
de 100 pedreiros que morreram	50,6 morreram pelo consumo
de 100 serralheiros, torneiros, encanadores [...] que morreram	45 – 45,5 morreram pelo consumo
de 100 trabalhadores com acartonados e marceneiros que morreram	

Pelas estatísticas alemãs, verificamos que a mortalidade por consumo entre os polidores de metal de Solingen foi quatro vezes maior do que a de qualquer outra doença.

3. Além de causar doenças manifestas, *as más condições de trabalho dão origem a uma deterioração geral do físico da classe trabalhadora*. Isso encontra expressão no número crescente de homens que não estão aptos para o serviço militar. Ano após ano, há um número maior de pessoas de peito fraco e subdesenvolvidas; e no proletariado, a proporção de tais pessoas é muito maior do que entre outros estratos da população. Na Suíça, entre os convocados para o serviço militar, a porcentagem de trabalhadores urbanos inaptos era de 39,5%, enquanto a porcentagem de trabalhadores rurais inaptos era de apenas 25. Condições semelhantes são observadas em outros países. Entre as mulheres, a deterioração do físico é frequentemente associada à perda da capacidade de engravidar.

Obviamente, todos esses males estão intimamente ligados às condições de produção. A classe capitalista não tem interesse na proteção do trabalho, e sua política em relação à força de trabalho é meramente uma política de pilhagem. Os capitalistas desejam espremer os trabalhadores como limões e jogar fora a casca. Esta é também a política do capital americano progressista. Nos Estados Unidos, apenas trabalhadores saudáveis são admitidos nas fábricas; seu desenvolvimento muscular é cuidadosamente inspecionado e testado. Os trabalhadores fracos não têm permissão sequer para entrar no país, pois se considera que esses fracos

constituíam um tipo inferior de gado trabalhador. Mas nos Estados Unidos é uma exceção que os trabalhadores atinjam a idade de quarenta e cinco anos. O deus Capital suga a vida deles da maneira mais *progressiva* possível.

A ditadura do proletariado é, obviamente, o primeiro meio encontrado para colocar esta questão da proteção do trabalho em bases seguras. A classe trabalhadora está diretamente interessada na preservação da força de trabalho. Deve demonstrar a máxima consideração por esta força de produção tão preciosa e importante. O sistema comunista não terá nada a ver com um desperdício tolo, criminoso e prejudicial da força humana; funcionará com o auxílio de uma técnica altamente desenvolvida, cujo primeiro objetivo será a preservação dessa força. É por isso que a proteção do trabalho é de imensa importância durante a transição para a fase comunista da sociedade humana.

Proteção do trabalho, então, significa a proteção dos trabalhadores de condições prejudiciais de produção.

§ 128. Os principais campos de proteção do trabalho

O requisito mais importante para a proteção da classe trabalhadora e a salvaguarda mais importante contra sua deterioração física, contra doenças, aumento da mortalidade, etc., é que haja uma jornada normal de trabalho. Não é de surpreender, portanto, que a classe trabalhadora tenha sempre colocado a luta pela redução da jornada de trabalho na vanguarda da luta geral. A jornada de trabalho decide o gasto de energia humana que é convertida em produtos. Na sociedade capitalista, essa energia também é convertida em lucro capitalista, e por isso os capitalistas estão muito interessados em prolongar a jornada de trabalho. Contudo, sobrecarregando suas forças, o trabalhador reduz sua capacidade de trabalho adicional, ele se desgasta mais rapidamente, sua constituição está enfraquecida, ele adoece mais facilmente e morre mais cedo. Um dia de trabalho anormalmente longo envolve um desperdício predatório de energia humana. O estabelecimento de uma jornada normal de trabalho é o primeiro passo para a proteção do trabalho.

O segundo passo é a proteção dos elementos especialmente fracos da classe trabalhadora. Esta classe não é composta apenas por homens adultos. Ela também contém homens velhos, jovens e mulheres de várias idades. É óbvio que o poder de resistir a condições prejudiciais varia em diferentes setores da classe trabalhadora. O que pode ser feito facilmente e sem qualquer perigo para a saúde por um homem adulto pode ser extremamente prejudicial para uma mulher e absolutamente perigoso para uma criança, que ainda está em crescimento.

Considere, por exemplo, o transporte de elementos ou produtos pesados. Além disso, as mulheres necessitam de proteção especial em certos períodos da vida, como durante a gravidez, parto e lactação. Nestas matérias, são essenciais medidas específicas. Este é o domínio da proteção das mulheres e da proteção das crianças.

Em terceiro e último lugar, uma questão de grande importância é a organização técnica e sanitária dos atores e oficinas. Muito pode ser feito, e ainda precisa ser feito, na prevenção de acidentes, na prevenção de influências nocivas decorrentes do trabalho de produção, na melhoria geral das condições de trabalho. Entre as más condições, pensamos especialmente na poeira, iluminação insuficiente, frio, correntes de ar, sujeira, etc.

Os três campos anteriormente citados são os principais de proteção do trabalho.

§ 129. O que foi feito na Rússia em relação à proteção do trabalho?

A ditadura do proletariado criou as condições que permitem plenamente alcançar e concretizar as reivindicações apresentadas por todos os partidos socialistas. Neste assunto, nenhuma legislatura do mundo pode se gabar de uma legislação como a da República Soviética. Nossos problemas (dos quais temos muitos, embora estejam diminuindo) não surgem de leis ruins, mas do fato de termos muito pouco de muitas coisas e de que há uma absoluta falta de coisas essenciais. A escassez, como vimos, deve-se à luta travada contra nós pelo imperialismo mundial, também à guerra imperialista que os inimigos da classe trabalhadora têm travado entre si.

Falando de maneira geral, quando resumimos o que a República Soviética fez em termos de proteção ao trabalho e quando estudamos as leis da República Soviética, obtemos o seguinte quadro.

a) *A limitação do horário de trabalho.* A este respeito, o Poder Soviético pôs em prática várias medidas.

1. Nós finalmente realizamos a jornada de 8 horas confirmando isso por lei (um passo que o Governo de Coalizão evitou diligentemente), e há uma jornada de trabalho de 6 horas para trabalhadores intelectuais e para aqueles que trabalham em escritórios.

2. As horas extras são proibidas por lei. É permitido apenas de forma limitada em casos excepcionais e é pago à taxa de tempo e meio.

3. Nos ofícios especialmente lesivos, as horas de trabalho são ainda mais reduzidas. Os trabalhadores do tabaco trabalham 7 horas por dia; trabalhadores do gás, para 6 horas por dia.

4. Foi estabelecido um descanso semanal normal de 42 horas, e para isso as horas de sábado foram reduzidas em todos os lugares para 6. Os trabalhadores que não puderem parar de trabalhar no domingo podem descansar em outro dia da semana.

5. Uma vez por ano, todos os trabalhadores gozam de férias com remuneração integral. O feriado legalmente especificado é de um mês, mas nos tempos difíceis atuais (outono de 1919) foi reduzido para quinze dias.

6. Nos ofícios especialmente lesivos, e no caso de adolescentes que se desloquem para colônias de terras, é concedido feriado suplementar de quinze dias.

(b) *Proteção do trabalho feminino e infantil.*

1. Por norma, as mulheres não devem trabalhar à noite e não devem fazer horas extraordinárias. Elas não podem ser contratadas para estes tipos de trabalho.

2. Os menores de dezesseis anos não podem trabalhar na indústria. Eles estão sendo gradualmente removidos do campo industrial (em primeiro lugar de todos os negócios prejudiciais); aqueles que são retirados da indústria recebem apoio material e são enviados para a escola.

3. Os menores de dezesseis anos que ainda se encontrem trabalhando, trabalham apenas 4 horas diárias; jovens de dezesseis a dezoito anos têm jornada de trabalho de 6 horas.

4. São proibidos as horas extras, o trabalho noturno e o trabalho por conta de outrem para todos os menores de dezoito anos.

Para a proteção da maternidade, foram promulgadas as seguintes leis:

1. Na gravidez e no parto, todas as mulheres, quer se trate de trabalhadoras ativas na indústria ou esposas de trabalhadores, recebem um subsídio durante todo o período de interrupção do trabalho por motivo de gravidez e parto. Este subsídio equivale a um salário de trabalho integral.

2. As mulheres grávidas que exerçam trabalho físico recebem este subsídio durante oito semanas antes do parto; trabalhadoras intelectuais e funcionárias de escritório recebem por seis semanas antes do parto.

3. Após o parto, o subsídio continua, respectivamente, por oito semanas e seis semanas.

4. As mães lactantes que trabalham na indústria têm meia hora de licença a cada três horas.

5. Todas as mães recebem um subsídio complementar de 24 rublos por dia para a alimentação da criança por um período de nove meses após o nascimento. Além disso, elas recebem uma quantia fixa de 720 rublos para o enxoval da criança.

Em todas estas medidas, que já entraram em vigor, existem algumas divergências com o Código das Leis do Trabalho. Essas divergências assumem a seguinte forma. Em circunstâncias excepcionais, são permitidas horas extras, em um número de dias que não deve exceder 50 por ano no total. Crianças de quatorze a dezesseis anos podem trabalhar na indústria por horas não superiores a 4 por dia. As férias de um mês foram temporariamente reduzidas para quinze dias. A duração do trabalho noturno foi aumentada para 7 horas.

Todas essas divergências foram necessárias pela situação extremamente crítica em que a República Soviética foi colocada pelo ataque brutal de todas as potências imperialistas.

(c) *Organização técnica e sanitária das fábricas.*

As seguintes medidas foram instituídas:

1. Foram emitidas várias normas obrigatórias relativas às medidas técnicas de segurança no trabalho, ao saneamento geral e à higiene ocupacional. Todas elas visam a uma notável melhoria das condições de trabalho nas fábricas e oficinas.

2. Em todos os ramos de produção prejudiciais, foram tomadas providências para fornecer roupas especiais que protejam o trabalhador de poeira, gases, umidade, etc.

3. Todos os trabalhadores são fornecidos com fatos-macaco, que pertencem à obra, e devem ser utilizados pelo trabalhador apenas durante o horário de trabalho.

4. Para fiscalizar a efetiva execução de todas as medidas de proteção laboral, foi fundado um sistema de Inspeção do Trabalho, eleito pelas conferências gerais dos trabalhadores. No caso de ofícios individuais caracterizados por condições de trabalho peculiares, e no caso de ofícios (como transporte, construção civil e agricultura) em que, pela natureza da ocupação, os trabalhadores estão peculiarmente desintegrados, as comissões especiais de inspeção do trabalho são eleitas pelos respectivos sindicatos.

Os números relativos ao pessoal dos novos inspetores mostram até que ponto os próprios trabalhadores estão participando nesta questão. Até 1º de agosto de 1919, 58,5% de todos os inspetores eram trabalhadores braçais. A proporção real foi provavelmente maior, pois no caso de boa parte dos inspetores, a ocupação anterior não foi declarada. Entre todos os inspetores cuja ocupação anterior é registrada, a proporção dos declarados trabalhadores braçais é de 62,5%, e a proporção dos declarados empregados é de 15,5 por cento. Assim, os trabalhadores braçais e os empregados juntos constituem 88% de todos aqueles cuja ocupação é declarada!

A tabela a seguir detalha até 1º de agosto de 1919, mostrando a distribuição dos fiscais de acordo com a ocupação anterior.

Ocupação	Nº de indivíduos	Percentual total de inspetores	Percentual daqueles cuja ocupação é declarada
Trabalhadores	112	53,5	62,5
Mestres, técnicos e desenhistas	21	-	11,5
Empregados, vendedores e funcionários de escritórios	28	-	15,5
Assistentes de cirurgião	4	2	2
Químicos farmacêuticos	1	0,5	0,5
Professores	5	2	2,5
Alunos	4	2	2
Médicos	5	2,5	2,5
Engenheiros	1	0,5	0,5
Advogados	1	0,5	0,5
Ocupação não declarada	28	13	0
	210	100	100

Em comparação com o semestre anterior, o número de trabalhadores braçais aumentou (58,5% contra 47%; ou 62,5% de todos cujas ocupações foram declaradas, contra 60%). A percentagem de mestres e técnicos manteve-se praticamente inalterada (10 contra 11). Registou-se um aumento assinalável do número de trabalhadores (18,5% contra 8%). Relativamente, o número de alunos diminuiu de 6% para 2%; em números absolutos, a quantidade de alunos era apenas a metade no segundo semestre do que havia sido no primeiro. Os demais números ficaram praticamente inalterados.

Assim se originou, na Rússia, uma verdadeira inspeção operária, que mereceu o nome tanto em relação ao seu pessoal quanto em relação aos seus objetivos.

No entanto, em matéria de proteção do trabalho, ainda há muito a ser feito nas fábricas. Na maioria dos casos, as condições de trabalho ainda são abomináveis, especialmente nas formas mais atrasadas de empresas, onde os trabalhadores ainda são incultos e mal organizados. Nesses cantos escuros, tudo é como nos velhos tempos. Muitas vezes, de fato, é impossível realizar as melhorias necessárias no momento, uma vez que elas exigiriam uma instalação inteiramente nova e uma reorganização completa. No entanto, muito pode ser feito mesmo sem essas grandes mudanças, se apenas segmentos cada vez maiores das massas se interessarem pela melhoria das condições de trabalho.

§ 130. O que é Assistência Social?

O sistema capitalista, como vimos, visa à extração de lucro da classe trabalhadora. Os trabalhadores assalariados, os proletários, eram simplesmente meios de enriquecimento para o capitalista. Quando essas ferramentas vivas se desgastavam, quando se tornavam inúteis ou

supérfluas, eram impiedosamente jogadas fora como um limão espremido ou uma casca de ovo. As misérias do desemprego, da doença, da velhice e da mutilação não eram nada para o capitalista, que descartava enormes massas de pessoas sem sequer tentar ajudá-las - ou só ajudava os mais devotados entre seus fiéis servidores, aqueles de quem todos os recursos vitais sucos já haviam sido sugados.

Na República Soviética, os trabalhadores e os camponeses pobres não são objeto de exploração. Mas isso não significa que não haja pobreza generalizada no país. Na Rússia, perpetuamente perseguida por seus inimigos, bloqueada por todos os lados, cortada de seus suprimentos de carvão, petróleo e matérias-primas, há uma quantidade terrível de pobreza. Não é maior porque o capitalista expulsa os trabalhadores das fábricas, mas porque as fábricas têm que ser fechadas por falta de combustível e matéria-prima. Esta é a razão do desemprego. Não é o desemprego do tipo antigo: ele surge de causas muito diferentes, mas existe. Como herança da guerra imperialista existem inválidos e aleijados, as numerosas vítimas da contrarrevolução; os idosos, os doentes e as crianças, pois todos esses desamparados precisam de cuidados, e todos eles são uma fonte de despesas. O governo operário não considera a ajuda que lhes dá como uma dádiva, uma esmola ou uma benção. O Estado operário faz do seu sustento um dever primordial, sobretudo no caso dos inválidos do exército operário ou do Exército Vermelho.

Nosso objetivo final é fazer com que a existência de um estado de sociedade em que todas as pessoas que, por uma razão ou outra, tenham perdido a capacidade para o trabalho, todos aqueles que estão impossibilitados de trabalhar, tenham apoio garantido. Devemos assegurar que os idosos desfrutem de uma velhice tranquila, na qual sejam providos de todos os confortos da vida; que as crianças tenham tudo o que convém às suas necessidades; que os inválidos e aleijados possam viver nas circunstâncias mais adequadas à sua condição; que aqueles que estão cansados e sobrecarregados sejam colocados em ambientes curativos, onde recebam todos os cuidados que costumavam ser dispensados aos ricos burgueses enfermos; que ninguém mais seja perpetuamente assediado com antecipações de tempos difíceis.

Hoje, é claro, estamos muito longe de ter conseguido algo assim. Graças aos ladrões internacionais, nosso país está totalmente empobrecido. Faltam-nos os requisitos mais comuns, como os medicamentos. Os imperialistas não nos permitirão importá-los: continuam o bloqueio. Mas pelo menos uma coisa não pode ser negada. O Poder Soviético não poupa nada na tentativa de ajudar e cuidar dos que estão impossibilitados de trabalhar.

§ 131. As principais províncias da obra social

Existem dois departamentos principais de trabalho de bem-estar social. Em primeiro lugar, há o atendimento às pessoas que estão desempregadas ou que perderam a capacidade para o trabalho durante o exercício efetivo da ocupação (intelectual ou manual). A esta categoria pertencem os casos de incapacidade transitória por doença, acidente, gravidez, parto; e os casos de incapacidade permanente, por perda prematura da saúde, velhice, doença crônica, etc. Em segundo lugar, a assistência às pessoas que sofreram um acidente ou que perderam a capacidade para o trabalho sem que estivessem efetivamente trabalhando, enquanto não estava empregadas na produção. A esta categoria pertencem aqueles que ficaram inválidos durante a guerra imperialista, homens que foram feridos enquanto serviam no Exército Vermelho, as famílias desses soldados vermelhos, as vítimas da contrarrevolução ou de catástrofes e infortúnios naturais (conflagrações, inundações, doenças epidêmicas, etc.). Também temos que cuidar daqueles que ficaram inaptos para o trabalho em condições operantes na velha ordem da sociedade, vítimas das vergonhosas condições sociais que então prevaleciam. A esta categoria pertencem os mendigos profissionais, os sem-teto e os sem-abrigo, os deficientes mentais, etc.

Além disso, em caso de morte, deve ser prestada ajuda à família do falecido.

O número de pessoas que requerem cuidados é enorme. Aquelas da primeira categoria, que estão desempregadas ou que perderam a capacidade de trabalho, mas estão de uma forma ou de outra ligados ao campo da produção, são a preocupação do Comissariado do Trabalho, que está sob o controle dos sindicatos. Os da segunda categoria são da alçada do Comissariado da Previdência Social.

§ 132. Assistência Social na Rússia

Considerando suas atividades como um todo, o Poder Soviético, em seu trabalho assistencial, conseguiu o que não foi alcançado em nenhum outro lugar do mundo, para os trabalhadores em caso de todos os tipos de incapacidade para o trabalho, incluindo o desemprego.

Aqui está uma lista das medidas que se aplicam às pessoas da primeira categoria:

1. Todas as pessoas que vivem de *trabalho assalariado* estão isentas de qualquer despesa de seguro social.

2. Os empresários estão completamente excluídos do trabalho de organização do bem-estar social e proteção do trabalho; todos os instrumentos deste trabalho são baseados na representação das organizações trabalhistas.

3. As prestações da segurança social aplicam-se a todos os casos de perda de capacidade para o trabalho e a todos os casos de desemprego.

4. Os benefícios de segurança social aplicam-se aos membros da família do trabalhador em caso de falecimento de qualquer trabalhador.

5. Os subsídios são concedidos à taxa integral dos rendimentos do trabalhador em caso de doença, acidente, quarentena e outras causas de incapacidade temporária para o trabalho.

6. Uma pensão vitalícia de 1800 rublos por mês (na cidade de Moscou) é paga a todos os que estão permanentemente incapacitados para o trabalho, independentemente da causa da incapacidade (seja velhice, invalidez, doença ocupacional, etc.), independentemente do número de anos de trabalho.

7. A cada trabalhador é concedido um subsídio para despesas funerárias no valor de 1440 rublos; e para cada membro da família de um trabalhador é concedido um subsídio semelhante, variando de 400 a 800 rublos, de acordo com a idade.

8. Em caso de morte do trabalhador, a família recebe uma pensão vitalícia de até 1200 rublos por mês (na cidade de Moscou), variando o valor de acordo com o tamanho da família.

9. Para melhor apuração das questões relativas ao montante destes subsídios, são nomeadas comissões especiais de trabalhadores, em ligação com os departamentos do trabalho, e essas comissões determinarão as pensões e os subsídios.

10. Em todas as províncias serão constituídas juntas médicas sob a presidência dos trabalhadores, que decidirão em cada caso o grau de incapacidade.

11. Em todas as comarcas devem ser nomeadas comissões especiais sob a presidência dos trabalhadores. Essas comissões supervisionarão o tratamento dos trabalhadores doentes e exercerão um controle geral.

12. Para aproximar o sistema de benefícios sociais de todos os locais onde existam trabalhadores, devem ser criados centros de recepção de pedidos de subsídios e pensões e de seus referidos pagamentos. Nas grandes empresas, os subsídios serão pagos através das próprias empresas.

13. Não há limite de prazo para o pagamento dos subsídios. Em caso de doença, o subsídio será pago até o restabelecimento da saúde; em caso de incapacidade permanente para o trabalho, o subsídio continuará até a morte.

14. O benefício previdenciário será pago a todas as pessoas, sem exceção, que vivem do trabalho assalariado, e será estendido aos trabalhadores domésticos, artesãos autônomos e camponeses.

15. Para a segunda metade do ano de 1919, a República Soviética destinou uma soma de cinco bilhões de rublos para os benefícios sociais dos trabalhadores e empregados.

No que diz respeito à segunda categoria de beneficiários do benefício social, o benefício mais importante é o pago às famílias dos soldados do Exército Vermelho e aos próprios soldados vermelhos.

Um soldado vermelho inválido, que tenha perdido completamente a capacidade para o trabalho (em mais de 60%), recebe uma pensão correspondente ao salário médio da localidade onde vive. A pensão diminui proporcionalmente à diminuição do grau de incapacidade para o trabalho (de 15 a 30% de incapacidade, a pensão do ex-militar é um terço do salário habitual). A terra de um soldado vermelho deve ser cultivada e sua fazenda deve ser devidamente abastecida com sementes. Sua família deve receber alimentos em proporção ao número de membros de sua família que não podem trabalhar. A família de um soldado vermelho vive de graça e recebe um cartão de alimentação complementar. Em caso de morte de um soldado vermelho, os membros da sua família que estejam incapacitados para o trabalho e não sejam providos por prestações da segurança social receberão uma pensão de 60% do salário local habitual para uma pessoa incapacitada para o trabalho, e um salário integral para três ou mais pessoas incapacitadas para o trabalho, etc., etc.

No pagamento de subsídios às famílias dos soldados vermelhos foi gasto, durante o primeiro semestre de 1919, uma soma de 1.200.000.000 rublos. As estimativas para esta despesa para o segundo semestre do mesmo ano foram de 8.500.000.000 rublos. De acordo com os relatórios do camarada Vinokuroff, no outono de 1919, as famílias de 4.500.000 soldados vermelhos estavam recebendo subsídios.

Além disso, entre 4 de julho e 1 de dezembro de 1919, foi pago às províncias uma soma de mais de dois bilhões e meio de rublos. Foram atribuídos em auxílio da agricultura 200.000.000 de rublos; para habitação, 150.000.000 rublos; às pensões dos soldados vermelhos, 100 milhões de rublos; para subsídios aos invalidados da guerra, 168.000.000 rublos.

Um dos principais defeitos do nosso trabalho social é o mau funcionamento do aparelho. Não há registro adequado dos beneficiários do benefício; a atribuição de fundos às várias localidades é deficiente; há muita perda de tempo nos subdepartamentos do Comissariado da

Previdência Social; e assim por diante. É absolutamente essencial que o nosso partido se dedique a organizar melhor estas questões.

§ 133. Outras medidas para a melhoria da condição da classe trabalhadora

Além das medidas anteriormente enumeradas, várias outras medidas previstas no Código de Direito do Trabalho são de grande importância para a condição da classe trabalhadora. Essas medidas estão diretamente associadas ao fato de que o proletariado se tornou a classe dominante e, portanto, são mais abrangentes do que as reivindicações que costumavam ser incorporadas aos programas dos partidos socialistas. Eles podem ser resumidos em três títulos.

1. A participação das organizações sindicais na decisão de questões relativas à contratação ou demissão de trabalhadores. Esses assuntos são encaminhados aos comitês de fábrica e oficina e às administrações operárias de fábrica.

2. A regulação estatal dos salários. O mais interessante neste contexto é que as taxas salariais são elaboradas pelos sindicatos e submetidas ao Comissariado do Trabalho, que na verdade é composto por representantes dos sindicatos.

3. A procura obrigatória de trabalho para os desempregados pelos departamentos especiais dos sovietes e sindicatos (os chamados departamentos de distribuição e registo da força de trabalho). Todas essas medidas estão intimamente ligadas à posição dominante das organizações trabalhistas e dos sindicatos em particular.

§ 134. Outras tarefas do partido

O mais importante de todos os deveres do nosso partido é assegurar a mais completa e ampla realização dos decretos e decisões do Poder Soviético. Em muitos casos falta esta realização prática de um decreto; existe no papel, mas não há nada que lhe corresponda na vida real. A realização completa, precisa e exata de todos os decretos e decisões será assegurada principalmente pelo correto funcionamento de um aparato organizacional, em que o centro esteja devidamente conectado aos órgãos locais e em que os órgãos locais estejam devidamente conectados ao centro de onde o toda a máquina é executada.

Isso, por sua vez, só é possível na medida em que as próprias massas podem ser induzidas a participar do trabalho. Por isso, é necessário adotar as seguintes medidas:

1. O trabalho de organização e extensão da inspeção do trabalho deve ser realizado ativamente. Novas forças extraídas dos próprios trabalhadores devem fluir continuamente para este ramo de atividade. Ninguém pode saber melhor do que os trabalhadores reais, que estão praticamente familiarizados com as condições de trabalho, em que essas condições são defeituosas, e ninguém é mais competente do que eles para recomendar melhorias práticas.

2. A inspeção do trabalho deve ser alargada aos domínios da pequena produção e da indústria doméstica. Em tais assuntos, esses ramos da indústria sempre foram ignorados, embora seja precisamente neles que prevaleçam as mais abomináveis condições de trabalho. A inspeção pelos trabalhadores deve ser de grande ajuda nestes campos.

3. A proteção trabalhista deve ser estendida a todos os ramos de trabalho, incluindo a construção civil, transporte terrestre e aquático, serviço doméstico e agricultura. Esses ramos do trabalho, nos quais os trabalhadores são desintegrados pelas próprias condições de seu trabalho e nos quais a organização sindical do trabalho é, portanto, muito difícil, devem ser incluídos no sistema geral.

4. O trabalho industrial e agrícola deve ser absolutamente proibido durante a infância e deve haver uma redução adicional da jornada de trabalho no caso dos jovens.

A jornada de oito horas, que é atualmente a norma de proteção laboral, está longe de ser considerada pelo nosso partido como o limite nesta matéria de redução do horário de trabalho. Na verdade, não há limite preciso. Tudo depende da produtividade do trabalho. Atualmente, devido ao declínio geral das forças produtivas e à contínua desorganização, a jornada de trabalho não pode, em regra, ser inferior a oito. Com bastante frequência (isso depende da situação militar, etc.), a jornada de trabalho deve exceder o padrão de oito horas. Mas, na primeira oportunidade, devemos estabelecer uma jornada de seis horas como padrão normal, aplicando a todos os trabalhadores o regulamento de seis horas que já se aplica aos funcionários - um número muito grande de pessoas.

Por outro lado, para aumentar a produção e garantir uma melhoria contínua da qualidade do trabalho, revelou-se vantajoso introduzir um sistema de pagamento que promova a emulação.

As tarefas gerais do trabalho de bem-estar social não serão empreendidas pelo partido no espírito do caridoso ou de uma forma que estimule o parasitismo e a ociosidade. É dever simples do poder proletário ajudar onde é necessário, assim como é dever do poder proletário facilitar às pessoas desmoralizadas pelas más condições sociais o retorno à vida laboral.

Literatura sugerida

KAPLUN, Proteção do Trabalho e seus Métodos;
MALYUTIN, A caminho do brilhante futuro do comunismo;
HELPER, A Revolução Proletária e o Bem-Estar Social dos Trabalhadores;
IMPrensa, O que é técnica social? artigos em *Vestnik Truda* [*O Arauto do Trabalho*] e nas publicações do Comissariado para o Bem-estar Social;
HOLZMANN, O Sistema Premium na Indústria Metalúrgica.

Capítulo XIX: Higiene pública

§ 135. A Necessidade de Proteção Especial ou Saúde Pública

§ 136. A nacionalização das instituições médicas

§ 137. O dever trabalhista dos trabalhadores médicos

§ 138. Tarefas imediatas no domínio da higiene pública

§ 135. A necessidade de Proteção Especial ou Saúde Pública

Sob o capitalismo, os trabalhadores sempre foram obrigados a viver em bairros sujos das cidades, onde as doenças epidêmicas são abundantes. Foi apenas devido ao medo de que eles próprios sofressem com essas epidemias que os capitalistas introduziram certas medidas para melhorar o saneamento das áreas em que seus escravos assalariados moravam. Já em 1784, o parlamento britânico manifestou seus sentimentos liberais e começou a se preocupar com os trabalhadores. O motivo dessa atividade foi o relatório de uma comissão parlamentar especial que havia constatado que uma terrível epidemia de tifo havia se originado nas fábricas. O capitalismo só estava interessado na proteção da saúde pública na medida em que isso fosse necessário para sua própria segurança.

Como resultado da guerra imperialista, a condição das grandes massas de trabalhadores mudou consideravelmente para pior. As circunstâncias gerais, fome, frio, etc., deram origem a epidemias devastadoras, causando mortalidade generalizada, a sucessivos surtos de cólera, tifo e uma nova doença conhecida como gripe espanhola. A doença com sobrenome tinha manifestamente uma estreita relação com a guerra. As constituições das pessoas, esgotadas e despedaçadas, não tinham poder para resistir aos germes dessa doença. Em todos os lugares a mortalidade foi sem precedentes, de modo que a epidemia teve um caráter verdadeiramente catastrófico.

A guerra deixou outro legado: uma extraordinária difusão de doenças venéreas, notadamente da sífilis. Um grande número de soldados foi infectado com esta doença e, em seguida, voltando para casa, a introduziu em suas aldeias.

Nunca as doenças venéreas foram tão difundidas como hoje.

Todos esses males tornam essencial que sejamos especialmente ativos em prol da proteção da saúde pública. É claro que, além das medidas especificamente classificadas no âmbito da higiene, existem muitas outras formas de realizar campanhas contra as doenças. Por

exemplo, a solução do problema da habitação é de imensa importância. Com a melhoria das moradias dos trabalhadores, numerosos focos de doenças epidêmicas serão destruídos. Não menos importante é a proteção do trabalho. Todos compreenderão o quanto isso depende do suprimento de alimentos, das condições nutritivas da população.

Mas a atenção a esses assuntos não nos exime da necessidade de tomar medidas higiênicas especiais, que devem ser aplicadas em grande escala.

Hoje, quando estamos em uma situação muito ruim quanto aos requisitos mais elementares para uma vida saudável, devemos aproveitar todos os meios disponíveis para ajudar em nossa luta contra o mal. Então surge a necessidade urgente de um departamento especial de serviço social, a necessidade urgente de medidas para a proteção da saúde pública.

§ 136. A nacionalização das instituições médicas

A sociedade capitalista tinha à sua disposição um sistema de trabalho médico capitalista organizado. Hospitais privados e manicômios, estâncias de saúde privadas, sanatórios, estâncias de tratamentos com águas termais, farmácias, lojas, clínicas eletroterapêuticas, radioterapêuticas e várias outras instituições curativas foram organizadas com fins lucrativos. A maior parte deles compreendia lugares para a cura da obesidade, gota e outras queixas aristocráticas. Em outras palavras, destinavam-se à cura de doenças peculiares às classes dominantes da sociedade capitalista. Os trabalhadores não podiam visitar os balneários da moda, nem havia inválidos da classe trabalhadora nos sanatórios.

O negócio dos químicos de varejo era da mesma maneira perseguido como fonte de lucro. Economicamente considerados, todos esses estabelecimentos estavam exatamente na mesma base de qualquer outra empresa com fins lucrativos.

Era, portanto, necessário transformá-los de instrumentos para encher os bolsos dos capitalistas em instrumentos a serviço dos trabalhadores. O primeiro passo nessa direção foi a nacionalização de todas essas empresas.

§ 137. O dever trabalhista dos trabalhadores médicos

A grande prevalência de doenças epidêmicas e a necessidade de medidas imediatas para evitar sua disseminação levaram a considerar a possibilidade de uma campanha intencional, organizada e extensa nesse sentido. Como o número de trabalhadores disponíveis era

relativamente pequeno, a necessidade urgente de agendamento e mobilização nesta campanha contra epidemias tornou-se imediata e espontânea.

Graças a essas medidas, graças à utilização plena de praticamente toda a força médica disponível, desde os mais ilustres professores até os alunos do primeiro ano e os assistentes dos cirurgiões, foi possível superar as ameaçadoras epidemias - cólera e tifo.

O dever de trabalho para os trabalhadores médicos tem, no entanto, um significado maior do que apenas o *trabalho de bombeiro*. Associado à nacionalização de todos os empreendimentos curativos, é um dos germes do saneamento social organizado e da higiene social do futuro.

§ 138. Tarefas imediatas no domínio da higiene pública

Nosso trabalho torna-se extremamente difícil devido à terrível escassez de muitos dos itens essenciais mais comuns (alimentos adequados para uso nos hospitais, medicamentos e instrumentos, etc.). Na medida em que o Partido Comunista pode intervir ativamente no trabalho de saúde pública, existem três providências principais para tal atividade.

A primeira e essencial providência é a aplicação resoluta de medidas sanitárias amplamente concebidas. Deve ser dada atenção à condição sanitária de todos os locais de recurso público. Muitas epidemias surgem da contaminação do abastecimento de água, de ravinhas malconservadas e tubulações de águas pluviais, monturos e montes de esterco, fossas, e assim por diante. A proteção da terra, do ar e da água é o primeiro requisito para a saúde pública. A organização das cozinhas comunitárias e do abastecimento alimentar em geral com base científica e higiênica pertence à mesma categoria de medidas. Devido à escassez de provisões, esta tarefa foi até agora extremamente difícil de cumprir, mas já é da nossa competência garantir que os alimentos sejam preparados higienicamente nas cozinhas comunitárias, nas cozinhas das crianças, nos hospitais e em todas as outras instituições públicas. Ainda é necessário organizar medidas para evitar a propagação de doenças epidêmicas de caráter contagioso. Isso será assegurado pela inspeção sanitária de instituições, casas particulares e escolas; pela filtração da água, pela organização de depósitos para o fornecimento de água fervida, pela desinfecção, pela esterilização obrigatória do vestuário, etc.

A segunda providência essencial é que haja uma campanha cuidadosamente planejada contra as chamadas doenças sociais, ou seja, contra aquelas doenças que afetam massas de pessoas e são causadas por causas sociais. Três doenças, acima de tudo, entram nesta categoria. Primeiro, a tuberculose, que depende de más condições de trabalho. Em segundo lugar, as

doenças venéreas, cuja ampla difusão atual é principalmente o resultado da guerra. Em terceiro lugar, o alcoolismo: em parte surge da brutalização, da depressão e do ambiente sórdido; e é em parte devido à degeneração parasitária. Estas doenças não dizem respeito apenas aos adultos que delas sofrem: exercem uma influência desastrosa sobre a prole. A humanidade está gravemente ameaçada por essas influências, e sobretudo porque hoje seus efeitos maléficos são excepcionalmente grandes devido à condição predominante de exaustão.

A terceira e última providência é que é da maior importância que toda a população possa obter aconselhamento e tratamento médico gratuito. Nossa principal dificuldade no momento se deve à absoluta falta de medicamentos. Essa escassez não é tanto o resultado da desorganização da produção na Rússia, mas o resultado do bloqueio. Os *humanos*, os Aliados esperam nos esmagar, não apenas cortando-nos o acesso a matérias-primas e combustível, não apenas pela *mão ossuda da fome*, mas também por doenças epidêmicas. Isso nos traz de volta à nossa luta geral com o imperialismo mundial.

Literatura sugerida

SEMASHKO, Os Elementos da Ciência Médica Soviética;

LINDEMANN, A Luta contra o Tifo - Simpósio: Um Ano de Trabalho do Comissariado para a Higiene Pública.

PARTE III

O PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA RÚSSIA

O PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA RÚSSIA

Adotado no oitavo congresso do partido, realizado de 18 a 28 de março de 1919

§§ 1-5 Na revolução de novembro [25 de outubro, estilo antigo; 1 de novembro, novo estilo, 1917⁵⁹] na Rússia, realizou-se a ditadura do proletariado, que começou a construir as bases da sociedade comunista com a ajuda dos camponeses pobres ou do semiproletariado. O desenvolvimento da revolução na Alemanha e na Áustria-Hungria, o crescimento do movimento revolucionário do proletariado em todos os países avançados, a difusão da forma soviética desse movimento (a forma que visava diretamente à realização da ditadura do proletariado) – essas coisas combinadas servem para mostrar que a era da revolução comunista proletária mundial havia começado. Essa revolução foi o resultado inevitável do desenvolvimento do capitalismo, até então dominante na maioria dos países civilizados. Se ignorarmos a designação enganosa do partido como *social-democrata* e usarmos a palavra *comunista*, nosso antigo programa caracterizava com precisão, nas seguintes teses, a natureza do capitalismo e da sociedade burguesa:

§§ 6-13 “Como principal característica desta sociedade, existe a produção de mercadorias sobre o fundamento das relações produtivas capitalistas, de acordo com as quais a parte mais importante e significativa dos meios de produção e distribuição de mercadorias pertence a uma classe comparativamente pequena de pessoas, enquanto a maioria da população é composta por proletários e semiproletários, que são obrigados, por sua posição econômica, a vender sua força de trabalho permanentemente ou de tempos em tempos, compelidos a se tornarem trabalhadores assalariados a serviço dos capitalistas, e criar, por meio do seu trabalho, a renda das classes mais altas da sociedade”.

⁵⁹ Na Rússia, novas datas de estilo entraram em uso no início de 1918, quando 31 de janeiro de 1918 foi seguido por 14 de fevereiro do mesmo ano: há uma diferença de 13 dias entre as datas do Estilo Antigo (Calendário Juliano) e do Novo Estilo (Calendário Gregoriano) desde 1º de março de 1900 (Segundo a *História do Calendário na Rússia e na URSS*). Muitos países ortodoxos orientais continuam a usar o antigo calendário juliano para fins religiosos. É comum em publicações em inglês usar os termos familiares do Velho Estilo e / ou do Novo Estilo para discutir eventos e personalidades em outros países, especialmente com referência ao Império Russo e ao início da Rússia Soviética. Por exemplo, no artigo *A Revolução de outubro (novembro)*, a *Encyclopædia Britannica* usa o formato *25 de outubro (7 de novembro, novo estilo)* para descrever a data do início da revolução.

§ 14 “O domínio das relações produtivas capitalistas estende-se continuamente na proporção do aperfeiçoamento contínuo da técnica, que aumenta a importância econômica das grandes empresas e leva ao esmagamento dos pequenos produtores independentes, convertendo alguns deles em proletários, restringindo o papel do restante na vida social e econômica, e em muitos lugares tornando-os mais ou menos completos, mais ou menos óbvios, mais ou menos miseráveis – os dependentes do capital”.

§ 15 “Além disso, esse progresso técnico permite que os empresários, cada vez mais, apliquem o trabalho de mulheres e crianças ao processo de produção e distribuição de mercadorias. Na mesma medida, por outro lado, leva a uma restrição comparativa da demanda por parte dos empresários para o trabalho vivo dos trabalhadores, de modo que a demanda de força de trabalho é necessariamente inferior à oferta. Então surge, em primeiro lugar, um aumento na dependência do trabalho assalariado em relação ao capital e, em segundo lugar, um aumento na taxa de exploração”.

§ 16 “Esse estado de coisas nos países capitalistas e a contínua intensificação de sua concorrência no mercado mundial fazem surgir cada vez mais dificuldades em escoar as mercadorias que são produzidas em quantidades continuamente crescentes. Superprodução, manifestando-se em crises de produção mais ou menos agudas, seguidas de períodos de estagnação mais ou menos prolongados, é o resultado inevitável do desenvolvimento da força produtiva na sociedade burguesa. As crises e os períodos de estagnação da produção levam, por sua vez, à ruína cada vez mais generalizada dos pequenos produtores, aumentam a dependência do trabalho assalariado em relação ao capital, e dão origem ainda mais rapidamente a um agravamento comparativo ou absoluto da posição da classe trabalhadora”.

§ 17 “Dessa forma, o aperfeiçoamento da técnica, levando ao aumento da produtividade do trabalho e ao aumento da riqueza social, acarreta, na sociedade burguesa, um aumento da desigualdade social, um alargamento do abismo entre os que têm e os que não têm, um aumento na insegurança da vida, no desemprego e em vários tipos de privação para círculos cada vez mais amplos entre as massas trabalhadoras. Na medida em que crescem e se desenvolvem as contradições próprias da sociedade burguesa, também aumenta o descontentamento das massas trabalhadoras e

exploradas com a ordem existente, e ainda aumenta o número e a solidariedade dos proletários e a intensidade de sua luta com os exploradores”.

§ 18 Ao mesmo tempo, o avanço da técnica, concentrando os meios de produção e distribuição e socializando o processo de trabalho em empreendimentos capitalistas, cria cada vez mais rapidamente as possibilidades materiais para a transformação das relações produtivas capitalistas em comunistas; ou seja, cria a revolução social, que tem como objetivo final todas as atividades dos partidos comunistas internacionais, considerados como expressões conscientes do movimento de classe.

§§ 19-22 “Transformando a propriedade privada dos meios de produção e distribuição em propriedade social, e levando à organização intencional do processo produtivo social para a salvaguarda da prosperidade e do desenvolvimento multifacetado de todos os membros da sociedade, a revolução social do proletariado põe fim à divisão da sociedade em classes e, assim, liberta toda a humanidade oprimida, assim abolindo todas as formas de exploração de uma parte da sociedade por outra”.

§§ 23-24 “Uma condição necessária para essa revolução social é a ditadura do proletariado, ou seja, a conquista pelo proletariado de um grau de poder político que lhe permita esmagar a resistência dos exploradores”.

§ 25 “Determinado a tornar o proletariado capaz de cumprir sua grande missão histórica, o Partido Comunista Internacional organiza o proletariado em um partido político independente, oposto a todos os partidos burgueses; lidera os trabalhadores em todas as manifestações da luta de classes; revela aos explorados o irreconciliável conflito de interesses entre eles e os exploradores; e explica ao proletariado o significado histórico e as condições necessárias da revolução social iminente. Ao mesmo tempo, o partido revela aos outros setores das massas trabalhadoras e exploradas a desesperança de sua condição na sociedade capitalista, e mostra-lhes que a revolução social é indispensável para que possam garantir sua própria libertação do jugo do capital. O partido da classe operária, o Partido Comunista, convoca todas as camadas da população trabalhadora e explorada para as suas fileiras, desde que aceitem a perspectiva proletária”.

§§ 26-28 O processo de concentração e centralização do capital, destruindo a livre concorrência, levou, no início do século XX, à criação de poderosos sindicatos, associações, cartéis e trustes monopolistas e capitalistas, que adquiriram um significado decisivo na vida econômica; também levou à fusão do capital bancário com o capital industrial altamente concentrado, e à vigorosa exportação de capital para terras estrangeiras. Os trustes constituídos por grupos inteiros de potências capitalistas iniciaram a divisão econômica do mundo, que já havia sido dividido territorialmente entre os países mais ricos. Essa época do capital financeiro, inevitavelmente intensificando a luta entre os Estados capitalistas, é a época do imperialismo.

§§ 29-30 Então, inevitavelmente surgem guerras imperialistas, guerras por mercados, por esferas de investimento de capital, por matérias-primas e por força de trabalho; em outras palavras, são guerras pelo domínio mundial e pelo poder sobre nações pequenas e fracas. Assim foi a primeira grande guerra imperialista de 1914 a 1918.

§ 31 O vasto desenvolvimento do capitalismo mundial; a mudança de um sistema de livre concorrência para um sistema em que o capitalismo monopolista era dominante; a criação pelos bancos, e também pelas associações capitalistas, de um aparelho de regulação conjunta do processo de produção e distribuição de mercadorias; o aumento do custo de vida, a opressão dos trabalhadores pelos sindicatos patronais, a escravização da classe trabalhadora pelo Estado imperialista, as colossais dificuldades que o proletariado enfrenta em sua luta econômica e política (fenômenos inevitavelmente associados ao crescimento do monopólio capitalista); as misérias, a pobreza e a ruína que resultaram da guerra imperialista – tudo isso contribuiu inevitavelmente para o colapso do capitalismo e para a transição para um tipo superior de economia social.

§ 32 A guerra imperialista não poderia terminar em uma paz justa, ou mesmo em qualquer tipo de paz estável entre os governos burgueses. No estágio de desenvolvimento que o capitalismo alcançou, essa guerra deve inevitavelmente se transformar, e está se transformando, sob nossos olhos, em uma guerra civil entre as massas exploradas e trabalhadoras (lideradas pelo proletariado) contra a burguesia.

§§ 33-34 A investida vigorosa do proletariado e as vitórias conquistadas pelos trabalhadores em vários países intensificaram a resistência dos exploradores e levaram à criação de novas formas de união internacional entre os capitalistas (a Liga das Nações, entre outras); organizando-se em escala mundial pela exploração sistemática de todos os povos do globo, e concentrando suas forças, elas visam ao esmagamento direto do movimento proletário em todas as terras.

Tudo isso leva inevitavelmente à conjuntura de guerras civis dentro dos Estados individuais, com guerras revolucionárias que são travadas, por uma parte, pelos Estados proletários que se defendem contra o ataque capitalista; e por outra parte, pelos povos oprimidos que tentam se livrar do jugo as potências imperialistas.

Parte final do § 37 - Nestas circunstâncias, as palavras de ordem do pacifismo, desarmamento internacional sob o capitalismo, fundação de tribunais de arbitragem, entre outros, são algo pior do que o utopismo reacionário: são uma fraude direta aos trabalhadores, visando ao desarmamento do proletariado e a desviá-lo da tarefa de desarmar os exploradores.

Nada além da revolução proletária e comunista pode tirar a humanidade do beco escuro em que foi colocada pelo imperialismo e pelas guerras imperialistas. Por maiores que sejam as dificuldades no caminho da revolução, por mais derrotas temporárias que ela possa suportar, por mais altas que sejam as ondas da contrarrevolução, a vitória final do proletariado está assegurada.

§ 35 Para conseguir a vitória da revolução proletária mundial, é essencial que haja confiança absoluta e mútua, a mais íntima aliança fraterna e a mais alta coesão possível das atividades revolucionárias da classe trabalhadora nos países mais avançados.

Essas condições não podem ser realizadas sem que seja uma questão de princípio romper relações e travar uma luta impiedosa contra essa perversão burguesa do socialismo, que é dominante na social-democracia oficial e nos partidos socialistas.

§§ 36-38 Nesta perversão se manifesta, por um lado, a tendência do oportunismo e do social-patriotismo, daquilo que se chama socialismo, mas na verdade é social-patriotismo,

a máscara daqueles que defendem os interesses predatórios de sua própria burguesia nacional sob a falsa cor das palavras de ordem da defesa da pátria - palavras de ordem aplicadas, em geral e especificamente, à guerra imperialista de 1914 a 1918. Esta tendência originou-se porque a tomada de colônias e a opressão de nações fracas pelos Estados capitalistas avançados permitiu às burguesias desses países, com os vastos ganhos obtidos com esses saques, oferecer uma posição privilegiada aos membros mais qualificados do proletariado, e assim, comprá-los em tempo de paz, dando-lhes um status pequeno-burguês vantajoso; ao mesmo tempo, a burguesia põe a seu serviço os dirigentes dessa camada. Os oportunistas e os sociais-patriotas fanáticos, tornados servos da burguesia, são os inimigos de classe do proletariado, especialmente hoje, quando estão aliados aos capitalistas e tentam, pela força das armas, esmagar o movimento revolucionário do proletariado em suas próprias e em outras terras.

§ 39 Por outro lado, concomitantemente ao crescimento dessa perversão burguesa do socialismo, surge a tendência centrista, que se manifesta da mesma forma em todos os países capitalistas. O centro oscila entre os sociais-patriotas e os comunistas, mantendo sua união com os primeiros e tentando reconstruir o que já está acabado.

§ 40 Segunda Internacional. Como líder da luta do proletariado pela emancipação, existe apenas a nova, a Terceira, a Internacional Comunista, a cujas fileiras pertence o Partido Comunista Russo. Essa Internacional foi, de fato, criada pela organização de partidos comunistas a partir dos elementos genuinamente proletários entre os partidos socialistas em vários países, especialmente na Alemanha; foi formalmente constituída em março de 1919, e sua primeira sessão foi realizada em Moscou. A Internacional Comunista, recebendo cada vez mais apoio das massas proletárias em todos os países, voltou ao marxismo não apenas pelo nome que adotou, mas também por seus princípios ideológicos e políticos, e em todas as suas atividades realiza o ensino revolucionário de Marx, limpo das perversões oportunistas burguesas.

§§ 41-45 Realizando concretamente as tarefas da ditadura do proletariado aplicadas à Rússia, uma terra cuja peculiaridade mais notável é a predominância numérica da camada pequeno-burguesa da população, o Partido Comunista Russo definiu essas tarefas da seguinte maneira:

POLÍTICA GERAL

§§ 46-47 Uma república burguesa, por mais democrática, consagrada pelas palavras de ordem da vontade do povo, que seja da vontade da nação, da vontade de todas as classes, expressa inevitavelmente - pelo próprio fato de se basear na propriedade privada da terra e de outros meios da produção - a ditadura da burguesia, de uma máquina de exploração e opressão da imensa maioria dos trabalhadores pela camarilha capitalista. Em contraste com isso, a democracia proletária ou soviética transforma as organizações de massa dos oprimidos pela classe capitalista, dos proletários e dos semiproletários (os camponeses pobres), ou seja, da imensa maioria da população, na fundação permanente e unificada de todo o aparelho do Estado, local e central, de baixo para cima. Assim, o Estado Soviético realiza, entre outras coisas, de uma forma incomensuravelmente mais ampla do que nunca, o autogoverno local, sem qualquer tipo de autoridade imposta de cima. É tarefa do nosso partido trabalhar incansavelmente em favor da plena inauguração do tipo superior de democracia que precisa, para seu bom funcionamento, da elevação contínua do nível de cultura, da organização e do poder de iniciativa das massas.

§ 48 Em contraste com a democracia burguesa, que oculta o caráter de classe do Estado capitalista, o Poder Soviético reconhece abertamente que todo Estado terá inevitavelmente um caráter de classe até que a divisão da sociedade em classes tenha desaparecido completamente e, com isso, toda autoridade do Estado tenha desaparecido. O Estado soviético, que por sua própria natureza levou ao esmagamento da resistência dos exploradores, e a Constituição Soviética, que se baseia na ideia de que toda liberdade é uma fraude na medida em que conflita com a libertação do trabalho do jugo do capital, não tem medo de privar os exploradores de direitos políticos. O nosso partido, o partido do proletariado, ao mesmo tempo em que esmaga inexoravelmente a resistência dos exploradores, e enquanto luta no campo das ideias contra os preconceitos arraigados, segundo os quais os direitos e liberdades burgueses são considerados invioláveis, deve, ao mesmo tempo, deixar perfeitamente claro que a perda dos direitos políticos, e quaisquer limitações que possam ser impostas à liberdade, são necessárias apenas como medidas temporárias para lidar com as tentativas dos exploradores de recuperar seus privilégios.

Concomitantemente com o desaparecimento da possibilidade objetiva de exploração do homem pelo homem, desaparecerá também a necessidade dessas medidas temporárias, e nosso partido visará à sua restrição, e finalmente, à sua completa abolição.

§ 49 A democracia burguesa é organizada com base na difusão formal dos direitos e liberdades políticas: por exemplo, o direito de reunião pública, o direito de combinação, a liberdade de imprensa; todos os cidadãos são considerados iguais nesses aspectos. Mas, de fato, no que diz respeito à prática administrativa, e sobretudo em vista de sua escravidão econômica, sob a democracia burguesa, os trabalhadores sempre estiveram na retaguarda e foram incapazes de realizar esses direitos e liberdades de forma notável.

Pelo contrário, a democracia proletária, ao invés de proclamar formalmente direitos e liberdades, realiza, de fato, esses direitos e liberdades, antes de tudo e mais do que tudo, para aquela mesma classe da população que foi oprimida pelo capitalismo, ou seja, para o proletariado e o campesinato. Por essa razão, o Poder Soviético confisca os bens da burguesia, isto é, suas prensas de impressão, estoques de papel, entre outros, para colocá-los inteiramente à disposição dos trabalhadores e de suas organizações.

O Partido Comunista Russo deve induzir as massas cada vez mais amplas da população trabalhadora a valer-se dos direitos e liberdades democráticas, e deve ampliar as possibilidades materiais nesse sentido.

§ 50 A democracia burguesa proclamou, repetidas vezes, a igualdade dos indivíduos independentemente de sexo, raça, religião e nacionalidade: mas o capitalismo em nenhum lugar foi capaz de realizar essa igualdade de direitos na prática, e em sua fase imperialista, provocou uma extrema intensificação da opressão racial e nacional. Simplesmente porque o Poder Soviético é o Poder operário, ele pôde, completamente e em todas as esferas da vida, pela primeira vez no mundo efetuar a completa abolição dos últimos vestígios da desigualdade das mulheres nas esferas de direitos conjugais e familiares. No momento atual, é tarefa de nosso partido trabalhar, no campo das ideias e no campo da educação preminentemente para este fim, para que possa efetuar a destruição final de todos os vestígios de antiga

desigualdade e preconceito, especialmente entre as camadas atrasadas do proletariado e do campesinato.

Não contente em proclamar uma igualdade formal de direitos para as mulheres, o partido se esforça para libertá-las dos fardos materiais da velha economia doméstica, substituindo essa economia por moradias comunitárias, refeitórios comunitários, lavabos centrais, creches, etc.

§ 51 O Poder Soviético assegura às massas trabalhadoras, em medida incomparavelmente maior do que lhes foi assegurado pela democracia e parlamentarismo burgueses, o poder de proceder à eleição e revogação dos delegados; isso se torna fácil e acessível para o benefício dos trabalhadores e camponeses. Assim, o Poder Soviético compensa os defeitos do sistema parlamentar - especialmente a separação das esferas legislativa e executiva característica desse sistema, a retirada das instituições representativas das massas, etc.

Da mesma forma, o Estado soviético aproxima o aparelho do Estado das massas, de modo que as unidades eleitorais do Estado, as células fundamentais a partir das quais ele é construído, já não se consistem em círculos territoriais, mas são unidades produtivas (fábricas e oficinas).

Nosso partido deve concentrar suas energias na tarefa de aproximar mais os instrumentos do poder e as massas trabalhadoras, com base em uma realização mais clara e plena, por essas massas, da democracia na prática, especialmente promovendo a responsabilidade e prestação de contas das pessoas principalmente interessadas.

§ 52 Enquanto a democracia burguesa, apesar de suas profissões em contrário, fez do exército um instrumento das classes abastadas, separando-o das massas trabalhadoras e colocando-o contra elas, tornando impossível ou difícil para o soldado exercer seus direitos políticos, o Estado Soviético reúne os operários e os soldados em seus órgãos, os sovietes, nos quais têm direitos iguais e interesses idênticos. É tarefa do nosso partido salvaguardar e promover essa união dos operários e dos soldados nos sovietes e fortalecer a unidade indissolúvel das forças armadas com as organizações do proletariado e do semiproletariado.

§ 53 O proletariado urbano industrial, que compreende a parte das massas trabalhadoras mais concentrada, mais unida, mais esclarecida e mais perfeitamente temperada para a luta, deve ser líder de todas as revoluções. Desde o início, o proletariado assumiu esse papel nos sovietes e continuou a desempenhar o papel principal ao longo de seu desenvolvimento em órgãos de poder. Nossa Constituição soviética reflete isso, atribuindo certos direitos preferenciais ao proletariado industrial, em comparação com as massas pequeno-burguesas comparativamente desunidas nas aldeias.

Reconhecendo o caráter temporário desses privilégios, que dependem historicamente da dificuldade de realizar a organização socialista das aldeias, o Partido Comunista Russo deve fazer o máximo, infalível e sistematicamente, para aproveitar bem essa situação do proletariado industrial. Como contrapeso aos estreitos interesses comerciais e artesanais que o capitalismo promoveu entre os trabalhadores, nosso partido deve realizar uma união mais estreita entre a vanguarda dos trabalhadores, por um lado; e as massas relativamente atrasadas e desintegradas do proletariado rural e semiproletariado, junto com os camponeses médios, por outro.

§54 Somente graças à organização soviética do Estado foi possível que a revolução proletária derrubasse e arrasasse, de um só golpe, o velho aparelho de Estado da burguesia, com seu funcionalismo e sua máquina judiciária. No entanto, o nível cultural comparativamente baixo das massas, a falta de experiência necessária de trabalho administrativo naqueles que foram convocados pelas massas para ocupar cargos de responsabilidade, a necessidade de fornecer incentivos excepcionais a especialistas da velha escola cujos serviços são necessários em questões difíceis, em conjunto com a retirada da camada mais avançada dos trabalhadores urbanos (que tiveram que prestar serviço de guerra), levaram a um renascimento parcial da burocracia dentro do sistema soviético.

Engajado em uma luta decisiva com a burocracia, o Partido Comunista Russo defende as seguintes medidas para a completa erradicação desse mal:

1. Todo membro de um soviete deve realizar algum trabalho definido no serviço administrativo.

2. Deve haver uma rotação contínua entre os que exercem tais funções, de modo a que cada membro adquira, por sua vez, experiência em todos os ramos da administração.

3. Aos poucos, toda a população trabalhadora deve ser induzida a se revezar no serviço administrativo.

A aplicação completa e multifacetada de todas essas medidas (que representam mais passos no caminho em que a Comuna de Paris entrou como pioneira), em conjunto com uma simplificação da função de administração quando os trabalhadores tiverem atingido um nível cultural mais elevado, levará ao desaparecimento da autoridade do Estado.

O PROBLEMA DA NACIONALIDADE

§§ 55-57 e 60 Sobre a questão da nacionalidade, o Partido Comunista Russo adota as seguintes teses:

1. É de importância primordial a política de unir os proletários e semiproletários de várias nacionalidades em uma luta revolucionária conjunta pela derrubada dos latifundiários e da burguesia.

§ 58 2. Para superar os sentimentos de desconfiança que as massas trabalhadoras de qualquer país oprimido nutrem em relação ao proletariado do Estado opressor, é essencial anular todo e qualquer privilégio por parte de qualquer grupo nacional, garantir a completa igualdade nacional, e reconhecer que as colônias e nacionalidades oprimidas têm pleno direito de se separar.

3. Para garantir esses fins, o partido recomenda (como passo transitório para a união completa) uma união federativa de todos os Estados organizados em bases soviéticas.

§ 59 4. Com relação à questão de quem tem o direito de expressar a vontade de uma nação se separar, o Partido Comunista Russo adota o ponto de vista histórico de classe, levando em consideração o estágio de desenvolvimento histórico que qualquer nação em particular atingiu – por exemplo, se está passando do medievalismo para

a democracia burguesa, da democracia burguesa para a democracia soviética ou proletária, etc.

Em cada caso, por parte do proletariado das nações que são ou foram nações opressoras, é necessário que haja extrema discricção e que a máxima consideração seja dada à sobrevivência dos sentimentos nacionais entre as massas trabalhadoras das nações que foram oprimidas ou foram privadas de direitos iguais. Somente por meio dessa política será possível criar condições para a realização de uma união duradoura e amigável entre os diversos elementos nacionais do proletariado internacional. Isso foi comprovado pela experiência da união com as várias repúblicas soviéticas nacionais adjacentes à Rússia Soviética.

ASSUNTOS MILITARES

§§ 61-62 e 69 No que diz respeito aos assuntos militares, os objetivos do partido são resumidos nas seguintes teses:

1. Durante a época em que o imperialismo está se desintegrando e quando a guerra civil se alastra, é impossível preservar o antigo exército, e é igualmente impossível construir um novo exército sobre a chamada base não-classista ou de nação inteira. O Exército Vermelho, como instrumento da ditadura do proletariado, deve necessariamente ter um caráter de classe declarado; isto é, deve ser composto exclusivamente pelo proletariado e pelas camadas semiproletárias afins do campesinato. Somente quando a classe tiver desaparecido completamente é que esse exército pode se transformar em uma milícia socialista que inclua todo o povo.

§ 63 2. É essencial que todos os membros do proletariado e semiproletariado recebam treinamento militar e que a instrução militar adequada seja ministrada nas escolas.

§§ 64-65 3. O trabalho de treinamento e instrução militar do Exército Vermelho é realizado com base na solidariedade de classe e no esclarecimento socialista. Por isso deve haver comissários políticos, nomeados entre comunistas de confiança e abnegados, para cooperar com o estado-maior; e todos os grupos comunistas devem ser inspirados com ideias de unidade e disciplina autoimposta.

§ 66 4. Para contrariar o sistema do antigo exército, são necessárias as seguintes medidas: o período de vida do quartel deve ser reduzido ao máximo; os quartéis devem ser assimilados ao tipo de escolas militares e político-militares; deve haver a associação mais próxima possível entre as unidades militares e as fábricas, oficinas, sindicatos e organizações de camponeses pobres.

§ 67 5. A necessária solidariedade e estabilidade só podem ser fornecidas ao jovem revolucionário por meio de um quadro de oficiais composto por operários e camponeses com consciência de classe, nomeados apenas como subalternos no início. Obviamente, portanto, uma das tarefas mais importantes na criação do Exército Vermelho é preparar, para as funções de comandantes, aqueles soldados que são peculiarmente capazes e enérgicos e cuja devoção à causa do socialismo é excepcionalmente ardente.

6. Devemos fazer o maior uso prático possível da experiência operacional e técnica adquirida durante a guerra mundial. No cumprimento desse objetivo, devemos atrair os especialistas militares formados nas escolas do antigo exército para o trabalho de organização do exército e para sua liderança efetiva. Mas uma condição necessária para o emprego de tais especialistas é que a liderança política do exército e o controle efetivo do Estado-maior estejam concentrados nas mãos da classe trabalhadora.

§ 68 7. A exigência da eleição de oficiais, que tinha por princípio grande importância em relação ao exército burguês, cujos comandantes eram especialmente treinados como aparato de subjugação de classe dos soldados comuns (e, por meio da instrumentalidade do exército comum, dos soldados, a subjugação das massas trabalhadoras), deixa de ter qualquer significado por princípio em relação ao exército de classe dos operários e camponeses. Uma possível combinação de eleição com nomeação de cima pode ser conveniente para o exército revolucionário de classe simplesmente por motivos práticos. Se é assim ou não, depende do nível cultural das unidades militares, do grau de solidariedade entre as seções do exército, da eficiência dos quadros de comando e de considerações semelhantes.

JUSTIÇA PROLETÁRIA

§§ 70-71 Tomando em suas mãos todos os poderes do Estado burguês, e varrendo os instrumentos desse Estado sem deixar vestígios, varrendo os tribunais da velha ordem junto com a fórmula democrático-burguesa de *eleição dos juízes pelo povo*, a democracia proletária emitiu as palavras de ordem de classe: *eleição de juízes entre os trabalhadores e pelos trabalhadores somente*. Aplicou essas palavras de ordem em toda a administração da justiça e, ao mesmo tempo, igualou os direitos dos dois sexos, tanto em matéria de eleição de juízes como em matéria de serviço obrigatório do júri.

A fim de inscrever as massas mais amplas possíveis do proletariado e do campesinato pobre para a administração da justiça, foi estabelecido que juízes-assessores [jurados] deveriam participar nos tribunais, continuamente alterados em breves intervalos, e foi estipulado que as listas de júri devem ser elaboradas mostrando os membros das organizações de massas dos trabalhadores, dos sindicatos, etc.

§§ 72-73 Tendo criado um tribunal popular unificado no lugar da interminável série de antigos tribunais da ordem social que haviam sido varridos (o sistema de tribunais superiores e inferiores em vários graus), o Poder Soviético construiu seu próprio sistema judicial, tornando-o facilmente acessível à população e pondo fim a todos os atrasos na administração da justiça.

Tendo anulado as leis da administração derrubada, o Poder Soviético deixou, aos tribunais soviéticos eleitos, a realização da vontade do proletariado e a aplicação prática de seus decretos. Nos casos não previstos pelos decretos, ou aos quais os decretos não sejam integralmente aplicáveis, os tribunais devem se orientar por um sentido socialista de equidade.

§ 74 No domínio da justiça penal, os tribunais assim organizados já efetuaram uma mudança radical no caráter da punição, realizando, em grande medida, a pena condicional, introduzindo a censura social como método penal, substituindo o trabalho compulsório enquanto o delinquente permanece foragido pela privação de liberdade, substituindo estabelecimentos de ensino por prisões, e tornando possível concretizar, como medida prática, a instituição de tribunais camaradas.

§ 75 O Partido Comunista Russo, na expectativa de um maior desenvolvimento da justiça por esse caminho, deve se esforçar por assegurar que toda a população trabalhadora participe alternadamente no cumprimento das funções judiciais, e que o sistema penal seja finalmente transformado num sistema de medidas de carácter educativo.

EDUCAÇÃO

§§ 76-77 No domínio da educação popular, o Partido Comunista Russo aceitou como tarefa a conclusão do trabalho iniciado pela revolução de novembro de 1917, a transformação da escola para que, de órgão de manutenção do domínio de classe da burguesia, torne-se um órgão para a abolição completa da divisão da sociedade em classes, um órgão para a regeneração comunista da sociedade.

§ 78 No período da ditadura do proletariado, isto é, no período em que se preparam as condições que permitirão a realização plena do comunismo, a escola não deve ser apenas um meio de transmissão dos princípios do comunismo em geral, mas um meio para a transmissão da ideologia e da influência organizacional e educacional do proletariado para as camadas semiproletárias e não proletárias das massas trabalhadoras, com o fim de que, em última análise, seja educada uma nova geração capaz de estabelecer o comunismo. Atualmente, o primeiro passo nesse caminho parece ser o desenvolvimento das mudanças escolares e culturais fundamentais abaixo mencionadas já introduzidas pelo Poder Soviético:

§ 80 1. Introdução do ensino gratuito, obrigatório, geral e técnico para todas as crianças de ambos os sexos até aos 17 anos (O ensino técnico proporcionará o conhecimento da teoria e prática dos principais ramos de produção).

§ 79 2. Criação de uma rede de instituições preparatórias para a vida escolar, com creches, jardins de infância, lares de crianças, etc., para a melhoria da educação social e ou a libertação das mulheres.

§ 80 3. Plena realização dos princípios da escola unificada do trabalho, com instrução na língua nativa, coeducação, instrução absolutamente laica (isto é, educação inteiramente livre de qualquer tipo de influência religiosa), uma instrução em que a teoria estará

intimamente ligada ao trabalho socialmente produtivo, uma instrução que produzirá um desenvolvimento multifacetado dos membros da sociedade comunista.

4. Fornecimento a todos os alunos, a expensas do Estado, de alimentação, vestuário, calçado e material escolar.

§ 85 5. Criação de novos revezamentos de trabalhadores da educação permeada pelas ideias do comunismo.

§ 84 6. Indução de toda a população trabalhadora na participação ativa da difusão do esclarecimento (o desenvolvimento dos sovietes de instrução pública, a mobilização de todos os que sabem ler e escrever, etc.).

§§ 84-83 7. Auxílios estatais multifacetados para a autoeducação de trabalhadores e camponeses (criação de uma rede de instituições de instrução extraescolar: bibliotecas, escolas para adultos, casas populares e universidades, cursos, palestras, cinemas, etc.).

§ 81 8. O desenvolvimento amplo da formação profissional para alunos com idade superior a 17 anos, em associação com o ensino politécnico geral.

§ 82 9. Fácil acesso às salas de aula das universidades para todos os que o desejarem, e especialmente para os trabalhadores; abertura das universidades como campo para a atividade docente de todas as pessoas competentes; remoção de todos os obstáculos artificiais que agora possam impedir o acesso de novas forças docentes às cátedras; atenção ao bem-estar material dos alunos, para que seja possível e de maneira prática para proletários e camponeses frequentar as universidades.

§ 88 10. Da mesma forma, é essencial facilitar o acesso dos trabalhadores a todos os tesouros artísticos que foram criados com base na exploração do seu trabalho, e que até agora estiveram à disposição exclusivamente dos exploradores.

§ 87 11. Desenvolvimento de uma extensa propaganda das ideias comunistas e a utilização de todos os aparatos e meios do Poder de Estado para esse fim.

RELIGIÃO

§§ 89-92 No que diz respeito à religião, o Partido Comunista Russo não se contenta em já ter decretado a separação da Igreja do Estado e da escola da Igreja, isto é, de ter tomado medidas que a democracia burguesa inclui em seus programas, mas que em nenhum lugar executou devido às múltiplas associações que, de fato, se estabelecem entre o capital e a propaganda religiosa.

O Partido Comunista Russo é guiado pela convicção de que nada além do cumprimento do propósito e da plena consciência em todas as atividades sociais e econômicas das massas pode levar ao completo desaparecimento dos preconceitos religiosos. O partido se esforça para assegurar a completa ruptura da união entre as classes exploradoras e as organizações de propaganda religiosa, cooperando, assim, para a libertação efetiva das massas trabalhadoras dos preconceitos religiosos e organizando a mais ampla propaganda de esclarecimento científico e concepções antirreligiosas. Ao fazer isso, devemos evitar cuidadosamente qualquer coisa que possa ferir os sentimentos dos crentes, pois tal método só pode levar ao fortalecimento do fanatismo religioso.

ASSUNTOS ECONÔMICOS

§ 93 O partido deve completar inexoravelmente a expropriação da burguesia, que já começou, e que no que é principal e essencial já foi realizada. Como resultado dessa expropriação, os meios de produção e de troca passam para a propriedade da República Soviética e tornam-se, dessa forma, propriedade comum de todos os trabalhadores.

§ 94 É parte essencial da política econômica do Poder Soviético garantir um aumento universal das forças produtivas do país. Perante a desorganização generalizada, para a preservação do país, todas as outras considerações devem ser subordinadas a um objetivo prático - um rápido aumento, por todos os meios disponíveis, da quantidade de bens de que a população necessita urgentemente. O sucesso no funcionamento de cada instituição soviética preocupada com a vida econômica deve ser medido pelos resultados práticos que são garantidos nessa questão de aumento da produção.

A esse respeito, as considerações mais importantes são as seguintes.

§ 95 O desmoronamento da economia imperialista deixou como herança, ao período inicial da reconstrução soviética, uma condição absolutamente caótica, tanto no que diz respeito à organização quanto à administração da produção. Assim, uma de nossas tarefas fundamentais, uma de nossas necessidades mais urgentes, é assegurar a maior coesão possível em todas as atividades econômicas do país, que devem ser unificadas de acordo com um desígnio governamental geral. Devemos efetuar a centralização máxima da produção no sentido de unificá-la em ramos individuais e grupos de ramos, no sentido de concentrá-la nas melhores unidades produtivas possíveis, e no sentido do mais rápido cumprimento das tarefas econômicas. Devemos garantir a máxima solidariedade de todo o aparato econômico, utilizando racional e economicamente todos os recursos materiais do país.

§ 96 Para isso, devemos promover estreita colaboração econômica e aliança política com outros povos, procurando simultaneamente estabelecer um plano econômico unificado em conjunto com aqueles entre eles que já estabeleceram um sistema soviético.

§ 97 No que diz respeito à produção em pequena escala e à indústria doméstica, devemos fazer o maior uso possível delas, dando ordens governamentais aos trabalhadores domésticos. A indústria doméstica e a produção em pequena escala devem ser incluídas no plano geral de abastecimento de matérias-primas e combustíveis; e devem receber apoio financeiro ou sob a condição de que os diversos trabalhadores domésticos, *artels*⁶⁰ de trabalhadores domésticos, cooperativas produtivas e outros pequenos empreendimentos possam se combinar para formar unidades produtivas e industriais maiores. Devemos encorajar tais sindicatos, enquanto nos esforçamos por essas e uma série de outras medidas para neutralizar os esforços dos trabalhadores domésticos para se tornarem pequenos fabricantes independentes. Devemos, portanto, promover a transição indolor dessa forma de produção obsoleta para a forma superior de usinagem em grande escala.

§ 98 O aparelho organizado de produção social deve depender principalmente dos sindicatos. Esses sindicatos devem se libertar cada vez mais dos vínculos de ofício. Devem ser

60 Um *artel* é uma união de produtores trabalhadores, sejam agrícolas ou industriais. Uma espécie de cooperativa de produção, mas não é direcionada para a comercialização dos produtos. O termo *artel* foi mantido justamente por esta diferença com a cooperativa, que também comercializa sua produção.

transformadas em enormes unidades produtivas, envolvendo primeiro a maioria dos trabalhadores, e no devido tempo, todos os trabalhadores nos respectivos ramos de produção.

Na medida em que os sindicatos já são (conforme especificado nas leis da República Soviética e concretizado na prática) participantes em todos os órgãos locais e centrais que administram a indústria, eles devem proceder à concentração prática em suas próprias mãos do trabalho de administração em toda a vida econômica do país, fazendo disso seu objetivo econômico unificado. Assim, protegendo a união indissolúvel entre a autoridade central do Estado, a economia nacional e as amplas massas dos trabalhadores, os sindicatos devem, na medida do possível, induzir os trabalhadores a participar diretamente no trabalho da administração econômica. A participação dos sindicatos na condução da vida econômica e o envolvimento por eles, das amplas massas populares nesse trabalho, pareceria, ao mesmo tempo, ser nosso principal auxílio na campanha contra a burocratização do aparelho econômico do Poder Soviético. Isso também facilitará o estabelecimento de um controle popular efetivo sobre os resultados da produção.

§ 99 Para o desenvolvimento intencional da vida econômica, é essencial utilizar ao máximo todo o poder de trabalho à disposição do Estado. Sua correta atribuição e reatribuição entre as várias áreas territoriais e entre os diversos ramos da vida econômica é a principal tarefa da política econômica do Poder Soviético. Isso não pode ser realizado de outra forma, senão por uma associação íntima entre o Poder Soviético e os sindicatos. A mobilização geral pelo Poder Soviético, de todos os membros da população que estejam física e mentalmente aptos para o trabalho (uma mobilização a ser efetuada por meio dos sindicatos) para o cumprimento de deveres sociais definidos, deve ser alcançada de forma muito mais ampla e sistematicamente do que até agora.

§ 100 Apesar da desintegração das organizações capitalistas do trabalho, as energias produtivas do país podem ser renovadas e desenvolvidas, mas o método socialista de produção não pode ser consolidado senão pelo estabelecimento de uma disciplina de camaradagem entre os trabalhadores, pela conquista da máxima independência, pela aquisição de um senso de responsabilidade e pelo mais estrito controle mútuo sobre o trabalho produtivo.

Para alcançar esse fim, é necessário um trabalho perseverante e sistemático para a educação das massas, que agora será facilitado pelo fato de estarem realmente testemunhando a derrubada do capitalista, do latifundiário e do comerciante, e pelo fato de que sua própria experiência prática está lhes convencendo de que seu bem-estar depende exclusivamente da disciplina de seu próprio trabalho.

Nesse trabalho de criação de uma nova disciplina socialista, o papel principal é atribuído aos sindicatos. Estes últimos, abandonando a velha rotina, devem, para a concretização do novo objetivo, pôr em prática várias medidas, tais como a introdução da contabilidade, o estabelecimento de uma jornada normal de trabalho e de uma intensidade normal de trabalho, a inauguração da responsabilidade perante os tribunais trabalhistas camaradas, etc.

§ 101 Essa tarefa de desenvolver as forças produtivas requer, para sua execução, a utilização imediata, ampla e multifacetada dos especialistas (cientistas e técnicos) que nos foram legados pelo capitalismo. Devemos usá-los, apesar do fato de que, inevitavelmente, na maioria dos casos, eles foram nutridos pela filosofia capitalista e foram treinados em hábitos burgueses. O partido considera que o período de luta aguda com os pertencentes a esse estrato - luta que teve origem na sabotagem que organizaram - chegou ao fim, na medida em que a força do movimento de sabotagem foi quebrada. O partido, portanto, deve seguir sua política em estreita aliança com os sindicatos. Por um lado, deve evitar fazer qualquer concessão política aos membros do estrato burguês, e deve suprimir impiedosamente qualquer inclinação que eles possam exibir em direção à contrarrevolução. Por outro lado, não deve menos impiedosamente travar uma guerra contra o chamado radicalismo (na verdade, uma forma ignorante de presunção) daqueles que acreditam que os trabalhadores podem superar o capitalismo e o sistema burguês sem aprender com os especialistas burgueses, sem recorrer a esses especialistas e sem ir à escola com eles por um período considerável.

Enquanto se esforça para garantir a igualdade de remuneração para todos os trabalhadores, e enquanto visa ao estabelecimento do comunismo completo, o Poder Soviético não pode se esforçar para concluir a plena realização dessa igualdade no momento atual, quando mal foram dados os primeiros passos para a transformação do capitalismo em comunismo. Portanto, será necessário manter, por

um certo tempo, o sistema de remuneração especialmente alta para os peritos, para que funcionem melhor do que antes e não pior. Para esse fim, não devemos reear o pagamento de prêmios por trabalho excepcionalmente bem-sucedido e por trabalho realizado a título de gestão.

Da mesma forma, devemos colocar os especialistas burgueses em um ambiente de trabalho social camarada, onde eles vão conviver com a base dos trabalhadores, também com os mais avançados entre os comunistas com consciência de classe. Dessa forma, um entendimento mútuo será assegurado, e o abismo que existia sob o capitalismo entre trabalhadores mentais e trabalhadores manuais será superado.

§ 102 O Poder Soviético já adotou toda uma série de medidas visando ao desenvolvimento da ciência e seu casamento com a produção. Criou uma rede de novos institutos de ciência aplicada, laboratórios, estações experimentais, trabalhos experimentais para a experimentação de novos métodos técnicos; fez melhorias e invenções; tem agendado e organizou os meios morais e materiais de que dispomos para fins científicos; etc. O Partido Comunista Russo apoia todas essas medidas, esforça-se por promover o seu desenvolvimento e ajudar na criação de condições mais favoráveis ao estudo científico e à utilização da ciência para o aumento da energia produtiva do país.

AGRICULTURA

§§ 103-109 O Poder Soviético, tendo abolido completamente a propriedade privada da terra, já instituiu toda uma série de medidas para promover a organização da agricultura socialista em grande escala. As mais importantes dessas medidas são as seguintes: (1) a fundação de fazendas soviéticas, ou seja, de grandes economias socialistas; (2) o apoio de *artels* ou cooperativas para o cultivo comunal da terra; (3) a organização do cultivo estatal de todos os tipos de terras não cultivadas; (4) a mobilização do Estado de todos os peritos agrícolas, para que sejam tomadas medidas enérgicas para o aperfeiçoamento dos métodos agrícolas; e (5) o apoio das comunas agrícolas, como associações puramente voluntárias de agricultores para a conduta cooperativa da agricultura em grande escala.

Considerando que todas essas medidas tendem integralmente a favorecer o aumento absolutamente essencial da produtividade do trabalho agrícola, o Partido Comunista Russo se esforça para torná-las tão eficazes quanto possível, difundi-las amplamente pelas regiões mais atrasadas do país e encorajar outros avanços do mesmo caráter.

§§ 110-111 Em especial, o Partido Comunista Russo defende:

1. Amplo apoio estatal às cooperativas agrícolas que se dedicam à elaboração de produtos agrícolas;
2. Ampla introdução de métodos de melhoramento da terra; e
3. Fornecimento generalizado e intencional de implementos agrícolas aos camponeses pobres e aos camponeses médios. Isso deve ser feito por meio de estações de empréstimo.

§ 112 Tendo que contar com o fato de que a pequena agricultura camponesa continuará existindo por muitos anos, o Partido Comunista Russo se esforça para promover uma série de medidas que tendem a aumentar a produtividade da agricultura camponesa. Entre essas medidas podem ser enumeradas: (1) regularização da lavoura camponesa (abolição do sistema de cultivo em faixas, etc.); (2) fornecimento de sementes melhores e de estrume artificial aos camponeses; (3) melhoramento da raça do gado dos camponeses; (4) difusão geral do conhecimento agrícola especializado; (5) assistência agrícola especializada aos camponeses; (6) reparação dos implementos agrícolas dos camponeses nas oficinas soviéticas; (7) fundação de estações de empréstimo, estações experimentais, campos de demonstração, etc.; e (8) melhoria das terras camponesas.

§ 113 O abismo entre a cidade e o campo é sempre uma das principais causas do atraso dos distritos rurais, tanto no que diz respeito aos métodos agrícolas como à cultura mental. Contudo, em uma época profundamente crítica como a atual, essa clivagem envolve, tanto para a cidade quanto para o campo, o perigo iminente de ruína absoluta. O Partido Comunista Russo considera, portanto, pôr fim a essa separação como uma das tarefas fundamentais da política construtiva comunista. Além das medidas gerais que defende, considera essenciais: a atração generalizada e intencional dos trabalhadores industriais para ocupações agrícolas conduzidas

comunitariamente; o desenvolvimento da atividade do Comitê de Colaboração Operária (um ramo da atividade do Estado já instituído pelo Poder Soviético); e medidas semelhantes.

§ 114 Em todo o seu trabalho nos distritos rurais, o Partido Comunista Russo conta principalmente com o apoio das camadas proletárias e semiproletárias dessas regiões. Em primeiro lugar, organiza esses locais como forças independentes, formando ramos do partido nas aldeias, organizações dos camponeses pobres, um tipo peculiar de sindicatos para os proletários e semiproletários rurais, etc. - trazendo esses trabalhadores rurais, em todos os lugares, em estreitas relações com o proletariado urbano, e libertando-os da influência da burguesia rural e dos interesses de pequenos proprietários.

No que diz respeito aos camponeses ricos - a burguesia rural - a política do Partido Comunista Russo assume a forma de uma luta decisiva contra suas inclinações exploradoras e de medidas para esmagar sua resistência à política soviética.

No caso do campesinato médio, a política do Partido Comunista Russo é, gradualmente e de propósito definido, atraí-los para o trabalho de construção socialista. O partido visa a separá-los dos camponeses ricos, trazê-los para o lado da classe trabalhadora, prestando atenção especial às suas necessidades. Tenta superar seu atraso em questões culturais por meio de medidas de caráter ideológico, evitando cuidadosamente quaisquer medidas coercitivas. Em todas as ocasiões em que seus interesses vitais são tocados, se esforça para chegar a um acordo prático com eles, fazendo-lhes concessões que promovam a reorganização socialista.

DISTRIBUIÇÃO

§§ 115-119 Na esfera da distribuição, a tarefa do Poder Soviético no momento atual é continuar infalivelmente a substituição do comércio por uma distribuição intencional de bens, por um sistema de distribuição organizado pelo Estado em escala nacional. O objetivo é conseguir a organização de toda a população em uma rede integral de comunas de consumidores que seja capaz de distribuir, com a máxima rapidez, propósito, economia e um gasto mínimo de trabalho, todos os bens necessários, enquanto estiver estritamente centralizando todo o aparato distributivo.

Sobre a fundação das comunas de consumidores e acerca de sua unificação, deve ser construída uma cooperação genuína, abrangente e operante, tomando a forma de uma imensa organização de consumidores que se tornará um aparelho de distribuição em massa mais perfeito do que qualquer outro conhecido pelo povo na história do capitalismo.

Por uma questão de princípio, o Partido Comunista Russo sustenta que o caminho adequado em relação a esse problema de distribuição é não eliminar o aparato cooperativo, mas desenvolvê-lo em linhas comunistas. O partido seguirá essa política sistematicamente. Ordena a todos os membros do partido que trabalhem nas cooperativas e (com a ajuda dos sindicatos) as administrem no espírito comunista; que promovam a independência e a disciplina de toda a população trabalhadora reunida em cooperativas; que se esforcem para que toda a população entre nas cooperativas e que essas cooperativas se fundem em uma única grande cooperativa, que abranja toda a República Soviética, de cima abaixo; por último, e sobretudo, que se mantenha continuamente o domínio do proletariado sobre os outros estratos dos trabalhadores, e que em toda parte sejam postas em prática várias medidas para facilitar e realizar a transição das cooperativas pequeno-burguesas do velho tipo capitalista para as comunas de consumidores lideradas pelos proletários e semiproletários.

DINHEIRO E BANCOS

§§ 120-121 Evitando os erros cometidos pela Comuna de Paris, o Poder Soviético na Rússia primeiro tomou o Banco do Estado, depois nacionalizou os bancos comerciais privados e formou uma união de bancos nacionalizados e de seus fundos acumulados, fundindo-os no Banco do Estado. Desta forma foi criado o quadro do Banco Popular da República Soviética. Assim, de centro de domínio econômico do capital financeiro e instrumento de domínio político dos exploradores, o banco passou a ser instrumento do poder operário e alavanca para promover a transformação econômica. Para levar à conclusão lógica do trabalho iniciado pelo Poder Soviético, o Partido Comunista Russo dá especial ênfase aos seguintes princípios:

1. Monopolização de todos os negócios bancários nas mãos do Estado soviético; e
2. Transformação radical e simplificação das operações bancárias, de modo que todo o sistema bancário se torne um aparelho para a contabilidade unificada da República Soviética. Na medida em que a organização de uma economia social intencional for alcançada, isso levará ao desaparecimento dos bancos e à sua conversão no estabelecimento central de contabilidade da sociedade comunista.

No estágio inicial da transição do capitalismo para o comunismo, e antes da organização de um sistema totalmente desenvolvido para a produção e distribuição de bens comunistas, a abolição do dinheiro é impossível. Nessas circunstâncias, os elementos burgueses da população continuam a usar, para especulação, lucro e pilhagem dos trabalhadores, e as moedas monetárias que ainda permanecem em propriedade privada. Com base na nacionalização do sistema bancário, o Partido Comunista Russo se esforça para promover uma série de medidas que favoreçam um sistema de contas sem dinheiro e pavimentar o caminho para a abolição do dinheiro. São eles: o depósito obrigatório de dinheiro no Banco Popular; a introdução de livros orçamentais; a substituição do dinheiro por fichas escritas ou impressas, por bilhetes que dão direito ao reembarque de mercadorias, mas disponíveis apenas por curtos períodos; etc.

FINANÇAS

§§ 122-123 Na época em que se iniciou a socialização dos meios de produção confiscados aos capitalistas, o Poder de Estado deixou de ser um aparelho parasitário alimentado pelo processo produtivo. Começou, então, sua transformação em uma organização que cumpre diretamente a função de administrar a vida econômica do país. Nessa medida, o Orçamento do Estado será um orçamento do conjunto da economia nacional. Nessas condições, o balanceamento de receitas e despesas só pode ser efetuado por meio de um registro preciso da produção e distribuição de bens realizado sistematicamente pelo Estado. No que diz respeito ao custeio das despesas extraordinárias do Estado durante o período de transição, o Partido Comunista Russo defende que o sistema de taxas sobre os capitalistas, que era historicamente necessário e legítimo na fase inicial da revolução, seja substituído por uma renda

graduada e contribuição predial. Mas na medida em que esse imposto deixa de ser lucrativo em vista da expropriação amplamente efetuada das classes possuidoras, as despesas do Estado devem ser cobertas pela conversão, direta para esse fim, de parte da renda de vários monopólios estatais.

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

§§ 125-126 O problema da habitação tornou-se extremamente agudo durante o período da guerra. Para ajudar em sua solução, o Poder Soviético expropriou completamente todas as casas pertencentes aos latifundiários capitalistas e as entregou aos soviets urbanos. Efetuou assentamentos em massa de trabalhadores dos subúrbios nas residências burguesas. Entregou as melhores dessas moradias às organizações operárias, providenciando a manutenção das casas a expensas do Estado; comprometeu-se a fornecer móveis às famílias dos trabalhadores, etc. O Partido Comunista Russo, sem fazer nada contrário aos interesses dos proprietários não capitalistas, deve envidar todos os esforços para descobrir e aplicar os melhores meios para a melhoria das condições de moradia das massas trabalhadoras; para acabar com a superlotação e as condições insalubres dos bairros mais antigos das cidades; para a destruição de habitações impróprias para habitação, a renovação de casas antigas e a construção de novas casas adequadas às novas condições de vida da classe trabalhadora; em geral, para o realojamento racional dos trabalhadores.

PROTEÇÃO TRABALHISTA E SOCIAL, TRABALHO DE BEM-ESTAR

§§ 127-128 A instauração da ditadura do proletariado possibilitou, pela primeira vez, a plena realização do programa mínimo dos partidos socialistas no domínio da proteção do trabalho. Em seu Código de Leis do Trabalho, o Poder Soviético decretou formalmente: uma jornada de trabalho de oito horas para todos os trabalhadores como o tempo máximo de trabalho, mas para pessoas que não excedam dezoito anos de idade, e também em ramos de produção especialmente prejudiciais, e também para os mineiros, a jornada de trabalho não deve exceder seis horas; um período de quarenta e duas horas por semana de descanso ininterrupto para todos os trabalhadores; horas extras são, via de regra, proibidas; é proibido o emprego de

mão de obra de crianças e jovens menores de dezesseis anos; o trabalho noturno, o trabalho em ofícios prejudiciais e também as horas extras são proibidos para todas as mulheres e também para os jovens menores de dezoito anos; durante oito semanas antes e oito semanas depois do parto as mulheres não trabalham, mas continuam a receber o pagamento integral, juntamente com assistência médica e medicamentos gratuitos, e as mulheres trabalhadoras que amamentam recebem, durante o horário de trabalho, meia hora de licença a cada três horas; a fiscalização do trabalho e a fiscalização sanitária pelos sovietes eleitos pelos sindicatos.

§§ 130-132 Para todos os trabalhadores que não exploram o trabalho alheio, a legislação do Poder Soviético prevê um seguro social completo contra qualquer tipo de perda de capacidade de trabalho, também (pela primeira vez na história) contra o desemprego à custa dos empregadores e do Estado, com total independência por parte do segurado, juntamente com a participação íntima dos sindicatos.

§ 133 Mais do que isso, em certos aspectos, o Poder Soviético foi além do programa mínimo, e no já mencionado Código de Leis do Trabalho, providenciou a participação das organizações trabalhistas na decisão das questões relativas à contratação e demissão dos trabalhadores. Para todos os trabalhadores que tenham trabalhado continuamente por não menos de um ano, é decretado um mês de férias com remuneração integral. O Código prevê a regulação estatal dos salários com base em tabelas elaboradas pelos sindicatos. O Código prevê, ainda, a formação de órgãos ou departamentos especiais para a atribuição e distribuição da força de trabalho pelos sovietes e sindicatos, tornando obrigatória a prestação de trabalho aos desempregados.

§ 129 Mas a extrema desorganização resultante da guerra e do ataque do imperialismo mundial obrigaram o Poder Soviético a retroceder alguns passos: recorrer, em circunstâncias excepcionais, ao trabalho extraordinário, limitando-o a cinquenta dias por ano; permitir o emprego de jovens de quatorze a dezesseis anos de idade, limitando sua jornada de trabalho a quatro horas; provisoriamente, as férias do mês foram reduzidas para quinze dias; aumentar a duração do trabalho noturno para sete horas.

§ 134 O Partido Comunista Russo deve fazer ampla propaganda em nome da participação ativa de todos os trabalhadores na aplicação enérgica das medidas de proteção ao trabalho. Para isso, são necessárias as seguintes medidas:

1. A organização e a extensão da fiscalização do trabalho devem ser ativamente assumidas. Para isso, devem ser selecionados e treinados trabalhadores ativos, tirados entre as fileiras dos trabalhadores braçais, e esse método de inspeção deve ser estendido à produção em pequena escala e à indústria doméstica.

2. A proteção trabalhista deve ser estendida a todos os ramos de trabalho, incluindo a construção civil, o transporte terrestre e o aquático, o serviço doméstico e a agricultura.

3. O trabalho industrial e agrícola deve ser absolutamente proibido durante a infância, e deve haver uma nova redução da jornada de trabalho no caso dos jovens.

Além disso, o Partido Comunista Russo deve realizar as seguintes tarefas:

1. Quando ocorrer um aumento generalizado da produtividade do trabalho, deve haver uma jornada máxima de trabalho de seis horas sem qualquer diminuição da remuneração, e além das seis horas haverá duas horas de trabalho obrigatório sem remuneração especial, durante as quais haverá instrução em artesanato e teoria da produção, instrução prática na técnica do trabalho administrativo do Estado e treinamento militar.

2. A introdução de um sistema de prêmios que promova a emulação, a fim de aumentar a produtividade do trabalho.

Na esfera do trabalho de assistência social, o Partido Comunista Russo se esforça para organizar um amplo sistema de ajuda estatal, não apenas para as vítimas da guerra e do infortúnio resultante de causas elementares, mas também para as vítimas de condições sociais anormais; trava uma luta vigorosa contra todas as formas de parasitismo e ociosidade; e se encarrega de levar de volta à vida de trabalho todos aqueles que as circunstâncias expulsaram das fileiras dos trabalhadores.

HIGIENE PÚBLICA

§§ 135-138 Como fundamento de suas atividades no domínio da proteção da saúde pública, o Partido Comunista Russo propõe, em primeiro lugar, a introdução de medidas higiênicas e sanitárias visando à prevenção de doenças. A ditadura do proletariado já possibilitou a introdução de um grande número de medidas higiênicas e curativas que eram impraticáveis no âmbito da sociedade burguesa: por exemplo, a

nacionalização do negócio das farmácias de varejo, das grandes clínicas fundadas e gerida pela iniciativa privada, de balneários de águas termais; o estabelecimento do dever de trabalho para todos os trabalhadores médicos; etc.

Em conformidade com isso, o Partido Comunista Russo considera como suas tarefas imediatas:

1. O cumprimento vigoroso de medidas sanitárias extensivas tomadas no interesse dos trabalhadores, tais como: (a) melhoria das condições sanitárias de todos os locais de recurso público e a proteção da terra, da água e do ar; (b) a organização das cozinhas comunitárias e do abastecimento alimentar em geral com base científica e higiênica; (c) medidas para prevenir a propagação de doenças de caráter contagioso; e (d) legislação sanitária.
2. Campanha contra as doenças sociais (tuberculose, doenças venéreas, alcoolismo, etc.).
3. Prestação gratuita de aconselhamento e tratamento médico a toda a população.

SOBRE OS AUTORES

NIKOLAI BUKHARIN

Nikolai Ivanovich Bukharin nasceu em Moscou em 09 de outubro de 1888, ode também faleceu em 15 de março de 1938. Profícuo autor sobre a Teoria Revolucionária, Bukharin foi filósofo marxista, político e revolucionário bolchevique.

IEVGENI PREOBRAZENSKI

Ievgeni Alekseievitch Preobrazenski nasceu em Bolkhov, província de Oriol, em 15 de fevereiro de 1886, e faleceu em Moscou em 13 de julho de 1937. Coursou Direito e Economia, foi membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, e é considerado o pai do planejamento soviético.

SOBRE A TRADUTORA

Elita de Medeiros cursou Letras Português e Inglês na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Letras Espanhol na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestrado em Educação na UNISUL e é doutoranda em Estudos da Linguagem com área de concentração em Teorias do Texto, do Discurso e da Tradução na Universidade Federal Fluminense (UFF).